

O contador de histórias 2

livros de histórias
de aventuras

De: Osvaldo Ferraz
Edição de 09/04/2018

1º livro

**A Patrulha da
esperança**

2º livro

**A fantástica saga do
Comissário Leocádio**

3º livro

**O estranho funeral do
Chefe Gafanhoto**

4º livro

**O Fantástico Jogo
Noturno na misteriosa
Ilha do Gavião Negro.**

5º livro

**A lenda do tesouro
perdido no Deserto de
Negev.**



ÍNDICE:

1º livro	A Patrulha da esperança	5
	Personagens da história	7
	Capítulo I – Em algum lugar do presente	8
	Capítulo II – Em algum lugar do passado	10
	Capítulo III – Em algum lugar do presente	13
	Capítulo IV – Em algum lugar do passado	16
	Capítulo V – Em algum lugar do presente	19
	Capítulo VI – Em algum lugar do passado	22
	Capítulo VII - Em algum lugar do presente	24
	Capítulo VIII – Em algum lugar do passado	27
	Capítulo I – Em algum lugar do presente	30
	Capítulo X – Em algum lugar do passado	34
	Capítulo XI – Em algum lugar do passado e do presente	37
	Capítulo XII – Em algum lugar do presente	39
	Capítulo Final – E algum lugar do futuro	41
	Em algum lugar do presente – Na cidade da esperança	42
2º livro	A fantástica saga do Comissário Leocádio	43
	Capítulo I	45
	Capítulo II	48
	Capítulo III	52
	Capítulo IV	57
	Capítulo V	62
	Capítulo VI	67
	Capítulo VII	71
	Capítulo VIII	76
	Capítulo IX	81
	Capítulo final	85
3º livro	O estranho funeral do Chefe Gafanhoto	88
	Prefácio	90
	Prólogo	91
	Capítulo I	92
	Capítulo II	95
	Capítulo III	100
	Capítulo IV	105
4º livro	O Fantástico Jogo Noturno na misteriosa Ilha do Gavião Negro.	110
	Prefácio por Uiuri Vasconcellos	111
	Prólogo	112
	Personagens	112
	Capítulo I – Um homem chamado Remo	114
	Capítulo II – Uma vida sem desafios não vale a pena viver	119
	Capítulo III – Siga o caminho do sol, ele vai levá-lo ao caminho do sucesso	123
	Capítulo IV – Boas amizades não tem preço	127
	Capítulo V – Viver uma aventura é viver para sempre	131
	Capítulo VI – A Ilha do Gavião Negro	134
	Capítulo VII – O fim é o começo de tudo	137
	Capítulo VIII – Uma carta prego	141
	Capítulo IX – A misteriosa ilha do Gavião Negro	143
	Capítulo X – Matar ou morrer	146
	Capítulo XI – Só pode haver um!	149
	Epílogo	151

O autor e sua obra.....	152
5º Livro A lenda do tesouro perdido no Deserto de Negev.	153
Histórico	155
Epílogo.....	156
Capítulo I – Um Corte de Honra	157
Capítulo II – A saga do Grupo Escoteiro Mar da Galileia.....	160
Capítulo II – Um senhor chamado João Batista	163
Capítulo III – Uma Tropa Escoteira chamada Rio Jordão	167
Capítulo IV – Era uma vez... A Operação da Arca da Aliança	172
Capítulo VI – Bandidos no Monte Sinai.....	175
Capítulo VII – Os tropeiros fantasmas.....	178
Capítulo VIII – A incrível caverna do Pirata no Vale de Canaã	181
Capítulo IX – E o sonho não acabou	184
Capítulo Final – Todo começo tem um fim	186

1º livro A Patrulha da esperança



Chefe Oswaldo



Uma homenagem ao meu amigo Carlos Kohl, hoje morando nas estrelas e que sempre se sacrificou lendo minhas histórias. Saudades... Muitas saudades!

Prólogo

Este foi meu primeiro livro Escoteiro que escrevi. Experiência magnífica. Nas diversas vezes que fiz revisão quase nada foi retirado. A história permanece intacta como da primeira vez. Afinal é uma história que poderia ter acontecido apesar de fictícia. Estava eu um dia fazendo uma caminhada quando me veio à ideia. Seis meninas que formam uma patrulha e diferente das normas que regem o sistema de patrulhas ficam juntas nela para sempre. Até mesmo quando envelheceram e foram vendo uma a uma partindo para uma estrela distante.



O final marca muito, pois todas se reúnem em uma cidade nas estrelas, e sempre junta lá também não deixam de fazer seu escotismo especial. Foi um dos meus livros em PDF mais lidos de todos os tempos. Quando terminei a publicação e coloquei a disposição para quem quisesse receber, os pedidos em seis meses passaram de mil. Valeu a pena. Depois deste já escrevi mais cinco. Agora um pouco parado, mas penso ainda em escrever o sétimo.

Foi ótimo para mim escrever sobre uma patrulha feminina. Desta vez a história sai do escotismo e entra na vida real e pessoal.

Espero que apreciem. A Patrulha da Esperança foi o primeiro livro. Orgulho-me muito dele. Não dizem que o primeiro tem um gostinho de quero mais?

Ah! Esqueci-me de dizer. A história é contada em flashback, da infância de cada uma a da sua família no futuro.

Meu muito obrigado pela honra em me darem este privilégio de ler esta história.

Osvaldo um escoteiro

Personagens da história

- Alcione, a Monitora, doze anos, um sorriso franco, cabelos loiros lisos, magra, sorriso franco e aos doze anos já se mostrava como uma líder. Seus pais a amavam faziam tudo por ela. Sua vida escoteira a transformou em uma grande mulher.

- Gloria, a Sub Monitora, doze anos, não sorria muito, olhos negros profundos como a perguntar ao mundo o que estava acontecendo, cabelos negros encaracolados, cor morena, seus pais a deixavam mais na casa de sua avó.

- Laura, a intendente, onze anos, ia fazer doze daí a dois meses. Gordinha, mas com muita agilidade. Cabelo castanho, inteligente, sabia de tudo, resolvia todos os nossos problemas. Só tinha a mãe, seu pai sumiu e nunca mais ninguém ouviu falar dele.

- Milena, voz de ouro, gostava de cantar, se tornou grande cantora quando ficou adulta. Doze anos, bonita, um sorriso cativante, falava pouco, olhos azuis, cabelos encaracolados negros, os pais sempre a entusiasmaram para se apresentar em publico em shows e competições musicais.

- Sabrina, ah! Sabrina. Ninguém a esqueceria jamais. Sempre no telefone, sempre mantendo contato em qualquer dia da semana. A chamavam de a "espevitada" era a escriba da patrulha. Mantinha todos os livros de ata e livros da patrulha em dia. Cabelo curto loiro, magrinha, não era lindo. Uma simpatia marcante. Doze anos, sua mãe fora vice-prefeita da cidade. Seu pai um homem de muitas posses.

- Verônica, saudades, ficou pouco tempo com todas elas. Morreu nova aos dezoito anos de Leucemia morreu sorrindo com o uniforme escoteiro. Ninguém esqueceu aquele dia. Onze anos, cabelos negros curtos, cor negra, um rosto encantador. Ficou no escotismo até passar para pioneira quando veio a falecer.

Um dia a maioria de nós irá se separar. Sentiremos saudades de todas as conversas jogadas fora, as descobertas que fizemos dos sonhos que tivemos dos tantos risos e momentos que compartilhamos...

Capítulo I – Em algum lugar do presente

Márcia tinha acabado de chegar com seus dois filhos e Lambert não veio. Era sempre assim, Alcione conhecia bem sua filha e seu marido. Claro, ele viria mais tarde, chegaria bêbado, não aprontaria, pois iria dormir dois dias seguidos. Toda virada de ano era assim. Alcione estava cansada, alegre sim, era o melhor dia do ano para ela. O dia tão esperando o ano todo. Encontrar a Patrulha da Esperança. Uma promessa que nunca fora quebrada. Um juramento feito a sessenta e cinco anos atrás. Nunca iriam se separar.

Alcione olhava-se no espelho. Rugas, cabelos brancos, olhos fundos, quem sabe um semblante de uma vitoriosa. Nestor morrera quando os filhos eram pequeninos e ela lutou para criar e formar aquela família. Sempre disse a se mesma que o escotismo lhe deu tudo. Força, coragem e abnegação. Se não fosse isso teria desistido. Há momentos na vida em que sentimos uma dor profunda, a falta de alguém que mais queremos, mas cada dia é um dia e hoje Alcione se olhava com seu uniforme cinza, seu lenço vermelho e branco, procurando aqui e ali um ponto mal passado, uma parte do lenço mal dobrada... A cada peça vista, sentia seu passado voltar.

Os meninos corriam pela casa. Belos seus sorrisos. Ela gostava disso. Eram sempre assim, a casa era deles. Que fizessem o que quisessem. Alcione sabia que não iria se importar, pois quando eles se fossem, sua casa voltaria novamente para aquele silêncio aterrador. Morava sozinha. Silêncio que machuca que dói. Mas hoje não, hoje eles estavam ali com seus folguedos intermináveis e Alcione sabia que nada importava quando seus folguedos tiravam os moveis de lugar ou mesmo alguma peça quebra. Hoje a casa pertencia deles!

Os pensamentos de Alcione se misturavam com o passado e o presente. Quanto tempo! Gostosas lembranças das amigas que hoje vão se encontrar. Tantos chefes ela conheceu. Alcione não se lembrava de todos, mas nenhum deles nunca recusou entregar a chave da sede para a reunião da Patrulha da Esperança. Sempre fora assim. Não havia convidados. Não podia haver. Era o encontro delas e mais ninguém.

Oliver chegou com seus três filhos e Matilde sua esposa. Abraços, beijos, presentes. A rotina de sempre. Alcione amava o filho e sempre sentia feliz com sua presença. Agora sua mente estava voltada para a reunião. Podem rir, mas ela começava impreterivelmente as vinte e três horas e cinquenta minutos. Abriam a sede e lá dentro ainda no escuro... Não vamos falar disso agora.

Já tinham chegados todos com exceção de Lambert. Devia estar em alguma casa de jogo bebendo e gastando o que não tinha. Alcione nunca simpatizou com ele, mas sua filha dizia que o amava apesar de tudo. Viemos neste mundo com um objetivo, temos de passar por ele e não ele passar por nós. Assim Alcione o aceitava. Não era mais hora para discutir. Se ela queria que fosse assim que assim fosse.

Dez horas da noite. Alcione zanzava aqui e ali para deixar seus filhos noras, genros e netos à vontade. Eles sempre a visitavam. Três ou quatro vezes ao ano. Não se sentia só. Nunca achou que sua vida era feita de solidão. Não sabia o porquê não colaborava no Grupo Escoteiro. Nada contra ninguém. Todos eram muito simpáticos, mas não tinha aquele “eu”, como dizia alguns, não fora picada pelo mosquito escoteiro quando adulta.

Não iria correr. Não precisava. Saindo às onze e quarenta da noite chegaria a tempo. Iria a pé, era perto. Não mais que dez minutos. Olhou sua neta vendo TV. Uma mocinha encantadora. Doze anos, linda, uma boneca para ela até hoje. Saudosas lembranças do tempo que sua filha morou com ela. Praticamente a criou. Adorava todos os netos. Mas Nininha era especial.

Foi até a janela da sala. A rua estava movimentada. Muitas pessoas indo e vindo. Ainda faltam alguns dias para o natal, mas cada um procurava uma maneira gentil de dizer aos vizinhos – Olhe eu estou aqui! Quero-lhe bem! Gostava do bairro. Pelo menos Nestor lhe deixara essa herança. Teve medo da vida quando ele se foi. Mas a enfrentou. Umhas pequenas economias, uma bomborniere, uns docinhos feitos por ela com um sabor especial, e tudo cresceu. Agora tinha mais de vinte funcionários. Enviavam doces para todo o estado.

Conheceu Nestor quando ia passar para pioneira. Ele não participava. Fora inflexível. Ou os escoteiros ou eu. Radical. Mas Alcione o amava. Mais que tudo. Fora sua primeira e única paixão de sua vida. Paixão não amor. O escotismo tinha seu amor. Casaram-se logo. Ela já estava grávida. Oliver nasceu seis meses depois. Nestor não foi um

mau marido. Não. Não a enchia de mimos, mas era um amante que sempre desejou. Apesar de não saber o que deveria ser um amante perfeito. Risos.

Nunca mais voltou ao escotismo. Mas uma semana antes do natal lá estava ela no grande encontro anual da Patrulha da Esperança. Nestor a principio não reclamou. Depois resmungou e um belo dia a proibiu. Ela riu. Você pode fazer o que quiser, até tirar minha vida, mas nunca, nunca mesmo e é bom que saiba deixarei de estar presente neste encontro. Nunca mais ele disse nada. Morreu em uma tarde bolorenta de setembro. Vieram avisar que tinha batido o carro. Só ele morreria. Oliver sobrevivera.

Todos os amigos lhe prestaram solidariedade. Sua mãe ainda viva lhe chamou para morar com ela. Recusou. Queria ter sua própria casa. Sua própria vida. Sua própria liberdade. Fora muito difícil no inicio, mas agora era uma vencedora. Sua vida, seu destino, sua liberdade conseguida através de muito trabalho era só dela. Não devia nada a ninguém. A não ser o dever de mãe e de Avó.

Sua mente sem perceber voltou para Verônica. Porque morreu? Sempre se perguntava quando se aproximava o dia do encontro da Patrulha da Esperança. Não tinha certeza de nada, mas acreditava em outra vida. Tinha de acreditar. A reunião da Patrulha afirmava isso. Não poderia tudo acabar quando se fosse. Afinal tantas alegrias, tantas tristezas, tantas voltas tentando acertar um caminho para o sucesso. Para tudo terminar assim abruptamente?

Onze e quarenta. Hora de ir. Até mais tarde, disse para todos. Seus filhos nora e genro sempre sorriam quando ela dizia assim. Já conheciam a rotina. Os netos não. Não entendiam. Alguns queriam ir com a Vovó. Ela sorria para todos. Amanhã, amanhã vamos tomar sorvete. Ela era assim. Alegre com eles, alegre com os filhos e nunca ninguém a viu chorar. Sim chorava, mas escondida. Afinal não era humana? É o escotismo lhe deu tanto na vida que pensou que se não tivesse sido uma escoteira nunca poderia enfrentar as nuances que lhe apareceram em sua vida.

Na rua uma lufada de vento frio lhe acariciou o rosto. Esticou as mangas da blusa, Estava com a saia cinza do uniforme. Não gostava da calça comprida. Encontrou alguns vizinhos, não deu prosa, não dava. O tempo estava marcado. Sabia que devia chegar na hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Era um espetáculo a parte a chegada das cinco. Todas chegando à mesma hora. Um sorriso, abraços, aperto de mão esquerda. Forte. Como haviam aprendido. Afinal não se dizia que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

A saudade vai apertar bem dentro do peito. Vai dar uma vontade de ligar, ouvir aquelas vozes novamente... Quando o nosso grupo estiver incompleto... Reuniremo-nos para um último adeus de uma amiga. E entre lágrimas nos abraçaremos...

Capítulo II – Em algum lugar do passado

Não sei como fui parar ali. Nunca tinha visto os escoteiros. Nunca pedi aos meus pais para ser um deles. Mas lá estava eu, olhando uma turma correndo pelo pátio, com alguém com um bastão na mão e nele um totem ou algum parecido. Não estava entendendo nada. Era sim, uma anarquia organizada. Risos. Parecia que eles se divertiam bastante. Mas não havia meninas. Só meninos. O que pretendia meu pai ao me levar ali?

Um homem que se apresentou como Chefe Juliano sorriu para mim e meu pai. Agradeceu a ele por ter aceitado o convite. Convite? Que convite? Melhor esperar. Meu pai era meu melhor amigo, mas não me disse nada. Logo chegaram outros pais com outras filhas. Eram seis. Não conhecia nenhuma delas. Pareciam simpáticas, mas estavam taciturnas, como se estivessem perguntando como eu o que faziam ali. Ri baixinho. Nossos pais estavam aprontando algum conosso.

Fomos para uma sala da sede. Era pequena. Sala pequena mesmo, mal cabia todos nós. Chefe Juliano sempre sorrindo nos convidou para uma brincadeira. Que brincadeira? Simples disse. Vamos nos conhecer. Meu nome é ninguém, mas podem me chamar de... Rimos. Não sabíamos o nome de ninguém. Ele pediu que cada uma fosse ao ouvido da outra e dissesse seu nome rápido. Foi fácil. Não memorizamos na hora, mas quando o jogo começou aprendemos logo. Alguém se levantava e dizia: - Amigas, meu nome é ninguém, mas o seu é Laura? E Laura respondia, sim, mas meu nome é ninguém, mas o seu é Milena? Fácil. Rimos muito. Já começava a gostar do chefe Juliano.

Terminamos o jogo. Agora sabíamos o nome de todas. Eu Alcione, Gloria, Laura, Milena, Sabrina e Verônica. Comecei a achar elas bem simpáticas. Nossos pais saíram. Ficamos sós nós seis e o chefe Juliano. Ele nos explicou o porquê estávamos ali. Nossos pais o conheciam. O Movimento Escoteiro ainda não tinha a participação feminina. Chefe Juliano queria fazer uma experiência. Com meninas. (não nos chamava nunca de meninas, só jovens). Seria uma experiência inédita. Seríamos só seis. Se desse certo seriam abertas vagas para outras jovens irmãs de escoteiros ou não.

Perguntou-nos o que achávamos. Ficamos em dúvida o que dizer. Finalmente dissemos sim. Somente Verônica não disse nada. Ela não tinha muita agilidade para correr e tinha medo. Chefe Juliano mostrou a ela as vantagens do escotismo. Ela não era obrigada a correr, e claro, seriam desenvolvidas atividades mais calmas e ela poderia quem sabe até sobressair-se. Cada uma de nós começou a bombardeá-lo com uma série de perguntas. Ele gentil e simpático respondeu todas. Aceitamos. Porque não? Se em três meses não gostássemos sairíamos e ninguém iria nos impedir.

Cada uma de nós fez um estágio de cinco reuniões nas patrulhas dos escoteiros. Eles nos receberam com reserva. Não gostaram muito. Mas como era por pouco tempo aceitaram. Fiquei na Patrulha Lobo. Não fiz muitas amizades com os patrulheiros. Aprendi em cinco reuniões que a união faz a força. Quando terminava a reunião eu corria a chamar as outras meninas. Sentávamos na porta da sede e conversávamos por longas horas. Cada uma já conhecia a vida da outra. Liguei-me mais em Laura, não sei por quê. Acho que por estudarmos no mesmo colégio.

Chegou o grande dia. Chefe Juliano nos apresentou a chefe Roberta. Uma senhora de uns trinta anos, bem simpática. Disse-nos que fora Bandeirante por muitos anos, mas estava afastada do movimento. Não sabíamos o que era Bandeirante. Ela nos explicou. Disse que seria a nossa chefe. Não podíamos ainda ter uma tropa completa feminina. Iríamos participar com a tropa dos escoteiros, mas teríamos nossa própria patrulha. Chefe Juliano pediu para nos reunirmos durante a semana em casa de alguma de nós e decidir o nome da patrulha, o grito e o lema.

Assim o fizemos. Na reunião seguinte ele nos perguntou o nome. PATRULHA DA ESPERANÇA! Dissemos. Ele riu e disse que não podia. Tinha de ser de algum animal, pássaro ou peixe. Não abrimos mão. Estava escolhido. Não iria haver outro. Ele pensou, conversou com a Chefe Roberta e enfim concordou. Se nós queríamos assim que assim seria. Um verdadeiro Escoteiro o Chefe Juliano. Para ele era ponto de honra aceitar opiniões e apoiá-las. Não nos perguntou o grito e o lema, mas devia saber que seríamos unidas até os fins de nossas vidas.

Na primeira reunião da tropa fomos apresentadas a todos. Humm! Não sei não! Acho que não vai dar certo foi o que ouvimos por alguns escoteiros das patrulhas. Mas o assunto já havia sido discutido pela Corte de Honra. Com reservas aceitaram. Agora eram cinco patrulhas em vez de quatro. Mas eles acharam que seríamos um ‘trambolho’ e atrapalhar os jogos e acampamentos. Deixem que pensem assim falamos entre nós. Vamos provar quem somos.

As reuniões ficaram mais divertidas. Os escoteiros querendo ganhar todas e nos não deixando. Era uma disputa sadia, alegre e muitas vezes quando vencíamos, eles pulavam, jogavam seus chapéus para cima e gritavam – Bravô. A primeira excursão foi mal. A mãe de Laura e Milena fizeram uns bifés com pão e os bifés estragaram-se. Comeram sem saber e ainda ofereceram a mim e Gloria. Foi à conta. Uma dor terrível. Cólicas, tiveram que nos levar para casa correndo. Na reunião seguinte, a tropa inventou um novo grito – Dizia – Quem pode, pode. Quem não pode se contorce! Patrulha? Esperança! Claro, levamos tudo numa boa.

Mas tudo mudou na outra atividade aventureira. Saímos no sábado pela manhã. Primeiro dia quinze quilômetros a pé. Passar a noite num Paiol de uma fazenda conhecida da chefe Roberta. Combinamos tudo. Até o calçado apropriado para uma longa jornada. Até o meião foi tirado. Usamos meias comuns de algodão. Mas permanecíamos de uniforme. Era sagrado para nós. A Patrulha da Raposa deu o “prego’ no primeiro dia”. Cinco deles cheio de calos. Quase não podiam andar. Chefe Juliano conseguiu uma carroça e os levaram de volta. Perguntou a todos se era melhor cancelar.

Nem pensar, dissemos. As outras três patrulhas envergonhadas também disseram que queriam prosseguir. Mais um dia de jornada. Doze quilômetros. Desta vez todos aguentaram bem. Chefe Roberta e chefe Juliano faziam às vezes de “batedores” e nós tínhamos que descobrir o caminho por sinais nem sempre visíveis. Duas patrulhas escoteiras tomaram o caminho errado. Bem feito. Não quiseram aceitar nossa opinião. Andaram mais quatro quilômetros sem necessidade.

Os escoteiros após essa jornada aprenderam a nos respeitar. Sabiam que não éramos nenhuma Pata Tenra. Eles não sabiam que toda semana fazíamos reuniões em casa de uma de nós, e ali com livros que pegávamos na biblioteca da sede, aprendíamos sozinhas. Nós, amarras, costura, sinais, sinalização por Morse e semáforas, primeiros socorros (fizemos amizade com um sargento do Corpo de Bombeiros e ele nos convidou para um curso no batalhão). Claro, convidamos todas as patrulhas. Passamos um dia lá. Divertidíssimo!

Finalmente os três meses passaram rapidamente. Chefe Juliano abriu inscrições para outras jovens. Apareceram mais de sessenta. Escolher dezoito não foi fácil. O pior foi sua notícia. Nossa patrulha iria ser desmanchada. Seríamos todas as monitoras e subs das outras patrulhas. Não aceitamos. Lágrimas, choros, reclamações e até promessa de abandonar o escotismo se isso acontecesse. Chefe Juliano e Chefe Roberta tiveram longa conversa. Disse que nos daria uma solução na próxima reunião.

Naquela segunda feira nos reunimos na casa de Milena. Era mais central para todas. Ficamos em seu quarto por horas. Discutimos todas as possibilidades. Não havia nenhuma. Entendíamos a posição do Chefe Luciano, sabíamos que nossa patrulha seria mais forte e as que chegassem nunca poderiam competir conosco. Era mesmo uma situação difícil. Como resolver?

Laura, sempre ela, calmamente explicou para nós que o Chefe Luciano podia fazer o que fez conosco. Um estágio das seis melhores escolhidas por cinco ou seis reuniões. As demais aguardariam chamada. Depois ficariam mais três meses estagiando conosco, seríamos uma patrulha de doze! Risos. Porque não? – disse Laura. Afinal atrasar o início da tropa feminina por três ou cinco meses não mataria ninguém.

Ligamos na mesma hora para ele. Ligamos também para a chefe Roberta. Disseram-nos que iriam pensar e depois dariam uma resposta. Durante a semana foi uma troca de telefonema entre nós, e ao sair da escola ia direto para a casa de Laura. Meus pais já haviam sido avisados. Os pais de Laura eram pessoas muito educadas. Ela era filha única. Eu e Laura discutíamos muito sobre a patrulha, mas nunca tomamos decisões ou iniciativas sem consultar todas as demais. A semana custou a passar. O sábado chegou. Fomos para a sede com o coração nas mãos.

Chefe Luciano nos deu a notícia. Um barato o chefe Luciano. Ficou nos olhando, balançava a cabeça nos deixando mais nervosas. A Chefe Roberta ria e ela mesmo falou alto e em bom som: Aprovamos a ideia de Laura.

Iremos preparar seis e só depois formaremos novas patrulhas. Mas com uma condição. – Qual, perguntei? – Vocês se transformaram em tutoras das demais. Nunca deverão demonstrar superioridade, e as tratarão como iguais a vocês. Ganhar é bom, mas demonstrar altruísmo é melhor.

Não entendemos bem, mas concordamos. Cinco meses depois foi formada a tropa feminina. Chefe Roberta seria nossa chefe. Pediu ajuda a uma amiga sua que tinha sido Bandeirantes e ela aceitou. Nós a conhecemos no sábado seguinte. Nem acreditamos, chefe Joana era nova, parecia uma menina, mas tinha dezenove anos. Era adorável, parecia mais uma de nós. A primeira reunião só com a tropa feminina atraiu os olhares da tropa dos escoteiros. Eles não deixavam de nos observar todo tempo.

Naquela época fazíamos amizade com eles, mas nada de ficar conversando com os meninos. Além do chefe Luciano não gostar, os demais chefes sempre nos mostravam que ali estávamos para fazer escotismo e não namorar. Eu ria, nos meus doze anos nem pensava nisso. Meu primeiro namorado só veio a acontecer quando estava passando para pioneira. Gostava muito de Ruan, mas como amigo. Ele era da patrulha Touro. Não éramos íntimos. Nunca fomos. Só uma vez ele me convidou para tomar um sorvete. Nunca mais aconteceu.

Podemos nos telefonar... Conversar algumas bobagens. Aí os dias vão passar... Meses... Anos... Até este contato tornar-se cada vez mais raro. Vamos nos perder no tempo... Se continuassem para sempre...

Capítulo III – Em algum lugar do presente

Foi uma semana difícil para Gloria. Uma forte gripe a preocupou. Não podia estar doente quando do encontro da Patrulha da Esperança. Isso nunca havia acontecido antes. Claro, houve sim um contratempo. Uma viagem sem esperar na casa de Célio seu filho. Ele pediu para ela ir urgente. Um convite para uma palestra no Uruguai e ele não podia faltar. Célio era bem conhecido nos meios jurídicos. Tornou-se um advogado famoso com apenas vinte e nove anos. Levaria Jurema sua esposa com ele. Mas Freed seu filho não podia ir. Semana de provas. Ele precisava dela. Contava com ela. Não podia faltar.

Prometeram retornar um dia antes da reunião da Patrulha da Esperança. Gloria confiou. Afinal Célio sabia da importância desta reunião para ela. Sempre fora assim, todos os anos. Ela amava Célio. Era seu único filho. Fez tudo por ele. Claro Rodolfo sempre a apoiou. Entendia perfeitamente o valor para ela do encontro anual. Ela e Rodolfo viveram felizes nos primeiros anos de casamento. Um dia tudo mudou. Rodolfo disse que amava outra. Foi uma pancada para Gloria. Célio estava com doze anos.

Ele saiu de casa em uma noite fria de junho. Disse que ela não se preocupasse. Ele iria manter a casa e todas as despesas dela até que saísse o divorcio. Ela não disse nada. Não tinha o que dizer. Nunca se considerou infeliz. Mesmo quando seus pais a deixaram com sua avó e nunca mais voltaram para vê-la novamente. Ela se esqueceu deles em pouco tempo. Sua avó a enchia de mimos. Comprava tudo que ela queria. Foi a primeira a ter o seu próprio computador no quarto.

Gloria conheceu Rodolfo em uma festa na casa de Sabrina. Sabrina era como uma irmã. Elas mantinham uma amizade que mais pareciam duas irmãs. Isto desde o primeiro dia quando se conheceram no Grupo Escoteiro. Sabrina disse a ela que não o conhecia, fora levado por um amigo dela. Não podia dar maiores informações. Rodolfo a levou em casa. Amor à primeira vista. Saíram muitas vezes. Sua avó não disse não. Chamou-a e deu-lhe alguns conselhos.

Não adiantou e logo se casaram. Um casamento simples. Rodolfo era engenheiro civil, trabalhava para uma multinacional e vivia viajando. Sempre telefonava. Quase todos os dias. Quando ela ficou grávida ele passou a vir mensalmente em casa. Claro dependendo de onde estivesse não era fácil à locomoção de ida e volta. Uma vez ele ficou oito meses sem vir em casa. Quando Célio nasceu lá estava ele distribuindo charutos para todos no hospital. Ria, cantarolava. Quem o visse acharia que era o pai mais dedicado do mundo.

Talvez até fosse. Por doze anos mesmo não estando presente o foi. Gloria sentiu sua falta, mas não chorou. Ela sempre foi assim. Na patrulha, no escotismo se emocionava com certas atividades, mas não demonstrava. Nunca demonstrou. Na patrulha todos a achavam forte, a escoteira que enfrentaria as dificuldades sempre com um sorriso. Bem isso lhe serviu de lição à vida toda. Se Rodolfo achou que ela ia implorar estava enganado. Ele foi sincero quando disse que nada ia faltar. Mensalmente depositava uma boa quantia na sua conta bancária.

Passou-se menos de dois anos. Uma tarde ele voltou. Não disse nada. Subiu ao seu quarto e lá colocou suas roupas. Desceu as escadas e perguntou se tinha jantar. Ele estava com fome. Parecia que tinha chegado de uma de suas viagens. Ela não disse nada também. Fingiu que estava tudo bem. Que fora somente um até logo. No dia seguinte a chamou para uma viagem. Ele queria passar uns dias em Londres. A empresa iria pagar. Se ela quisesse podia deixar Célio com sua Avó. Seriam vinte dias fora.

Foi maravilhosa a viagem. Não fizeram sua lua de mel, mas agora ela estava sendo realizada. Rodolfo era um amante perfeito. Levou-a para conhecer Westminster onde tiraram fotos, ao Big Ben e a Westminster Abbey onde notaram dois guardas a cavalo em frente a um portão preto. Dalí eles foram para St. James Park, maravilhoso. Claro nada como visitar ou ver o Buckingham Palace. Dias e dias aqui e ali. Rodolfo já conhecia. Um perfeito anfitrião. Em Piccadilly Circus ficaram maravilhados com as publicidades gigantes principalmente a da Coca Cola.

À noite Rodolfo não dava folga. Londres é uma das maiores metrópoles da Europa. Nada perdia para Nova Iorque, Tóquio, Moscou ou Paris. Rodolfo a levou no Royal Opera House. Ela se encantou. O teatro era lindo, fascinante. Sua história em várias décadas levou vários casais a loucura. Recebeu reis e rainhas de todas as nações.

Naquele dia assistiram Faust de Charles Gounod. Uma opera lírica em cinco atos com libretto de Jules Barbier e Micher Carré. Gloria se emocionou. Dormiu quando retornaram ao Hotel. Ficou a noite toda abraçada com Rodolfo. Foi realmente um passeio maravilhoso.

Antes de retornar, Gloria pediu a Rodolfo que a levasse a Gilwell Park. Explicou a ele o que era. O local atrai como um imã as atenções do mundo escoteiro. Mesmo ela não estando participando não poderia deixar de visitar. Gilwell é sinônimo de formação e conhecimento. Gloria sabia que mais de 120 países trabalham para alcançar sua Insígnia da Madeira nos cursos de Gilwell. Uma tradição iniciada por Baden Powell em meados de 1919.

Gloria e Rodolfo nunca mais se separaram. Viveram suas vidas como se fosse dois casais apaixonados para sempre. Se um dia pudesse contar uma historia de amor e de almas gêmeas, Gloria e Rodolfo mereceriam o título máximo. Rodolfo parou de viajar. Montou seu próprio escritório. Dificilmente se atrasava para o jantar. Sempre respeitou as vontades de Gloria. Nunca em tempo algum desmereceu sua tradição, de anos e anos. Sabia que ela não iria faltar nunca.

Gloria estava em casa de seu filho e junto ao neto se divertia. Iam ao cinema, iam aos parques da cidade e ela esperava ansiosamente a volta de Célio, pois em dois dias a reunião da Patrulha da Esperança iria acontecer. Ela sabia que estava a mais de três mil quilômetros de distancia de Rio Verde. Sua cidade natal e onde tudo aconteceu. Célio chegou pela manhã do dia da reunião. Não encontrou vôo para ela. Mas ele sabia da importância de tudo para sua mãe. Alugou um jatinho. Pagou um bom dinheiro. Mas ela merecia. Afinal tinha prometido e ele sabia que sua mãe em tempo algum faltou ao encontro de suas amigas.

Chegou a Rio Verde quase à noitinha. Mal teria tempo de ir a um hotel, tomar um banho, vestir seu uniforme e se encontrar com a Patrulha da esperança. Todas combinaram de não se falar até a hora da reunião. Claro em outros meses que não aquele mantinha uma conversa formal, por telefone, mas dificilmente uma visitava a outra. O gerente do hotel a conhecia. Jairo tinha sido escoteiro na época de Gloria. Ele sempre reservava o mesmo quarto para ela. Quantos anos isto aconteceu? Ele não sabia. Só sabia de uma coisa, ela estaria ali sempre. Uma semana antes do natal.

Gloria olhou-se no espelho. Setenta e cinco anos. Uma vida se passou desde que ela entrou no Grupo Escoteiro, levada por sua avó. Setenta e cinco anos! Seu cabelo já estava todo branco, mas ela usava uma tintura que o deixava com cor cinzenta. Não totalmente. Não sabia por quê. Não era vaidosa. Nunca fora. Tirou seu uniforme da mala. Junto o ferro elétrico de passar. De novo passou o uniforme, olhou seu lenço vermelho e branco. Saudades. Lembrava quando fizera a promessa. Ainda era o mesmo lenço. Nunca o trocou.

O telefone tocou. Era Rodolfo. Desejava-lhe sorte. Dizia estar com saudades. Rodolfo. Quem o viu e quem o vê. Quem diria! Gloria após o banho se colocou diante do espelho. Lembrava-se da chefe Roberta. Uniforme se veste para ter orgulho. Sabe que agora é uma escoteira e os outros a verão como tal. Você não pode falhar. Saudades da Chefe Roberta. Por onde anda? Se ainda estiver viva teria mais de noventa anos. Risos. Saudades maiores da chefe Joana. Ainda deve estar por aí. Não deve ter mais que oitenta anos. Muito nova. Risos.

Gloria colocou o uniforme devagar. Tinha tempo. Olhou sua camisa, sua saia, seu meião leve de seda. Ainda tinha seu sapato preto, sem saltos. Colocou seu cinto. Já o tinha limpado. O limpava pelo menos duas vezes ao ano. Seu lenço seu anel eram o mesmo. Colocou-o bem postado. Nada de deixar o anel mais solto em baixo. Estava agora uniformizada. Sabia que todas nesta hora faziam o mesmo. Não sabiam onde estavam, nem como tinham chegado a Rio Verde. Exceto Alcione e Sabrina que moravam nesta cidade.

Sempre gostou de Rio Verde. Tinha boas lembranças. Claro a cidade sempre fora a mesma. Não crescera. Todos ainda mantinham aquela aureola de cidade interiorana. Boa tarde, boa noite, oi compadre, como vai? Era assim quando se andava pela rua. Mas sua vida tomou outros rumos. Para o bem ou não, gostava dela. Amava seu filho, adorava seu neto. E a paixão por Rodolfo permanecia. Rodolfo, quantas mudanças. Quem diria!

De uniforme foi jantar no restaurante do hotel. Comida simples, mas ela gostava. Os garçons também a conheciam. Uma água mineral, uma sopa de legumes na entrada e uma boa salada de tomate e alface. Pronto. Ela estava alimentada. Não bebia. Nunca bebeu. Saiu dali foi ao seu quarto e desceu saindo a rua deserta. Uma lufada de

vento cobriu seu rosto. Esticou as mangas da blusa, Estava com a saia cinza do uniforme. Não gostava da calça comprida.

Encontrou alguns transeuntes. Não deu prosa, não dava. O tempo estava marcado. Sabia que devia chegar na hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Era um espetáculo a parte a chegada das cinco. Todas chegando à mesma hora. Um sorriso, abraços, aperto de mão esquerda. Forte. Como haviam aprendido. Afinal não se dizia que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

Um dia nossos filhos verão aquelas fotografias e perguntarão: Quem são aquelas pessoas? Diremos que eram nossas amigas. E... Isso vai doer tanto! Foram minhas amigas, foi com elas que vivi os melhores anos de minha vida!

Capítulo IV – Em algum lugar do passado

Gloria sorria. Um sorriso maroto, típico de uma vencedora. O campo de Patrulha da Patrulha da Esperança estava pronto. Olhava com orgulho para Alcione. Ela sabia que seriam as primeiras a terminar. Para isso tinham treinado muito em um sítio do pai de Milena. Fizeram todas as pioneiras básicas que viram em uma foto em um livro de técnicas escoteiras. Aprimoraram e ajustaram para se construir no menos tempo possível. Alcione pegou o bastão totem da patrulha Esperança e se dirigiu ao campo da chefia.

Procurou a chefe do Sub Campo. Apresentou-se e disse que tinham terminado e o almoço estava pronto. Seria uma honra à senhora almoçar conosco! A chefe sorriu. Agradeceu. Hoje não minha jovem. Não faltará ocasião. Parabéns, vocês foram muito eficientes. Alcione sorriu. Iria compartilhar com todas. Gloria viu o sorriso de Alcione. Sorriu também. Afinal tinham se preparado tanto para que? A patrulha já não gostava tanto dessas atividades regionais. Preferiam um bom acampamento escoteiro. Mas a chefe Roberta insistiu, pois as demais patrulhas da tropa queriam participar e sonhavam com isso.

Eu vivia qualquer atividade escoteira sempre vibrando. Adorava. Amava o escotismo. Tudo para mim girava em redor do escotismo. Minha patrulha então? Não saberia viver sem ela. Não fui negligente com os estudos. Tinha boas notas, mas contava nos dedos os dias que encontraria minhas amigas e agora irmãs escoteiras. A sexta era incrível. Todas falando entre si no telefone. O programa? Você viu? E os jogos? Será que aceitaram nossas sugestões? Pertenciam a uma tropa formidável. Claro, ficamos amigas de todas as meninas das outras patrulhas.

Aconteceu um fato interessante. Em um sábado apareceu na sede um chefe Escoteiro bonachão, gordo, rosto redondo, bem uniformizado e chapelão. Sorriu para todo mundo, deu aquele Sempre Alerta e se apresentou como Comissário Regional Viajante. Nunca ouvimos falar disso, mas nossos chefes sempre foram afáveis e sempre nos afirmaram que somos amigos e irmãos dos demais escoteiros. Até aí tudo bem. Mas ele se convidou a jantar comigo naquele dia. Claro minha avó era boa pessoa não ia negar. Perguntei para a chefe Roberta e ele disse que tudo bem, mas eu devia tomar cuidado.

Terminada a reunião fomos para minha casa. Ele me pegou pelo braço e se divertia cumprimentando a todos que passavam por nós. Quem nos visse até acharia que tínhamos alguma intimidade. Chegando a casa da minha avó ela o recebeu maravilhosamente bem. Enquanto ela foi para a cozinha preparar o lanche noturno, ficamos eu e ele na sala. Passou o braço em meu ombro e começou a me acariciar. Tentei me desvencilhar ele não deixou. Falou no meu ouvido baixinho que não ia me fazer mal, iria inclusive providenciar uns distintivos escoteiros bem bonitos para mim.

Forcei ele me soltar. Não soltou. Gritei para a Vovó. Ela veio correndo. Ele rindo com aquela cara bonachona de sem vergonha dizia, - Não se preocupe, sua neta é linda. Tenha calma e tudo irá se sair bem olhe – (pegou um maço de notas no bolso) – Isso é para ajudar nas despesas! – Vovó foi correndo a cozinha pegou um rolo de macarrão voltou e deu nele na cabeça. Ele gritou e saiu correndo de casa. Na mesma hora ligou para o chefe Luciano. Contou tudo. Chefe Luciano chamou o delegado. O levaram preso. Depois descobriram que ele agira assim em várias cidades que passara.

Vivendo e aprendendo. A Patrulha da Esperança riu muito quando souberam. Eu não ri tanto. Passei um aperto dos grandes. Era como dizia o Chefe Luciano, devemos confiar desconfiando. Nem todos são Escoteiros. Muitos iram aparecer em nossas vidas. Nem sempre a aparência mostra o que ele tem por dentro. Isso deve ser checado e verificado sempre. Percalços sempre aconteceram. Nada na vida é tão doce que não tenha pelo menos um pouco de sal para atrapalhar ou ajudar. Eu vivia um sonho de menina. Adorava minha vida, adorava minha patrulha, amava meu Grupo Escoteiro. Naquela época o escotismo era tudo para mim.

Em julho fizemos um acampamento longe da cidade. Muito. Viajamos mais de oito horas até chegarmos ao destino. Que local maravilhoso. O ônibus nos levou até próximo ao cume da montanha. Soubemos que era o Pico da Bandeira. Não iríamos até o topo. Só acampar e viver as aventuras de um campo aventureiro. A tropa dos Escoteiros também foi. Acamparam bem próximo a nós. Eu e Verônica fizemos um reconhecimento pela manhã em volta do

nosso campo de patrulha. Descobrimos uma bica de águas cristalinas linda. Mais lindo ainda foram dez, isto mesmo dez ninhos de Corujas pantaneiras.

Elas com medo, tentavam nos bicar voando ao nosso redor. Voltamos e contamos para a patrulha. Toda a patrulha quis ver. Ficamos a olhar de longe. O mais lindo mesmo foi à noite, o céu era espetacular. Deitar na relva e ficar olhando nos transportava todas ao infinito. O escotismo é único. Oferece-nos a natureza em todo o seu esplendor. Ficamos lá por cinco dias. Um dos meus melhores acampamentos. Vi coisas que nunca tinha visto a mãe de cinco gazetinhas pastando e nos olhando com aqueles olhos grandes. Um lobo guará pequeno, que não saia de perto de nós. Adorava nosso pão do caçador.

Lembro que o tempo passava rápido. Não queria. Tinha medo. Muito. Com a idade teríamos que passar para as guias. Elas não existiam ainda. Mas fizemos um juramento. Toda a patrulha fez. Ou vamos todas nós ou não vai ninguém. Risos. Agora tomávamos decisões que nem sempre eram compatíveis com nossa idade. As nossas chefes riam quando isso acontecia. Elas sabiam do nosso amor ao escotismo e a patrulha. Sabia que esta patrulha ficaria na história do grupo. Éramos admiradas por todos os escoteiros e as escoteiras. Tínhamos uma tradição por ser a primeira, de uma maneira insólita, mas que produziu frutos de amor, de caráter de tudo aquilo que se pode pensar em uma escoteira.

Não sei por quê. As demais patrulhas sempre saíam uma ou outra jovem. Claro era substituída rápido. A fila de espera era grande. Disseram-nos que o dia vinte e três de abril era o dia do escoteiro. Pedimos a chefe Roberta para planejar atividades que a comunidade soubesse do dia e o que éramos nós. Ela aceitou. A Corte de Honra decidiu que a liberdade seria estendida a todas as patrulhas. Todas as segundas e quintas lá estamos na casa da Milena. O planejamento foi grande.

Em cada escola que estudávamos procuramos a diretora ou diretor. Íamos sempre com a patrulha completa. Nosso objetivo era explicado. Queríamos autorização para ir de uniforme de escoteira e nos intervalos que pudéssemos falar a todas as classes sobre o escotismo. A receptividade foi tão grande que nos foi aberto o salão de festas para falar com todas as classes juntos. Regozijo completo. Quanto tempo nós iríamos ter? De quinze a vinte minutos. Ótimo. Mãos a obra. Cada dia na semana na escola de uma.

Um programa simples. Uma apresentação em forma de jogral. Treinamos muito. Na primeira escola formamos e mostramos primeiro como a escoteira entra em forma. Como era o grito da patrulha e o porquê dele. O lema e mostramos o aperto de mão e a saudação. Depois ficamos perfilados em frente aos alunos. Cada uma de nós dizia algum do que era o escotismo. As últimas palavras sempre em conjunto. Uma a uma. Desde a história do escotismo até o porquê de ser escoteira. No final falando em conjunto, como se fosse um coral, recitamos lindas poesias escoteiras. Sabíamos de várias e algumas de nós já tinham escrito outras. Milena cantou a Canção da despedida. Que voz tinha a Milena. Deixava a todos emocionados.

Na sexta, quando estamos terminando nossa apresentação na última escola, uma enorme palma dos alunos. Eu chorei. Vi que todas também estavam chorando. Abraçamo-nos. Acho que conseguimos. A cidade em peso ficou sabendo pelos filhos que estudavam na escola que fomos. A pequena rádio local nos entrevistou. Pedimos que a entrevista fosse realizada na sede. Um sucesso. Valeu mesmo aquele dia do escoteiro. Nunca seria esquecido.

Uma tarde Sabrina ligou. Seus pais estavam se separando. Sua mãe queria voltar para a capital. Seu pai trabalhava em Rio Verde e ela não queria ficar próximo a ele. Sabrina chorava. Lágrimas corriam aos borbotões nos seus lindos olhos negros profundos. Fomos nós todas da Patrulha da Esperança na casa de Sabrina. Deus é justo. Em uma semana o pai e a mãe de Sabrina resolveram voltar. Beijos, abraços, gritos de felicidade. Eu era feliz muito. Todas eram. Sabrina era especial.

Acho que o tempo passou. Sei lá. Eu não via o tempo passar. Mas fiz quinze anos. Chefe Roberta veio me procurar. Eu era a segunda a ser procurada. Alcione também já fora. Não quis ser indelicada. Mas fui honesta. Não iria deixar a Patrulha da Esperança. Porque não esperar mais um ano? Todas estariam com quinze e duas com dezesseis. Chefe Roberta tentou explicar. Estava escrito nas normas. No livro chamado POR. Rimos. Quem manda na tropa, esse tal POR ou a senhora?

Chefe Roberta riu. Olhou para a chefe Joana e ambas disseram que iriam pensar. A senhora Maria das Graças teria que esperar mais um ano para formar sua tropa de guias. Mas ela não ficou chateada. Riu quando soube. Mais tarde se tornou grande amiga nossa. Foi um dia de felicidade quando soubemos que iríamos ficar mais um ano na tropa escoteira. Resolvemos comemorar. Cada uma tirou de seu cofrinho uns tostões e fomos para a sorveteria do Maneco. Tomamos todo tipo de sorvete. Eu me lambuzei e como sempre passei mal à noite com dor de barriga.

Passei de ano. Vovó disse que se quisesse poderia passar uns dias no Rio de Janeiro nas férias. Poderia ficar em casa de minha mãe. Ela morava lá agora. Meu pai nunca soube onde andava e o que aconteceu entre eles. Despedi das minhas amigas. Seria por pouco tempo. Quinze dias. Algumas ficaram assim e assim, mas lá fui eu para o Rio. Queria ir de uniforme, Vovó foi contra. Para que? Vocês estão de férias e eu comprei tantos vestidos bonitos para você. Eu olhava-os de vez em quando. Mas sinceramente? Não tinha prazer em roupa nova. Adora sim, meu amado, meu querido, meu sempre meu o idolatrado uniforme escoteiro.

A amizade consegue ser tão complexa...
Deixa uns desanimados, outros bem felizes...
É a alimentação dos fracos
É o reino dos fortes.

Capítulo V – Em algum lugar do presente

A chuva não parava. Quatro dias chovendo a cântaros. Ainda bem que a casa de Laura ficava afastada do rio. Tiveram enchentes no passado. Perderam tudo, mas reconstruíram. Pedro seu marido sempre fora um forte. Nunca desistiu. Não era um homem bonito não. Mas Laura acreditava piamente que não existiria outro como ele. Ela o amava mais que tudo. Sempre o amou nestes cinquenta anos que estavam juntos.

Ela sabia que não era bonita. Nunca fora. Gordinha isso sim. Não perdeu peso depois que cresceu. Ia a todas as festas, ninguém se interessava por ela. Ela não se importava. Ela amava o escotismo e para substituí-lo não haveria de encontrar nunca. Mas o destino nos reserva surpresa. Laura foi à primeira das cinco a casar. Pedro trabalhava na fazenda do “seu” Armindo. Lá era bem quisto, pois muito trabalhador não dava motivos de reclamações.

Pedro era tímido. Nunca tivera uma mulher na vida. Para dizer a verdade casou virgem. Claro, Laura também era. Antes de passar a pioneira Laura fez um acampamento com a Patrulha da Esperança na fazenda onde Pedro trabalhava. Agora eram guias. Pedro encantou-se com Laura. Homem rude, não soube se declarar e cá prá nós, nunca se declarou. Mas Laura sentiu seu olhar. Ela conversou com ele antes da partida. Disse onde morava. Deu a rua e o número do telefone.

Passou vários meses e uma tarde de domingo alguém bateu a porta. Lá estava Pedro vestido com um paletó cinza, uma calça simples e uma gravata borboleta. Nas mãos um buquê de flores silvestres. Entregou a Laura. Amor à primeira vista? Não, amor à segunda vista. Risos. Seu casamento foi maravilhoso. Nada de riquezas. Mas Pedro fez questão de encher toda a capela com flores silvestres. Todas colhidas na madrugada do casamento. No orvalho fresco que caía na montanha próxima. O perfume era inigualável. Na capela não teve ninguém que não orgulhou de Pedro. Sabiam que Laura seria feliz ao lado dele para sempre.

Um primo no sul lhe ofereceu uma terrinha. Fizeram com suas próprias mãos sua primeira casa. Na beira do rio dos Sinos. Demorou mais de dois anos. Quando ficou pronta Pedro deu uma festa. Mataram um porco (bem gordo), dez frangos e duas galinhas d’angola. Jairo tinha nascido no ano anterior. Um ano de idade na inauguração da nova morada. Ligia veio no ano seguinte e Valeria dois anos depois. Laura achou melhor parar. Três filhos. Difícil para dar tudo o que precisam.

Laura ajudava Pedro na roça. Plantavam muito arroz e feijão, mas seu primo disse para se dedicarem a soja. Tinha futuro. Assim fez, mas no primeiro ano a enchente levou tudo. Sua roça e sua casa se foram no rio dos Sinos. Eles arrancharam junto ao primo que morava perto dali. Chorar? Adiantava? Pedro e Laura achavam que não. Rezaram naquela noite. Muito. Eram fervorosos adeptos de São Pedro. Padroeiro do estado e muito querido por todos os gaúchos.

Em seis meses levantaram a nova casa. Muitos vizinhos em mutirão ajudaram. A primeira safra de soja foi um sucesso. Depois a segunda, a terceira e deu para fazer uma nova casa de alvenaria. Até um carrinho compraram. Por todo o tempo que juntos viveram, Laura nunca deixou de participar da reunião anual da Patrulha da Esperança. Mesmo na enchente, pois ela aconteceu em fins de novembro. Pedro sorria quando ela contava sobre a Patrulha da Esperança. Claro, ele a conheceu na patrulha e mesmo não conhecendo nada de escotismo, admirava o que Laura fazia.

Todos os filhos levantavam de madrugada e iam estudar na fazenda do Lavrador, uma empresa que comprou muitas terras com o intuito de ser a maior fazenda de soja de país. Era uma boa escola. Seus filhos cresceram estudando lá e ao seu lado. Só Jairo se formou com engenheiro agrônomo. Ligia preferiu ir para o Rio de Janeiro. Disse que lá tinha futuro. Um dia a viram cantando em um programa na TV. Diziam que ela teria boas chances. Foi sim, mas conheceu um mexicano se casou e hoje mora no México. Acho que a seu modo foi feliz.

Valeria se casou com Acácio. Resolveram fazer uma casinha perto da deles. Laura gostou da ideia. Hoje são felizes com sua pequena plantação de soja. Já tem um carrinho e um filho, Nelsinho do qual adoram e Laura também. Laura em dezembro só pensava na reunião da Patrulha da Esperança. Nem notou um telegrama na mesa

que chegou pela manhã. Abriu e viu que Ligia viria passar o ano novo com ela. Seu marido não viria. Era um político famoso e não podia deixar seu trabalho no congresso mexicano. Traria os dois filhos que teve. Reginaldo e Francesco. Laura quase desmaiou de alegria. Fazia mais de oito anos que não se encontravam. Saiu correndo pelos campos para contar a Pedro.

Agora só faltavam notícias de Jairo, mas ela sabia que ele viria também. Sempre veio. Nunca faltou. Laura era feliz. Agora muito mais. Mas tinha um problema. Sempre quando chegava a época da reunião da Patrulha da Esperança ela ia de ônibus. Uma viagem enorme. Chegava à capital e tinha que pegar outro para Rio Verde. Sempre gastava de três a cinco dias. E agora? Toda a família estaria reunida, ela não podia deixá-los, mas também não podia deixar de participar da reunião.

Pedro não se fez de rogado. Sabia que Laura só tinha olhos naquele mês para a Patrulha da Esperança. Disse que iria retirar um pouco da poupança que estava fazendo para comprar outro pedaço de terra do “seu” Nelsinho. Ele tinha colocado a venda, pois suas terras eram extensas. Ele já velho, filhos longe não dava mais para tocar. Assim Laura iria de avião até a capital e lá pegaria outro avião para Rio Verde. Poderia viajar no dia pela manhã e voltar no dia seguinte. Laura ficou pensativa. Mas era a única saída. Iriam gastar uma boa parte da economia da família.

Laura sabia que seu tempo estava terminando. Sentia muitas dores no abdômen. Ainda não tinha ido ao medico e nem falado para Pedro. Sua mãe tinha morrido em Rio Verde vinte e cinco anos atrás. Um câncer no estomago. Laura previu isso para ela. Pedia a Deus que não fosse agora. Atingira já seus setenta e quatro anos e ainda poderia render muito a sua família. Seus cabelos eram totalmente brancos. Ela não pintava. Seu corpo com o passar dos anos se firmou. Ainda gordinha, mas quem a visse sabia que ali tinha uma forte mulher.

Todos tinham chegado inclusive Jairo. Ela explicou a cada um sua falta por dois dias com lágrimas nos olhos. Ninguém a criticou. Todos sabiam seu amor pela Patrulha da Esperança e respeitavam. Olhava no espelho aquela manhã antes de ir até a cidade pegar o avião para a capital. Jairo disse que a levaria em seu carro. Não era longe, menos de uma hora em boa estrada. As passagens já tinham sido compradas. Até Rio Verde ida e volta. Uma semana antes tinha preparado seu uniforme. Ainda intacto. Adorava seu uniforme. Ele lhe trazia tantas lembranças e recordações dos tempos que se foram.

Passou com carinho a blusa, a saia, e o lenço. Seu distintivo de noviço ela tirava quando lavava. Só colocava após passar todo ele. Seu distintivo de patrulha era o mesmo. Duas tiras verdes, duas amarelas e uma cinza. Porque essas cores ninguém sabia. A Patrulha da Esperança era única. Não existia em nenhum livro escoteiro. Só no coração de suas patrulheiras. Vestiu e se olhou no espelho. Sabia que não poderia estar nada fora do lugar. Seus chefes lhe ensinaram isso. Garbo e boa ordem diziam. Uniforme é assim, ou você se orgulha ou não!

No dia marcado levantou cedo. Após o banho vestiu o uniforme. Claro, ela se sentia bem com ele. Iria uniformizada de avião até Rio Verde. Sabia que todos a olhariam com carinho e admiração. Despediu de Pedro. Quem visse não sabia do amor dos dois. Apenas um aperto de mão. Mas os olhos de Pedro estavam marejados de lagrimas. Calma meu amor, eu voltarei você sabe disso. Sempre voltei! Despediu de seus netos de Ligia e de Valeria. “Seus esposos não estavam na hora, mas sabiam das ‘manias’ de Laura.

Foi uma viagem normal sem atrasos. Na primeira parada em São Paulo encontrou vários escoteiros, escoteiras e chefes embarcando para o Jamboree Na Costa Rica. A princípio nem olharam para ela. Mesmo com o uniforme bem postado, aquela velha gordinha de cabelos brancos não mostrava suas qualidades como escoteira. Só um distintivo de Promessa e de Patrulha. Riram. Chefes não usam mais distintivos de patrulhas. Devia ser alguém do interior. Duas guias se aproximaram. Conversaram. Ficaram admiradas com a história da Patrulha da Esperança. Nunca tinham visto nada igual.

Quando chamaram seu vô para Rio Verde viu todos os escoteiros em sua volta dando um grande bravo! Sorriu e lagrimas saíram de seus olhos. Agradeceu dando seu sempre alerta em posição de sentido. Foi outra viagem gostosa. A aeronave desceu no horário em Rio Verde. Às cinco da tarde. Foi para a casa de sua tia Norma. Todos os anos ela ia para lá. Não podia encontrar com nenhuma das outras irmãs da Patrulha da Esperança. Era uma tradição. Só na hora certa no lugar certo.

Era um pouco longe da sede. Por isso saiu mais cedo. Caminhando pela rua se lembrava do passado. Belos tempos. Sua juventude foi cheia de felicidade. Tinha um passado e um presente que não trocava por nada. O escotismo lhe deu muito na vida. Amor, fraternidade, perseverança, seis maravilhosas amigas e lucidez para enfrentar a vida. Ela era uma vencedora. Pena que o câncer estava lhe comendo por dentro. Mas ela não se importava. Que o destino fosse o que fosse. Deus sabia o que estava fazendo. Católica fervorosa sempre pedia a Deus pelos seus e pelas irmãs da Patrulha da Esperança. Nunca para si.

Todos aqueles anos, quando da hora mais importante de sua vida, quando entrava no salão da sede, ela imaginava se não existia muito mais que este céu estrelado depois da vida. Encontrou alguns transeuntes. Não deu prosa, não dava. O tempo estava marcado. Sabia que devia chegar na hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Era um espetáculo a parte a chegada das cinco. Todas chegando à mesma hora. Um sorriso, abraços, aperto de mão esquerda. Forte. Como haviam aprendido. Afinal não se dizia que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

Saudades até dos momentos de lágrima, da angústia, das vésperas de finais de semana, de finais de ano, enfim... Do companheirismo vivido... Sempre pensei que as amizades continuassem para sempre...

Capítulo VI – Em algum lugar do passado

Era uma subida das boas. Eu respirava pela boca e pelo nariz. Toda vez era assim. Mas minhas amigas sabiam que eu não desistiria. Afinal concordei com aquele bivaque. Aprendi com o tempo a levar na mochila só o necessário. Na primeira vez a chefe Roberta disse – Laura, você enche muito sua mochila. Ela fica pesada. Você já tem dificuldade para respirar e com esse mochilão? E me explicou o que deveria levar. Aprendi para o resto da vida. Porque levar aquilo que não vamos usar?

Paramos varias vezes. Tudo por minha causa. Meu corpo não ajudava. Minhas amigas me amparavam. Algumas sem nenhuma intenção de ofender diziam que eu deveria comer menos. Ginástica eu já fazia. O escotismo era uma movimentação constante. Interessante que minha mãe era bem magrinha. Meu pai não sabia. Ele nos deixou quando eu tinha quatro anos. Mas não desanimava. Eu me considerava dura na queda. Sabrina sabia disso. Era minha amiga de todas as horas. Estudávamos junto no mesmo colégio. Enfim chegamos. Nosso bivaque iria prosseguir no outro dia. Encontramos uma “tapera” coberta com folhas de coco.

Nas laterais abertas. Aproveitamos o lusco fusco da tarde para dar uma melhorada. Havia muitas Samambaias algumas com quase um metro e meio de altura. Não era uma planta forte. Mas daria para a noite que viria a seguir. Em pouco tempo cobrimos todas as laterais e só ficou uma pequena entrada que seria fechada a noite com a lona que chefe trouxe. Claro, não podia chover. A ‘tapera’ não iria aguentar. Verônica me ajudou a fazer um fogão tropeiro. Achamos muitos galhos secos. Logo o fogo crepitava.

Estávamos só nós, a Patrulha da Esperança. Ainda não tínhamos as demais patrulhas. Chefe Roberta era bem esperta. Achamos que pela sua idade não iria aguentar, mas fui eu quem deu vexame. Afinal mais de cinco quilômetros só de subida. Mas valeu. Uma vista maravilhosa. No dia seguinte desceríamos pelo outro lado e pegaríamos o ônibus em Santo Ângelo. Como dizem minhas amigas, para descer todo santo ajuda. Risos. Em pouco tempo fiz uma sopa. Sabia como fazer. O macarrão ficava no ponto. Cada uma levava sua “ração” B, e ela consistia em linguiças, macarrão, arroz, óleo, sal e sabão. Claro, todas tinham um pedaço de Bombril. Era ponto de honra voltar com as panelas brilhando.

Jantamos com gosto. Água só mais embaixo. Uns quatrocentos metros. Sempre iam duas ou três para buscar e enchem os cantis. Todas tinham. Fizemos um pequeno acero e juntamos muitos galhos secos para um fogo noturno. Não foi um Fogo de Conselho. Divertimos bastante é claro. Não sabíamos que a chefe Roberta além de uma grande contadora de piadas era também uma emérita contadora de historias.

Aquele dia contou uma linda historia de uma escoteira que sonhava voar. Ela se imaginava nas nuvens voando com os pássaros e no meio das flores com as borboletas douradas e azuis. Queria acompanhar os beija flores. Seria como um falcão a buscar o alto do céu para ver toda a terra em volta de si. Marlúcia tinha imaginação. Seus sonhos aconteciam a toda hora. Mas só em sua mente. A sua Chefe preocupava com ela. Tinha medo de ela pular do alto de uma arvore pensando que sairia voando.

Um belo dia ela dormiu. Acordou em uma campina cujos raios de sol faziam que as folhas e o capim fossem de ouro. Olhou em volta e não viu ninguém. Ao longe um lindo arco Iris. Uma pequena borboleta, feia, escura, sem graça se aproximou dela. – Oi quer ser minha amiga? Se quiser empresto a você minhas asas e você pode voar até no arco Iris. Marlucia não sabia o que dizer. Eram asas feias, tortas e cinzentas. Chegar ao arco Iris com umas asas assim, o arco Iris podia se desmanchar.

Mas Marlucia tinha um coração de ouro. Abraçou a borboletinha e agradeceu pelas asas. Colocou em suas costas e saiu voando. Olhando para trás, viu que a borboletinha estava chorando. Ela voltou. Porque choras? Porque você levou minhas asas e eu tenho medo do gavião malvado. Se ele vier, não posso voar e nem me esconder. Marlucia a pegou no colo e saiu voando as duas. Ela a borboletinha sorria. Chegaram ao arco Iris. Muitas outras borboletas. Abraçaram Marlucia. Agradeceram a ela por trazer a borboletinha.

Logo chegou a rainha borboleta. Abraçou a borboletinha e disse a Marlucia – Obrigada. É minha filha. Tinha sido levada por uma aranha malvada. Marlucia ficou vermelha, além de voar, agora era amiga de todas as

borboletas. Marluvia acordou dentro da barraca. Todas suas amigas estavam sorrindo. Viram que ela em seu sonho realizou seus desejos. E vocês também podem realizar. Os sonhos existem, mas não vivemos só para sonhar. Para eles acontecerem temos que nos esforçar.

A história era linda. Todas da Patrulha da Esperança estavam emocionadas. Cantamos mais uma canção e fomos dormir. Eu dormi pensando na borboletinha. Queria ter uma amiga assim. Mas amanhã quem sabe encontrarei ela em alguma ravina por aí? Acordei com Sabrina me chamando. O sol despontava no horizonte. Levantei correndo. Eu era a cozinheira. Tinha de fazer o café antes de partir. Antes da tarde avistamos Santo Ângelo. No ônibus canções, alegrias e promessas de voltar sempre aqui para ver se encontrávamos a borboletinha cinzenta. Eu também sonhava em voar.

Tínhamos marcado irmos juntas a biblioteca da cidade. Eu já conhecia. Estive varias vezes lá fazendo pesquisa. Claro, iríamos de uniforme. Nós éramos escoteiras de corpo e alma. Reviramos toda a biblioteca e não encontramos nada sobre a vida de Baden Powell. Nosso objetivo em ir lá. Sabíamos pouco dele, Procuramos a responsável. Ela nos disse para olhar na enciclopédia britânica. Mostrou-nos onde estava a coleção. Pouca coisa. Ali o que constava já sabíamos.

Na reunião de patrulha resolvemos escrever para os dirigentes do nosso estado. Eles deviam ter mais dados da vida de Baden Powell. Um mês depois recebemos de um escoteiro que morava na capital um relatório, onde contava varias passagens da vida de Baden Powell. Quantas coisas aprendemos. Fiquei dois dias na casa da Verônica e da Sabrina lendo e relendo o relatório. No sábado só para deixar os escoteiros com raiva, resolvemos fazer um jogral, e os convidamos. Seria sobre a vida de Baden Powell. Eles nada sabiam. Assustaram-se quando começamos a desfiar tudo que aprendemos.

Nesta hora o Chefe Juliano nos chamou em particular e disse que não fôramos cortesias. Afinal ele soube do nosso relatório, não passamos a ninguém só a Patrulha da Esperança sabia. Claro que teríamos que ganhar. Falou umas palavras que nos marcaram para sempre. Olhem mocinhas. Competir é bom, ganhar também, mas respeitar o adversário é melhor ainda! É o escotismo é maravilhoso. Dá-nos a oportunidade de aprender tanto e eu aprendia todos os dias da minha existência.

Foram os dias mais felizes de minha vida, a Patrulha da Esperança era meu céu, meu lar, meu amor, minha paixão. Sabia que ela estava no meio do meu coração e Dalí nunca mais sairia. Tinha belas amigas, elas me respeitavam pelo que eu era. E olhe, no colégio todas me chamavam de gorda. Não importava. Ali não tinha amigos e nem amigas. Elas estavam lá, na Patrulha da Esperança.

Lembro-me ainda no dia em que fui à responsável pelo Hasteamento da Bandeira Nacional e a do Grupo Escoteiro. Estava tremendo. Medo de errar. Medo de tudo. Olhava com os olhos arregalados para a chefe Roberta. Grande chefe. Acho que também a amava e muito. A Chefe Joana não era presente. Faltava muitas reuniões. Dizia-nos que estava fazendo o vestibular e aos sábados seu tempo era curto, mas em breve tudo iria mudar.

Eu já tinha aprendido. Alcione sempre nos ensinou. Fazia o nó de direito alceado com os olhos fechados. Dobrar a abrir a bandeira era fácil. Mas como dizem os jogadores, treino é treino, jogo é jogo. Risos. Graças a Deus deu tudo certo. A bandeira alcançou o topo e o vento a espalhou para mostrar toda sua formosura. É linda nossa bandeira. Acho que é a mais linda do mundo. Depois da cerimônia de bandeira fui eu também a responsável pela oração. Essa eu tirava de letra. Sabia todas. Eu as dizia elas em alto e bom som não só por falar, as palavras vinham do fundo do coração.

A saudade vai apertar bem dentro do peito. Vai dar uma vontade de ligar, ouvir aquelas vozes novamente... Quando o nosso grupo estiver incompleto... Reuniremo-nos para um último adeus de uma amiga. E entre lágrima nos abraçaremos...

Capítulo VII - Em algum lugar do presente

Milena esperava ser chamada. Sabia que com sua idade não podia mais esperar fama, dinheiro, tudo que uma grande cantora pode ter. Passou uma vida correndo de bar em bar. Cantou em boates, cantou em teatros. Apresentou-se em programa de calouros na televisão. Todos sempre a elogiaram. Tinha uma bela voz. Mas não tinha o mais importante. Não tinha as canções. Não sabia compor e nem tinha facilidade de escrever uma bela canção. Era uma intérprete nada mais.

Setenta e quatro anos. Muitos anos. Uma velha para todos que a viam cantando. Ainda tinha um belo corpo. Ela se cuidava. Seus cabelos sempre pintados de negro contrastava com seus belos olhos azuis. Milena nunca teve amantes. Poderia dizer que permaneceu casta por toda sua vida. Um homem entrou em sua vida e saiu assim como chegou. Nunca pensou em filhos. Nunca quis. Achava que poderiam ser um empecilho em sua carreira. Até que houve um caso com o Leomar e ela quase ficou grávida. Perdeu a criança um mês depois. Castigo de Deus.

Leomar a seu modo a amava. Ficaram juntos por mais de cinco anos. Durou muito. Ela recebeu uma proposta de uma boate no Rio de Janeiro. São Paulo apesar de ser a maior cidade do país nunca lhe deu nenhuma oportunidade. Só desilusão. Leomar foi contra. Você pode ir eu não vou. Não serei mais um fantoche em sua vida. Leomar era assim. Trabalhava durante o dia e Milena à noite. Chegava a casa e ela já tinha saído, saía para trabalhar quando ela estava chegando. Não era vida. Não sabia como aguentou cinco anos. Milena chorou quando ele disse que não dava mais. Foi embora uma semana antes do natal. Milena tinha ido para a reunião da Patrulha da Esperança.

Era sagrado para Milena. Nunca faltou e não ia faltar. Só se morresse. Nunca foi para o Rio de Janeiro. Achava que se tivesse ido sua vida teria sido outra. Uma vez estava em Montevidéu. Cantava em uma boate. Falou ao patrão que precisava ir ao Brasil. Só três dias. Era a data da reunião da Patrulha da Esperança. Voltaria logo. Ouviu o que não queria. Podes ir, disse ele, mas aqui você não canta mais. Milena precisava do emprego. Muito mesmo. Suas economias eram poucas. Pagavam há ela uma ninharia. Disse Adeus e partiu. Voltou de ônibus. Pouco dinheiro. O tempo passava rápido na vida de Milena. Hoje aqui amanhã ali. Fez pousada muitas vezes nas boates e em bares imundos. Muitas vezes não tinha onde dormir.

Quando comunicou aos seus pais que iria embora de Rio Verde foi um Deus nos acuda. Tentaram tudo para demovê-la da ideia. Ela parecia não ouvir. Só pensava em seu sonho. Sempre acreditou que seria uma grande cantora. Ela tinha feito vinte anos. Ainda era uma pioneira, junto às amigas da Patrulha da Esperança. Suas amigas tentaram mostrar para ela a realidade da vida. Mas Milena sempre fora forte nas suas ideias. Quando decidia estava decidido.

Partiu em um sábado pela manhã. Sozinha. Não sabia o que iria encontrar pela frente. Mesmo partindo sem o de acordo de seus pais, eles fizeram tudo para lhe dar uma quantia razoável para ela viver independente por pelo menos seis meses. Eles achavam que se ela nada conseguisse voltaria correndo de volta ao lar. Nada disso aconteceu.

Milena só voltava a Rio Verde para a reunião da Patrulha da Esperança uma vez por ano. Chegava à tarde do dia marcado e voltava cedo no dia seguinte. Nunca foi visitar seus pais. No ano anterior soube que tinham morrido. Milena chorou no ônibus. Disse a si mesma que não devia ter agido assim. Deveria ter visitado seus pais, deveria ter dito a eles que os amava. Não falou nada disto. Quanto mais pensava mais chorava.

São Paulo era uma cidade cruel. Não perdoava os inocentes. Com cinco dias roubaram na pensão todo o dinheiro de Milena. Ficou sem nada, mas não chorou. Parou em frente a um botequim, mais para bar do que um botequim. Era do Marcondes. Ela a olhou de soslaio. Mandou-a cantar. Entusiasmou-se. Pensou que podia dar uma nova conotação em seu botequim. Quem sabe aumentaria a freguesia? Disse a ela que pagaria por noite. Vinte reais. Só? Disse Milena. Só respondeu. Se quiser tudo bem se não pode ir procurar outro lugar.

Milena ficou quase um ano no botequim do Marcondes. Um dia ele tentou dormir com ela. Ela não gostava dele para isso. Não aceitou. Ele a chutou e colocou na rua. Vá sua vagabunda, não me apareça mais aqui! Milena não

chorou. Não era uma vagabunda. Tinha a mente sã, era uma escoteira. Tinha respeito pela Lei e a Promessa. Durante o tempo que ficou lá, morou nos fundos. Uma cama, uma penteadeira e o imundo banheiro do bar.

Agora não tinha aonde ir. Pensou em voltar para Rio Verde. Não. Não poderia. Acreditava que poderia fazer fama. Tinha certeza disso. O tempo iria provar a ela e a todos de Rio Verde. Viu uma boate de strip tease. Parou e entrou. Procurou o gerente. Não ia fazer strip, queria cantar. Não importava onde. Ele a mandou cantar. Encantou-se com sua voz. Contratou. Um salário até razoável. Melhor que todos que tinha recebido. Ela perguntou se a casa não tinha um quartinho para ela ficar. Ele riu, seu nome era Morreu. Sim Morreu. Milena riu baixinho.

Milena cantou ali por dez anos. Dez anos. O tempo passava depressa. Morfeu já sabia de sua mania. Uma semana antes do natal ela desaparecia e voltava três dias depois. Tudo bem. Sabia que podia contar com ela. Morfeu apesar do nome era homossexual. Respeitava a tudo e a todos. Não era um afeminado como muitos. Milena passou a admirá-lo. Ficou com ele aquele tempo todo e conseguiu fazer uma pequena economia. Infelizmente gastava muito com roupas. Tinha de se apresentar bem.

Milena tinha muitos fãs. Vários iam à casa de strip só para vê-la cantar. Eles lhe davam gorjetas. Claro algumas cantadas dos velhos senhores dos casarões de vila Madalena. Infelizmente nunca apareceu um olheiro para levá-la em um teste serio em uma gravadora. Um dia a policia invadiu a casa. Chegaram atirando. Mataram Morfeu. Disseram que ele era um bandido perigoso. Traficante de drogas. Milena chorou e não acreditou. Nunca tinha visto nada. Levaram-na a delegacia. Ficou lá cinco dias. Uma vergonha. Chorava de vergonha. Era uma escoteira. Cumpria a Lei e Promessa. Não era uma vagabunda.

Outros bares, outras boates, o tempo foi passando e Milena envelhecendo. Agora morava em um pequeno apartamento. Aprendeu a economizar e comprou com muita dificuldade. Já estava pago. Não devia nada. Era no centro de São Paulo. Diziam que era a boca do lixo. Não importava, era seu, só seu. Muitas vezes não tinha o que comer. Procurava o restaurante de um real. Não era uma lauta refeição. Dava para o gasto. Inscreveu-se no programa do Raul Gil. Seis meses para ser chamada e fazer o teste.

Coincidiu que a sua apresentação seria no dia da reunião da Patrulha da Esperança. Não havia o que decidir. Não foi ao programa. Voltou lá outras vezes, foi esnobada. Teve a sua oportunidade disseram, agora vá se danar. Era assim mesmo. Uma tarde cantava no boteco do Zé Leôncio. Um homem de terno a observava. No intervalo a procurou. – Olhe tenho uma musica, não quer dar uma olhada? Não foi o primeiro. Quantos lhe ofereceram para querer seu corpo em troca.

Não deixou de ver a musica. Linda. Muito linda. Pediu ao Banana Trio que tocasse para ela cantar. Todos ficaram eletrizados. A música era especial. Se conseguissem uma gravadora seria sucesso na certa. Marco Vinicius não conhecia muita gente. Foi à segunda musica que compôs. Mesmo assim compôs mais oito. Só para ela. De todas as procuradas uma gravadora deixou que eles fizessem o teste. A música nem terminou e fizeram um contrato. Pequeno. Quase nada. Mas foi o dia mais feliz da vida de Milena.

Demorou cinco meses para a música estourar nas rádios de todo o país. Milene ficou famosa aos 76 anos. Uma vida. Uma luta. No fim era famosa. Procurada por emissoras de TV, clubes do interior. Milena era econômica. Nunca esbanjou. Era simples no seu pedido quando ia cantar. Marco Vinicius era seu empresário. Combinavam tudo. Compôs mais cinco musicas. Todas fazendo um grande sucesso. Ele era um dos maiores compositores que apareceram nesta década.

Um dia foi convidada para cantar para o Presidente da Republica no Palácio da alvorada. Foi sua gloria. Queria que seus pais estivessem ali com ela. Nunca pensou que entraria pela porta da frente. Seria respeitada por todos os artistas brasileiros. Decepção. Grande decepção. A data era da reunião com a Patrulha da Esperança. Não foi. Marco Vinício gritou com ela. Foi à conta. A união foi rompida. Pena. Ela precisa dele. Gostava dele como amigo e parceiro. Quem sabe voltaria?

Não voltou. Oito meses depois seu repertório já não fazia mais sucesso. Paciência. Ela poupou o suficiente para viver seus últimos dias de vida na terra. Resolveu comprar uma casinha a beira mar em São Vicente. Litoral paulista. Vivía lá olhando o mar. Ainda recebia aqui e ali alguns convites. Ela ia, gostava de cantar. Mas sempre só.

Solidão? Lembrava-se da frase de Clarice Lispector. “Minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem de grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite”.

Chegou dezembro. Tirou seu uniforme do baú. Lavou apesar de estar limpo. Nunca lavava em máquinas de lavar. Era com suas próprias mãos. Passou. Limpou a fivela do cinto. Antes de ir para o aeroporto, vestiu ele com calma. Olhava cada parte. Nada poderia dar errado. Claro, sempre fora e iria de uniforme. Adorava quando a reconheciam na rua, no saguão do aeroporto. Ainda mais com seu uniforme escoteiro. Partiu à tarde de avião para Rio Verde. No próprio aeroporto tomou um banho. Jantou. Esperou dar onze e vinte horas. Foi a pé. Não era longe. Uns trinta minutos a pé.

Todos aqueles anos, esta era à hora mais importante de sua vida, quando entrava no salão da sede, ela imaginava se não existia muito mais que este céu estrelado depois da vida. Encontrou alguns transeuntes. Não deu prosa, não dava. O tempo estava marcado. Sabia que devia chegar na hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Era um espetáculo a parte a chegada das cinco. Todas chegando à mesma hora. Um sorriso, abraços, aperto de mão esquerda. Forte. Como haviam aprendido. Afinal não se dizia que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la.

Capítulo VIII – Em algum lugar do passado

Eu não iria desistir. Não havia a menor possibilidade. Estava no meio da corda entre um lado e outro do riacho. Sempre fiz Comando Crawl com maestria. Nunca amarelei. Nem agora. Mas estava tremendo. Tremendo mesmo. Só faltava eu. Do outro lado vi Alcione rindo e gritando vai, vai! Gloria e Laura pulavam e diziam não desista! Sabrina e Verônica riam a valer. Afinal a culpa foi minha. Quem mandou desafiar a Patrulha Rios do Sul para aquele duelo? Eram seniores antigos. Não tanto como nós. Viemos juntas desde escoteira. Não entrou ninguém, não saiu ninguém. Nossa patrulha era a única das guias.

Fizemos a Rota Sênior com toda a patrulha. Necas de passar o bastão para outras que não sabiam do valor da Patrulha da Esperança. O nome da patrulha continuou na Tropa sênior. Na mesma época os Rios do Sul fizeram o mesmo. Só que menos de três escoteiros. Eram seis, mas três vieram depois. Como na tropa eram duas patrulhas havia uma disputa sem igual. Os seniores querendo ser machões e nós enfrentando o desafio. Nunca fugimos dele. Do outro lado do riacho eles gritando – Cai! Cai! E riam a valer.

Quando o chefe Romeu nos comunicou que não dava mais continuarmos como escoteiras, ficamos a semana inteira em reunião. O chefe Renato ficou menos de um ano e desistiu. Mudou de cidade. Assumiu o chefe Romeu. Não era tão simpático como o chefe Luciano. Não sabia de nossa historia. Mesmo com a chefe Roberta contando ele não dava muita bola. A passagem seria no mês que vem disse. Como não tem tropa sênior à rota seria feita de maneira diferente. Não éramos pata tenras em seniorismo. Tínhamos lido tudo que encontramos. Sabíamos o que era uma Rota Sênior.

Enfim, não havia como continuar como escoteiras. Não foi tão ruim assim. Foi divertido à disputa com a Patrulha Rios do Sul. Fizemos muitas atividades em conjunto. O respeito era a tônica entre nós. Mauricio o monitor não tirava os olhos de Laura. Ela se divertia. Toda vez que ele dizia algum respondia com um sonoro não. Interessante. Nenhuma de nós ainda não tinha namorado. Muitas colegas de escola estranhavam. E daí? Para que namorado? Iria é estragar nossas reuniões, nossos acampamentos e com os seniores seria pior. Nada de diversão escoteira.

Só uma vez em uma atividade nacional de Patrulhas, Sabrina foi paquerada por um pioneiro que veio da Alemanha a convite de nossos dirigentes. Ela gostou da paquera. Durou pouco. Quatro dias. Voltamos para Rio Verde e não sei se ela o esqueceu. Nossas reuniões no início eram mornas. Mesmo com a chefe Maria das Graças e com a ajuda do chefe Romeu, o programa deixava a desejar. Resolvemos mudar isso. Com cinco reuniões de patrulha e duas da tropa sênior as ideias apareceram.

Mauricio um dia não ficou satisfeito com um jogo de “queima espada”. Não aceitava que tivéssemos ganhado. – Foi sorte, dizia. Fiquei fura de raiva. O desafio para várias provas no campo. A chefe Maria das Graças não foi muito a favor, mas as duas patrulhas se entusiasmaram. Preparamos um acampamento de três dias. O primeiro uma jangada e descer o Rio Veloso e seguir com ela até a ponte da estrada de Rio Verde. Eles ganharam. Por dez minutos teríamos chegado primeiro. Paciência. O pior é que ganhamos quando todos tinham de subir e descer de uma árvore de oito metros por uma corda e descer usando o nó de evasão.

No terceiro dia pela manhã foi à vez do comando Crawl. Sinceramente achei que íamos perder. Mas as outras passaram com uma rapidez incrível. Só eu agora estava amarelado. Nunca isto não podia acontecer. Fechei os olhos para não ver a altura e fui em frente. Consegui. Gritos de urras, Palmas, abraços e beijos entre nós da Patrulha da Esperança. Agora era a vez dos Rios do Sul. Coitados. Mauricio foi o primeiro e caiu. Esborrachado nas corredeiras lá em baixo. Não se machucou. Escolhemos um local onde não tinha pedras.

Miltinho foi o segundo. Caiu também. Aí os demais amarelaram. Só o José Antônio atravessou. No final houve empate técnico em tudo. Melhor assim. Para dizer a verdade eu gostava muito da Patrulha Rios do Sul. Todas nós tínhamos muita amizade com eles. Fazíamos muito reuniões especiais. Cinema, museus, shoppings, e nunca fomos a nenhuma atividade distrital e regional ou mesmo nacional que eles não fossem também.

Já sabíamos que quando chegasse à hora, ou seja, a idade de dezoito anos, as duas patrulhas iriam juntas para pioneiros. Olhe, eu não gostava muito da ideia. Mas enfim. Como dizia o chefe Juliano no passado, este é nosso crescimento. Pena que não fomos lobinhas. O escotismo feminino tinha crescido muito. Já era uma potencia. O chefe Romeu um dia comentou que se continuasse assim logo, logo o numero das jovens ultrapassaria o dos jovens.

Todos na tropa sênior e guias sabiam de minhas qualidades como cantora. Diziam que eu tinha uma linda voz. Paulinho, um escoteiro sênior tocava violão maravilhosamente. Ficávamos junto cantando todas as canções escoteiras que conhecíamos. Um dia na porta de minha casa ele veio com seu violão e ficamos ali na varanda cantando. Nem notamos que muitos vizinhos se aproximaram. Cantamos outras musicas que estavam fazendo sucesso no momento. Muitas palmas. Assustamos. Eu ri, sabia que gostava disso.

Passamos a cantar quando as reuniões terminavam. Muitos ficavam conosco para nos ver cantar. Paulinho era magro, muito. Diziam até que era doente. Não sei. Mas como tocava violão. Era um mestre e olhe, tocava de ouvido. Eu gostava muito dele. Mas como amigo, nada mais. Ele ia sempre a minha casa e eu na dele. Aos domingos quando não estávamos em atividade, íamos à praça da cidade e ali ficamos cantando. Uma multidão se aglomerava e eu até que gostava daquilo.

Uma vez, e não esqueço, estávamos acampados na Várzea do Oleiro, e estávamos divertindo muito. Todas nós da Patrulha esperança. Estava com dezessete anos e Alcione mais a Gloria já com seus dezoito. A chefia insistia para começarmos o Clã. Foi neste acampamento que resolvemos dar início. Já havia mais duas patrulhas novas, vindas da tropa escoteira e de guias e porque não fazermos o Clã tão sonhado pela chefia?

Lembro que foi a noite, o Fogo de Conselho havia terminado. Chamei Paulinho para cantar mais um pouco. Ele sorriu e me disse que não podia. Não entendi por quê. Chegue próximo a ele e sua tosse que eu já havia visto aumentou. Em dado momento sua boca ficou vermelha. Ele estava tossindo e o sangue saindo. Levei um susto. Gritei alto chamando a todos e o chefe Romeu. Foi à última vez que o vi. Levaram-no ao hospital e sua família o embarcou para uma cidade no norte do país. Os médicos diziam que lá por ser clima quente ele iria recuperar com maior rapidez.

O tempo passou. Um dia encontrei sua mãe e ela me disse que havia falecido. Ela tinha os olhos marejados de lágrimas. E disse mais ainda – Olhe, ele morreu feliz, dizia que o escotismo foi uma verdadeira felicidade que aconteceu em sua vida. Mandou dizer a você que é uma grande cantora. Que você devia tentar a sorte em uma cidade grande. Eu estava chorando. Paulinho, Paulinho. Quantas saudades. Que falta você me faz. Eu o amava como um irmão. Naquela noite rezei por ele. Muito. Lagrimas sempre caíam quando me lembrava dele.

Passsei vários meses sem cantar. Só voltei cantar novamente quando o Clã já estava funcionando. Foi em um encontro pioneiro que realizamos em Cidade Nova. Muitos Clãs. Eles não nos entendiam. Claro, fizemos questão de manter as patrulhas. A Patrulha da Esperança e a Patrulha Rios do Sul mantiveram-se intactas. Foi à exigência que fizemos e aceita pelo chefe Romeu. Ele já sabia como éramos. E para dizer a verdade, funcionava com muito sucesso.

No mutirão Pioneiro conheci um pioneiro de Maria da Fé. Não era bonito. Ele me lembrava de Paulinho. Claro, era um grande violonista. O vi tocando para uma turma pequena a tarde do penúltimo dia do Mutirão. Aproximei-me. Conhecia a música que ela tocava. Comecei a cantar. Todos me olharam espantados, ele me olhou e sorriu. Disse – Continue. Você tem uma linda voz. Ficamos amigos. Claro difícil nos encontrar sempre Sua cidade ficava a mais de 250 quilômetros da minha. E olhe a cada dois meses ele vinha me visitar.

Até hoje não sei o que sentia por ele. Se uma grande amizade, se uma nostalgia por me lembrar de Paulinho, ou com um novo amor florescendo no meu coração. Mas não durou muito. O Clã estava se esfacelando. Alcione casou e se foi. Gloria também. Laura que pensei que nunca iria casar também casou. Só sobrou eu a Sabrina e a Verônica. Em uma bela tarde, não sei qual o motivo olhei a todas as minhas amigas e chorei. Não sabia francamente porque chorava. Talvez porque ao longe avistei um por de sol dos mais lindos que já tinha visto. Na semana seguinte Verônica morreu.

Meu coração estava morrendo. Perdi amigas que se foram. Perdi Verônica que amava muito. No fundo entendia. Elas mereciam ser feliz a sua maneira. Sabia que assim como Verônica, as três que casaram também seriam felizes para sempre. Agora era eu e a Sabrina. Não tinha mais motivação no Clã. Falei para a Sabrina. Ela

chorou. Chorou muito e não disse nada. Quase oito anos juntas. Quantas aventuras! Quantas alegrias, nós sabíamos que não ia terminar ali. O juramento já havia acontecido. Um juramento de sangue. Ninguém ia falhar.

Não sei se foi melhor assim. Mas eu me sentia sozinha em minha cidade. Rio Verde se tornou muito pequena para mim agora. Sem o escotismo, sem o Clã. E para piorar Sabrina também tinha ido. O que aconteceu com ela me deixou arrasada. Tinha de partir. Partir? Uma palavra que não se encaixava no meu cérebro. Nunca pensei em realizá-la. Sempre achei que não tinha coragem. O escotismo me deu vida, me ensinou a ser alguém, me ensinou a fazer fazendo. Mas partir? E meus pais?

Faremos promessas de nos encontrar mais vezes daquele dia em diante. Por fim, cada um vai para o seu lado para continuar a viver a sua vidinha isolada do passado... E nos perderemos no tempo...

Capítulo I – Em algum lugar do presente

Sabrina olhava o entardecer pela janela do Convento. Sempre o sol se pondo era um dia novo para ela. Sua mente quando o via amarelando, o vermelho aparecendo seus pensamentos se misturavam. Nunca teve dúvidas de sua vocação. Claro apareceu muito tarde. Quando deixou de frequentar as reuniões do Clã. Por vários meses ela não entendeu o que se passava. Não era dor. Quem sabe um sentimento forte. Sentimento que a fazia buscar nas estrelas qual seriam.

Sabrina nunca pensou em ser uma freira. Nunca. Ela gostava de rir, de dançar, de sair por aí. Namorados? Sim, existiram alguns. Nada sério. Não deixava que eles a tocassem. Nunca deixou até o dia... Ela não queria lembrar. Chorava quando os fatos vinham a sua mente. Ela sabia que não poderia esquecer. Afinal Sabrina adorava a todos. Sempre achou que não tinha inimigos. A cidade toda a conhecia. Quando voltava a visitar o Grupo Escoteiro todos sorriam para ela.

O chefe Romeu insistia para ela participar novamente. Desta vez poderia ser uma assistente da tropa. Ela disse que iria pensar. Infelizmente a hipótese não passava em sua cabeça. Olhava as meninas correndo no pátio, orgulhosas em seu uniforme e mesmo assim não se animava. Tinha uma dedicação extrema com seus estudos. Já tinha terminado todos que a sua cidade oferecia. Fez cursos de datilografia, de cabeleireira, de massagista, fez cursos mil.

Ali na janela do Convento das Mercês, Sabrina sorria. A vida vivida pelas detentas (risos) era de felicidade. Modo de dizer, pois entre elas e as noviças brincavam assim. Mas sabiam que poderiam sair à hora que quisessem. Não éramos muitas. Duas turmas com quinze cada uma. Não havia uma determinação de uma rotina obrigatória. Os vários tipos de trabalho realizados nunca e de maneira alguma servia de disputa entre uma turma e outra. Nunca foi uma comunidade contemplativa. Elas faziam pouco. Um trabalho educacional e até uma enfermaria eram mantidos no convento.

Também não era uma comunidade fechada. Seus pais sempre que quisessem a podiam visitar. Não recebia muitas visitas. No começo sim. Depois foram rareando. Das amigas da Patrulha da Esperança ela sabia que poucas viriam. Seu juramento dizia isso. Não eram obrigadas a não ser no dia marcado. Este sim era sagrado. Ela ajudava em uma pequena escola próxima ao Convento, dava aula de matemática. Algumas outras ajudavam em um asilo de velhos, e olhe um trabalho magnífico.

Sempre no carnaval se esmeravam para receber convidados no retiro espiritual. Ela gostava muito. Gente nova, quase ninguém que conhecia. Havia outras que se dedicavam a atividades eclesiais e bordavam para a igreja nas necessidades litúrgicas. Graças a Deus não havia ociosidade. Estavam sempre em movimento. Muitos anos se passaram para que se tornasse a Madre Superiora. Nunca desejou ser uma. Nunca foi monitora na patrulha. Nunca quis. Sempre achou que não tinha liderança suficiente para comandar.

Ela tinha em Suor Angélica seu exemplo. Nada a ver com a ópera de um só ato de Giacomino Puccini. Para ela, Suor Angélica fora um exemplo de vida. Leu muito também sobre a vida de Madre Igínia, superiora do Convento de Vicepelago. Não sei, mas a vida no Convento mudou muito depois que o Prior, frei Anastácio a escolheu. Disse-lhe que foi uma escolha do Vaticano. Não sabia e não importava. Ela tinha um grande amor pelas freiras. Para ela eram irmãs do coração. Sempre a procuravam, ficavam conversando horas no jardim do convento.

Suas rotinas eram simples. Levantavam às cinco da manhã, e na capela rezavam a prece matinal. Pela manhã cada uma se dedicava ao seu trabalho comunitário. Ela, mesmo com a idade ainda lecionava no Lizeu. Todos lá gostavam muito dela. Dificilmente apareciam noviças. Pareciam mais a Patrulha da Esperança. Não havia noviças. (risos). Deixava que dentro do Convento seus hábitos fossem simples. Todas vestiam simplesmente e só quando saíam é que a responsabilidade de estar com o hábito impecável.

Sua ordem pertencia as Irmãs do Bom Socorro. Visitas das mães de outros conventos eram raras. Lembrava-se do dia que procurou a Madre Lavínia. Ela tinha um coração de ouro. Conversou com ela por horas. Contou tudo. Não podia esconder. Disse a ela que não era o motivo único por decidir amar a Jesus. Ela tinha

resolvido que só a ele entregaria seu coração. Madre Lavínia a ouviu por muito tempo. Não fez em tempo algum um comentário que pudesse servir como censura ou a magoasse.

Nos primeiros anos foi difícil. Principalmente quando se aproximava dezembro. Madre Lavínia sabia e tinha autorizado. Nunca faltava a reunião da Patrulha da Esperança. As demais freiras queriam saber o que era reunião, como era feita, e o que se conversava ali. Ela nada dizia. Apenas sorria. Uma lenda começou a se formar a seu respeito. Lenda que se espalhou em conventos de todo o país. Um dia o Prior a procurou. – Olhe dizia – você tem um encontro com o Papa! Imagine? Eu? Pensou ela. Não acreditou.

Você mesmo. A lenda que falam de você, e até que faz milagres correu o mundo. O Papa quer te conhecer. Ficou pensativa. Sabia da lenda, não era verdade, não era milagreira. Nunca foi. Ouve alguns casos. Uma menina que não podia andar. Suas muletas quebravam em frente ao convento. Correu para ajudar. Ela a olhou e chorou. Ficou em pé. Abraçou-a e saiu sorrindo andando e gritando – Madre Sabrina! Madre Sabrina me curou!

Correu até ela. Disse que não tinha feito nada, foi Deus. Deus e Jesus. Ele era seu instrumento. Ela não podia ser. Era uma pecadora. Não podia fazer milagres. Mas não adiantou. No dia seguinte uma multidão em frente ao Convento. O que fazer? Ligou para o Prior. Ele a aconselhou a sair, e chamar todos para rezar. Ali mesmo. A capela era pequena. Dizem que naquele dia uma aureola branca e azul plantou-se acima de sua cabeça. Ela não viu nada.

A lenda correu, uma fama se criou. Todos os dias ela tinha de sair até o pátio do Convento e rezar com a multidão. Mais pessoas gritavam. Dizia estar curados. Incrível. Não podia ser ela, pensava. Nunca. Não contou sua história que quando pioneira conheceu Almerindo. Um rapaz lindo, simpático e educado. Convidou-a para sair. Foi. Deu a ela uma bebida estranha e desmaiou. Acordou toda machucada. As roupas em frangalhos. Tinha sido estuprada. Chorou muito. Gritou alto, não de dor e sim de vergonha. Almerindo não precisa ter feito aquilo. Machucou-a. Por dentro e por fora. Feriu fundo seu coração.

Muitos rapazes quando a viam sorriam. Não diziam nada ela ficou sabendo que não foi só Almerindo. Foram mais de dez. Meu Deus! Meu Deus! Dizia. Mataram-me e ela pensava que ia morrer logo. Mas algum aconteceu. No dia que comprou uma lata de veneno para rato, pois decidira acabar com sua vida, não teve coragem. Uma voz dizia – Vá, acabe com sua vida miserável. Todos na cidade irão rir de você. Eles irão chamá-la de puta, cachorra, vaca, sem vergonha. Melhor partir para um mundo novo!

Outra voz, mais calma, mais amena falava o contrário. Deus te ama. Jesus te ama. Isto estava escrito. Teria que ser assim de uma maneira ou de outra. Conforme-se e parta para outra. Você sabe o que deve fazer. Ela não sabia. Mas isto foi em dezembro. No dia certo vestiu seu uniforme e foi para a reunião da Patrulha da Esperança. Quando ela terminou já tinha decidido o seu destino. Não havia volta. Seus pais não foram contra. Gostava deles. Sempre a apoiaram.

Desde o primeiro dia no Convento ela se sentia bem. Como escoteira adorava o por do sol. Muitas vezes também o nascer do sol. O poente e o nascente. Olhava ele admirada. Via Deus ali, seu coração enchia-se de júbilo. O Convento ficava próximo à cidade de Monte Alegre. Da janela do seu quarto via a montanha à longe. Ela sentia uma nostalgia. Vontade de colocar uma mochila, pegar uma bandeira e partir. Partir? Para onde? Ela ria. O tempo não volta atrás. E nem podia. As brumas do tempo são feitas só para lembrar.

O tempo passou. Seus setenta e quatro anos fora festejado com uma missa rezada pelo Prior. Achou linda a missa. No altar notou alguém ao seu lado. Ela sorria. Não era possível. Era Verônica! Sorriu para ela, e ela lhe deu o Sempre Alerta. Em pose de escoteira. Ela estava de joelho se levantou e disse: Sempre Alerta Verônica! Todos ali presentes se espantaram. O Prior olhou-a de soslaio procurando. Claro não viu ninguém. Sorriu para Verônica. Ela lhe deu um até logo e lhe desejou mil felicidades. – Eu espero você lá. Você sabe onde! E partiu.

Todos os anos não importavam se com chuva ou sol, Verônica aparecia. Fazia o mesmo. Sempre Alerta e feliz aniversário. Agora ninguém mais se espantava. O Prior sorria. A multidão cada dia aumentava. Aprendeu a conviver com isso. Seu amor por Jesus se espalhou por todos que participavam da multidão. Não fazia gestos. Mas sempre alguns dizendo que voltaram a enxergar, a andar e diziam sentir-se curado de suas doenças. Não eram todos. Alguns não conseguiram. Desígnio de Deus. Destino. Coisas de vida passada.

Seus milagres correram mundo. Monte Alegre cresceu com a vinda de turistas e daqueles que queriam se curar. A imprensa não dava trégua. Todos querendo uma entrevista. Orientada pelo Prior aprendeu a conviver com isso. Por mais que tentassem sempre respondia que ela não fazia nada. Não era ela, se fosse verdade era a mão de Deus. Só ele pode curar. Agora estava difícil sair do convento. Deixou de lecionar. Uma multidão sempre a seguia. No mês de dezembro quando saía para viajar a Rio Verde para a reunião da Patrulha da Esperança, tinha que sair escondida.

Até em Rio Verde sua fama tinha alcançado a ponto de não poder andar em sua cidade onde nasceu. Sempre quando lá estava uma multidão se formava em frente sua casa. Sempre chegou cedo para estar com sua mãe que ainda vivia. Beirando os noventa anos, adorava sua visita. Dizia que ela dava força a ela. Lídia uma jovem que ajudava, sempre estava com ela. Seu pai havia morrido há muitos anos. Estivera em seu enterro. Não chorou. Ela o viu sorrindo perto da sua mãe. Disse-lhe por sinais que estava ali. Ela sorriu e fez o mesmo. Sua mãe me perguntou o que era. Explicou. Ela sorriu.

O incrível aconteceu. Ao ir a Igreja das Mercês, em uma missa das seis da tarde, Almerindo estava de pé, com os outros estupradores na porta da igreja. Ajoelharam-se. Almerindo falou chorando. - Madre Sabrina me perdoe. Eu fui um satanás. Nunca mais dormi tranquilo. Minha vida se tornou um inferno. Foi até ele, colocou a mão em sua cabeça e o abençoou. Ele ficou em pé e a abraçou soluçando. Nunca teve ódio por ele. A dor que sentia antes agora se transformava em compaixão. Ele com os amigos a acompanharam até a igreja. Naquele dia ela ficou cheia. Todos queriam vê-la.

O Prior disse que ela devia viajar na metade do mês de dezembro. O Papa queria que ela passasse o natal no Vaticano. Era seu sonho. Sempre sonhara em ir várias vezes. Pensava como seria a Basílica de São Pedro, os Jardins do Vaticano, a Praça de São Pedro onde diariamente se reúnem milhares de fieis. Já pensou? Conhecer a Capela Sistina? Ver o que Michelangelo, o artista do Renascimento Italiano e seus pincéis fantásticos fizeram? E conhecer o Museu do Vaticano, a Biblioteca Vaticana e o Palácio Apostólico? Seria um sonho completo nunca imaginado. Claro, ela não deixaria de visitar o Castel Gandolfo, as Basílicas maiores de Santa Maria Maior, São João de Latrão e São Palo Extramuros.

O que? Dezembro Prior? Perguntou. Sim, recebi hoje uma carta de Roma. Pensou bem e claro, sabia que não podia ir. Ele lembrou-se de tudo que ela contou quando iniciou sua entrada no convento. Ele ficou perplexo. - Olhe disse – Suas amigas irão entender. Elas saberão que é um pedido do Papa. Afinal é uma honra não acha? - Claro que sim, mas não podia ir. Ele se assustou.

Vai mesmo negar o pedido do Papa? Ela disse que sim. Vou escrever a ele. Vou explicar tudo. Ele vai saber da sua promessa e do seu juramento. Nunca por motivo nenhum deixaria de participar da reunião da Patrulha da Esperança. Ele sorriu. Entendo. Vou escrever a ele junto com sua carta. Tenho certeza que vai compreender. Mas olhe, não sei quantos milhares de Freiras dariam tudo para estar em seu lugar.

Ela estava de frente ao espelho. Sexta feira. Dia dezoito de dezembro. Dia da Reunião da Patrulha da Esperança. Viu que as rugas aumentaram. Elas aumentavam a cada ano. Não se importava. Não era mais aquela que se preocupava com a aparência. Tirou seu uniforme do armário. Tinha ordens do prior para usá-lo naquela ocasião. Ele sabia disso desde que entrou para o convento. Olhou a blusa, nova ainda, a saia agora um pouco mais comprida do que era antes (risos). O meião em perfeito estado. O cinto brilhando. O couro perfeito. O lenço ela fazia questão de dobrar a moda escoteira. Sempre fez isso desde que o chefe Luciano as ensinou quando iniciaram na Patrulha da Esperança.

Pegou o ônibus das cinco. Eram menos de três horas de viagem. Daria tempo de passar em casa de sua mãe (agora não falava mais). Ainda andava mesmo claudicando. Estava de uniforme. Claro. Orgulhava-se dele. Sempre se orgulhou. Fazia questão de que todos a vissem. A Madre Superiora é escoteira? Sou sim dizia. Com muito orgulho. Sua mãe como sempre sorria. Vizinhos acorriam querendo a tocar. Sempre fora assim todos os anos. Onze da noite, onze e vinte, onze e quarenta. Hora de ir. Menos de quinze minutos até a sede.

Todos aqueles anos, esta era à hora mais importante de sua vida, quando entrava no salão da sede, ela imaginava se não existia muito mais que este céu estrelado depois da vida. Sabrina sabia que sim. Encontrou alguns transeuntes. Não a reconheceram. Melhor, não podia parar. O tempo estava marcado. Sabia que devia chegar na

hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Era um espetáculo a parte a chegada das cinco. Todas chegando à mesma hora. Um sorriso, abraços, aperto de mão esquerda. Forte. Como haviam aprendido. Afinal não se dizia que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.

Capítulo X – Em algum lugar do passado

Era um dia de festa no Grupo Escoteiro. Chefe Luciano estava recebendo sua Insígnia da Madeira. Seu sorriso era contagiante. O primeiro do grupo a conseguir. Eu sempre gostei do chefe Luciano. Sentia-me protegida com ele. Se não tivesse um pai maravilhoso como o meu ele seria meu segundo pai. Fizemos uma canção para ele. Milena cantava com sua voz de ouro. Pedrinho acompanhava no violão. Toda a patrulha participou. Milena fez questão de nos treinar muito. Ficamos horas e horas em casa de Gloria. Até a mãe dela e o pai aprenderam.

A canção dizia mais ou menos assim, “Eu sei que um dia você vai voltar a Giwell, pois você sabe que lá é o lugar de aprender. À noite, vais olhar as estrelas e elas lhe mostraram a face de Baden Powell. Seu coração irá encher de alegria. Viver o escotismo você vive e sabe que nossos corações estão com você. Volte sempre a Giwell. Traga para nós seu saber. Nós te amamos chefe Luciano”. Ele não aguentou quando cantávamos e chorou. Foi aplaudido por todo o grupo. Já éramos mais de cento e vinte jovens.

No ano seguinte Chefe Luciano foi embora. Seus pais moravam em outro estado e precisavam dele para tocar algumas fábricas que possuíam. Chefe Luciano era o único homem da família. Todos nós fomos à estação despedir dele. Interessante. A estação estava cheia, a cidade em peso foi também. Ele dentro do vagão chegou à janela e disse – Eu voltarei sempre. Sabem que amo vocês. Nunca na minha vida irei esquecer os momentos felizes que ficamos juntos. O trem partiu. Nós da Patrulha da Esperança corremos junto ao vagão que ele estava. Mas o trem foi mais rápido. Um apito alto e o trem sumiu com ele na curva do destino.

Quando passamos para a tropa de guias não me entusiasmei muito. Pensei até em sair do grupo. Mas não o fiz. Amava minha patrulha. Nunca iria abandoná-la. Quando participamos de uma excursão longa, de mais de quinze dias de duração, vibrei com tudo. Fomos nós e a Patrulha Rios do Sul. Chefe Romeu também foi. Ficamos mais de um ano fazendo de tudo para termos o valor necessário para a viagem. Milena tomou coragem e participou de um concurso na radio Cidade Nova e ganhou. Doou tudo para a patrulha.

Fizemos uma quermesse na sede. Uma barraca de pescaria, uma barraca da bola de pano e nossas mães fizeram salgadinhos e doces. Os Ventos do Sul também fizeram o mesmo. Com um mimeógrafo velho do Sr. Antonino tiramos cópias e pedimos a todos os jovens do grupo que levassem aos seus pais. Não foi uma grande presença, mas a quermesse deu resultado. Agora faltava pouco. Ainda tínhamos seis meses para conseguir o resto. Conseguimos com um trabalho que o prefeito da cidade relutou em dar para nós. Manter duas praças limpas por três meses. Pagou a cada uma dois salários mínimos por três meses.

Valeu. Já tínhamos tudo que precisávamos. Emprestamos a juro módico o que sobrou para a patrulha esperança (nunca nos devolveram. Risos). As férias de julho chegaram e com ela a data da partida. Rumo? Belém do Pará. Longe, muito longe. Mais longe ainda era o final da jornada. Manaus. Uma aventura. Quatro dias de viagem de ônibus até Belém. Depois mais quatro até Manaus de barco. Nos dois primeiros dias tudo era festa. Depois o corpo doía. O sol quente e mesmo o ar entrando pelas janelas o calor era insuportável. Tiramos o lenço e ficamos com a camiseta do grupo. Em todas as paradas onde dava tempo, corríamos até a toalete e tomávamos um banho.

Finalmente chegamos a Belém. Uma linda cidade. Eu não esperava tanto. Amei tudo que vi. Andamos pela cidade e no primeiro dia já que embarcaríamos somente no segundo fomos pela manhã ao Mercado ver-o-peso. Lá tomamos suco de cupuaçu, comemos açaí com camarão. Uma delícia. À tarde o chefe nos levou a Estação das Docas. Uma beleza. Pessoas se apresentando e cantando musicas nordestinas. Ainda aproveitamos para ir até a Praça da República. Linda a praça, mais linda ainda ficou quando encontramos lá vários escoteiros e escoteiras, em um grande jogo. Pararam para nos cumprimentar.

No dia seguinte, uma quarta feira, lá pelas nove da manhã, embarcamos para Manaus no Barco Catamarã. Compramos as passagens mais baratas. Íamos dormir nas redes. O barco alugava. Achamos lindo dormir nas redes. Isto no primeiro dia. Não era fácil. As costas doíam horrivelmente. Não dava para virar de lado. A noite uma brisa fria cortava a rede por baixo. No segundo dia foi mais fácil. O sono era grande. Mas acreditem a viagem era linda. A floresta tomava conta das margens e várias vezes ao dia cruzávamos com outros barcos. Era uma festa. O apito de cada barco fazia um barulho tremendo.

O rio Amazonas era belo. Tinha visto filmes e fotos. Mas ali no Convés, era um espetáculo imenso. Acordava cedo. Adorava ver o sol nascer. Algumas vezes de um laranja forte, diferente de tudo que tinha visto antes. O barco ali era o principal meio de transporte dos moradores da floresta. A vida da população regional só usava esse tipo de embarcação. Não havia estradas e muitas vezes nem aeroporto. Sabíamos que o principal porto da região era em Manaus. Os principais pontos partiam de lá. As viagens, dependendo das cidades duram vários dias e costumam ser animadas com festas ao som de música ao vivo.

Um pequeno conjunto de músicas folclóricas tocavam todas as noites no convés. Milena fez amizade com todos eles. Ela ficava horas cantando. Os embarcados adoravam a voz de Milena. Mas tudo que é bom dura pouco. No domingo pela manhã chegamos a Manaus. Um verdadeiro espetáculo. Centenas ou milhares de barcos cruzavam de norte a sul e muitos “apoitados” aqui e ali. Chefe Cabral estava a nossa espera. Já sabia de nossa chegada. Ele e o chefe Romeu eram conhecidos de longa data.

Fizeram um curso junto em São Paulo. Encontraram-se outras vezes em atividades nacionais. Um chefe simpático. Estava acompanhado de duas guias e dois seniores. Todos eles impecavelmente uniformizados. Levaram-nos para a sede do Grupo Escoteiro. Bem central. Havia um local onde recebiam visitantes. Duas construções rústicas, com quartos e banheiro. Havia também vários colchonetes. Ao chegarmos ao Grupo Escoteiro, uma festa. Centenas de meninos nos esperavam. Convidaram-nos para uma cerimônia de bandeira. Disseram que enquanto estivéssemos lá ficaria hasteada. Tinham holofotes especiais.

Muito divertido todos os dias que passamos em Manaus. Linda e Isabel as guias, Marquinhos e Leo os seniores nos acompanharam em vários lugares. Fomos a Presidente Figueiredo, uma linda cachoeira e em volta a floresta amazônica. O porto flutuante ficava a margem esquerda do Rio Negro. Projetado por ingleses no passado, possuía um cais fixo e vários flutuantes. Um belo espetáculo. Mas o que marcou mais foi no Encontro das Águas. O fenômeno é resultado da junção das águas escuras do Rio Negro com as águas barrentas do Solimões.

Olhem. Eu nunca pensei que pudesse fazer essa viagem. Marcou e marcou mais quando os Seniores e as Guias nos convidaram para visitar a Aldeia Água Bonita. Mais de 200 índios vivendo harmoniosamente. Vivem do artesanato, venda de sementes e danças. Os temas indígenas sempre me atraíram. Foi lá que fizemos nosso juramento. Os índios apresentaram uma dança folclórica e todos nos adoramos. Ao terminar, uma lua enorme apareceu por detrás da floresta. Marquinhos convidou a todos nós entrar na floresta e ir até o Vale das Mil Faces.

Um local maravilhoso. Bem perto da aldeia. Andamos por uns dois quilômetros dentro da mata e chegamos ao sopé de uma montanha com uma vista sem igual. A lua cheia com seu esplendor fazia com que a vista alcançasse a floresta de uma maneira esplêndida! Ficamos ali maravilhados. Olhando aquela vista maravilhosa. Meus olhos encheram-se de lágrimas. Alcione, Gloria, Laura, Verônica e eu chorávamos a cântaros. Demos as mãos, nos abraçamos e Alcione nos convidou para fazer um juramento de sangue.

Cortamos um pouco acima do pulso direito de cada uma com a ponta da faca que usávamos. O sangue saía calmamente. Cada uma misturou seu sangue na outra. Nos abraços e demos nosso grito. Olhamos para o alto e juramos que nunca mais iríamos nos separar. Gloria emendou e disse – Uma semana antes do natal, não importa o dia ou onde estivéssemos as onze e cinquenta e cinco da noite encontraríamos na porta da sede. Lá dentro iríamos jurar novamente. Muita coisa mudou quando entramos na sede. Um segredo que prometemos levar para o tumulto.

Quando passamos para o Clã como pioneiras, cumprimos nosso primeiro ano da reunião da Patrulha da Esperança. Ela continuou e nunca mais foi esquecida por nenhum de nós. Os seniores e as guias de Manaus nos olhavam de olhos abertos sem entender nada. Perguntaram-nos se era algum ritual que fazíamos sempre. Rimos. Não nada disso. Foi espontâneo. Estamos juntas há muitos anos. Sempre com a mesma patrulha. Um amor eterno. Difícil de entender para quem não é escoteira.

Foi uma viagem que marcou. Ficou na história da Patrulha da Esperança para sempre. Quando acampávamos, quando o Fogo de Conselho terminava, sentávamos todas nos e deitadas na relva, lembrávamo-nos de tudo principalmente do Vale das Mil Faces. Sabíamos que nunca mais iríamos esquecer. Uma noite choramos. Uma tristeza enorme. Verônica tinha ido a capital fazer exames. Sentia dores no peito. Ficou lá quase dois meses. Voltou sorrindo. Disse que estava boa. Não acreditamos.

Passei para pioneira. Um dia Verônica não apareceu na reunião. Uma reunião seca. Sem graça. Sem Verônica nada tinha graça. Já sabia que Laura ia se casar e partir para o Rio Grande do Sul. Breve Alcione e Glória também. Um nó se formava em minha garganta. Agora Verônica não veio. Terminou a reunião e fomos a casa dela. Não estava. Tinha embarcado de manhã para São Paulo. Tentariam uma operação impossível. Câncer no útero.

Fomos todas nos para o coreto da praça. Ali ficamos até nossos pais nos procurarem. Não conversamos. Sentadas olhávamos para o céu e pedíamos a Deus por Verônica. Não adiantou. Verônica morreu três meses depois. Não aguentei quando do seu enterro. Nenhuma de nos aguentou. Mas os pais de Verônica não choravam. Vieram até nos e nos abraçaram. A mãe nos disse que não devíamos chorar. Verônica não iria gostar. Onde ela estava, estava feliz. Muito. Queria que torcêssemos por ela.

O que é a vida. O que é uma amizade. Lembrei-me de Fernando Sabino. Ele dizia que o valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis. Verônica foi assim. Mas não era fácil para nós. Fora uma amizade incrível. Sabíamos do seu valor. E ele aumentou mais ainda quando a perdemos. Sabia que a amizade desenvolve a felicidade e até reduz o sofrimento. Ela poderia duplicar a nossa alegria e dividindo a nossa dor.

Estrelinhas...
Doces, sensíveis, frias, ternurentas...
Mas sempre presentes em qualquer parte
as donas da Amizade...

Capítulo XI – Em algum lugar do passado e do presente

Difícil falar de Verônica. Vários escritos sobre ela foram encontrados nos livros da patrulha. Eram mais de vinte. Histórias fantásticas ali escritas. Quanto mais líamos mais nos emocionávamos. Nas atas que Verônica escreveu vimos como sentia todo seu amor pelo escotismo. Alcione, Gloria, Laura, Milene e Sabrina só a conheciam na Patrulha da Esperança. Contaram pouca coisa. Não dormiu quando fez a Promessa Escoteira.

Era uma sonhadora. Fazia planos. Muitos. Dava ideias e planejava quase todas as atividades da patrulha e da tropa. Nota-se que sua letra era arredondada. Muito bonita. Disseram uma vez que quando a letra é posicionada na vertical, a pessoa era uma pensadora. São lógicas, analíticas e acreditam na lealdade. Pensa antes de falar, e muito mais para agir. Era uma rocha durante as crises. Era assim a letra de Verônica. Procuramos sua mãe. Ela tinha um rosto angelical mesmo com seus 90 anos bem vividos. Nada parecia uma senhora com aquela idade. Falou muito de Verônica. Acreditamos em tudo.

Desde pequena gostava de ajudar os outros. Foi crescendo e pedindo a mãe pacotes de arroz, de macarrão, lata de óleo e levava até a casa de dona Etelvina. Ela não tinha marido. Uma penca de filhos. Lavava roupa, mas ultimamente andava muito mal. Tentava a todo custo fazer uns exames que o medico do pronto socorro pediu. Não havia vagas. Disseram a ela que a chamariam. Pediram seu telefone. Ela não tinha. Não sabiam como avisar. Que ela passasse no pronto socorro uma vez por mês. Isto tinha acontecido ha seis meses atrás.

Cada dia ela piorava. Verônica comentou com a Patrulha da Esperança. Todos se condoeram com dona Etelvina. Combinaram de juntas irem até a Prefeitura Municipal. Iam falar com o prefeito. Ninguém ligou para elas. Voltaram no outro dia de uniforme. Disseram para falar com o assistente do secretário de Saúde. Sabiam que ele não resolveria nada. Mesmo assim o procuraram. Explicaram. Dissera que não era fácil conseguir marcar para ela os exames. Ela precisava esperar.

Uma semana depois Dona Etelvina morreu. Verônica ficou inconsolável. Combinou com a Patrulha da Esperança e elas ficaram uma manhã inteira na porta da prefeitura com cartazes, que diziam – Para que Pronto Socorro? Para que Posto de saúde? Dona Etelvina morreu. Quem é o responsável? O prefeito viu aquilo e não gostou. Pediu para elas entrarem em seu gabinete. Pediu desculpas. Não sabia. Demitiu o secretário de saúde. Jurou que nunca mais tal fato aconteceria de novo.

No Grupo Escoteiro não houve reprimendas. Houve sim uma ovação pelo que fizeram. Verônica não deixava de ajudar ninguém. Quando via alguém a pedir ajuda ela estava lá. Claro, a Patrulha da Esperança era um baluarte. Sempre juntas com ela. No bairro do “Vai Quem Quer” não era lugar para meninas. O nome dizia tudo. Mas verônica soube que havia diversas “mulheres da vida” em condições miseráveis e doentes do pulmão. De novo na prefeitura, de novo o prefeito prometendo mundos e fundos. Ela esperou uma semana.

Foi lá com a Patrulha da Esperança em uma terça à tarde. Vazia a rua. Lixo para todo lado. Não viu nada. Perguntou a uma das mulheres se apareceram médicos, serviço de limpeza e nada. Voltaram à prefeitura. O prefeito foi com elas pessoalmente. Levou mais cinco secretários. Deu ordens. Um posto de saúde seria construído naquele terreno e aquela montanha de lixo limpar até o dia seguinte. Mandou que duas assistentes sociais ficassem em trabalho constante junto às mulheres.

Era assim Verônica. De tanto ajudar por diversas vezes a procuravam em sua casa. Sempre duas ou três pessoas. Nunca deixou de ouvir ninguém. Treze anos. Uma menina. Agora uma benfeitora. Verônica amava o escotismo. Amava sua patrulha. Uma preocupação com seus estudos. Eles vinham em primeiro lugar, mas fora da escola sua mente estava voltada para as atividades, acampamentos, excursões, enfim tudo que envolvia a Patrulha da Esperança.

Interessante. Nunca ninguém da patrulha ficou sabendo e se ficou não disseram nada. Verônica tinha visões. Sim, ela via pessoas que já tinham desencarnado. Lemos em um dos seus escritos que deixou no livro da patrulha. A princípio assustou-se. Teve medo. Falou com sua mãe e ela a mandou rezar. Reze, é bom. Vai ver que você não vai ver mais. Mas não adiantou. Agora era mais frequente. Na rua, na sede, nos acampamentos. Em todos os lugares.

Nenhum deles poderia lhe fazer mal. Mas tinha uns com rostos horrendos. Feios mesmos. Houve uma época que ficou assustada. Uma menina de uniforme de lobinha. Chorava, pedia para ela a levar até sua mãe. Um susto para Verônica. Resolveu falar com a menina. Ela disse seu nome e o nome de sua mãe. Ela deu o telefone. Era de outra cidade. Ela ligou. Na época uma ligação cara. – Sua filha fala comigo sempre. Pede para você não chorar sua falta. Ela precisa crescer mais onde está. Não pode. Está sempre voltada para você.

Um silêncio do outro lado. Alguém pegou o telefone e gritou! – Porque faz isso! Já não basta nossa dor? Foi ela quem pediu – disse Verônica. Falou que estava com a Vovó Dinha. Ela tomava conta dela. Um silêncio e de novo a mãe falou. Meu Deus! Diga que nos ha amamos! Muito! – Ela sabe disso falou Verônica. Disse que vai mandar uma carta. Não sei como. Se for comigo envio para vocês. No dia seguinte Valquíria apareceu de novo. Disse que fora lobinha. Adora sua Alcateia. Mas um nó na traqueia a matou há um ano.

Pediu a Verônica que escrevesse. Escreveu. Mandou para o endereço que Valquíria deu. Cinco dias depois os pais bateram em sua porta. Olhos marejados de lágrimas. Agradeceram. Verônica os mandou entrar. Explicou a sua mãe o que houve. Valquíria está aqui ela disse. Choro compulsivo da mãe. Ela disse para não chorar. E para vocês tirarem tudo de quarto dela e dar de presente para a família do seu Laudivino. As filhas dele irão agradecer. Agora ela não iria usar mais. Ela manda um beijo grande no pescoço da mãe. Era assim que fazia quando viva. E para o Papai um abraço no joelho. Choros de ambos, agora de alegria.

Foram embora agradecendo e beijando a mão de Verônica. Ela não queria. Valquíria nunca mais apareceu. Uma sucessão de casos de pessoas desencarnadas começou. O tempo de Verônica não dava para atender a todos. Uma senhora linda, de cabelos brancos um dia apareceu e disse para ela. - Não se preocupe. Faça o possível. É bom saber que seu tempo na terra está acabando. Você sabia disso quando aceitou voltar. Estaremos aqui para receber você. Não entendeu nada. Não conhecia essa senhora.

Verônica deixou escrito que quando estava junto a Patrulha da Esperança ela esquecia tudo. Não via ninguém. Por isso ela amava a patrulha e as atividades que desenvolviam. Um dia procurou as amigas da patrulha. Disse a elas que breve iria morrer e elas daqui a muitos anos. Nenhuma com menos de oitenta anos. Só ela iria partir mais cedo. Que elas não se preocupassem. Iria arrumar uma casinha lá no céu e todas iriam morar juntas para sempre. A patrulha riu espantada.

Uma semana antes de ir para o hospital ela procurou Sabrina. Contou a ela que teria menos de dois meses de vida. Que Sabrina não se preocupasse. Estava escrito nas estrelas. Sabrina não se conformou. Pediu que ela não brincasse assim com ela. Verônica riu. Mas tudo aconteceu conforme ela predisse. Ninguém na patrulha se conformou. Ela em sonhos visitou a noite todas as amigas. Pediu para não chorar. - Chorar não é bom, disse em sonhos. Poucas levaram a sério o sonho. Só Sabrina.

O enterro de Verônica foi triste. Não foi assim que ela queria. Muitos chorando. O Grupo Escoteiro em peso. Outros do distrito também. Uma multidão se fez presente. Muitos sabiam que ela era uma vidente. Foram lá para ser abençoados. Verônica já não estava ali. A senhora que apareceu para ela um dia lhe chamou e pediu para acompanhá-la. Verônica viu um rastro de luz. Brancas, azuis, verdes. Entrou no centro do raio e foi transportada para uma cidade linda.

Sabrina a viu quando ela se despediu de todas. Sabrina sorriu. Deixou escrito no livro da patrulha que sabia que Verônica iria partir. Não quis comentar com ninguém. Alcione sempre fora inconsolável com a partida de Verônica. Não se conformava. Todas as outras também não. Só aceitaram quando...

Por isso, fica aqui um pedido deste humilde amigo: não deixes que a vida passe em branco, e que pequenas adversidades sejam a causa de grandes tempestades...

Capítulo XII – Em algum lugar do presente

A noite não estava escura. Uma pequena lua crescente ajuda a clarear aqui e ali. As estrelas no céu brilhavam. Uma delas se destacava. Poucos na cidade tinham observado. Era uma estrela brilhante, que se movimentava para frente e para trás. Bem maior que as demais. Só a Patrulha da Esperança sabia. Conheciam a estrela. Desde a primeira reunião ela se destacava. Cinquenta e seis anos haviam se passado. Cinquenta e seis reuniões. Uma vida. Nestes anos todos ninguém faltou. Ninguém. Tempestades, vida difícil, doenças nada as impedia de se reunir.

A pequena praça em frente à sede estava vazia. Claro. Mais de onze da noite. Ninguém se arriscaria nem mesmos os namorados mais tenazes. A praça dos escoteiros sempre trazia boas lembranças para a Patrulha da Esperança. Ali no passado puderam conversar, ali puderam se conhecer. Ali juraram fidelidade eterna. Ali se despediram e ali se encontram todos os anos.

Alcione se aproximava da praça. Andava devagar. Não havia pressa. Ainda tinha alguns minutos. Os olhos brilhando. A saudade batendo, o coração descompassado a espera de um abraço de vários abraços. De matar as saudades. Como era bom esse dia. Não havia para ela maior felicidade. Posicionou-se em frente à sede. Ficou em posição de descansar, olhar fixo na praça. Sempre fora assim todos os anos. Era ela quem recepcionava.

Gloria viu Alcione de longe. Todos os anos era assim. Gloria sorriu. Seu pensamento estava focado nas amigas que iriam chegar. Sabia que ninguém faltaria. Olhou para o céu e viu que a estrela estava lá. Seus passos eram firmes apesar dos seus setenta e seis anos. Todos esses anos ela guardava para sim as alegrias de estar junto a todas. Sabia que um dia alguém não viria. Sabia. Verônica já tinha prevenido. Mas ainda tinham alguns anos pela frente.

Laura sorria. Já avistava Alcione em sua pose de monitora, a esperar a Patrulha da Esperança. Olhou para o céu e viu a estrela brilhante. Riu de novo. Não faltaria nunca. Todas nunca faltariam. A dor que sentiu quando chegou a Rio Verde diminuiu. Agora estava sã. O momento mais importante. Um ano sem vê-las. Queria correr, mas se conteve. Não era assim a tradição.

Milena sorria e cantarolava baixinho. Não cantavam a canção da despedida na reunião. Nunca cantaram. Mas agora ela cantava. Bem cedo, sob a estrela brilhante, tornaremos a nos ver. Risos. Ela sabia. Não era assim a letra. Mas a estrela a acompanhava e ela sabia. Sempre a acompanhou. Era como se fosse um bálsamo para as horas difíceis. Avistou Alcione. Sempre impecável em seu uniforme.

O pensamento de Sabrina se misturava. Era sempre assim. Todos os anos ela se debatia com o que via e sua fé na Igreja que pertencia. Não podia ser as duas coisas? Agora essa de milagres. Será que foi escolhida por Jesus? Sabrina olhou para o céu. Lá estava ela. A estrela brilhante. Só dois anos depois soube que ela a acompanhava por toda a vida. Nos dias da reunião da Patrulha da Esperança ela se destacava no céu. Viu Alcione em posição em frente à sede. Acelerou os passos.

Todas chegaram ao mesmo tempo. Onze e cinquenta e cinco. Em cima da hora. Nem um minuto mais nem um minuto menos. Formaram-se na patrulha. Alcione cumprimentou a todas. Um aperto de mão esquerda forte. Um aperto de mão de verdadeiras escoteiras. Não ouviu beijos nem abraços. Assim estava escrito, assim era a tradição. Em forma com Alcione à frente, seguiram até a porta da sede. Ela já estava com a chave. Abriu. Entraram. Alcione fechou novamente a porta. Meia noite em ponto.

Formaram-se em círculo fechado no meio da sala. Escuro. Muito. Sabiam o que iria acontecer. Deixaram um lugar vago. Era o lugar de Verônica. Não estavam lá fora, mas sabiam que a estrela brilhante se aproximava da sede. Uma luz intensa, branca e azulada se fez presente. Verônica estava chegando. Tomou seu lugar. Todas se abraçaram e o círculo fechou. Agora era o Grito da Patrulha. Nunca houve grito. Eram sussurros onde todas diziam – Em amo vocês. Somos uma só. Do mesmo sangue, eu e você! Estaremos juntas para sempre!

Sabiam que nunca ninguém entendeu o grito da Patrulha da Esperança. Muitos perguntaram. Elas sorriam e nada diziam. Segredo respondiam sorrindo. Elas quando fizeram a patrulha não se preocuparam em ser as melhores.

Não era importante. Importante era o amor existente. A fidelidade de amigas para sempre. Terminado o tempo determinado para o grito, elas se abraçaram. Logo Alcione as transportou para a Cidade da Esperança.

Uma viagem rápida. Faziam-na todos os anos. Uma cidade linda! Toda florida, todos sorriam, ninguém insatisfeito. Uns tentando ajudar os outros. O amor perfeito. Ali as palavras de Jesus eram uma realidade – Amai-vos uns aos outros como eu vos amei! Foram direto para sua casinha na periferia da cidade. Não andaram muito. Sorriam todas, abraçadas. A casinha era linda! Toda pintada de branco. Um branco que dificilmente alguém na terra podia ver. Flores na porta, uma cerca de madeira também pintada de branco, com pequena altura.

Abriram o pequeno portão, entraram a porta estava aberta. Sempre esteve. Não precisavam fechar. Ninguém ia tirar nada. Não precisavam. Cada uma contava seu ano que passou. Ali as dificuldades se transformavam. Todas sorriam. Uma alegria angelical. Casos e casos foram narrados. Uma água cristalina foi servida por Verônica. Revitalizava. Hora do encontro. Partiram para o Jardim da Esperança.

Todos estavam lá. Todos que moravam na cidade. Naquele dia um homem vestido de branco, com um semblante amigo foi o orador. Falou do amor. Falou da amizade. Falou do trabalho de cada um para crescer espiritualmente. Suas palavras eram lindas. Um bálsamo a dar força em todos os corações. Nada a dever dos grandes oradores do passado. Lágrimas vertiam nos olhos de todos que estavam ali. A Patrulha da Esperança olhava embevecida.

Um coro cantou canções que nunca poderíamos ouvir na terra. Lindas, maravilhosas. O Jardim da Esperança começou a esvaziar. Voltaram para sua casinha. Verônica olhou para Laura e disse. Amiga, você em breve vai ser a primeira a vir morar aqui. Espero que possa receber você neste dia. As demais irão demorar alguns anos. E finalmente já sabem, aqui será nossa morada eterna, ou até quando Jesus achar que sim.

Um clarão maravilhoso aconteceu. Abriram os olhos. Estavam de volta a sede. Sorriam. Verônica disse até breve e se foi. Quem estivesse lá fora veria uma estrela linda, brilhante voando pelo espaço sideral. Não havia tristezas. Saíram da sede. Na porta despedidas. Todas sorrindo. Até breve, diziam. Cada uma foi para o seu destino. Em pouco tempo a sala ficou vazia. No céu coberto de estrelas a mais linda já se fora. Iria voltar dali a exatamente um ano.

Eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores... Mas enlouqueceria se morressem todas as minhas amigas!

Capítulo Final – E algum lugar do futuro

Seis meses depois Laura partiu. Deixou saudades. Sua família se conformou. Sabia que ela era feliz na terra e seria feliz lá no céu.

Um ano mais tarde foi à vez de Alcione. Morreu sorrindo. Deu para beijar e abraçar a todos da sua família. Disse que era apenas um até logo.

Outros seis meses após e foi à vez de Sabrina. O convento a pranteou por dias seguidos. Os milagres não pararam de acontecer. Quem as tardes quando do por do sol fosse à porta do convento, poderia andar ver e falar e até curar o que sentia. Sabrina ainda fazia seus milagres.

Um mês depois da morte de Sabrina, foi à vez de Gloria. Foi à única que sofreu um enfarte fulminante quando ia para sua casa de volta do mercado. Não sentiu nada. As amigas estavam ali a esperando e a ampararam.

Milena morreu em uma tarde de setembro, quando olhava o mar. Ondas enormes pareciam querer levá-la. Milena adorava o mar. Iria sentir enorme falta. Sabia que poderia vir ao seu encontro quando quisesse. Sentiu uma dor forte no coração, mesmo assim sorriu e cantou uma canção de amor. Amor às pessoas, a todas que conheceu. Os pássaros que estavam ali se deleitaram. As gaivotas bateram suas asas como a dizer adeus...

Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la. Sonhe com aquilo que você quiser. Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só se tem uma chance de fazer aquilo que se quer.

Em algum lugar do presente – Na cidade da esperança

Estavam agora juntas na Cidade da Esperança. Há anos na casinha branca, com flores perfumadas.

Todas ajudavam nos afazeres da cidade. Eram muitos. À noitinha quando podiam sentavam na varanda e olhavam o brilho das estrelas.

Verônica não morava com elas. Sabiam que era um espírito evoluído e superior. Morava em outra esfera do universo. Sempre recebiam a visita dela e nunca se esqueciam de seu juramento da eternidade.

Verônica dizia que um dia estariam todas juntas em qualquer morada do universo. Estudava muito. Fazia o que podia para ajudar todos na terra. Levava sempre Sabrina com ela. Duas almas superiores, mas que ainda não podiam estar juntas.

Assim termina a historia da Patrulha da Esperança. Encontram-se quando crianças. Juntas cresceram no escotismo. Nunca o abandonaram. Amaram sua patrulha como poucas poderiam amar. Como explicar o porquê elas se tornaram irmãs para nunc mais se separarem eu não sei. Quem pode saber os desígnios de Deus?

Olhando o brilho das estrelas, espalhadas pelo imenso universo, não é possível sequer imaginar e saber o que somos o que fazemos e para onde vamos. A dúvida permanece em muitos.

Não sou um douto. Acredito em outras vidas. Alguém um dia irá nos explicar tudo. Cada dia é um caminho novo. Mas tenho a certeza que nosso caminho é um só. E lá no centro do Universo, Deus em sua suprema bondade vai nos receber de braços abertos!

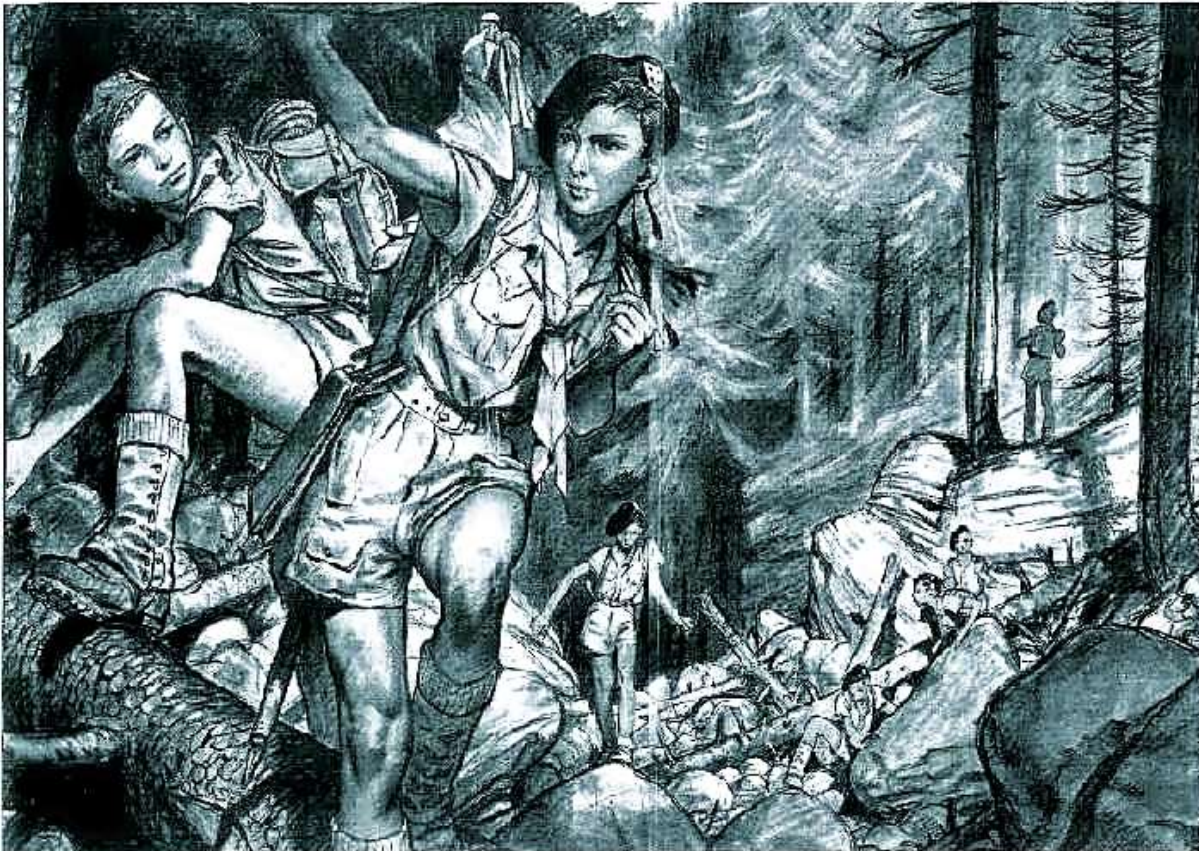
Sempre Alerta!

Nota – Todos os versos são de autoria de Vinicius de Moraes e Clarice Lispector.

FIM

2º livro

A fantástica saga do Comissário Leocádio



por Chefe Osvaldo Ferraz.



A minha esposa com amor, Célia Maria Ferraz. O nosso começo.

Não sei quantas almas tenho. Cada momento eu mudei.

Continuamente me estranho. Nunca me vi nem acabei.

(todas as personagens, assim como nomes, locais e narrativas são frutos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.)

Capítulo I

Quando contei a amigos estas narrativas, eles riram muito e me disseram – Não é verdade Mario Montes. Você tem uma ótima imaginação, não acreditamos que isso aconteceu. Para dizer a verdade quando ouvi do meu antigo chefe Jovelino, hoje já velhinho, com mais de 80 anos, eu também duvidei. Mas o Chefe Jovelino sempre foi um chefe sério, que eu saiba detestava a mentira e nunca inventou qualquer coisa em toda sua vida.

Eu me lembro de bem dele. Sempre andava mancando. Perguntado respondia. Gosto disso. Dá-me uma sensação que o mundo está tremendo e eu sou um poderoso. E ria. Mais tarde descobrimos que ele tinha uma perna menor que a outra. Era um bom chefe. Atencioso, alegre, e se fossemos andar quilômetros, ele estava ali com a gente. Firme. Sem reclamar. Mancando? Claro e nunca dizia estar cansado.

Foi em uma tarde bolorenta de agosto em um sábado, que ele me chamou a sua casa. Tinha tempo. Porque não? Eu não ia sempre. Para dizer a verdade fazia muitos anos que o tinha visto pela ultima vez. – Mario Montes, disse, eu estou sabendo que você está escrevendo muitas histórias escoteiras e publicando. Algumas eu gosto outras não. Acho que você apela de vez em quando. Era direto o Chefe Jovelino. Mas eu não poderia partir para o outro mundo sem te contar as peripécias de um Comissário Regional. Situações incríveis o pegaram de calças curtas quando foi convidado para o cargo. Acho que vai dar uma boa historia para você.

Sentei a vontade na poltrona. Eu gostava de ouvir histórias. Escrevia muito. Publicava na internet. Ouvindo, davam-me motivação. Sempre foi assim. Todos os dias eu fazia caminhadas próximo a minha rua. Elas vinham facilmente a minha cabeça. Uma duas e até três de uma vez. Tomando um vinho gelado, deixei que o chefe Jovelino narrasse à sua maneira. Que a história fosse séria, cômica ou romântica não importava. Minha atenção era enorme. Chefe Jovelino iniciou sua narrativa, era mais ou menos três da tarde daquele sábado. Para dizer a verdade eu não sabia e nunca soube que ele fosse um excelente contador de histórias. Prendeu a minha atenção todo o tempo.

- Leocádio a quem eu me refiro como o Comissário Regional, nasceu em uma pequena cidade do interior. – Assim começou o Chefe Jovelino. - Santa Maria do Rio Doce. Por volta de mil novecentos e quinze. Um Grupo Escoteiro humilde existia lá. Ele entrou como lobinho. Adorou. Sua matilha sempre queria imitar as patrulhas escoteiras. O Akelá dizia – Não, isso só quando passarem para a tropa. Era um grupo sem nenhum contato com as direções do escotismo. Achavam que elas nem existiam. Para dizer a verdade, ir à capital do Estado demorava mais de três dias. Baldeação, viagens intermináveis. Cursos? Nem pensar. Se existiam eles nem sabiam. Nunca fizeram o registro.

Passou para a tropa. O chefe Valerinho quase não aparecia. Não precisava. As patrulhas faziam seu próprio escotismo. Leocádio ali aprendeu tudo de técnica mateira. Era um "expert" em nós, tremendo sinalheiro, ótimo construtor de pioneirias e ele mesmo dizia ao chefe que já podia usar tais e tais distintivos. Claro, era a mãe deles que faziam. Ainda não sabiam onde comprar. Umas fotos e lá estava o distintivo pronto pela Dona Carminha. Faziam acampamentos quase todo fim de semana.

Leocádio sempre foi um bom estudante. Pena que em sua cidade o máximo que conseguiu foi o ginásio. No Colégio Monte Santo dos padres maristas. Seus professores o admiravam por ser um jovem educado e prestativo. Nunca o viram brigar, se desentender com alguém. Até com as moças de sua idade ele era respeitador. Era um colégio exclusivamente masculino.

Não havia seniores. As patrulhas ficavam juntas até a idade de 18 anos. Alguns passavam para a chefia. Outros não. Não gostavam de serem chefes. Ser "Chefe" Escoteiro era muito parado, diziam. Organizaram uma tropa de "Rovers Scout". Nem sabiam o que era isso, mas alguém disse que tinha lido e os maiores de 18 podiam fazer suas patrulhas e acampar. Foi divertido enquanto durou. Mas a vida mansa de Leocádio mudou quando cresceu. Ajudava seu pai na sapataria e mais nada. Namorava uma menina de 15 anos.

Leocádio saia da reunião e ia para a casa dela. Casa? Nem pensar. Ficava passeando na rua e ela na janela. A mãe uma fera. Um dia tomou coragem. - Dona Lourdes, a senhora me deixa namorar sua filha? – Falou de cabeça

baixa. Dona Lourdes o olhou de cima em baixo. Ia dizer uma besteira, mas não sabia por que “cargas d’água” ela mudou de ideia. Até hoje não soube. Disse a ele que podia em sua casa a noite. Ele foi. Rosa Negromonte estava com um vestido verde, até o joelho. Os cabelos penteados para trás, uma pequena Rosa vermelha no cabelo acima da orelha. Estava linda!

Rosa era uma jovem recatada. Pouco saía a não ser para ir ao Colégio Presbiteriano. O único colégio na cidade que era misto. Considerava-se uma boa aluna e cursava a terceira série ginásial. Tinha os mesmos sonhos de jovens de sua idade. Quando menina nunca brincou na rua. Sua mãe não deixava. Brincava sim com sua prima Clotilde e sempre no quintal de sua casa. Lá faziam “cozinhadinhos” montavam pequenas salas para receber as visitas imaginárias. Tinham muitas bonecas de pano que suas mães faziam.

Nunca se interessou por nenhum jovem da sua idade. Isso só veio a acontecer quando conheceu Leocádio. Um desfile de Sete de Setembro. Os pastores e professores queriam alguém para ensinar aos alunos ordem unida. A polícia militar não. Eram poucos policiais e sabiam que eles se recusariam. Então pediram aos escoteiros. Leocádio já era Rovers Scout. Marchava bem é claro. Fazia parte da “banda” do grupo. Dominava com maestria o tambor, o tarol e até o bumbo.

Quando ele foi tomar conta do seu “pelotão” (os alunos eram quase quatrocentos e foram separados em pelotão de cem) e o formou, viu Rosa. Ficou engasgado. Que moça linda, pensou. Mas ali não dava para Leocádio se declarar. Rosa olhava para Leocádio e piscava o olho. Coitado. Perdeu o rebolado todo. Mesmo assim durante a semana que treinou seu pelotão fazia questão de ensinar olhando para ela.

Rosa ficava a janela de sua casa, olhando a rua. Esburacada. Não tinha pavimentação. Quando chovia era uma lama só. Em frente moravam duas amigas, Mirtes e Soninha. Elas sempre iam juntas com sua mãe a igreja aos domingos. Católica praticante todos os meses fazia sua confissão e no dia seguinte comungava. Tinha vergonha do Padre Fabrício. Ajoelhava e ele perguntava – Menina, quais são seus pecados? Ela contava – Seu padre, hoje eu sonhei com o Chico Alves (grande cantor da época) Padre, eu o abraçava e ele cantava para mim!

- Padre, ontem eu a Mirtes e a Soninha ficamos falando sobre beijos. Mas olhe – Não beijamos ninguém. Foi só falar por falar! E assim seguia a confissão. Era pura nos seus pensamentos nas suas palavras e nas suas ações. No final ele a mandava rezar três aves Marias e cinco Padres Nossos. Rosa tinha um sonho só seu. Ter sua casa, seus filhos um marido para esperar a chegada dele à tarde do trabalho, levar o chinelo, dar um beijo e todos sorrindo se abraçando antes do jantar. Ficava horas assim com o pensamento longe, quem sabe a procura do seu futuro que sabia um dia seria o mais lindo de todos.

Uma tarde ela foi à janela. Esquivou-se. Tentou se esconder. Leocádio estava lá, na janela da casa da Mirtes a olhar para sua janela. Sorriu. Chegava à janela sorrateiramente. Ele do outro lado sorria. Fez um sinal com a mão. Ela também fez. O rosto escondido pelas cortinas. Fora dias e dias de amor platônico. Mas ela adorava. Todo o dia tomava seu banho, vestia a roupa nova, passava um pouco de pó de arroz na face. Batom nem pensar. Ela ficava horas se olhando no espelho e penteando seu cabelo.

Agora tinha um sonho verdadeiro. Ela estava perdidamente apaixonada por Leocádio. Mas tinha medo da sua mãe. Muito. Se ela desconfiasse poderia proibi-la de ir à janela. Meu Deus! Não deixe que isso aconteça! Meses até que um dia viu Leocádio se dirigir a sua mãe. Agora sim estou perdida, pensou. Sentou na cadeira da sala. Tremia como vara verde. Pensou que tudo iria terminar. Sua mãe entrou. Pediu para ela continuar sentada e disse – filha, eu deixei o jovem namorar você. Mas olhe, só nos dias determinados. Espero que você não traia a minha confiança.

Obrigada meu Deus! Obrigada! Rosa ficou sorrindo o dia inteiro. Esperando quando Leocádio se adentraria em sua casa. Ele foi autorizado a ir lá as terças, quintas e domingos. Esperava que ele não se atrasasse. Pois às nove e meia da noite tinha de ir embora. Infelizmente faltava muito ao namoro. Quando havia reuniões ou acampamento não podia ir. Ainda bem que dona Lourdes compreendeu seu amor ao escotismo. E olhem, ficaram amigos. Uma sogra muito amiga. Mas o namoro não era fácil, ele sentava numa cadeira, na frente dona Lourdes e Rosa ao lado dela. No início ficou sem graça, mas com o tempo ela participava das conversas com alegria.

Foram muitos anos de namoro. Só duas vezes Leocádio pode sair com Rosa sem a presença da sogra. Mês de Maria. Barraquinhas, foguetes, muita gente no pátio da igreja Matriz. Ele pegou na sua mão e sentiu um tremor no

corpo. Sentiu a “quentura” da mão dela. Foi para casa e ficou cheirando sua mão. Cheiro gostoso! Pensou que não iria lavar mais. Não poderia perder aquele perfume. Também foi só. Nem um beijo. Beijar onde? Leocádio amava Rosa com paixão. Quando estava junto dela seu coração sempre disparava. Antigamente sonhava com os acampamentos, as excursões, as grandes atividades aventureiras. Agora não mais. Rosa não saía do seu pensamento.

De tanto ser, só tenho alma. Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê. Quem sente não é quem é.

Capítulo II

Quando Leocádio fez 18 anos foi servir o exercito em Santa Lucia. Lá existia uma guarnição. Sorria quando contava o que faziam lá. Disse que acertava uma mosca a 50 metros com um fuzil Mauser alemão, modelo 1908. Foi para ele um divertimento. Afinal ele era um escoteiro, acostumado com as intempéries, barracas, travessias de rios um “mundão” de coisas, que deixou o sargento Antunes e o Capitão Lionel impressionados.

Muitos fatos o divertiram na sua guarnição. Um dia uma patrulha com oito soldados e um cabo foi fazer uma exploração e se perderam. Nem o sargento e o capitão os encontraram. Leocádio pediu para procurar. Em uma hora voltou com eles. Em frangalhos sujos e maltrapilhos. Claro, Leocádio era perito em pistas. – O chefe Jovelino parou de narrar para dar um espirro. O danado gostava de um “rapé” um vicio que tentou largar e não conseguiu. Após uns espirros extras, ele voltou à narrativa. Não antes de servir um cafezinho quente que sua irmã trouxe para ambos.

O chefe Jovelino era viúvo. Dona Esmeralda sua esposa morreu nova. Vitima de uma hemorragia interna. O pequeno posto de saúde não tinha nenhuma condição para socorrê-la. Ele sofreu muito, mas com o tempo aceitou. Eu tinha uma admiração pelo chefe Jovelino. Ele nunca falava de si próprio. Nunca se auto elogiou. Sabia sim elogiar a todo mundo. Não tiveram filhos. Acho que ele sonhava que um dia poderia ter um. Até tentou fazer uma adoção, mas por ser solteiro não o autorizaram. Mesmo morando junto com sua irmã mais nova.

- O chefe Jovelino deu mais alguns espirros (risos) e continuou sua narrativa. – Quando Leocádio voltou tentou arrumar um emprego. Fez um curso de datilografia. Mas a cidade era pequena. Duas farmácias, oito bares, um restaurante, dois barbeiros, quatro armazéns e algumas bodegas aqui e ali. Não tinham indústrias e a última que fizeram lá faliu. Claro que voltou ao grupo, aos Rovers. Mas agora não acampava tanto. Seu namoro com Rosa era sério. Queria ficar noivo, mas como? Viu em um jornal que na capital estavam montando uma grande siderúrgica.

Conseguiu com seu pai uns trocados e partiu para Horizonte Novo. A capital do Estado. Pegou uma carona no caminhão madeireiro até Nova Almeida. Lá pegou o noturno que o levou até Ponte Queimada. De novo outro noturno o deixou na capital. Pegou o bonde até próximo ao canteiro de obras. Ficou na fila o dia inteiro, mas foi admitido. Uma alegria. Arrumou uma pensão barata. Dois meses depois se inscreveu para ser funcionário da Siderúrgica. Antes era de uma empreiteira. A sorte sorria para ele. Conseguiu como ajudante de alto forno.

Agora passado cinco meses, foi promovido a encarregado de alto forno. Um serviço duro. Leocádio enfrentava com galhardia. Não era fácil visitar Rosa. Suas folgas eram de um ou dois dias. Mas correspondiam sem parar. Todo dia uma carta. Pediu a mão dela em casamento e a dona Lourdes mesmo por correspondência aceitou. Uma vez sua sogra e Rosa foram à capital. Hospedaram-se na pensão onde ele ficava. Foram conhecer um bairro que estava se formando próxima a Usina. Ele comprou um lote. Pagou a vista. Durante um ano toda folga ele construiu um pouquinho. Seu amigo do peito o Carlinhos o ajudou.

Nunca se esqueceu de Carlinhos. Saíam juntos, trabalhavam juntos na “boca do forno”. Amigos do peito. Ele não era escoteiro. Sabia o que era, mas, não se motivava a entrar. Veio da cidade de Três Poderes, uma das maiores do Estado. Ficava a poucos quilômetros da divisa do Rio de Janeiro a capital federal. Conheceram-se e moravam juntos na mesma pensão. Carlinhos foi um grande amigo para todas as horas. Um dia ele disse que ia embora. Seu pai morrera. Tinha uma “venda” e sua mãe não sabia “tocar”. Foi uma tristeza. Por uns meses se corresponderam depois, não se falaram mais.

Leocádio não esqueceu o escotismo. Entrou em um grupo próximo a pensão. Pequeno, até meio esquisito, pois quase não faziam atividades fora. Deixaram-no ficar como Baliu. Tudo bem. Não era ativo mesmo. O que gostou mesmo foi um curso básico que fez. Seu chefe lhe deu dois dias. Emendou com sua folga. Mais seis meses fez outro. Esse curso ele também aproveitou umas férias que pediu. Apenas 10 dias. Rosa entendeu. Sabia do seu amor ao escotismo.

Após três anos na usina, Leocádio se casou. Não foi uma festança, nada disso. Dona Lourdes era pobre. Um casamento simples. Para poucas pessoas. Não houve lua de mel. A casa de Leocádio na capital ainda não estava terminada. Rosa morou com ele na pensão por seis meses. Ficou grávida de Waldinho. Seu filho nasceu na casa nova.

Um esforço tremendo. Fez tudo com suas próprias mãos. Ainda participava do Grupo Escoteiro. Conhecia pouco ou quase nada da organização escoteira no Estado e no país.

Rosa era uma mulher feliz apesar dos seus dezessete anos. Uma força incrível. Ao lado de Leocádio ela enfrentava a tudo e a todos. Não tinha medo. Leocádio muitas vezes tinha de virar a noite na usina. Ela ficava sozinha com Waldinho. Sua casa não era longe do cemitério do bairro. Da janela dava para ver. Ela nunca teve medo. Quando Leocádio chegava, uma festa. Pegava Waldinho, corria pelo quarteirão, jogava ele para o ar. Um pai feliz. Uma mãe feliz.

Um dia informaram no grupo que o Escoteiro Chefe do Brasil estaria na capital e convidava a todos os chefes para irem a uma reunião no prédio de sua rede de lojas (era bem conhecido, mas Leocádio nunca ouviu falar dele) ficou impressionado. Será que era tipo Baden Powell? Deveria ser uma figura e tanto, pensava Leocádio. Os outros chefes do grupo nem ligaram. Disseram que seria conversa para “Boi dormir”. Não iriam.

Resolveu ir e foi. Levou seu uniforme para o trabalho. Todos sabiam que ele era escoteiro. Nunca escondeu para ninguém. Contava com orgulho sua vida escoteira. Ouviam e riam nas suas costas. Hipócritas ele pensava. Sabia que faziam assim. Ele não se importava. Nunca brigou com ninguém. Se não gostam de mim eu gosto deles. E ria. Afinal eu gosto do escotismo para esconder?

Saiu do serviço uniformizado. Sempre fora assim. Orgulhava do seu uniforme. Agora iria conhecer um “figurão”. Leocádio riu e pensou: - Não vou perguntar e acredito que ele não sabe fazer muitos nós escoteiros. Será que ele sabe semáforas? Se ele for me testar mostrarei que sou capaz de transmitir 40 letras de semáforas por minuto. E ria. Estava preparado para responder tudo. Afinal sempre fora um grande mateiro. Mas e se me perguntar sobre escotismo sua organização no Brasil e em outros países? Aí estou “ferrado”. Não sei nada. Preciso ler sobre isso. Mas ele sabia que a literatura naquela época praticamente não existia.

Pegou o ônibus para o centro. Chegou faltando uma hora. Sentou na calçada e esperou a hora marcada. Nunca chegou atrasado a nada. Faltando cinco minutos falou com o porteiro que o vendo uniformizado mandou subir ao quarto andar. Foi pela escada. Pulando degraus de dois em dois. Uma grande sala de reunião. Uma mesa enorme. Em volta mais de 40 poltronas e outras tantas junto à parede. Leocádio chegou no horário. Faltava um minuto quando entrou. Não viu ninguém. Só ele estava ali.

Ficou ali pensando quantos viriam. Pensou que encontraria a sala lotada. Afinal era o maior figurão escoteiro do Brasil. O próprio Escoteiro Chefe. Não seria uma honra para todo mundo? Mas a sala vazia. Uma falta de respeito pensou. Um minuto depois ele chegou. Dr. Mauro Ornelas do Sacramento o Escoteiro Chefe do Brasil. Uma grande figura. Imponente. Enorme, acho que mais de um e oitenta. Bem uniformizado. Muitas medalhas. Chapéu. Aproximou-se de Leocádio e disse – Sempre Alerta chefe! Leocádio tremeu. Com voz tremula disse – Sempre Alerta Grande Chefe. Mauro sorriu. Sempre fora assim.

Mauro fora guindado ao cargo de Escoteiro Chefe por imposição do pessoal do Rotary que na época prestigiava muito o movimento. Eles apesar de amigos se rivalizavam muito com a turma do Lions Club. Ele era presidente de um Grupo Escoteiro, mas era proforma. Só aparecia lá umas cinco vezes ao ano. Sua rede de lojas se espalhava por todo o Brasil e seu tempo era escasso. Fizeram de tudo e ele aceitou. Procurou no Rio de Janeiro um chefe que pudesse ser sua segunda pessoa. Iria contratá-lo. A sua Empresa seria a responsável para pagar e registrar.

Encontrou um. Um excelente chefe. Nomeou como adjunto. Desta vez seria remunerado. Ele começou a viajar pelo Brasil. Alguns estados o receberam bem outros não. Mesmo tentando não conseguia reunir ninguém. Mauro não aceitou aquilo. – Afinal, o escotismo não era uma grande fraternidade? Resolveu agir. Corria o ano de 1933. Foi ao Jamboree em Godolfo na Hungria. Achou estupendo. Para sua surpresa viu Baden Powell. Não era de correr e bajular a ninguém, mas mais de 28.000 participantes o ovacionavam.

Mauro não se fez de rogado. Conseguiu chegar perto dele. Falava a língua inglesa com perfeição. – “Hello Sir. My name is Mauro, I’m from Brazil. On behalf of the Boy Scout from there I give you my Be Prepared!” (Olá Senhor. Meu nome é Mauro. Sou do Brasil. Em nome dos escoteiros de lá eu lhe dou meu Sempre Alerta!) – BP mesmo sendo aclamado pela multidão, ainda escutou suas palavras e disse: – “Chief, says the Boy Scouts of Brazil that I send them

mycongratulations and my warmest regards” – (chefe, diga aos escoteiros do Brasil que mando a eles minhas congratulações e meu abraço!).

Mauro voltou da Europa, agora mais e mais entusiasmado. Sentia-se um perfeito escoteiro. Disse a si mesmo que iria lutar para unir o escotismo em uma só alma, em um só coração. Agora estava ali naquele estado. Tinha um ano e meio que fizeram uma reunião onde quase todas as federações dos estados se comprometeram a se unir e fundar a União dos Escoteiros do Brasil. Estava difícil. Muito. Alguns estados se mostravam arredios. Mas ele não desistiu. Junto com Rafael Costilho, o seu novo executivo profissional travou uma luta contra o tempo.

Conseguiu através de amigos uma sala sem ônus na Rua do Ouvidor. Outros doaram móveis, máquina de escrever, livros em branco, folhas de papel uma mesa que ele mesmo doou. Ali conseguiu uma pequena ajuda de alguns escoteiros do Rio de Janeiro. Ele sabia que seria uma luta renhida. Não se intimidou. Agora era ver seus amigos deputados, fazer algumas leis, angariar fundos para garantir a formação da organização e fincar os pés no chão.

Começou seu périplo por aquele estado. Não que era o mais arredio. Nada disso. Mas ele queria aproveitar para discutir com seus gerentes o aumento de capital nas lojas que tinha e quem sabe ver a possibilidade de abrir novas filiais. Ou seja, “matar dois coelhos com uma só cajadada”. Ele ficou assustado em ver que não havia ninguém à espera dele na reunião. Viu um chefe. Um só. Mais ninguém. Olhou para ele e o achou um “João Ninguém”. Bem uniformizado. Só isso. Só de olhar sabia que era do interior. Tipo aqueles “roceiros” que só sabem dizer “sim senhor” e sorrir feito idiota.

Ele não achou graça de Leocádio. Nem riu. Sério e circunspecto sentou na poltrona ao lado da dele. Esperou cinco minutos. - Será que não vem mais ninguém? – disse. Leocádio estava sem palavras. Balançou a cabeça. Não disse nada. O Escoteiro Chefe esperou mais 30 minutos. Ninguém. Pena. Pensei que poderia ajudar ao movimento nesse Estado. Acho que não sou bem vindo. Leocádio de cabeça baixa disse – Não Grande Chefe. Vai ver que esqueceram.

O Escoteiro Chefe riu das palavras de Leocádio. - Nada disso. Até já esperava. Aconteceu em outros estados. Está faltando uma maior aproximação entre nós. Meu anterior foi muito antipatizado. Não soube ser amigo de todos. E quando souberam que sou um alto membro da minha empresa, para não dizer o dono dela, acharam que também sou do mesmo jeito. Olhe meu amigo, disse se dirigindo a Leocádio, eu detesto isso. Detesto pessoas arrogantes. Conheci Baden Powell, nosso grande chefe, esse sim era o nosso chefe mundial. Humilde, alegre, jovial mesmo. Quando o vi e disse que era do Brasil me abraçou.

Era simpático o Escoteiro Chefe. Ficou ali durante trinta minutos esperando se chegava mais alguém e contando fatos e “coisas” do escotismo para Leocádio. Gostou dele. Porque os outros não vieram para conhecer? Julgar a pessoa pelo que dizem que são sem saber realmente o que são? Leocádio se sentia em casa. Tão amigo era o Escoteiro Chefe que ele até esqueceu que estava junto ao escoteiro número um do Brasil. Leocádio se lembrou do seu passado. Jeito do interior. Um verdadeiro “matuto” até no seu linguajar. Era uma honra para ele estar ali naquele momento.

O Escoteiro Chefe não esperou mais. Deu os trinta minutos de praxe. Venha ele chamou Leocádio. - Venha, vamos a minha sala. Lá estaremos mais a vontade. Levou Leocádio a sala dele. Enorme. Mandou-o sentar perto de sua mesa de trabalho. Serviu para ele uma bebida. Não sabia o que era. Deus do céu! Como é ruim! (era um bom uísque escocês legítimo) Mas Leocádio não disse nada. Fingiu que bebia. Afinal foi a primeira vez que entrou na sala de um figurão. Melhor ainda, um figurão escoteiro.

O Escoteiro Chefe iniciou uma explicação que Leocádio não sabia. – Como vê o escotismo em seu estado está letárgico. Não são participativos. Isto está acontecendo no país todo. Precisamos mudar isso. Pensei que iria encontrar pelo menos alguns chefes aqui. Quem sabe motivá-los. Até trazer uns novos cursos ao Estado. E também nomear um novo dirigente. Um Comissário Regional. Mas não, ninguém se preocupou. Paciência. Não vou desistir você sabe, se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé. Riu de suas próprias palavras. Leocádio também riu.

Olhe, não o conheço. Nunca o vi. Para dizer a verdade estou até estranhando a minha maneira de agir. Não sou assim. Tenho mais de 2.000 funcionários. Conheço as pessoas só de apertar a mão. Acredite, vou confiar a você a maior tarefa da sua vida. Peço pelo amor de Deus que não recuse. Pelo menos dê um tempo para sentir o que sinto hoje, o afastamento de muitos e minha impotência em fazê-los acreditar que nós da direção nacional podemos ajudar. Podemos ser amigos.

O Escoteiro Chefe falava com emoção. Leocádio não sabia onde ele iria chegar. – Continuou – vou nomeá-lo Comissário Regional nesse Estado. Com plenos poderes. Faça o que achar melhor. Tem carta branca. Confio em você. Acho que pode fazer um excelente trabalho! Leocádio quase caiu da cadeira. Nem sabia o que era um Comissário Regional. Devia ser alguém importante. Não entendeu mesmo porque foi escolhido. Pensou que era o único a comparecer. Isso foi isso. Teve medo. Muito. E se for um “fiasco?”.

O Dr. Mauro Ornelas tirou um certificado da pasta, perguntou o nome completo de Leocádio, escreveu e entregou a ele. Tome esse é seu certificado. Fique em pé e repita comigo a Promessa Escoteira. Leocádio assim fez. Leocádio estava perdido. Prometia sem saber o que seria e se iria cumprir. Mas aquele homem confiava nele. Não iria decepcioná-lo nunca. Prometeu a si mesmo que iria aprender. Afinal não era burro, tinha inteligência. Ele sempre foi perito em nós escoteiros, era um sinaleiro de primeira. Riu de si mesmo quando pensou isso. E daí? Vai servir para que?

Recebeu o certificado da mão do Escoteiro Chefe. Ele pomposamente colocou a mão no ombro de Leocádio e disse: - está nomeado. Agora você é autoridade escoteira aqui. Manda em tudo. Faça o que quiser em nome da União dos Escoteiros do Brasil. Já disse, tem carta branca para agir. Pode fazer o que quiser. Exonerar, demitir, fechar grupos. Nunca vou de encontro ao que decidir. Seja bravo e ao mesmo tempo compreensivo. A luta não vai ser fácil. Leocádio estava sem palavras. Boquiaberto! Ele serviu outro uísque a Leocádio. Toque aqui disse – um brinde. Ao seu Estado, que ele seja o primeiro a mostrar que pode crescer e ter uma grande união que agora não existe! Leocádio bebeu de uma golada só. Engasgou. Quase caiu ao chão.

Leocádio foi para casa. Contou para Rosa sua esposa. Ela ficou espantada. Não estava entendendo nada. Vai ganhar mais? Perguntou. Não. Não tem salário. E olhe nem sei o que vou fazer. Estou mais perdido que cego em tiroteio. Mas você me conhece. Não fujo da “raia” nunca fugi. Rosa o abraçou. Grande mulher! Sempre apoiou Leocádio em todas as ocasiões. Nas dificuldades era ela quem o motivava. Ele sabia que tinha feito uma grande escolha. Quando jurou fidelidade na igreja falava a verdade. Nunca iria trair sua confiança. Amava mais do que nunca a sua linda Rosa.

Mario Montes olhou para o relógio. Quase uma da manhã. A história o hipnotizava. Mas não podia continuar. – Chefe Jovelino, se não for incomodo podemos continuar amanhã? Gostaria de conhecer toda essa historia. Emociona-me e não posso dizer que conheço o final e quero conhecer. – Olhe meu rapaz ele disse – Para mim é um prazer. Venha almoçar comigo. Venha cedo. Vou prevenir a Jaildes minha irmã que você vem para almoçar. Vindo cedo podemos continuar está bem para você?

A rua estava deserta. Meu pensamento a mil. A história do Leocádio parecia ser fenomenal. Nunca tinha ouvido falar no Comissário Leocádio. Para mim era uma surpresa. Mas o chefe Jovelino deve saber o que diz. Não iria me contar uma mentira. Ainda bem que ainda não tinha casado. Ainda morava com minha mãe. Meu pai já era falecido. Estava já com 26 anos. Podia chegar a hora que quisesse. Sabia que mamãe não iria ficar preocupada. Tinha uma namorada, mas não sei. Acho que não tínhamos aqueles arroubos de grandes amantes. Ao chegar a casa liguei para ela, mas ninguém atendeu. Tudo bem. Amanhã ou hoje ligo de novo.

Atento ao que sou e vejo.
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo.
É do que nasce e não meu.

Capítulo III

Levantei cedo. Um banho um café, um beijo na sua mãe e lá fui para a casa do chefe Jovelino. Fui a pé mesmo. Era perto. Uns cinco quarteirões. Meditava sobre o Comissário Leocádio. Pelo que estava sentindo ele não era preparado para assumir tamanha responsabilidade. Não por ser do interior. No entanto sua instrução era mínima. Não conhecia nada. Como dizia os velhos DCIMs, um cordeiro em pele de lobo. Claro, tinha um grande conhecimento técnico e mateiro, mas, além disso, nada entendia sobre uma organização, pois era um reles trabalhador em uma usina siderúrgica.

Desta vez levei meu pequeno gravador portátil. Em casa tinha salpicou o que tinha ouvido para não se perder nada. Agora iria gravar tudo sem uma vírgula sequer. Que ano deveria ter sido? 1920? 1930? 1940? Iria perguntar ao chefe Jovelino. Que época boa deveria ter sido. Um escotismo gostoso, mesmo com alguns arrogantes, mas com plena liberdade de se fazer um autêntico sistema de patrulhas. Vontade de voltar no tempo, até quem sabe ir à sede regional e conhecer o chefe Leocádio. Ou melhor, o Comissário Regional, o chefe Leocádio.

Chefe Jovelino já me esperava. “Um belo de um suco de uva, fruta que ele cultivava em seu quintal, duas cheiradas de ‘rapé”, um belo de um espirro e logo após um sorriso. Olhou-me, se ajeitou na poltrona e voltou a sua narrativa fantástica. Enquanto ele narrava eu pensei como ele lembrava assim de tudo. Claro tinha mais de 80 anos, mas devia ter sido um lobinho na época. Quem sabe contaram para ele?

Olhe Leocádio não dormiu bem aquela noite. Como alguém como ele poderia dirigir um Estado Escoteiro? Não era letrado. Mal um ginásio, um trabalhador de “boca de forno”. Claro estava esperando uma promoção para Chefe de Equipe. Seu chefe disse que ele seria o escolhido, mas já tinha passado um mês e nada. Rosa ao seu lado fingia que dormia. Mas sabia das angustias de seu marido. O abraçou com carinho e disse – Durma meu amor. O sono vai ajudar você. Vai lhe dar ideias para achar seu caminho.

No dia seguinte, sábado Leocádio estava de folga. Combinou com Rosa que iria voltar tarde. Pegou o ônibus e foi para o centro. Informaram a ele que a sede regional ficava em um prédio na Rua Dos Tavares. Perguntou ao vigia. Ele disse que sim. Mostrou sua nomeação. O vigia mandou entrar. Entregou a ele uma chave. Terceiro andar no corredor à direita. Sala 12. Não foi pelo elevador. Subiu as escadas devagar. Era a primeira vez. Não precisava correr. Tinha tempo. Muito tempo. Sabia que todo começo é difícil. Lembrava-se da chegada ao campo para os acampamentos. Até a montagem, ter todo seu campo de patrulha pronto demorava e muito.

Leocádio abriu a porta. Uma sala até razoável. Uns 80 metros quadrados. Uma poltrona rosa para três pessoas (péssimo gosto) desbotadas, um armário de aço, duas prateleiras cheias de pastas e uma mesa. Que mesa! Enorme. De vidro! E a poltrona? Enorme, de rodinhas. Leocádio ficou olhando. Não sabia se podia sentar. Ora bolas, afinal eu não sou o tal Comissário Regional? Sentou. Na beirada. Bem na pontinha. Estava com vergonha. Riu de si mesmo. Se ele agora era a autoridade a cadeira era sua, insistiu. Risos. Riu de si mesmo. Nunca deixaria que o poder assumisse sua mente. Sentou como um rei. Esbaldou-se. Deixou que as rodinhas se movimentassem. Era gostoso pensava.

Olhou para o teto. Duas lâmpadas fluorescentes. Uma queimada. Levantou abriu a janela. Uma vista normal para a parede de outro edifício. Voltou à poltrona. Brincou com ela para lá e para cá. Tinha visto seu gerente fazer isso em sua sala. Um dia pensou em fazer o mesmo. Agora podia. Leocádio estava feliz, mas com medo. Medo do futuro. Sabia que era um forte, nunca desistia, mas a “empreitada” seria pesada. Muito pesada. Quais os passos que deveria dar? Não tinha noção de nada. Se fosse para montar um acampamento tudo bem. Sabia de tudo. Adorava amarras e costuras de arremate.

Pôs as mãos na mesa. Três gavetas de um lado quatro de outro. Não abriu. Será que podia? Claro que sim. Agora eram suas. Abriu à primeira. Muitos papéis. Uma foto de um homem. Quem seria? Estava de uniforme. Iria descobrir mais tarde. Deixou os papeis para ler depois. Tinha tempo. Precisava familiarizar-se com tudo. Sabia que não ia ser fácil, mas ele o conhecia bem. Uma vez na jogada, ninguém o tiraria do jogo.

Fechou os olhos. O que vou fazer? Como fazer para cumprir as ordens do grande Doutor Escoteiro Chefe e chamar a todos para um trabalho em conjunto? Iria pensar com calma. Teria que conseguir ajuda. Sozinho não ia dar. Dos chefes do seu grupo sabia que não iria contar com ninguém. Quando fosse comentar com eles que fora nomeado Comissário Regional iriam rir a valer. Você? Um matuto do interior? Não iria servir de palhaço para ninguém. Mas a quem recorrer? Dos outros grupos não conhecia ninguém. Eram uns desconhecidos.

Leocádio pensava que o escotismo era uma fraternidade. Eram assim em sua cidade. Quantas vezes eles foram enganados. Forasteiros com o cinto eram tratados como escoteiros. Se tivessem uma camisa cáqui quase carregados. Ele mesmo hospedou tantos em sua casa. Mas esses eram escoteiros de fato. Mas nunca pensou que havia tanta divergência. Claro sentiu isso quando chegou à capital. Não houve aquela recepção. Leocádio não entendia. Nos cursos que fez no início todos ficaram arredios. Mas depois uma grande fraternidade. Na despedida lágrimas foram derramadas.

Leocádio estava perdido em seus pensamentos. Ainda não tinha sentido a grande responsabilidade que viria com o cargo de Comissário Regional. O futuro para ele ainda estava muito distante. Onde arrumar pessoas para ajudar? Ele sozinho? Sabia que não iria conseguir. Lembrava-se de sua patrulha. O trabalho em equipe. Cada um sabia o que tinha de fazer. Todos juntos trabalhavam para que a aventura fosse um sucesso. Com os olhos fechados Leocádio se deu a liberdade de por os pés na mesa. Pôs com carinho. Tirou os sapatos. Era gostoso ficar ali. De olhos fechados sonhando!

Ouviu uma voz. Alguém chegava. Não esperava ninguém. O vigia tinha dito que a mais de seis meses a sala estava fechada. Abriu os olhos assustados. Uma mocinha magrinha entrou na sala. Cabelos curtos, negros. Sem uniforme. Olhou Leocádio de soslaio. Pensou consigo quem seria aquele. Que audácia! Por os pés na mesa do Comissário Regional, pode? Não ia deixar de barato. Ele ia saber onde estava sentado.

Bom dia. Onde posso falar com o Comissário Regional? E quem autorizou você a sentar nessa cadeira? – Leocádio sem jeito respondeu que era ele. Ela riu. Você? Mas de onde surgiu tamanha figura? Acho você engraçado sabia? Leocádio riu. Sabia que não era bonito. Mas feio não era. Claro um “jeitão” de roceiro, cara de menino, mas sabia que era muito responsável. Mostrou a ela sua nomeação pelo Doutor Escoteiro Chefe. Maria Angélica pediu desculpas, ficou séria. Perdão chefe. Perdão. Não sabia. Disseram-me que ainda não tinha ninguém. Trabalhei aqui no passado, sou professora. Colocaram-me a disposição do escotismo. Venho aqui sempre para ver se tem alguém.

Maria Angélica caiu do céu. Leocádio nunca pensou que teria alguém para lhe ajudar no espinhoso caminho para o sucesso tão rápido assim. Leocádio riu. Seja bem vinda amiga. E olhe, mais que bem vinda. Muito bem vinda! Levantou e a cumprimentou. Abraçaram como irmãos. Leocádio viu que seria uma grande amizade. Maria Angélica gostou de Leocádio. Um homem simples. Não como seu antecessor. Arrogante. Sempre exigindo e não fazia nada. Quase não aparecia na sede Regional.

Maria Angélica participava de um Grupo Escoteiro próximo a sua casa. Grupo Escoteiro Dom Pedro II. Era um bom grupo. Pelo menos ela achava que sim. Poucos chefes. Ela, o Chefe de Grupo e mais dois da tropa escoteira. Havia, no entanto grande amizade entre todos. Tentaram se aproximar de outros grupos na capital, mas era difícil. Cada um se colocava na posição do melhor. Melhor em tudo. Tinha então os ricos. Esses eram piores ainda.

Ela morava com seus pais. Gente humilde. Viviam do trabalho. Seu pai trabalhava como recepcionista em um prédio no centro. Ela era professora. Dava para viver. Até o dia que soube do ofício da Secretaria de Educação que oferecia a interessados, trabalhar 20 horas para os escoteiros regionais. Ela era escoteira, Kaá, porque não? Ela logo viu que seria uma oportunidade para desenvolver melhor o escotismo que conhecia e participava. Gostava do escotismo. Porque não trabalhar para ele?

Durante dois anos ficou a disposição da sede regional. O Comissário Regional nunca aparecia. Era um aristocrata. Riquíssimo. Da melhor família da capital. Gente que frequentava a alta roda. Nunca se interessou. Ele só comparecia as solenidades que o Governo do Estado fazia. Sempre com seu belo uniforme, suas medalhas, apertando mãos aqui e ali. Muito conhecido. Todos os respeitavam. Nunca fez uma reunião e mal fazia anualmente um Conselho Regional de uma ou duas horas onde o elegia Comissário e seus amigos diretores.

Leocádio gostou dela de imediato. Maria Angélica teve pena dele. Viu que era um ótimo chefe, mas no meio dos lobos ele era um cordeiro. Sabia que ele iria sofrer muito. O tempo diria se tinha ou não razão. Não tinha grandes esperanças por ele. Seria uma luta inglória. Ele infelizmente seria o derrotado. Mas ele viu no seu olhar o olhar dos fortes. Quem sabe? Pediu a Deus por ele. Dá-lhe forças meu Deus. Faça dele nosso salvador. Para que possamos ter aqui uma fraternidade e uma amizade que todos irão se orgulhar um dia!

A bola estava em campo. Como dizia dona Lourdes a mãe de Rosa, jogo é jogado e lambari é pescado. Risos. Agora era a vez do técnico. Falar o que os jogadores deveriam fazer. Durante um mês Leocádio ao sair do trabalho passava na sede regional. Lá estava Maria Angélica e ficavam horas conversando. Combinou com ela um novo horário. Dois dias na semana de seis da tarde até dez da noite. Aos sábados de nove às treze. Muitas vezes Rosa também estava lá. Nada a fazer em casa e pegava o ônibus para a sede. Ficavam os quatro (ela levava seu filhinho de um ano de idade). Rosa se tornou grande amiga de Maria Angélica.

Aos domingos Rosa convidava Maria Angélica para almoçar com eles. Ela aceitava. Ela ficava horas a brincar com Waldinho. Ela adorava o menino. Parecia que Maria Angélica fazia parte da família. Leocádio aproveitava para repassar e aprender o que Maria Angélica sabia. Ele falou muito. Explicou o que era conselho regional, encontros nacionais, assistentes regionais, registros de grupo. Um “monte” de coisas. Leocádio prestava a máxima atenção. As coisas misturavam em sua cabeça, mas aos poucos se encaixavam.

Um mês depois já sabia o que devia fazer. Leu muito. Leu tudo que tinha na sede regional. Ficou conhecendo a história do escotismo no Estado. O Escoteiro Chefe tinha dito, “se a montanha não vai a Maomé, porque Maomé não vai à montanha?” Fez uma lista dos grupos que existiam em seu Estado. Uma lista pequena. Apenas 25 grupos escoteiros. Sabia que tinha muito mais. Iria descobrir. Ah! Que esperassem por ele.

Em um belo sábado estava montando um programa para desenvolver encontros escoteiros na capital e no interior. Acreditava que esse era o melhor caminho. Ele precisava conhecer todos e saber o que pensavam. Sem isso seria uma luta inglória. Na capital não seria difícil. Estavam pertos. Se com um mês não o procuraram que aguardassem. Iam ter uma bela surpresa. Leu que vários chefes há cinco anos foram a uma Indaba na capital federal. Procurou saber o que era Indaba. Gostou da ideia.

Aprendeu o que significava Indaba. Encontro de chefes. Descobriu que o termo era muito conhecido na África do Sul e significava acolhimento ou reunião. BP o usou pela primeira vez. Scout Indaba do mundo é um recolhimento de líderes Scout. O termo vem da língua da tribo Zulu. Era isso. Agora é só preparar. Mas no interior só tinha endereço de dois grupos escoteiros. Sabia que existiam outras cidades onde eles também existiam. Precisava mapear tudo.

Viu alguém adentrar a porta. Um chefe escoteiro. O primeiro no mês. Alegrou-se, levantou e disse Sempre Alerta! O moço não respondeu. Olhou para um lado, para o outro e perguntou a Maria Angélica quem era o novo Regional. Leocádio ficou calado. Ela o indicou. Ele olhou Leocádio e riu. - Porque está rindo meu amigo? Disse Leocádio. Ele respondeu - Você regional? Parece-me uma grande piada. - Leocádio não deixou por menos. - Seu nome é por acaso é Escoteiro idiota? Perguntou Leocádio. O chefe fechou a cara. Respeito é bom e eu gosto. Disse.

A briga estava comprada. Ou Leocádio deixava servir-se de pilheria ou tomava providência para mostrar quem manda ali. - Nunca foi deselegante com ninguém. Sempre muito amigo. Mas não podia deixar isso continuar. Todos achavam que ele não era nada. Olhavam para ele e davam risadas. Chega, pensou. As coisas iriam mudar. Se precisar ser mal educado, ele seria. Mas depois iria mostrar que era um verdadeiro irmão. Lutar ao lado de todos. Ajudar quem quer que fosse. Não importaria para ele se era um grupo riquíssimo ou pobre.

Senta aí moço. Não sei seu nome, mas o que você fez não é próprio de escoteiros. Principalmente quem já fez uma promessa e conhece a Lei Escoteira. Eu poderia fazer sua exoneração agora. E você podia apelar até para o “diabo”. Nada e nem ninguém irá desfazer minhas ações. Avise seus amigos. Aquele que tentar me ridicularizar ou desfazer de minha autoridade, eu prometo que será excluído sumariamente do movimento na hora.

Reinado Monfaz se assustou. Nunca esperava isso daquele homem. Cara de menino. Tipo “roceiro”. Viu que tinha um sorriso franco. Verdadeiro. Tinha de mudar de opinião apesar de não ter sido essa sua intenção quando foi a sede regional. Todos comentavam que um “idiota” havia assumido. Reinaldo Monfaz era um tipo bonachão. Até

que trabalhador, mas de família bem colocada na sociedade local. Tinha mais de oito anos que participava do escotismo. Fora escoteiro e sênior. Agora era chefe da tropa escoteira.

Sempre se reunia com amigos aos sábados à noite para uma noitada ou mesmo uma ida a “casa do vai quem quer”. Era solteiro, achava que podia. Isso fazia parte da juventude naquele tempo. Gostava do escotismo. Sempre gostou. Não trabalhava. Desculpe, ele ficava algumas horas no escritório de advocacia de seu pai. Na primeira oportunidade “caia” fora. Estava no segundo ano de faculdade. Bacharelando em direito. Seu pai assim o exigiu.

Até que não era um mau aluno. Ele não era dos piores na faculdade. Mais três anos e colocaria o anel no dedo. Ficar preso num escritório não o motivava. Mas o que ele gostava mesmo era do escotismo. Amava. Sempre quando podia colocava uma mochila nas costas, chamava os monitores e lá ia ele com a turma para um local distante acampar. Naquela noite ele estava em um pequeno bar com vários chefes escoteiros de outros grupos. Uma nova safra que estava se unindo. Comentaram do novo Comissário Regional. Risadas homéricas. Um “capiou” na corte! E novas risadas.

Alguém o conheceu? Perguntou. Ninguém. Então porque estão falando assim? Comentários meu amigo. Comentários. A voz do povo é a voz de Deus. E riam a valer. Monfaz olhou todos e disse, eu vou lá. Vou mostrar a esse roceiro com quantos paus se faz uma canoa. Levantou e bateu no peito. Comigo ninguém pode. Vou fazer dele uma formiguinha e pisar em cima até esmagar! Risadas. Mais cerveja. Mais Martine. E cada vez mais bêbados ficaram para “vomitar nas mesas” na calada da noite.

Monfaz se arrependeu do que disse. Não era o que pensava. O novo Regional podia ser até um “capiou”, mas tinha fibra. E muito. Pela primeira vez viu alguém em que podia se orgulhar. Um chefe escoteiro no verdadeiro sentido da palavra. Seus 19 anos reconheciam ali, um verdadeiro líder. Seus amigos estavam redondamente enganados. Eles iriam saber quem era o novo comissário regional. Esperava que não fosse da maneira que ele conheceu. Iria à primeira reunião com eles dizer quem era o “talzinho” como diziam.

Monfaz aprendeu a respeitar Leocádio. Tornou-se depois um grande amigo. Foi até nomeado Assistente Regional Escoteiro. Logo todos os chefes da capital já sabiam quem era ele. Sabiam quase nada isso sim. Uns gatos pingados começaram a aparecer na sede regional para conversar. Trocar ideias. Mas foi Leocádio quem deu o maior susto em todos. Junto com Monfaz que tinha carro, visitou oito dos doze grupos da capital. Um por um. Gastaram um mês na brincadeira. Chegava, abraçava todo mundo. Ria, contava piadas, participava de jogos nas seções e até de algumas reuniões de pais. Sempre humilde. Nunca arrogante.

Sabia que os dois últimos iam ser uma “pedreira”. Um era do ex-regional. O rico. O manda chuva. O tal. O outro de um “Espanhol” grupo fechado. Só entrava espanhóis ou descendentes. Monfaz aconselhou a não ir. Leocádio riu e deixou os dois por último. Recebeu uma tarde uma caixa contendo duas medalhas e um lenço da insígnia da madeira. O lenço era de um chefe do ex-regional. As medalhas do “espanhol.”

Bateu lá no primeiro sábado. Entrou na hora que estavam na formatura de bandeira. Foi ao centro de sempre alerta. O Chefe Dr. Antônio Ricardo estava estupefato. Era o chefe do grupo. O tal ex-comissário. O rico. Amigo dos poderosos. - Que isso perguntou. - Leocádio foi até ele. Sou o novo Comissário Regional. Estou assumindo agora a direção do grupo. Só durante a cerimônia de bandeira. Se você não gosta pode se retirar. Todos calados. Convidou dois lobinhos para hastearem. Encerrado convidou o Dr. Antônio até o centro da ferradura. - Chame o chefe Ailton até aqui.

O Chefe Dr. Antônio não sabia o que fazer. Queria mandar Leocádio sumir. Mas estava na presença de todo o grupo. Chamou o Chefe Ailton. Leocádio deu a ele o lenço da insígnia. Virou para o doutor Antônio e disse. Renove sua promessa e entregue o lenço. Eu entrego o certificado! Foi renovada a promessa. Leocádio entregou o certificado. Um forte aperto de mão. Um grande abraço. Um anrê três vezes. Todos correram para abraçar o chefe Ailton. Uma festa. Isto nunca aconteceu. Só em solenidades especiais. Nunca foi em um Grupo Escoteiro.

Leocádio pediu ao chefe da tropa para fazer um jogo com as patrulhas. Céu de estrelas era o nome do jogo. Ele sabia que todos adoravam o jogo. Um sucesso. Depois foi na Alcateia, pediu a Akelá. Dançou com eles de forma diferente a dança de Kaá. Eles gritavam de alegria. Despediu de todos. Um por um. Do lobinho, ao escoteiro. Mão na mão. Procurou cada chefe. Um abraço apertado. Olhou para o chefe Antônio. Beijou-o na testa e saiu.

No sábado seguinte fez o mesmo no grupo do Espanhol. O Espanhol tentou argumentar. Seu grupo pertencia ao rei da Espanha. No Brasil ninguém mandava. Leocádio disse – Agora eu que mando. Diga ao rei que tenho o maior respeito por ele, mas aqui no Brasil ele não manda nada. Cerimonial. Entrega das medalhas. Jogo com os escoteiros, com os lobinhos. Aperto de mão, sorrisos. Um abraço apertado. O caminho estava se abrindo. O Espanhol pensando o que iria fazer.

Começou a ficar conhecido. Por poucos é claro. Ainda havia aqueles que não davam nada por ele. Uma noite viu um telegrama e um pacote de cartas em cima da mesa. Maria Angélica disse que era do Escoteiro Chefe. Março ele deveria fazer o Conselho Regional. Eleger nova diretoria. Leocádio riu. Nova? Existia outra? Ele já sabia o que era conselho. Nas demais leu ofícios, cartas, memorandos, todos dos chefes do estado. Reclamavam. Diziam que Leocádio queria a bancarrota do escotismo no estado.

Mas havia outras. Elogios sem fim. E finalmente uma do seu novo amigo Dr. Mauro Ornelas. O Escoteiro Chefe do Brasil. Dizia – Parabéns. Você está indo no caminho certo. Continue assim. Tenho plena confiança no seu trabalho. Sabe que tem carta branca. Já respondi a alguns insatisfeitos. A porta da rua é a serventia dos que não estão gostando. Leocádio riu. Pensou na cara do “espanhol” e do chefe Dr. Antônio Ricardo. Foi um bom começo. A peça estava em andamento. Não era um teatro, mas ele sabia que o espetáculo não pode parar. Ele não sabia jogar xadrez. Mas o cheque mate estava próximo.

Dona Jaidles, a irmã do chefe Jovelino entrou na sala e educadamente interrompeu. Dizia que o almoço estava na mesa. Um almoço excelente. Há tempos não comia um franguinho a molho pardo. Uma delícia. Uma deliciosa sopa de mandioca abriu nosso apetite. O frango, um angu molinho, um arroz soltinho e lá estava eu, um esfomeado como se estive em pleno acampamento, esperando o cozinheiro que nunca terminava e a fome tanta que nem reparava no arroz queimado, bife tostado enfim, nada comparável ao formidável manjar de dona Jaidles.

Após o almoço, lá veio novamente com duas belas compotas de pêsego e doce de mamão em caldas. Um queijinho mineiro, e pensei – Ainda ouvir histórias? Aguentaria? Fomos para a sala. “Chefe Jovelino me olhou e disse, - Mario Montes, que tal uma ‘siesta’? Meia hora ou uma hora? Uma hora, meu caro chefe Jovelino. Ele colocou um CD de Henry Mancini, e as melodias divinas se espalhavam pelos quatro cantos da sala. Dormi pensando em Leocádio. Chegando ao inferno. O demônio dizendo – Pelo amor de Deus! Pode contar comigo! Vou apagar o fogo. Não me demita!

Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.

Capítulo IV

Mario Montes acordou com um grande espirro do chefe Jovelino. O CD já havia terminado. Riram. Ele se levantou e foi passar uma água no rosto. Eram mais de quatro da tarde. Caramba! Dormi demais! Voltou à sala e perguntou ao chefe Jovelino. – Meu amigo, você conheceu Leocádio? Jovelino riu. Melhor não dizer para você agora. A história perderia a graça se contasse. Olhe, prometo que no final eu digo, está bem? Mario Montes riu também.

Leocádio naquela terça não iria à sede regional. Prometeu a Rosa que iria chegar cedo. Andava muito cansado e o trabalho no Alto Forno exigia dele muito. No caminhão que o levou até seu bairro ficou pensando no telegrama que tinha recebido naquela semana. – Dizia – Vou chegar às três horas da tarde, na sexta-feira, no aeroporto da Tapulha. Pelo voo n. 29 em um Constellation da Panair do Brasil. Gentileza enviar alguém para me buscar. Irei direto para a sede regional onde nos encontraremos. Assinado - Capitão de Mar e Guerra Dr. José de Mascarenhas de Alfanasio.

Leocádio estaria trabalhando nesse horário e também não tinha carro. Monfaz tinha faculdade, Maria Angélica não tinha carro. Mandou um telegrama de volta. - Bem vindo, não teremos ninguém para esperá-lo, mas nosso endereço é Rua dos Tavares 415. Edifício Mancoso, terceiro andar, sala 22. Dizia ainda que até às sete da noite iria chegar à sede regional. Que ele me esperasse pensou Leocádio. Afinal era pobre e não podia dar-se ao luxo de faltar uma tarde, pagar um taxi para alguém que se apresentava como ele e principalmente viajando em avião! Leocádio riu. Quando eu irei entrar em um? Acho que nunca. Mais risos.

Na sexta-feira Leocádio vestiu seu uniforme no serviço. Era assim. Toda vez que se apresentava como tal ia de uniforme. Agora todos já sabiam como ela era e do que gostava. Também tinha adquirido uma fama de amigo, aconselhador, e era bem considerado por toda sua chefia. Não foi de elevador. Subiu as escadas devagar. Não queria dar sinal de que estava chegando. Na porta viu a figura imponente do tal Capitão de Mar e Guerra. O cara era mesmo um marinheiro. Vestido no seu uniforme do mar todo branco, cheio de medalhas, nem olhou Leocádio direito.

Estava sentado em sua poltrona e na sua mesa. Os pés em cima da mesa. Conversava animadamente com Maria Angélica. Ela calada, ria de vez em quando para não ser desagradável. Olhou Leocádio de soslaio. Nem levantou nem tirou os pés da mesa. – Não vá me dizer que você é o Leocádio, Comissário Regional, disse. – Prazer senhor José de Mascarenhas. – José de Mascarenhas não, Capitão de Mar e Guerra Dr. José de Mascarenhas, repetiu. – Leocádio pensou – Mais um meu Deus! Esse mundo está cheio deles.

Mascarenhas deu uma enorme gargalhada. Levantou e abraçou Leocádio com vontade. Meu amigo, não sabe a honra que tenho em conhecê-lo. Olhe já está ficando famoso. No nordeste todos já ouviram falar no grande Leocádio. E deu belas risadas. O sujeito gostava de rir. Parou de abraçar Leocádio e disse. Vamos jantar. Estou com fome. Leocádio não queria ir. Primeiro não podia gastar em restaurantes. A região possuía uns minguidos tostões para correio e algum gasto extra. Mais nada. Segundo porque não estava com fome e sabia que Rosa tinha guardado sua “marmitta” no forno do fogão a lenha.

Mas ele insistiu. Foram ao restaurante do Toninho na esquina. – Mas que espelunca é essa? Vamos a um melhor. Leocádio disse que era a melhor comida da capital e era mesmo. Foram para uma mesa no canto do restaurante. Estava vazio. Pouca gente jantando àquela hora. Toninho já conhecia Leocádio. Ele mesmo veio cumprimentar a ambos. Mascarenhas pediu um uísque com gelo. O danado gostava de gastar. Leocádio uma “grapette”.

Mascarenhas falava e falava. Uma “maritaca”. Tinha assunto para tudo. Contava sobre o Grupo Escoteiro do Mar que era o “dono”. Contava maravilhas. Falou de sua nomeação para presidente da Federação escoteira daquele estado. Suas conquistas dos grupos arredios (Leocádio soube depois que o estado dele só tinha seis grupos escoteiros na época). Disse que conseguiu colocar na sede da marinha mais de 40 escotistas para fazer o curso de Arrais e Mestre. Pretendia criar centenas de grupos escoteiros do mar não só em seu estado, mas no Brasil. Contava com ele.

Leocádio sabia que esse não era o motivo dele o procurar. Mas deu “trela”. Doutor Capitão Mascarenhas, meu Estado não tem mar, como fazer escotismo do mar? Deixa comigo dizia. Quando estivermos falando a mesma língua vais ver que faço tudo acontecer. Quem sabe trago o mar até aqui? E ria desbragadamente. Leocádio começou a não gostar do sujeito. Já não gostava quando o viu. Agora pior. Uma garganta de ouro ou quem sabe de latão. Cheio de salamaleques. Mascarenhas falou e falou e finalmente chegou onde queria chegar.

Olha meu caro Dr. Comissário Regional Leocádio. – Menos, menos meu amigo. Não sou doutor. Mal e mal um ginásial. - Desculpe disse. Não queria e nem quero ofendê-lo. Bem vou explicar minha vinda aqui. Foi decidida por várias federações escoteiras no Brasil. Nós achamos que devemos ter luz própria. Cada um de nós pode e deve fazer o escotismo sem ter que submeter-se a diretriz de alguém que nem conhecemos. Afinal não fomos nós quem decidiu essa tal de União dos Escoteiros do Brasil.

Para dizer a verdade, dos 21 estados brasileiros, somente dez estão do lado deles. E se você passar para nosso lado, poderemos ser fortes, muito. Quando souberem que o famoso Leocádio está com as federações e nos dando apoio, os demais estados farão o mesmo. – Leocádio olhou para ele, com os olhos zombeteiros e disse – Mas afinal Dr. Capitão Mascarenhas onde me arranja essa fama? Não tem nem seis meses que fui escolhido para ser o Comissário Regional em meu Estado. – Mascarenhas riu. – Deixa disso meu amigo. Você não sabe como é conhecido. E ria desbragadamente.

– Leocádio já sabia de sua fama. O “roceiro”, o “jeca-tatu” aquele que foi guindado a um cargo e não tem competência para tal. – Tudo bem pensou Leocádio. Deixem que pensem assim. Tinha certeza que o Dr. Antônio Ricardo e o Espanhol espalharam sua fama no Brasil todo. – Ótimo. Não sabem com quem estão mexendo. Bem Dr. Capitão – foi interrompido. Olhe agora somos amigos, me chame de Mascarenhas. Só na presença dos outros eu exijo respeito. Leocádio riu. Respeito. Logo ele.

Bem afinal acho que me entendeu. Disseram-me que você era uma pessoa bem compreensiva. Acredite, se passar para o nosso lado, tenho amigos deputados. Poderão ajudar e muito sua região. Depois quando fizer novas eleições iremos colocar sangue novo aqui e você poderá descansar, sabendo que prestou um belo serviço ao escotismo do seu Estado. – Caramba! O moço era arrogante mesmo. Achava que Leocádio era um idiota. Poderia fazer dele o que quisesse. Já estava na hora de colocar esse moço no seu lugar.

Dr. Capitão de Mar e Guerra José de Mascarenhas, melhor fazermos assim. Vamos marcar em minha cidade, um pequeno congresso. Viriam todas as associações e Federações escoteiras no Brasil. Claro, vamos convidar também o Dr. Mauro Ornelas do Sacramento, o Escoteiro Chefe. Tenho certeza que viria. Vamos dar um prazo. Três meses. Está bom para você? Leocádio viu que Mascarenhas ficou lívido. – Continuou Leocádio. Assim jogaremos as claras, não é o que diz a segunda Lei escoteira? O escoteiro é leal? Na reunião iremos discutir ponto por ponto tudo que você me disse.

Mascarenhas ficou em pé. Acho que não entendeu minha posição. Já houve uma reunião igual a essa. Lá ninguém teve a coragem para dizer o que nós pensamos. – E porque você não disse? Perguntou Leocádio. – Não podia. O Almirante não concordou comigo. Chamou-me e disse que como nas Forças Armadas todos deviam manter-se unidos. Tinha que haver um líder. Mesmo que fossem vários. Uma só alma, um só coração. Um só ideal. Não concordei com o Almirante. Mas ele era meu superior hierárquico. Tinha de obedecer.

Meu caro senhor Mascarenhas, não vou chamar mais você de Doutor e nem de Capitão. Você não é melhor do que eu. Pelo menos sou um cavalheiro, um homem de bem com ideal e ética. Não sei se você sabe o que é isso. Pode até dizer que sim, mas não acredito. Essa proposta é imoral. Não se faz a um homem de honra. Mascarenhas estava branco. Se fosse à sua terra dava um tiro naquele “merda” ali mesmo. Mas não podia fazer isso naquela cidade. Não era a sua cidade. Deu meia volta e sumiu do restaurante.

Leocádio foi embora pensativo. Não sabia se tinha agido certo. O sujeito era arrogante e prepotente. Disso ele não tinha nenhuma dúvida. Preferiu guardar para si aquela página de um livro que não foi escrito. Nem seria lido por ninguém. Que o vento virasse a página. Quem sabe rasgada e levada para o mar. Foi para casa. Claro que para Rosa ele contou tudo. Eles eram um só. Não havia segredos entre um e outro. Quase cinco anos de casados e ainda a mesma paixão o mesmo amor. Dormiu abraçado com ela. Não fizeram amor. Sua mente andava a mil.

Seis meses depois Leocádio foi promovido a Mestre Líder de Alto Forno. Um cargo importante. Todo o alto forno agora estava sob sua responsabilidade. O salário não era tão bom assim. Uns quinze por cento a mais. Claro que ajudou. Sentiu que sem querer estava gastando um pouco no escotismo. Não queria aquilo. Não podia prejudicar sua família. Soube que um estado o maior do país o escotismo ia bem obrigado. Nadavam em dinheiro. Qual era o segredo?

Leocádio resolveu descobrir. Falou com Maria Angélica. Comentou com Monfaz. Sabia que estava quase na época do Conselho Regional. Mas pretendia ir lá. Sairia na sexta e voltaria no domingo. Um ônibus o levaria em menos de 14 horas até lá. Comprou as passagens para ida e volta. Mandou um telegrama – Gostaria do especial favor se pudessem me receber no sábado a tarde em sua sede regional. Tenho algumas dúvidas e soube que vocês são os melhores do Brasil. Por favor, respondam a este telegrama. Leocádio Ventura - Comissário Regional.

No dia seguinte chegou á resposta. – Seja bem vindo. Estamos prontos a ajudar irmãos escoteiros. Principalmente do seu Estado que consideramos irmãos. Richard Balboa. Executivo Regional. Era a primeira vez que fazia a visita a um estado irmão e que comungavam o mesmo pensamento. O Dr. Mauro Ornelas já tinha comentado sobre isso. Ele sempre dizia que podia contar com uns oito fieis a unificação do escotismo brasileiro.

Era realmente uma bela capital. Enorme. Perguntou a um guarda onde encontraria o endereço. Mostrou a ele. Perto disse. Pode pegar um taxi ou ir a pé. Menos de seis quarteirões. Preferiu ir a pé. Não teria tempo para conhecer tudo. Pelo menos o Teatro Municipal e o Viaduto Santa Marcelina ele queria conhecer. Seu ônibus só sairia após 23 h. Menos de uma hora depois avistou o Edifício Martinelli. Enorme. Em sua capital tinha outros grandes. Aquele, entretanto era maior. Décimo segundo andar disse ao ascensorista. Eram três da tarde. Uma viagem e tanto. Muito cansativa.

Richard o recebeu muito bem. Tinha sua própria sala. A sede regional possuía quatro salas. Uma de reunião, uma do escritório regional, uma do Comissário Regional e seus diretores. A última pertencia a ele. Precisavam de mais uma. Pretendiam abrir uma loja escoteira Já confeccionavam muitos distintivos escoteiros. Simpático o Richard. Contou sua vida. Foi executivo em São Jose da Costa Rica. Mais três anos no México. Aprendeu muito. O Dr. Fabiano o Regional lhe ofereceu o emprego de executivo. Queria voltar ao seu estado natal. Aceitou. Sua proposta. Quinze por cento do que conseguisse. Não importava o valor. Aceito começou a trabalhar.

Conseguiu doações de muitas empresas. A capital proliferava em novas empresas e fervia dia a dia no crescimento. Milhares de pessoas chegando todo dia. Todos conseguiam um emprego. Tinham 40 grupos escoteiros. Todos registrados. Claro havia os descontentes. Quando eles souberam que conseguiu de dois deputados uma verba de dois milhões de mil reis, um dinheirão ouviu comentários e revoltas. Ele com seus quinze por cento deu uma guinada em sua vida. Rancores, invejosos. Não era uma vida fácil. Escotismo é voluntariado ele sabia, mas não ele. Era um executivo, vivia disso.

Lá pelas sete da noite chegou o Dr. Fabiano. Uma pessoa excelente. Tratou Leocádio como se ele fosse igual. E olhe, era proprietário de duas fabricas de tecido e estava montando uma grande companhia aérea para concorrer com a Panair do Brasil. Leocádio se sentiu deslocado. Até sentiu-se diminuído por ser um regional de um estado tão importante. Afinal não era um “letrado” não era e nunca seria um doutor. Ali não viu soberba. Todos querendo ajudar Leocádio dando ideias e sugestões. O próprio Richard se ofereceu para ir há capital e ficar 15 dias lá. Claro o estado arcaria com suas despesas.

Agradeceu a gentileza sorrindo. Ele sabia que não tinham condições de arcar com nenhuma despesa. A região estava à míngua. Pensava que depois do Conselho Regional, quando elegessem uma nova diretoria quem sabe poderia conseguir alguma coisa. Foram almoçar em um restaurante chique. O cardápio em Francês. Leocádio ficou embaralhado. Nem sabia pedir. Na mesa três pratos. Um grande em cima um médio e em cima de tudo um menor. Cinco facas de mesa. Quatro copos. Deus do céu! Ele não entendia nada. Nada.

Mas o doutor Fabiano e Richard foram muitos educados. Não olharam para Leocádio nenhuma vez. Claro ele também não era nenhum troglodita. Não comia carne crua com as mãos. Saiu dali direto para a rodoviária. Richard foi levá-lo em seu carro. Um Ford 29 novinho. Quem sabe um dia ele teria um? No ônibus lembrou-se de tudo. Será que iria conseguir um executivo? Alguém honesto e sério? Tinha duvidas, mas sabia que iria tentar. Se não desse certo, paciência.

Chegou a casa no domingo. Cansadérrimo. Nem deu tempo de brincar com Waldinho e mal deu um beijo em Rosa. Caiu na cama e dormiu até o outro dia. Levantou cedo. De volta ao trabalho. Agora era à volta ao seu ganha pão. O trabalho em primeiro lugar. O escotismo iria esperar. Leocádio gostava de seu trabalho. Tudo bem um forno claro. Mais de oitenta graus centígrados quando abriam a boca do forno. Mesmo com a proteção de amianto era um calor insuportável. Isso acontecia seis vezes ao dia. Ele era o responsável. Não podia falhar. Qualquer ato errado o alto forno podia explodir.

Infelizmente ele não explodiu. Naquele dia ao abrirem a boca do forno uma fumaça tóxica começou a sair. Correram todos e começaram a gritar chamando Leocádio. Ele estava em uma salinha dos mestres, bem em frente ao forno. Ele viu que a temperatura caía. Correu até onde estavam os controles. Emperrados. Deu o alarme! A sirene tocou desesperadamente. Logo dezenas de chefes, engenheiros, todos dando ordens simultaneamente. Mas Leocádio sabia o que pior já havia acontecido. Ao contrário de uma explosão o ferro gusa estava endurecendo dentro do forno. Um verdadeiro desastre.

Durante dois dias tentaram tudo para aquecer o forno. Nada. Chegaram a dobrar os graus permitidos. Nada. Leocádio procurou o diretor. Disse que tinha uma pessoa que podia resolver. Ele nem deu bola para Leocádio. – Amigo aqui tem os melhores engenheiros do país. E você vem me falar em Zé Venâncio? O Dr. Pierre Contrialto, um diretor que veio direto da França para ver o que acontecia, pois eles eram os maiores acionistas da usina ouviu tudo. Falava português. Mandou chamar Leocádio.

Quem era? Porque ele podia resolver? Leocádio não se fez de rogado. Zé Venâncio doutor foi quem fez esse alto forno. Infelizmente perdeu a mulher e uma filha quando um raio atingiu sua casa. Passou a beber. Só vinha aqui bêbado. Nunca mais parou. Conhece como ninguém tudo desse forno. Como era muito amigo do Doutor Lionel, aposentaram-no para não mandar embora. Recebe um salário. Não reclama. Não sabe o que é reclamar. Está sempre bêbado.

Você confia nele? Perguntou o Dr. Pierre. Claro. Disse Leocádio. Se me der carta branca trago ele aqui e posso prometer, se ele não derreter este gusa em 48 horas ninguém mais vai conseguir. - Pois a tem, disse. Vou dar as ordens e colocar um jipe a sua disposição com motorista. Faça o que deve fazer. Vou confiar em você. – Em mim não disse Leocádio. Em Zé Venâncio. Promessa é promessa. Leocádio pensou consigo que podia estar entrando em uma fria. Colocou uma esperança que podia dar em nada. Sabia que milhares de dólares seriam gastos para remontar o alto forno. Zé Venâncio seria a alternativa mais barata.

Rodaram muito até a casa dele. Tinha mudado e ele não sabia. Uma senhora vizinha se prontificou a ir junto. A casa ficava bem afastada da cidade. Praticamente um sítio. Zé Venâncio estava caído no terreiro de sua casa. Babando e roncando mais que cachorro zangado. Leocádio com a ajuda do motorista levaram o Zé até o riacho próximo. O jogaram com roupa e tudo na água. O danado gritou, berrou e o tiraram de lá. Disse que ia matar todo mundo. Correu para sua casa a procura do seu Colt 45. Leocádio o segurou antes.

Enquanto o motorista fazia um café forte, Leocádio dava uns tabefes no Zé e o trocava de roupa. – Vamos homem. O alto forno endureceu. Precisam de você. Zé ria. Eu? Nunca me procuraram. – Não Zé. Você é quem quis ficar na solidão. Encheram o Zé Venâncio de café amargo. Ele vomitou a metade. Chegaram à usina as sete da noite. Zé Venâncio chamou oito homens. Antigos funcionários seus. Você também Leocádio. Preciso de você. Pedeu para todo mundo sair da área do alto forno. Disse que por volta de meia noite trouxessem leite e lanches. Na época diziam que o leite era bom para o pulmão. Depois se comprovou que não, mas até hoje em usinas onde o calor é excessivo, ainda se toma leite à vontade.

Trabalharam a noite toda. Zé Venâncio colocou uma dinamite no centro do alto forno bem no meio do ferro gusa endurecido. Mais de oito horas para furar bem fundo no ferro gusa endurecido. Ele era perito em explosivo. Antes de ir para a usina, trabalhou em uma pedreira no interior do estado. Marcou o horário da explosão. Exatamente a cinco da manhã. Faltando um minuto chamou Leocádio. Quando eu contar um, dois e três, você liga o alto forno. Certo? Assim foi feito. A explosão foi seca. Leocádio ligou o forno. Dez minutos, vinte, meia hora. Nada. Quarenta minutos e uma fumaça preta começou a sair da chaminé. O forno voltou a funcionar. Urras vivas, gritos, até foguetes apareceram.

Todos foram agraciados com medalhas e relógio de ouro. Zé Venâncio bêbado que nem uma égua estava “esparramado” em uma poltrona querendo dormir. Dr. Pierre mandou que a partir daquela data, uma enfermeira ficaria com ele para sempre até ele morrer, em sua casa cuidado dele. Uma empregada para limpar, lavar e cozinhar. O armazém da usina estaria a sua disposição sem nada cobrar. Leocádio foi promovido. Seu salário dobrou. Agora era chefe de divisão do alto forno. Tinha sala e secretária. Quem diria eim Leocádio?

Concederam a ele e todos os oito homens de ouro umas férias de 15 dias, remuneradas, no balneário de Santa Inês, no melhor hotel do litoral capixaba. Leocádio, Rosa e Waldinho estavam vivendo uma vida de príncipe. Ele estava precisando disso. Rosa ria. Cantava. Faziam amor duas vezes por dia. Uma “indecência” dizia sorrindo. Quando o Padre Mourel souber disso estou frita! O padre Mourel era o pároco da igreja Santíssima Trindade, próximo a sua casa. Leocádio ia sempre lá com Rosa. Agora um pouco menos. O escotismo começou a tomar conta de sua vida.

Retornou a sua rotina de vida. Usina, região, amigos, escotismo. Nas suas férias planejou muito. Sonhava em ver todos unidos em torno de um só Ideal. Não era Cristo. Não tinha apóstolos. Mas tinha sonhos e sabia que poderia realizá-los com a ajuda de Jesus e Deus nosso Senhor. Mario Montes olhou o relógio. Seis da tarde. Pediu ao chefe Jovelino se podia usar o telefone. Ligou para sua mãe. Disse onde estava e chegaria por volta da meia noite. Como sempre a gentil dona Jaidles os convidou para um lanche. Mario Montes estava com fome.

Durante o tempo que ficaram lanchando Mario Montes fez muitas perguntas ao chefe Jovelino. Ele sorria. Nada dizia. Tudo há seu tempo Mario. Toda história tem começo meio e fim. Não seja apressado. Não está gostando da historia? – Claro que sim chefe. Mas estou encucado. Você conhecia mesmo o Leocádio? Chefe Jovelino ria. Se contar perde a graça não acha? Mario Montes desistiu. Não estava cansado. Quase vinte horas de narração. Contando o sábado. Será que terminaria hoje ainda? Mario não sabia. Agora não podia ter pressa, mas amanhã era segunda feira. Dia de trabalho.

Por isso, alheio, vou lendo. Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer. Noto à margem do que li.

Capítulo V

Naquele sábado Leocádio estava com Monfaz e Maria Angélica. Monfaz tinha convidado um seu amigo. Josué Pedreira. Um rapaz novo, dezoito anos. Agora assistente de uma tropa escoteira. Gostou de Leocádio. Esse também gostou de Josué. Já sabia em quem confiar. Agora eram quatro. Nada dos três mosqueteiros. Nunca entendeu bem a história. Tinha lido há tempos. Diziam serem os três mosqueteiros, mas não eram quatro? Leocádio contou a todos o que pensava para aglutinar todos os grupos do estado. Queria em quatro anos registrar pelo menos 6.000 escoteiros. Neste ano chegaram a 800. Um nada do que o estado podia fazer.

Discutiram por horas sobre a montagem do Conselho Regional. Onde seria como e as responsabilidades. Josué deu a ideia de sua faculdade. Achava que conseguiria um anfiteatro. Também o pátio próximo para jogos. E não era fácil, mas poderia tentar conseguir o restaurante da faculdade também. Seria grandioso. Leocádio planejou com ele como fariam. Maria Angélica iria com eles. Monfaz também. Todos uniformizados. Gostaria de ter ido também, mas em dia de semana era impossível.

O reitor ficou de dar uma resposta em uma semana. Infelizmente a resposta não foi boa. O reitor deu muitas desculpas e recusou. Mais tarde Josué ficou sabendo que o Dr. Antônio Ricardo era um dos patrocinadores da faculdade. Como dois mais dois são quatro, foi fácil saber quem foi o responsável para fazer o reitor recusar. Eles não desistiram. Monfaz conseguiu junto ao Colégio Flores de Moraes um auditório para 80 pessoas. No próprio colégio, cujo diretor era amigo de Monfaz, iriam abrir o restaurante e todos poderiam fazer suas refeições gratuitamente. Só precisavam de ajudantes de cozinha e alguém que fizesse a limpeza no término.

Meio caminho andado. Leocádio também disse da sua preocupação com as finanças. Ele precisava viajar. Não podia gastar do que ganhava. Tinha uma família. Não iria tirar deles para o escotismo. Sabia que se falasse com o chefe Mauro Ornelas o Escoteiro Chefe ele daria um jeito. Já tinha oferecido a Leocádio ser um executivo pago pela sua empresa. Mas era certo isso? Afinal não sabiam ainda que aprender fazia parte do crescimento e não ficar dependente de outros? Maria Angélica, Monfaz e Josué, concordaram com ele. Já tinha contado o que viu no outro estado. Como funcionava. Um alto executivo. Disse que estava em seus planos. Ia demorar, pois sabia não ser tão fácil.

Leocádio como o novo chefe de divisão do alto forno teve um substancial aumento em seu salário. Foi uma surpresa. Já estava modificando e arrumando sua casa. Sempre sonhara com um belo jardim. Ele mesmo ia cuidar. Waldinho estava crescendo. Entrou no Grupo Escolar Santo Antônio. Adorava. Retornava contando maravilhas. Leocádio adorava o filho. Ficavam horas e horas quando chegava a casa. Um dia ele, Rosa e Waldinho estavam passeando no centro da cidade. Um domingo. Cidade vazia. Adoravam o sorvete da cantina do Nino. Waldinho chegava a tomar dois.

Viram na vitrine das Casas Yorque, as geladeiras novas que estavam aparecendo no mercado. Rosa se enamorou. Já pensou? Dizia – Nunca tivemos uma. Tudo gelado? Guardar as carnes, o leite, as verduras e nada estragar? Mas levaria tempo. A casa não tinha prazo para terminar. Ele acreditava que com um ano tudo estaria pronto. Os móveis precisavam ser trocados. Comprou um belo rádio de ondas médias e curtas. Pegava rádios de muitos lugares. Adorava ouvir a noite quando não ia a sede regional, a rádio Nacional e a rádio Mayrink Veiga.

Rosa e ele ouviam dormitando um abraçado ao outro na varanda da casa, os programas noturnos. Primeiro a voz do Brasil. Depois desfilavam Ivon Cury, Carlos Galhardo, Vicente Celestino, Carmem Miranda e tantos outros. Iam dormir sobre as canções que sabiam e ribombavam em suas mentes. Leocádio levantava cedo. As cinco já estavam de pé. Era perto a usina. Não mais que uns três quilômetros. Chegava sempre uma hora antes. Nunca saía no horário. A não ser quando tinha reuniões na sede regional. Era muito querido pela sua chefia. Diziam que não ia demorar muito e seria vice-presidente industrial. Ele sabia que não. Não tinha curso superior.

Dona Lourdes vinha sempre visitá-los. Rosa e Waldinho foram buscá-la naquela tarde de sexta-feira na rodoviária. Uma alegria. Leocádio gostava de sua sogra. Ela vinha pelo menos quatro vezes ao ano. Rosa não. Só podia ir a Santa Maria do Rio Doce uma vez por ano. Dona Lourdes adorava Waldinho. Era seu “xodó”. Leocádio gostava mesmo da sua sogra. Ela tinha por ele o maior respeito. Ele se divertia com a chegada dela. Trazia duas latas

de gordura de porco cheia de nacos de lombo, torresmo e deliciosos chouriços. Sempre Leocádio ia buscá-la na charrete alugada do seu Mundico. Naquele dia não deu. Quem sabe um dia poderia comprar um carro? Um sonho distante!

Agora tinha uma preocupação. Fazer o Conselho Regional. Sabia que sempre faziam a noite de um sábado. Começava as nove e terminava as dez. não confiava nas atas que tinha lido. Tinha certeza que eram fajutas. Como na sala da região ter uma presença de quarenta membros? Lá não cabia mais que dez e assim apertados. Já tinham o local, seria de dois dias. Abertura em um sábado ao meio dia. Termina no domingo às três da tarde. Quem quisesse podia acantonar no colégio. Duas salas de aula foram preparadas.

Mandou um convite para todos os grupos que tinha o endereço. Poucos confirmaram a presença. Não importava. Havia anos que esses conselhos eram proforma. Desta vez não seria. Leocádio se preparou. Sem discurso. Não convidou políticos. Nem convidou os membros da executiva anterior. Não tinha seus endereços. Só do último presidente. O Coronel Laércio Salatiel. Seria o primeiro Conselho Regional em dois dias. Nunca fizeram isso. Leocádio pensou diferente. Não seriam empurrados para um auditório. Uma mini Indaba seria implantada.

Precisava de ajuda. Monfaz convidou mais cinco amigos dele. Jairo, Lionel, Marco Antônio e Juarez. Uma mão na roda. Foram todos nomeados assistentes regionais. Muitos riram dessa nomeação. Eram jovens, alguns mal entrando na casa dos dezoito anos. – esse comissário está se saindo uma bela encomenda. Assim diziam e davam boas risadas. O respeito e a disciplina ainda não eram dos melhores.

Chegou o dia. A abertura seria às onze da manhã de um sábado. No dia anterior Leocádio recebeu um telegrama do Escoteiro Chefe. Perguntava se Leocádio queria ele presente. Ele conversou com Maria Angélica e Rosa. Acharam que era seu primeiro. Tinha que mostrar seu valor. Sem figurão junto. Passou outro telegrama agradecendo gentilmente. Disse que estava mandando uma carta explicativa. Naquela época telefone era difícil e o correio não se saía bem em presteza.

Leocádio foi para a porta do colégio, esperar a chegada dos participantes. Fazia questão de cumprimentar a todos que chegava. A maioria não sabia quem era ele. Nunca viu tanta figura “emplumada”. Nunca viu tantas medalhas. Tantos uniformes diferentes. Pensou consigo: - Onde estavam essas pessoas quando o Escoteiro Chefe precisou deles para nomear alguém melhor que ele como Comissário Regional?

Onze horas em ponto. Subiu no pequeno palanque do auditório. Viu que estavam ali pelo menos sessenta pessoas. Nunca pensou que teria tantos presentes. Tropeçou em uma taboa. Caiu de chofre no chão. Machucou a testa. Doía muito. No auditório todos rindo. Gritavam entusiasmados. Um papel de escoteiros? Claro que não. Ia provar para eles o que é ser um verdadeiro escoteiro. O tempo era seu aliado. Não tinha pressa. Poxa! Que escotismo pensou. Não disse mais nada. Levantou-se e foi até o centro da mesa. Mas na mesma hora um homem loiro, alto, já dos seus cinquenta anos, com um uniforme diferente, um lenço azul, mais de quinze medalhas, disse que era o presidente e iria assumir. Falou em alto e bom som. A maioria bateu palmas.

Ele educadamente falou baixo para quem se dizia presidente. Saia daqui meu amigo. Você não é mais nada. Você tem duas escolhas. Primeira – sair educadamente. Segunda – Sair à tapa. Vou contar até três. Ele gritou respondendo. Vou falar com o Escoteiro Chefe. Amanhã mesmo você está na rua! Leocádio riu. Vá. Fale mesmo. Ele saiu cuspidando marimbondo e fazendo ameaças. Sou o Coronel Laércio Salatiel. Você não sabe com quem está falando! Você vai ver quem eu sou. Ainda não viu nada. Espere e vai ver.

Leocádio assumiu a direção dos trabalhos. Trabalhos? Que trabalhos? Levou todos para o pátio. Deu 10 minutos para se organizarem em patrulhas. Caso não conseguissem ele mesmo o faria. Começaram a correr daqui e dali. Uma ou outra patrulha se formava. Sempre com pessoas conhecidas do próprio grupo. Mais cinco minutos e lá estavam todos, no entanto dispersos. Mandou formar uma patrulha ao lado da outra.

Leocádio fez um jogo estupendo. Muitos risos e palmas. Cansados voltaram para o auditório. Agradeceu a presença e deu início aos trabalhos. Convidou um pastor chefe escoteiro que fizesse a oração. O pastor assustou-se. Nunca fora convidado. Sempre era um padre ou alguém próximo à direção. Disse que não havia ata anterior. Ele não encontrou. Devem ter levado de presente. Todos riram. Convidou uma senhora de uniforme para escriturar todo o conselho. Já tinham providenciado um novo livro de Ata.

Terminaram no domingo às quatro da tarde. Uma grande amizade ali se formou. Nunca fizeram uma cadeia da fraternidade. Eles ainda não sabiam o que era isso. Mas cantaram uma canção escoteira e todos foram para suas casas. Maria Angélica veio abraçá-lo. – Estou orgulhosa chefe. Nunca vi isso na minha vida. Leocádio fez questão de agradecer aos novos amigos. Jairo, Lionel, Marco Antônio e Juarez. Amigos, sem vocês nada teria acontecido. Obrigado. Obrigado mesmo. Sem eles o Conselho Regional que chamou de n. 1, não teria acontecido de maneira nenhuma. Só faltou uma eleição da diretoria. Mas foi aconselhado pelo Escoteiro Chefe para esperar a época propícia.

A sala da sede regional começou a ficar pequena à noite e aos sábados pela manhã. Rosa começou a sentir sua falta. Um dia disse para ele. Meu marido (era assim que o chamava carinhosamente) sabe que está entusiasmado e fazendo um ótimo trabalho. Mas veja, você chega as onze ou meia noite, ainda vai tomar banho e jantar. Dorme pouco, pois levanta as cinco. Não pode continuar assim. Isso pode prejudicar seu emprego. Já pensou se mandam você embora?

Leocádio viu que Rosa tinha razão. Passou a ir duas vezes por semana. Mas aos sábados e domingos não conseguiu cortar. Não tinha jeito. Estava treinando os jovens que o ajudavam, mas não era a mesma coisa. Sentia que na capital os grupos estavam sendo agrupados em uma grande fraternidade. Dos doze iniciais que encontrou agora eram dezesseis. Mas não conseguia que todos fizessem o registro. Não sabiam como fazer.

Treinou uma equipe de oito. Ficaram dois dias acampados e fazendo toda espécie de burocracia para o registro. Espalharam-se pelos grupos. No segundo ano mais de oitenta por cento fizeram o registro. Um sábado recebeu a visita de um oficial de justiça. Estava sendo intimado para comparecer ao fórum local. Fora acusado de desrespeitar o Senhor Coronel Laércio Salatiel. Lembrou. Era a pessoa que se dizia presidente. O fundo financeiro da região era pequeno. Mal dava para cobrir despesas do correio. Contratar um advogado estava fora de questão.

Resolveu telefonar ao Escoteiro Chefe. Ficou mais de dez minutos no telefone na Cia telefônica. Só lá se podia fazer interurbano. Explicou tudo. O Escoteiro Chefe disse para não se preocupar. Alguém iria procurá-lo amanhã mesmo. À noite o advogado Trajano o procurou. Pertencia ao Departamento Jurídico da empresa do Escoteiro Chefe. Disse para Leocádio que não se preocupasse. No dia determinado Leocádio foi ao fórum. Lá estava o presidente de araque e mais uma claque de amigos. Soube depois que ele era vereador na cidade. Um falastrão e um canastrão. Fora sim presidente em épocas passadas. Sempre aparecia em solenidades.

O juiz multou o Coronel Salatiel em vinte e cinco mil reis. Pela acusação injusta e pela perda do tempo dele ali por julgar uma causa sem precedente. Leocádio até ficou com pena dele. Mas sua arrogância em pelo menos não o procurar antes do Conselho fez com que não perdoasse a dívida. Doou-a para a região. Seria o primeiro fundo financeiro. Os primeiros registros foram motivo de orgulho para Leocádio. Quando assumiu eram duzentos e oitenta. Agora estavam encostando-se aos oitocentos. E isso só na capital.

Um sábado recebeu a visita de um dirigente de um Grupo Escoteiro de uma cidade próxima. Diziam que era o grupo mais antigo. Nunca deu bola para a região. O chefe Marlinho não era o tipo de arrogante. Parecia ser boa pessoa. Mas enganou-se. Era uma cobra. Arrastava por trás para morder depois. Leocádio foi pego de surpresa. Não esperava isso. Marlinho o convidou para ir visitar o grupo. Era menos de uma hora de viagem de carro. Porque não? Pensou. – Chegou lá no sábado programado. Não encontrou ninguém.

Custou para descobrir que tinham ido viajar para uma cidade do interior. Bem longe por sinal. Lá iriam organizar um grupo a pedido do colégio de padres da cidade. Perguntou a Monfaz quantas horas de viagem. Aproximadamente quatro horas. Vamos lá? A região paga o combustível. Não estava no programa. Não dava para ir e voltar no mesmo dia. Maria Angélica estava com eles. Pediram para ela voltar de ônibus. Avisar aos pais de Monfaz e a Rosa.

Às cinco da tarde chegaram a Vargem Grande. Acharam fácil o colégio. Lá estava o grupo. A meninada correndo aqui e ali. Leocádio avistou Marlinho conversando com dois padres. Foi até lá. Marlinho levou um grande susto. Chefe? Você aqui? Como chegou? Você não me convidou? Não disse que iria me esperar na sua cidade? Marlinho ficou sem graça. Leocádio perguntou que chefe ele era. E fundar grupos não era sua função. Tentou explicar. Depois disse que numa roda de amigos da capital iria fazer o Comissário Regional de bobo. Já tinha programado uma viagem com o Grupo Escoteiro e diria que eles ficariam a sua espera.

Leocádio ficou vermelho. De novo? Quando ia acabar isso? Marlinho me chame o chefe mais antigo aqui. Estava lá o chefe Alfredo Boaventura. Você considere-se exonerado agora. Chefe Alfredo, você assume. Se souber que tomou qualquer atitude aqui você será expulso. Era assim Leocádio. Nunca deixou de mostrar o que sentia. Marlinho pediu desculpas novamente. Mas "Chefe" eu esqueci mesmo do convite. Leocádio disse a ele – Você me fez deslocar a sua cidade para nada. Tratou-me como um moleque. Vou embora agora. Não quero mais saber de você à frente do grupo.

A fama de Leocádio começou a correr em seu estado. Mas o interior estava esquecido. Ninguém dava notícias. Alfredo Boaventura assumiu o grupo do Marlinho. O procurou em uma quinta a noite na sede regional. Agradeceu a Leocádio por demitir Marlinho. Eles o achavam muito falso. Desconfiavam dele há muito tempo. Dormia nas barracas com os meninos e estes tinham um medo grande dele. Não contavam nada. Soube depois que ele fazia ameaça, não entregar distintivos e por aí vai. Leocádio detestava tais tipos. Nunca pensou que no escotismo isso existe. Leocádio era um ingênuo.

Em uma terça recebeu um telegrama do Dr. Mauro Ornelas, o Escoteiro Chefe. Dizia – Leocádio, eu tenho de falar com você urgente. Se puder vá a Companhia Telefônica hoje, às nove da noite. Farei um telefonema a cobrar. Leocádio ficou preocupado. Não seria um assunto simples disso tinha a certeza. Mas um pedido do Escoteiro Chefe para ele era uma ordem. Perguntou a Maria Angélica se sabia de alguma coisa. Nada. Ela não sabia de nada.

O telefone tocou no horário. A telefonista o chamou. Foi para o reservado. Preferiu sentar. Após os xalamaleques de praxe, o Dr. Mario entrou no assunto – Leocádio, disse. Desde a semana passada que recebo telefonemas do palácio do governo de seu estado. Primeiro um assessor. Não dei ouvidos. Depois o Secretário de Educação. Quando me falou o que pretendia não dei ouvidos. Mas o Presidente do seu estado me telefonou ontem. Insistiu. Nunca vi alguém assim. Para dizer a verdade, conheço os políticos. Quando eles querem de você algum, tem coisas por trás.

E veja bem, é um ano de eleição. Getúlio Vargas insiste em ser candidato novamente. Soube que seu estado e o outro vizinho de vocês são contra. Não sei o que vai dar. Pode até haver uma intervenção em tudo aí. Pelo que ele deu a entender é taxativo. – Mas Dr. Fale logo, está rodeando e não dizendo nada. Chegue aos finalmentes que os entretantos o senhor já falou. Dr. Mauro riu do outro lado. Ele gostava de Leocádio. Sempre direto. Seria uma pena se fosse dar ouvidos ao pedido do Presidente daquele estado. Por ele nunca faria isso. Nunca teve medo de políticos.

- Bem, vamos resumir e ser breve – Disse o Escoteiro Chefe. Eles querem sua cabeça! Claro que a conversa foi outra. Vieram com uma lengalenga de aumentar o efetivo em seu estado. Colocar as polícias militares como centro de expansão. Iriam treinar oficiais e sargentos para chefes. Não iria faltar dinheiro. Todas as escolas estaduais teriam uma ou duas salas para os escoteiros. O estado teria o maior efetivo escoteiro do Brasil. E quem sabe maior mesmo que muitos países da América do sul e da Europa.

Leocádio ouvia atentamente. Não era uma má ideia. Mas achava muito difícil uma região escoteira liderar um empreendimento como esse. Nunca aceitariam a liderança de um civil. Claro, tinha que ter alguém por trás disso. – O Escoteiro Chefe riu do outro lado. Claro que sim. Chama-se Dr. Antônio Ricardo. Como sabe ele tem uma grande empreiteira e presta serviço ao estado. São unha e carne. Ele subvenciona muitos políticos. Agora você deve estar sabendo que se aproximam as eleições. O governo do seu estado quer colocar lá um dos seus. Mas até aceitou outro que não seja o Getúlio.

Leocádio era avesso à política. Nunca participou de nenhum partido político. Na Usina fora procurado varias vezes pelos novos sindicatos que estavam surgindo. Era os tais PRP, PQR, PQ não sei o que. Tantos que Leocádio não entendia nada. Getúlio já tinha autorizado o funcionamento dos sindicatos e estava em curso à promulgação da CLT, Consolidação das Leis do Trabalho. Leocádio tinha esperanças que o tratamento e os deveres dos diretores da usina com os funcionários mudassem. Não gostava do que via. Uma política de opressão. Ficou sabendo inclusive que diversos trabalhadores tinham sumido. No alto forno não sabia de nenhum caso, mas a “Radio Pião” sempre dava notícias.

O Dr. Mario continuou – Querem que assinemos um projeto, que será enviado à assembleia do estado e promulgado como lei. Assim se amanhã o Presidente do estado for substituído o convenio estado-UEB será mantido.

Mas olhe, em troca querem sua substituição. Ri quando falaram isso. Disseram que você não tinha preparo intelectual para desenvolver o projeto. Precisavam de alguém de fibra, com largo conhecimento do escotismo brasileiro e mundial. Que fosse alguém conhecido na sociedade local. Com livre trânsito entre os políticos e a sociedade do estado.

Leocádio riu. Sabia quem seria. Nada mais nada menos que o Dr. Antônio Ricardo. Estaria em conluio com o Espanhol e com o Cel. Laércio Salatiel. O próprio Leocádio recitou o nome para o Escoteiro Chefe. Do outro lado da linha ele riu. – Leocádio, disse – Você é nosso homem de confiança. Você é que decide. Se resolver enfrentar conte com meu apoio, mas agora esta diante de uma luta inglória. Um governo do seu estado contra você. Portanto analise, pense, consulte seus amigos que fez aí. Converse muito com Dona Rosa sua esposa. O que você decidir está decidido. Você sabe que sou seu amigo. Eu o admiro muito.

- Continuou - Nunca em minha vida encontrei alguém tão probo como você. Sua honra, sua ética está acima do que se espera de um homem de bem. Para dizer a verdade se não fosse um empresário com muitas filiais em todo país e principalmente em seu estado onde tenho oito lojas de grande porte, eu mandaria todos eles as favas. Mas não podia fazer isso. Pedi um tempo. Disse que em duas semanas daria a resposta. O Secretário da Educação já me ligou duas vezes. Não entendia o porquê não o mandei embora logo.

Ninho de cobras pensou Leocádio. Ninho de cobras. Nunca pensou em se meter nesse negócio. Nunca. Isso não era para ele. Agradeceu ao Escoteiro Chefe pelas palavras. Disse que daria resposta em cinco dias. Por ele diria agora que não ia continuar. Não iria valer à pena, mas tinha que dar satisfação a muitos. Principalmente a Rosa sua esposa. Desligou e voltou pela rua movimentada pensativo. Seus olhos estavam molhados. Um homem não chora diante da adversidade pensou. Mas ele não estava aguentando. Era muito para ele.

Mario Montes olhou o relógio. Uma da manhã. Meu Deus! Tenho de trabalhar hoje. Riu. Era hoje mesmo. Olhou para o chefe Jovelino. Ele riu. Porque não continuamos outro dia? Nossa! Uma historia e tanto! Encerrar ali seria uma decepção, mas não podia ficar mais. Chefe Jovelino, falou – O Senhor Não se incomodaria de eu vir todos os dias da semana? Chegaria lá pelas oito e até meia noite iria embora. Juro que não iria incomodar. Chefe Jovelino com aquele semblante de um verdadeiro amigo, - disse – Mario Montes. Faça de minha casa sua casa. Eu gosto de receber visitas. Você é uma delas. Espero você amanhã sem falta! Certo?

Mario Montes seguia pela rua deserta. Uma e meia da manhã, segunda feira brava. Um céu cheio de estrelas. Procurou a mais brilhante. Lá pela constelação de Orion tinha uma. Linda piscava raios de cores variadas. Não pode ser pensou. Não pode ser ela. Foi somente um conto, uma historia. Ela não existe. Mario Montes riu. E sorrindo foi cantando o Rata-plã baixinho. Quanto tempo não cantava. Adorava o escotismo. Um amor incrível entre ele e o movimento escoteiro. Mario Montes era um bom escritor. Escrevia historias escoteiras lindas. Não era muito compreendido, mas um dia todos saberiam seu valor.

Vamos, não chores.
A infância está perdida.
A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.

Capítulo VI

Para dizer a verdade, Mario Montes teve uma péssima segunda feira. Mario Montes era Técnico Mecânico. Formou-se pela Escola Técnica Vicente de Moraes em Ouro Branco a mais de dez anos. Trabalhava para uma multinacional que tinha interesses em muitos estados e cidades. Fabricavam máquinas pesadas para beneficiamento de grãos e Mario Montes muitas vezes se ausentava dando apoio à instalação ou mesmo manutenção nestas máquinas. Poderia dizer que conhecia boa parte do Brasil. Gostava do que fazia. Talvez tenha sido o motivo para ainda não ter casado.

Aos vinte e oito anos já tinha um belo emprego, um ótimo salário e fazer o que gostava. Viajar. Nessas viagens conheceu muitos grupos escoteiros. Uma amizade sadia surgiu em muito deles. Diversas histórias surgiram com seus contatos com chefes e jovens de ambos os sexos. Era escoteiro desde menino. Lobinho, escoteiro e sênior. Serviu o exército por um ano. Até pensou em seguir a carreira militar. Achava-se um homem disciplinado e cumpridor dos seus deveres. Não deu certo. Interessante foi que se inscreveu em um curso de oficiais na melhor academia do país. Foi aprovado em quadragésimo lugar. Pensou e pensou. Trancou a matrícula.

Talvez porque seu pai tinha deixando sua mãe. Um casamento de mais de vinte anos. Laura Montes não tinha uma beleza que chamasse a atenção. Mas deixar sua mãe assim abruptamente? Nunca entendeu isso. Ficou sabendo que ele se apaixonou por uma menina de dezessete anos. Dezessete! Ele tinha mais de cinquenta e oito. Bem isso aconteceu há muitos anos atrás. Eles ainda viviam juntos. Mario Montes não tinha raiva do pai. Até mantinham uma amizade e se encontravam uma ou duas vezes por trimestre. Morava em uma cidade próxima. Seu pai sempre foi um excelente técnico de radio e TV. Tinha uma oficina muito concorrida e mais de cinco funcionários.

Lara a nova esposa de seu pai era uma bela mulher. Uma morena alta, olhos verdes profundos. Uma saliência nos lábios lhe dava um aspecto sensual. Nunca olhou para ele com jeito lascivo. Nunca. Mario aprendeu a respeitá-la. Sua própria mãe o ensinava a não ter ódio de ninguém. Se eles fossem felizes que tivessem sua oportunidade. Mario Montes não era um espírita convicto. Mas acreditava. Sempre achou que morrer e desaparecer não fazia sentido. Por outro lado à diferença dos povos, das pessoas, uns ricos, outros pobres, uns conseguindo boa formação acadêmica e outros saindo para o crime. E os doentes? Qual a culpa deles em nascer assim?

Por muitos anos Mario Montes procurava se encontrar. Não era fácil. Sua mãe era uma espírita convicta. Participava do Centro Espírita União dos Povos há muitos anos. Era uma catequista de mão cheia. Ajudava nas reuniões de materialização, evangelização e doava muito do seu tempo a Casa André Luiz onde tinha sob a sua tutela cinco meninas de três anos, todas com problemas graves. Algumas por terem perdido o contato com suas mães ao nascer, e outras esquecidas nas esquinas da vida devido a doenças degenerativas.

Sua mãe tinha uma vantagem. Não ficava enchendo sua cabeça com doutrinas espirituais. Nunca fez isso. Dizia que tudo tem seu tempo e sua hora. Ensinou isto sim a ser honesto, ter caráter, ética e saber reconhecer o valor de uma boa ação. Ela até o exaltava pelo seu trabalho escoteiro. Dizia – Mario Montes, a vida é cheia de escolhas, se você escolher a certa vai ter retorno. Você é quem decide. Tem o livre arbítrio. Ajuda o próximo como a ti mesmo. Fazendo isso você cumpre os preceitos dos ensinamentos de Jesus. Você faz isso bem. Escolheu o escotismo. Formação de jovens. Meu filho eu orgulho de você. Era assim minha mãe. E quem não se orgulharia dela?

Foi algumas vezes ao centro. Convidaram-no para ajudar na sopa dos domingos, quando aparecia mais de oitenta crianças. Quem sabe você organiza com eles brincadeiras, outras atividades que os escoteiros fazem? Mario Montes gostou da ideia. Mas e suas viagens? Em suas viagens não tinha data de retorno. Teve casos de ficar mais de dois meses. Se tivesse pelo menos dois dos participantes que conhecessem o escotismo, até que poderia aceitar.

Mario Montes lembrou quando esteve a trabalho em Uberaba, lá pelos anos 80. Não lembrava a data. Uma usina de beneficiamento de arroz estava com o motor falhando e não havia peças para substituição. Mario foi a São Paulo, comprou as peças e pegou um avião para Uberaba. A máquina funcionando ia retornar no dia seguinte de ônibus. O gerente do hotel perguntou se ele ia visitar o Chico Xavier. Ele se deu conta que estava na cidade do médium. Pegou um taxi e foi até lá. Uma multidão. Difícil chegar perto do médium. De longe Chico fez um sinal para

ele, gritou com sua voz rouca – Mande um abraço para dona Laura Montes. Diga a ela que gosto muito dela e espero uma visita.

Incrível! Como ele sabia? Como? Sua mãe quando retornou lhe explicou que nas reuniões de materializações, Chico Xavier sempre estava presente com eles. Eles eram bons amigos. Mas mãe, disse Mario Montes, ele está a mais de quinhentos quilômetros de distância! Sua mãe riu e disse – Para nós não existe distância. Quando estamos vivendo em espírito, elas são transpostas pelo pensamento. Fiquei encucado. Mas não entrei em detalhes.

Não fora uma boa segunda feira para Mario Montes. Tudo deu errado. Queria terminar de fazer dois desenhos de uma nova máquina para colhedeira de arroz e sua mente embaralhava. Caramba! Sua mente sempre pensando no que lhe disse o chefe Jovelino. Afinal quem era o tal de Leocádio? Ele nunca ouviu falar. Mas se existiu foi em mil novecentos e antigamente. Riu das suas palavras. Não podia ficar com um buraco negro em sua mente. Chefe Jovelino tinha de contar o resto da história. Saiu do trabalho já era quase oito da noite. Deram um pouco de trabalho seus desenhos técnicos. Saiu direto para a casa do chefe Jovelino.

Estacionou seu carro e viu na porta o chefe. Ele ainda mantinha a pose de uma pessoa sã, sem curvar. Se não fosse sua perna e seus cabelos brancos, todos diriam que teria no máximo sessenta anos. – Venha Mario. Jaides acaba de fazer um chocolate quentinho. Sabia que viria sem comer e comprei uns pãezinhos deliciosos. Mario tinha pressa. Comeu rápido. – Vamos lá chefe, sua história me acompanhou hoje o dia inteiro. Tenho que conhecer como vai terminar! Chefe Jovelino riu. Uma boa risada atrás de uma boa cheirada de rapé. Logo espirros mil. Cada um com sua mania.

Leocádio - Continuou chefe Jovelino, conversou muito com Rosa. Agora tinha peixe grande na jogada. Ele não tinha nenhuma ideia do que fazer. Tudo dizia para mandar eles as favas e voltar a sua vida e a seu grupo escoteiro. Mas e Maria Angélica? E Monfaz? E os demais? Voltaram à região porque confiaram e mim. E o Dr. Mauro Ornelas o Escoteiro Chefe? Afinal ele esperava uma resposta minha. Deixou que eu resolvesse. No entanto confiou em mim. Não gosta nada do que está acontecendo.

Maria Angélica, Monfaz e Josué foram contra. – Lembraram a ele do passado. Veja comissário, todos riram de você no início. Achavam-no um frouxo. Mas todos agora estão vendo que pela primeira vez a região está em movimento. Deixar tudo para o “esnobe” metido a besta? Já pensou o Doutor Antônio Ricardo ou o Espanhol assumindo? Do Coronel Laércio Salatiel? Seria uma derrota que não gostaria de ver. As risadas, as chacotas, quantos não iriam rir de você? E de nós também, pois estamos juntos. Ou achamos que estamos.

Era uma jogada difícil. De um lado, ele, seus amigos, sua esposa e o Escoteiro Chefe. Do outro uns “malfeitores” e uns políticos sem caráter. Mas ele era uma formiguinha. Poderia ser esmagado com um piscar de olhos. – Monfaz olhou para ele e disse: - Vai ser duro, mas se quiser comprar a briga, tenho um amigo que é repórter do Jornal o Estado, já foi escoteiro e tenho certeza que iria publicar com gosto esta notícia. É um jornal apolítico.

Leocádio vivia calado. Só ouvia. Só comentava com Rosa. Dizia o que pensava. Finalmente achou que iria enfrentar os “grandes”. Disse para Rosa que se tudo se saísse mal e eles tivessem poder na Usina ele poderia perder o emprego. Rosa riu. Leocádio disse – Afinal quantas vezes falamos de honra? De honestidade? De ética? Se todos correrem com o rabo no meio das pernas em cada grito, que Brasil nós vamos deixar para nosso filho? Que seja o que tiver de acontecer. Se perder o emprego vamos embora. Vamos procurar outro lugar. Você vende nossa casa, compramos um sítio e vamos plantar roça. Criar galinhas. E dava risadas. Leocádio adorava Rosa. Uma grande mulher. Podia ter igual, mas acima dela nunca!

Naquela noite Leocádio ligou para o Dr. Mauro Ornelas o Escoteiro Chefe. Disse sua resolução. O Escoteiro Chefe riu do outro lado. Eu sabia meu amigo. Tinha certeza que você é um escoteiro nato. Não corre ao primeiro grito, apesar de que esse não é um grito. É um berro! E riu no telefone. Olhe, seja mais maleável com os três que estão lhe fazendo frente. Sempre é bom estudar a batalha que se pronuncia com calma. Depois você os leva para o cadafalso e corta a cabeça de um por um. E deu risadas. Leocádio riu também, mas sabia que não seria uma brincadeira.

Avisou seus amigos que o auxiliavam. Deixou que eles decidissem se ficavam juntos ou não. Explicou que não iria ficar mal com nenhum deles. Era uma situação suis-generis. Englobava uma luta de David e Golias. Ninguém

abandonou Leocádio. Se já tinham orgulho em pertencer a sua equipe agora mais ainda. Leocádio pediu a Maria Angélica que fizesse três ofícios, uma para o Dr. Antônio Ricardo, um para o Espanhol e um para o Cel. Laércio Salatiel. Devia constar que o Comissário Regional sabia do pedido do Governo do Estado, e a pedido do Escoteiro Chefe resolveu continuar no cargo. Convidava para uma reunião particular, na sede regional, no domingo dia 25 as três da tarde. Exatamente dentro de um mês.

O assunto correu de boca em boca. Todos comentavam o que seria aquela reunião. Dariam tudo para estar nela e participar. De um lado um comissário turrão. Do outro. Três poderosos que nada tinham feito pelo escotismo no Estado. Apresentavam-se nas festas e mais nada. Além da capital o tema também foi muito comentado no interior. De um lado, muitos ficaram partidários de Leocádio. Outros em menor número não. Leocádio estava tranquilo. Nesse período se deu uma folga do escotismo. Tinham começado a programar o desenvolvimento do estado, através de Indaba em grupo, distrito e finalmente uma grande Indaba regional. A apoteose de tudo.

Preferiu esperar a reunião. Sabia que não seria fácil. Gente acostumada a mandar. A ter sob sua orientação milhares de empregados. Excelentes condições financeiras. Nada tinham a perder. Leocádio não. Tinha muito a perder. Seu emprego, sua tranquilidade e amigos. Amigos da usina e do escotismo. Que saudades dos seus tempos de escoteiros, pensava. Tempos em que a lealdade era ponto de honra. Que podia confiar em todos. Não havia traição. Todos eram irmãos de sangue. Durante esse tempo lembrou pouco de Baden Powell. Sabia que era o homem responsável e criou o escotismo. Mas sabia pouco sobre ele. Agora que estava ambientando. Um dia ele saberia de tudo.

Almoçou as onze da manhã. Esperou dar uma da tarde. Tomou um banho. Colocou seu uniforme devagar. Sempre se olhando no espelho. Gostava do que via. Sabia que o garbo sempre fora uma das suas conquistas. Poderia ser um “roceiro” um “capião” ou mesmo um iletrado. Mas sempre fora um escoteiro de coração. Não só com seu uniforme. Prezava o respeito nas vestimentas. Nunca o veriam sem camisa. Quando chegava uma visita a sua casa, colocava um paletó. – Era uma visita, dizia, se arrumou para me visitar. Tenho que recebê-lo do mesmo jeito.

Deu um beijo apaixonado em Rosa. Um abraço enorme em Waldinho. Parecia que estava indo para a guerra! Riu de si mesmo. Era mesmo uma guerra. Guerra de escoteiros. Sua vida profissional estava em jogo. Nunca pensou que isso pudesse acontecer. Foi ao ponto de ônibus. Pegou o primeiro que passou. Chegou cedo. Desceu duas quadras antes. Passou no bar do Joaquim. Tomou uma grapette. Saiu andando devagar. Em frente ao prédio levou um susto. Milhares, sim milhares de escoteiros. Como? De onde surgiram? Todos gritando seu nome. Uma apoteose! Ficou com medo de se aproximar. Monfaz veio correndo, Maria Angélica também.

É para você diziam. Um apoio que você nunca esperou. O assunto correu o Brasil. Estão aí escoteiros e chefes de muitos estados. As ruas paralelas estão cheias de carros e ônibus! Leocádio chorava. Não era hora, mas ele chorava. Impossível aguentar tanta emoção. Queria que Rosa estivesse ali com ele. Gritaram seu nome, o viram, foi carregado em triunfo até a porta do prédio. O Escoteiro Chefe estava lá a sua espera. Vários dirigentes de outros estados. Leocádio viu o Dr. Fabiano, comissário regional do estado vizinho. Richard, o executivo sorrindo para ele. Foi apresentado a outros regionais. – Você é o Leocádio? Meu amigo é uma honra conhecê-lo. O choro não parava. Precisava se controlar.

E os outros que convidei para a reunião, perguntou! Não vieram? Não, você sabe que quando eles soubessem disso não viriam mesmo. Pense bem, os nomes deles serão conhecidos no Brasil inteiro. O mundo escoteiro irá ver neles os traidores, os déspotas. Aposto que ficarão longe de você. Enviaram a mim – disse o Escoteiro Chefe – Um pedido de demissão do movimento escoteiro. Isso foi ontem. Aceitei. Estamos livres deles. Leocádio estava perplexo. Nunca, mas nunca mesmo pensou que aquilo poderia acontecer. Alguém trouxe uma cadeira. Todos gritando – discurso! Discurso! Leocádio chorava. Nunca fez um discurso. Subiu na cadeira, olhou aquele mundão de gente. Um silêncio enorme se fez presente.

- Meus irmãos escoteiros. Um dia que nunca esperei na vida. Um escoteiro da roça. Um iletrado. Nunca imaginei que isso fosse acontecer. Meu sonho era continuar escoteiro. Criar meu filho, viver minha vida com Rosa a minha esposa. Cheguei aqui com uma mão na frente e outra atrás. Todos riram. É verdade. Por um capricho do destino fui guindado ao cargo de Comissário Regional. Um homem bom acreditou em mim. Não foi fácil. Estávamos em situação acéfala. Cada um fazendo o que queria, claro que um bom escotismo, mas esquecendo do próximo.

A minha vida inteira aprendi que o respeito, a ética, a honra e a amizade, deveriam imperar no escotismo. Para isso temos uma lei. Se não obedecermos compreendendo o que ela significa não somos dignos de ser escoteiros. Aprendi que ser honesto faz parte de nossa formação escoteira. Que Deus abençoe a todos vocês por este apoio. Nunca vou esquecer. Prometo a vocês. Lutarei até o fim da minha vida para fazer não só do meu estado, mas também do nosso país. Obrigado.

Muitas palmas (naquela época ainda não existia a palma escoteira) Anrê, anrê, anrê se ouvia em todos os cantos. A imprensa estava lá. Muitos jornais. Duas rádios entrevistando. Querendo saber o que era aquilo. Não tiveram noticia que teria um encontro escoteiro na capital. Pediram entrevistas. Leocádio sem jeito, disse aos repórteres que o Escoteiro Chefe iria dar. Subiram até a sala da região. Lotada. Leocádio estava deslocado. Não sabia como agir. Não era sua seara.

Foram jantar no Gales' restaurante. Um luxo. De novo os tais dos pratos. Dos copos. Dos talheres. Leocádio não gostava disso. Mas ali estavam figurões escoteiros e também seus amigos. Maria Angélica ria sem graça. Monfaz também foi. Josué não quis ir. Disse que a namorada o esperava. Pediu desculpas. Muitos falando ao mesmo tempo. Do lado de fora jornalistas querendo tirar foto. O gerente perguntou quem era o homenageado. Riam e apontaram para Leocádio; todo vermelho e com uma cara de fazer dó.

Quando chegou a sua casa, era mais de duas da manhã. Rosa estava a sua espera. Ainda não sabia de nada. Quando Leocádio terminou de contar ela chorou. Ambos choraram juntos. Nunca esperava aquele final. Você venceu meu amor. Você venceu. Como ele amava Rosa. Daria sua vida por ela. Sabia que seriam felizes por toda vida. Ele nunca soube por que ela não queria um segundo filho. Perguntava e respondia, melhor um. Iremos dar a ele tudo que podemos dar. Naquela madrugada fizeram amor. Como nunca fizeram antes. Sem pressa. Rosa sua mulher, Leocádio seu marido.

Leocádio pensava se teria paz para continuar seu trabalho. Sabia que agora tudo estava mudado. Cartas, telegramas de muitos grupos escoteiros de cidades do interior que nunca tinha ouvido falar, convidando-o para ir visitá-los. Claro que iria. Era seu esquema. Seu programa. Tudo tinha sido planejado antes. Mas o mais interessante foi um estafeta do governo que foi lá à noite. Levou um convite do Secretario da Educação para que Leocádio o visitasse. Antes queria sua cabeça, agora sua glória.

O chefe Jovelino deu uma parada. Um café quente na mesa. Uma fornada de biscoitos de polvilho quente. Saídos do forno há pouco tempo. Mario Montes também não se fez de rogado. Eram dez e meia da noite. O tempo passava rápido. Mario Montes queria saber tudo. Nunca uma historia o prendeu assim. Comeram rápido. Isto é, Mario Montes comeu. Não poderia ficar até de madrugada. Chefe Jovelino riu e disse – Mario tem tempo. Hoje, amanhã, depois, ainda tem muito chão para essa historia acabar. Quem sabe você até vai desistir de ficar me ouvindo. E ria. E olhe meu amigo, não quero acabar logo. Fico muito só aqui. Quando terminar você se vai e eu?

O primeiro amor passou.
 O segundo amor passou.
 O terceiro amor passou.
 Mas o coração continua.

Capítulo VII

Mario Montes não estava com sono. A história do chefe Jovelino era um prato cheio para seus próximos contos. Não sabia se iria contar em etapas ou se iria publicar na internet em fascículos semanais. Agora não importava. Ligou novamente seu gravador. Esparramou-se na poltrona cinza, que já fazia parte do seu habitat na casa do chefe Jovelino. Este sempre ficava em uma cadeira do “papai” resfastelado como um rei, e de vez em quando retirando sua caixinha de rapé. Dava boas fungadas e espirrava sem parar. Tem gosto para tudo. Não seria o Mario Montes que iria dizer a ele para parar.

Leocádio resolveu ir. Afinal não podia recusar um convite de uma figura tão importante politicamente em seu Estado. Ele sabia que precisava de verba para tocar tudo. Precisavam de uma sede regional própria, pelo menos três salas. Precisava de muitas coisas. Pediu licença aquela tarde de terça feira ao seu chefe o Dr. Romualdo Pedreira. Gerente Geral de toda área do Alto forno, Aciaria, Laminação e pátio dos minérios. Ele foi gentil. Até o elogiou por tudo que estava fazendo. Nunca foi escoteiro e nem conhecia a organização, mas sabia que eles eram uma turma pensando em fazer o bem, formação de homens de caráter. Foi mais além, disse a Leocádio que quando ele precisasse, era só mandar um memorando e ele autorizava na hora.

Claro que Leocádio foi de uniforme. Não tinha automóvel. Foi de ônibus. Gostava de andar de ônibus. Ali seus pensamentos corriam à solta. Fora eles eram preenchidos com sua atividade profissional e escoteira. Ali no ônibus ele se sentia bem. Fazia planos, comentava consigo próprio o que devia ou não fazer, como agir e como programar para que o seu Estado fosse uma união que servisse de exemplo. O ônibus o deixou na Praça Raul Veloso. Dali foi a pé. Cinco quarteirões. Não era muito. Não para ele que sempre andou a pé em toda sua vida. Agora pensava em comprar uma bicicleta. Estavam aparecendo algumas lindas. Todos já falavam delas. A Phillips e a Hercules eram muito procuradas. Só bem mais tarde apareceu a Monark.

Chegou à entrada do prédio da Secretaria de educação. Mostrou o convite aos guardas que estavam ali. Um deles o levou até a um salão imenso. Outro engravatado o convidou a ir até a sala do Secretário. O deixou com sua secretária. Ela o olhava com desdém. Tudo bem. Não podia agradar todo mundo. Ficou ali sentando por duas horas. Chegou às três horas e já eram cinco. Quando deu cinco e meia ele se levantou. Dirigiu-se a secretaria. – Dona, eu agradeço o convite, mas vejo que o secretario está ocupado. Eu também tenho muito que fazer em minha casa. Meu filho e minha esposa me esperam. Passe bem!

Já ia saindo quando ela o chamou. Desculpe senhor, o secretario vai atendê-lo agora. Ele entrou. O secretario Sr. Archimedes (não sabia o sobrenome) nem se levantou para recebê-lo. Claro ele não era tão importante assim. Mandou que se aproximasse. Segurou as pontas do dedo dele. Boa tarde Sr. Leocádio. O famoso Leocádio? E riu feito um idiota. Leocádio estava sério. Ainda em pé. Notou que o secretario tinha bebido. Sentou e ele veio com aquela conversa que Leocádio já esperava. O telefone tocou. Era o presidente do estado (na época se chamava presidente e não governador).

Sua excelência o Dr. Magno Boaventura pede que o leve a sala dele. Vamos lá! Levantou cambaleando. Não era distante. Uma passarela pequena ligava o prédio do secretario ao Palácio do Governo. Ninguém entendia nada com a presença daquele escoteiro fardado. E mais ainda, acompanhado do Secretario beberrão. A secretaria do presidente o anunciou e ele entrou logo. Desta vez o Presidente Dr. Magno levantou e foi até porta. O cumprimentou efusivamente. Era um homem imponente. Dizem que todas as figuras importantes são imponentes. O presidente do Brasil Dr. Getúlio Vargas diziam que hipnotizava as pessoas em seu redor. Quem o conheceu pela primeira vez ficou impressionado.

Sua excelência foi direto ao ponto. Vamos dar uma recepção e logo em seguida um grande baile no sábado. Quero lhe entregar a medalha do Cruzeiro do Sul. Faça questão que você e sua esposa estejam presentes. - Exmo. Senhor Doutor Presidente. Para mim é uma honra. Mas não tenho nenhum terno. Minha esposa é uma mulher humilde. Não podemos fazer em quatro dias o que precisamos para comparecer. Por isso agradecemos de coração. O Doutor Magno riu. Gostava da simplicidade do homem. Claro, ele queria aproveitar sua fama para se promover também. Afinal era um político e candidato ao terceiro mandado. - Não se preocupe disse. O palácio vai a sua casa,

tira as medidas e sábado às quatro da tarde leva seu terno e a roupa de sua esposa. O automóvel que for levar ficará a sua disposição para comparecer a recepção.

Leocádio estava vestido com um smoking preto. Precisou de ajuda do ajudante de ordens do presidente. Nunca vestiu um e nunca tinha visto nenhum. Rosa estava linda. Ela mesma escolheu um vestido longo rosa. Os cabelos ela colocou uma Rosa branca. Rosa era especial. Uma mulher deslumbrante. Agora com aquele vestido ele tinha certeza que ela seria a mais linda da festa. Leocádio se orgulhava de sua mulher. Toda a vizinhança veio ver sua saída e de Rosa. Bateram palmas. Ambos ficaram corados. Sempre foram pessoas humildes, despretensiosas. A viagem foi rápida. Foram os primeiros a chegar. Quem os visse não os reconheceria e nem iram saber que ali estavam dois “matutos” do interior. Claro agora seriam confundidos como pessoas da alta sociedade.

Muitos os procuraram. Muitos beijaram a mão de Rosa. Um comentário de boca em boca dizia: - Linda essa mulher. Quem é? Veio da capital do Brasil? A entrada do presidente Dr. Magno foi triunfante. Sua esposa parecia estar com sono. Quase não cumprimentava ninguém. Ele foi direto a Leocádio. O cumprimentou efusivamente. Beijou a mão de Rosa. Disse a ela que era a mais linda da festa depois de sua esposa é claro. Um cavalheiro, claro um político. Quem não faz isso na política? Depois rodou todo o salão cumprimentando a todos. Meia hora depois foi a uma área livre, e pediu que todos o escutassem. Fez um belo discurso. Da força do seu estado. Dos homens valorosos que ali nasceram.

Pediu ao ajudante de ordem à lista dos agraciados. Mais de trinta. Chamou Leocádio em primeiro lugar. Fez questão de ele mesmo colocar a medalha no seu peito. Sua excelência não tinha experiência. Ao usar o alfinete para prende a medalha, ele penetrou na roupa de Leocádio e se alojou na ponta na sua pele. Uma dor “danada” Leocádio aguentou firme. Depois abraços. Depois outros muitos querendo cumprimentá-lo. Conseguiu puxar um pouco o alfinete. Agora sim. Estava bem. Ele tomou uns dois champanhes. Parou por aí. Queria ir embora. Rosa também. Mas chegou uma orquestra e começaram a tocar. Valsas vianenses, marchinhas, tango. E a dança do momento, o swing e o jazz.

Leocádio tirou Rosa para dançar. Parecia que estavam sozinhos no salão imenso. Ela rodopiava em seus braços. Quando ouviram os primeiros acordes de Begin the Beguine, com uma interprete brasileira que imitava perfeitamente Bessie Smith, eles adoraram. Eles se esqueceram de ir embora. Dançaram boa parte da noite. Quanto tempo! Há! Quanto tempo não dançavam assim. Ambos ainda se lembravam das “furrupas do passado” bem diferente de hoje. Dançavam coladinhos quando o próprio Pixinguinha subiu ao palco, eles se emocionaram. E quando Chiquinha Gonzaga começou a cantar? Uma noite inesquecível. Nunca mais iriam esquecer tamanha felicidade em ter conhecido, Chiquinha Gonzaga, Francisco Alves, Pixinguinha e Silvio Caldas. Todos em carne e osso.

Chegaram a casa com o dia amanhecendo. O ajudante de ordens não os esqueceu. Rosa teve sua noite de princesa. Iria contar a todos para todo o sempre. Quando Leocádio chegou ao trabalho, sua cara de sono era enorme. Dormira meia hora. Risos. Conversou com seu chefe de equipe e foi para a sala dos mestres. Lá sentou em uma cadeira e tirou uma bela soneca. Uma hora bastava. Teve que contar a cada um como tinha sido. Uma roda se formou em sua volta na hora do almoço. Naquela semana não foi à região. Foi no sábado. Contou a Maria Angélica e ao Monfaz o que aconteceu.

Pediu a Maria Angélica que levasse um pacote até o prédio da secretaria da educação. Ficaram os três uma semana para preparar tudo. Um pedido de quatro salas germinadas em um edifício do governo. Duas professoras a disposição do escotismo, uma verba anual de duzentos mil reis para as despesas. Um transporte à disposição para quando precisasse ir ao interior, um local fora da cidade para futuramente ser um campo de escoteiros e treinamento de chefes. Tudo isso em um convenio para cinquenta anos. Esperaram a resposta por dois meses. Nada. Leocádio ficou preocupado. O próprio presidente foi quem pediu que ele fizesse isso.

Na metade do segundo mês, mandou um telegrama ao Presidente. Não sabia se ele iria ler. Era difícil falar com ele. Duas semanas e nada. Vestiu seu uniforme e em uma segunda feira pela manhã (pediu licença aquele dia no seu trabalho) bateu a porta do palácio. O guarda o olhou zombeteiro. Tem audiência marcada? Não tenho. Só diga a secretária do presidente que ele prometeu não cumprir. Nós escoteiros acreditamos na palavra dele. Nesta hora passava um assessor do presidente. Parou e perguntou a Leocádio o que era. Explicou tudo.

Mandou-o entrar e esperar em sua sala. Quinze minutos depois pediu desculpas pelo presidente não poder atendê-lo. Mas que ele garantira que em uma semana tudo seria providenciado. Uma semana depois Maria Angélica lhe deu a boa notícia. Duas novas funcionárias se apresentaram a ela. Uma ela colocou pela manhã a outra à tarde, e ela entraria a seis. Assim teriam durante todo o tempo uma funcionária na sede regional. Disse também que um ajudante de ordens veio para lhe mostrar as novas salas. Ficavam próximo ao palácio. Um pouco longe para Leocádio quando viesse de ônibus.

Quanto à verba, precisava que se formasse uma diretoria, que após ter os estatutos aprovados e a registrada, então à verba seria depositada em nome da Região Escoteira daquele estado. Meio caminho andando. E também uma autorização onde poderiam requisitar a viatura quando se fizesse necessário. Uma semana mais tarde o telefone foi instalado. Leocádio riu. Sentou-se na sua cadeira de rodinhas e deu uma bela de uma gargalhada. Leocádio quase não acreditava. Menos de três anos. Conseguira tudo o que planejou. Caiu de bandeja na sua mão. Avisaram-no que no sábado alguém iria levá-lo até o parque da Piedade. Iriam mostrar a nova área dos escoteiros. A história foi contada e recontada por muitos anos. Finalmente Leocádio encontrou o seu caminho para o sucesso.

O próprio Leocádio não acreditava que tudo iria ser assim. Claro, muita luta de todos e muitas noites e dia de trabalho árduo. Achava que depois das eleições tudo mudaria. Ligava sempre para o Escoteiro Chefe. Agora tinham uma sala com telefone. Nem sempre conseguiam fazer a ligação. Resolveu fazer sua primeira viagem ao interior do estado. Destino? Ponte de Santa Maria. Um grupo dos mais antigos no Estado. Pegou o endereço. No sábado partiu. Quatro horas de viagem. Chegou às 13 horas. Achou que iriam reunir-se as duas. Dito e feito. Chegou lá quando iam fazer o cerimonial de bandeira. O reconheceram logo. Uma festa. Brincou com todos.

Pediu uma reunião com eles depois do horário. Ficaram preocupados. Para que? Nada, afinal vim de longe para conhecê-los e porque não trocarmos ideias? Reuniram-se na sala principal do clube. Não eram muitos. Apenas uns quinze. Leocádio se levantou e se apresentou. Meu nome é Leocádio. Nomeado pelo Escoteiro Chefe do Brasil como Comissário regional neste estado. Vim aqui na condição de irmão. Preciso de vocês...

Ninguém disse nada. Um deles se levantou, virou para os outros e disse – Urra, urra, recebemos a visita de um comissário regional! Nunca isso aconteceu! Abraços novamente. Convites para ficar até domingo. Leocádio estava preparado. Já tinha avisado a Rosa que só voltaria no dia seguinte. Hospedou-se na casa do Chefe do Grupo. Foi uma viagem frutífera. Soube de mais um Grupo Escoteiro próximo. Em Durvalina, menos de cem quilômetros. Saiu dali com uma indaba marcada para daí a trinta dias com os dois grupos.

Um fato interessante aconteceu em Três Poderes. Nunca ouviu falar do escotismo naquelas plagas. Era longe da capital. Mais de trezentos quilômetros. Foi de ônibus em uma sexta à noite. Mandou um telegrama para o prefeito. Não sabia o endereço dos escoteiros. Levou Monfaz com ele. Uma viagem difícil. Estrada ruim, esburacada. Chegou lá em pandarecos. Ao aproximar da pequena rodoviária uma multidão. Banda de música. Fanfarras. Centenas de meninos e meninas. Escoteiros e escoteiras (era proibido na época). Todos devidamente perfilados. Quando desceu (estava de uniforme e Monfaz também) um foguetório imenso. Um palanque armado. Aboletados no palanque, o prefeito, o chefe do grupo, várias autoridades da cidade.

Um ajudante de ordens o levou até lá. Uma salva de palmas imensa foi pedida pelo ajudante de ordens. O dono da claqué. Leocádio ouviu discursos e discursos. Só o prefeito Dr. Avelino falou por uma hora. Só parou quando os meninos no sol começaram a cair de insolação. Parecia um leque de cartas. Leocádio não fez discurso. Só disse – Meu alerta a todos! Estou alegre em estar com vocês. Após foram todos almoçar. Um belo almoço. Mais três pratos, quatro copos, três garfos etc. Leocádio já estava aprendendo. Deu risadas.

A tarde chamou o Chefe de Grupo. Pediu para ele convocar os demais chefes e assistentes do grupo. Uma surpresa. Mais de cento e cinquenta adultos na sala. Chefe, ele disse, só os chefes. – Mas Senhor Comissário aqui todos os professores e professoras estão à disposição do escotismo. Uma lei da nossa Câmara de vereadores. Tudo bem meu amigo, mas hoje só os que estão nas reuniões com os meninos. Ficaram quarenta ainda. Como sempre a velha rotina. Patrulhas, gritos, escolha de temas. Dois jogos para esquentar. A reunião terminou às dez da noite. O chefe do Grupo providenciou um lanche forte para todos.

Retornou deixando tudo preparado para uma Indaba em três meses. O chefe do grupo ficou responsável para convidar os grupos vizinhos. Um fato interessante aconteceu em Bela Fama. Um médico da cidade pediu se

alguém poderia visitá-los. Já tinham um grupo pequeno. Mas não sabiam o que fazer. Leocádio tentou Maria Angélica. Ela não podia ir. O mesmo aconteceu com Monfaz. Ele estava cansado. O escotismo estava tomando muito o seu tempo. Agora um trabalhão com as salas novas, solicitações de doações de material de escritório, mesas, cadeiras, máquinas de escrever, não estava fácil. Claro, tinha três professoras que ajudavam, mas elas tinham que ser muito treinadas. Seu staff não cresceu. Ainda Maria Angélica, Monfaz e Josué.

Achou que era hora de aumentar o número de pessoas. Pensava inclusive em alguém para substituí-lo. Ele não poderia ficar eternamente. Tinha planos de em cinco anos fazer uma eleição para sua substituição. Mesmo com todas as dificuldades eles conseguiram levar a região, os indabas no interior, e faltava o principal. Dinheiro. Precisava ter uma diretoria logo. Não quis determinar uma. O Conselho estava próximo. Já tinha nomes de pessoas que julgou serem capazes. O Coronel Maragão, o Dr. Felinto, presidente do Grupo Escoteiro Antônio Carlos, o engenheiro Pedrosa, um lutador pelas causas escoteiras. Ainda não tinha sondado ninguém, mas achava que conseguiria convencê-los a aceitar.

Ele mesmo foi a Bela Fama. De ônibus. Não tão longe, duas horas e meia de viagem. Ninguém a esperá-lo na rodoviária. Diferente das outras que ou tinha uma comissão ou então as eternas recepções de banda de música e fanfarras. Passava das onze da manhã. Perguntou a um carregador sobre o Dr. Paulo de Tarso. Foi até o hospital. O homem estava em plantão. Não podia atendê-lo. Não estava entendendo nada. Tinha mandado um telegrama e recebido à confirmação.

Saiu em um passeio pela cidade. Pequena. Iguais a tantas que já conhecera. Uma rua principal, comércio, uma praça e uma igreja. Foi até a igreja. Havia muito tempo que não rezava. Um padre rezava uma missa. Ele ficou ali assistindo. Terminada o pároco veio falar com ele. Conversarem por algum tempo. Foi convidado tomar um café na sacristia. O tema escotismo foi à pauta. O pároco comentou sobre o Doutor Paulo de Tarso. Um grande médico disse. Sozinho no ambulatório da cidade e quase sozinho também no hospital. Não sabia onde teria tempo para dedicar ao escotismo.

Leocádio ficou preocupado. Mas mesmo assim foi à casa do médico. Foi atendida na porta por uma loira exuberante. Um short apertado, uma blusa que mostrava tudo. Nada a dever das grandes atrizes de cinema. Convidou-o a entrar. Muito educada. Muito gentil. Ele até ficou preocupado. Ela sempre sorrindo. Serviu café, biscoitos, sentou ao seu lado na poltrona. Ele se encostou a um canto da almofada. Ela encostou-se a ele. Caramba! O que é isso? Levantou-se e foi à janela. Disse a ela que voltaria depois. Ela veio por trás. O abraçou. Começou a beijar suas costas e a acariciá-lo.

Leocádio não falou nada. Saiu como entrou. Ela estava na porta acenando. Pegou o primeiro ônibus e voltou para a capital. Contou tudo para Rosa. Ela riu. – Você não tem ciúmes? Claro que tenho disse. Mas você é um escoteiro. Eu confio em você. – Rosa, só a Rosa para falar assim. Nunca irei traí-la. Jamais. Convidou-a para passar o domingo na lagoa de Santa Cecília. Uma linda lagoa muito visitada por turistas. Levamos matutagem? Perguntou. Não. Desta vez vamos almoçar no restaurante O Remanso da Lagoa. Dizem que lá tem um bacalhau que poucos restaurantes têm.

Foi um domingo maravilhoso. Há tempos não passavam juntos, conversando, se amando platonicamente, fazendo juras de amor e Leocádio correndo na grama a brincar com Waldinho. Chegou a casa tarde. Ainda deu tempo para se amarem. Leocádio e Rosa se amavam como dois jovens amantes. Nunca em tempo algum tiveram direito de reclamar um do outro. Difícil um amor assim. Difícil duas caras metades se entenderem tão bem. Leocádio sabia que se não fosse Rosa, ele não seria o que é hoje. Devia a ela sua vida.

Uma da manhã. Mario Montes não queria ir embora. Já tinha tomado diversas xícaras de café. Mas não tinha jeito. Tinha um dever. Sempre fora bom profissional. Não ia faltar. Olhou para o chefe Jovelino e disse – Meu amigo, não dá mais para hoje. Amanhã as oito em ponto e estarei de volta. Acho que sua história está chegando ao final. Chefe Jovelino riu. Não sei Mario, não sei. Mas olhe, estarei esperando você. Você me faz companhia. Eu preciso disso. Ando muito sozinho apesar de que Jaidles sempre foi um baluarte em minha vida. Mario Montes desceu as escadas da varanda devagar. Virou-se e perguntou, Chefe, você conheceu o Comissário Leocádio? Mario meu caro já lhe disse. Toda história tem começo meio e fim. Aguarde o final da história.

Mario Montes entrou em seu carro e quase bateu em um poste. Sua mente estava voltada para a história fantástica que estava ouvindo. Uma história para ser contada e recontada. Chegou a casa, tomou um banho rápido, comeu o lanche que sua mãe tinha deixado no forno e foi dormir. Dormir? Uma boa parte da madrugada a pensar, a viver no passado, aquela aventura que um comissário regional viveu. Dormiu. Sonhou que estava em 1930. Seria um ano gostoso de se viver? Não sabia. Todos os anos são bons para se viver. Não é o ano quem faz a pessoa e sim a pessoa que faz o ano.

Sinto saudades de tudo que marcou a minha vida.
Quando vejo retratos, quando sinto cheiros,
quando escuto uma voz, quando me lembro do passado,
eu sinto saudades...

Capítulo VIII

Até amanhã meus amigos. Hora de partir falou Mario Montes aos companheiros de jornada. Naquele dia o expediente se encerrou cedo. Ele sabia aonde ia. Para a casa do chefe Jovelino. Sempre pensando na história do chefe Leocádio nem notou um farol vermelho. Uma viatura policial estava ali e fez sinal para parar. Caramba! Que azar! Azar ou displicência? Explicar que era escoteiro? Explicar que estava ouvindo a mais bela história de todos os tempos? – Sempre Alerta! – Olhou espantado. Zaqueu? É você? Claro que sou eu chefe. Mas aonde vai com essa pressa toda? Zaqueu se contar a você não vai acreditar. Posso até acreditar chefe, mas vou aplicar a multa. Como você nos ensinou no passado que não devemos fugir das responsabilidades, aqui está ela!

Zaqueu, um sênior calmo e ponderado. Quando tempo. Mas ele estava certo. Sorriu azedo. Cento e oitenta reais. Bem que assim seja. Fez o sinal escoteiro para ele e foi em frente. Agora prestando mais atenção. Logo chegou à casa do chefe Jovelino. Subiu as escadas correndo. Ele estava sentado na varanda em uma cadeira de balanço de palhinha. Nem viu. – Calma meu amigo Mario Montes. Calma, nosso celebre Pitágoras já dizia que com organização e tempo, acha-se o segredo de fazer tudo bem feito. E deu uma bela de uma gargalhada.

Sentou ali mesmo na varanda ao lado dele. Uma linda poltrona de balanço chamava para ficar a vontade. Chefe Jovelino comprou uma poltrona de balanço cara. Ela era regulável. Elétrica. Você é quem decide qual a velocidade queria que ela balançasse. Ele como sempre deu duas fungadas da boa em seu rapé. Confesso que não entendia. Respirar um pó e depois ficar espirrando? Já disse. Não seria eu quem iria falar isso para ele. Eu com vinte e seis anos, ele com mais de oitenta.

Durante todo aquele ano, Leocádio trabalhou duro viajando para o interior. Todos os sábados praticamente. Agora tinha uma ideia do que deveria fazer para desenvolver o escotismo em seu estado. Uma grande Indaba Regional foi programada para janeiro do próximo ano. Dois meses depois o Conselho Regional. Iria matar dois coelhos em uma só cajadada. Estava pensando em ir ao Conselho Nacional no Rio de Janeiro. Não tinha certeza se iria. Na sexta ao chegar à sede, soube que a Maria Angélica tinha sido internada no hospital do servidor público. Correu para lá. Ninguém o informou do estado dela. Não podia ficar lá. Pegou o ônibus, foi em casa, avisou para Rosa e voltou.

Passou a noite no hospital do Servidor Público. Só bem de madrugada que um médico se dignou a falar com ele. Secamente, como se estivesse falando de uma paciente qualquer, explicou em linguagens técnicas que Leocádio não entendeu. Uma enfermeira mais educada, após a saída do médico explicou a ele do que se tratava. Uma grande pneumonia pulmonar. Ela estava sedada. Respirava por aparelhos, mas não na UTI. Esta é só para quem pode pagar. Leocádio ao amanhecer o dia pegou o primeiro ônibus e foi para o palácio do governo. Não tinha entrada franca, mas pediu para falar com um assessor do presidente.

O guarda já o conhecia. Avisou o Doutor Lourival. Inteirou-se do pedido de Leocádio. Ligou para o Hospital. Falou com o Diretor. – Resolvido meu amigo. Sua funcionária e nossa também. Ela está sendo transferida para UTI. O Diretor me garantiu que ela seria olhada com todo carinho. Disse para você procurá-lo quando for ao hospital. Lourival estava espantado com o tratamento que estava recebendo. As eleições já tinham passado, mas o respeito por ele ainda existia no palácio.

Leocádio foi a um telefone público e ligou para seu trabalho. Disse que talvez ele não fosse trabalhar naquele dia. Passou todo o dia no hospital. Encontrou a mãe e o pai de Maria Angélica. Dois velhinhos muito simpáticos. Não choravam. Ele não perguntou por quê. Pensou em consolá-los, mas foram eles que consolaram Leocádio. A noite uma boa notícia. Maria Angélica tinha saído da UTI. Podia agora receber visitas. Ele foi junto com os pais dela. Não houve choros entre eles. Parecia que uma auréola brilhante estava ali naquele quarto. Leocádio não viu, mas sentia calafrios de felicidade ao ver tantos sorrisos entre os pais e Maria Angélica.

Voltou para casa naquela noite. Antes de sair receberam a visita do diretor. Explicou como estava ela e daria alta no dia seguinte. Que ficassem tranquilos. Tinha ordens para levá-la em casa em uma ambulância. Foi uma noite de pedra. Sim de pedra. Leocádio dormiu como uma pedra. Risos. Pela manhã quando ia trabalhar e ao se despedir de Rosa, ele prometeu a si mesmo que faltas no serviço agora, só depois de dois anos. Uma promessa que não cumpriu.

Passaram-se dois meses. Estavam na véspera de natal. Leocádio queria presentear seus amigos na noite em que Jesus nasceu. (naquela época Papai Noel era um sonho distante, noites de natal bem melhor que hoje.) Comprou uma pequena lembrança. Encontrou em uma loja uma replica de broches verdes com uma flor de Liz amarela. Não era caro. Também não era barato. Era folheada a ouro. Rosa achou que valia a pena. Não tinham ainda décimo terceiro salário, mas eles tinham uma pequena economia. Na noite de natal ele convidou a todos para passaram juntos em sua casa. Maria Angélica trouxe seus pais.

Foi uma linda noite, Dona Ana e o Senhor Jairo, pais de Maria Angélica a meia noite fizeram juntos uma oração. Nunca tinham ouvido igual. Era como se estivessem conversando com anjos. Um semblante maravilhoso no rosto dos dois. Leocádio seria capaz de jurar que tinha uma luz acima da cabeça de cada um. Monfaz não viu. Ele chegou e ficou pouco tempo. Sua família tinha preferência e mais do que certo isso. Rosa olhou para Leocádio. Ela também tinha o mesmo semblante. O mesmo sorriso, a mesma luz!

O dia da abertura da Indaba Regional chegou. Leocádio convidou o Escoteiro Chefe. Uma presença extraordinária. Mais de quatrocentos participantes. Uma alegria enorme. Apertos de mão, sorrisos em profusão. Abraços. O Escoteiro Chefe gostou disso. Sorriu para si e pensou. Deus me guiou quando escolhi esse moço. Acho que a não ser nos jamborees que participei na Europa e no Brasil é o primeiro encontro escoteiro que vejo essa fraternidade.

Ele viu Leocádio desenvolto, brincando de chefe com mais de cinquenta patrulhas. Quando davam o grito, as irmãs na janela se assustavam. Leocádio e Monfaz conseguiram por um preço bem camarada, um convento pertencente às Irmãs Beneditinas, um local amplo. Mais de cento e cinquenta quartos, cada um com três ou quatro camas. A região escoteira entrou com toda a estrutura alimentícia. A cozinha enorme era dirigida por uma irmã enorme, mais de um metro e noventa, que quando dava um sorriso todos saiam de perto. Ele tinha o mesmo vício que eu (quem falava é claro era o chefe Jovelino). Adorava fungar também um rapé. Seu espirro levantava mesas e cadeiras. Risos.

As discussões foram acaloradas. Uma animação incrível. A noite era preciso ser educado e pedir a todos que fossem para seus aposentos. Leocádio se preocupou com as moças e senhoras. Não deram trabalho. Ele tinha convidado Rosa para participar, mas ela disse que não. Era uma atividade de escoteiros disse. – Meu amor, você é uma escoteira, e uma das melhores. Rosa ria. Não é a mesma coisa Leocádio. Graças a Deus que não houve nada que pudesse desmerecer a lei e a promessa escoteira.

Leocádio nunca cantou a canção da despedida. Ali naquela época não existia. Mas cantaram uma que todos sabiam, de mãos dadas, ele mesmo não sabia toda a letra, uma das moças foi quem sugeriu. – “quem parte leva saudades de alguém, que fica chorando de dor”. Por isso não quero lembrar, quando partiu meu grande amor. Ai, ai, ai, ai está chegando a hora. O dia já vem raiando bem e eu tenho quer ir embora. Todos chorando, alguns soluçando. Abraços, beijos, apertos de mãos e até outra vez. Todos prometeram estar na próxima.

Foi divertido. Centenas de escoteiros partindo em caminhões lotados. Monfaz e Josué Pedreira conseguiram na Polícia Militar, na prefeitura, no exército e até em empresas de transportes. Dezesseis caminhões no total. Ali desfilavam belos Fords, Chevrolet, Dodge e Commer. Leocádio e seus amigos ficaram ali no pátio vendo todos partirem. Quando o ultimo caminhão sumiu na curva da estrada, Leocádio, Maria Angélica, Monfaz e Josué se abraçaram por muito tempo. Algumas freiras a janela não estavam entendendo, mas imaginaram que ali tinham amigos que nunca em toda a vida iriam se separar. Amigos para sempre.

Leocádio se deu umas férias do escotismo. Precisava. Um ano sem parar nos fins de semana. Achava que boa parte do que tinha imaginado aconteceu. Pediu férias em seu trabalho. Conseguiu vinte dias. Estava no final de janeiro, início de fevereiro. As aulas escolares começavam na metade do mês. Os três foram para um balneário em Guamparanã. Foi maravilhoso. Waldinho adorava o mar. Seu pai e sua mãe também. Alugaram um chalé simples. Eles mesmos faziam suas refeições. O dia inteiro na praia. Uma vida que Leocádio pediu a Deus.

Quando voltou estava sentindo saudades de seus amigos escoteiros e também dos seus colegas de trabalho. Sempre se deu bem com todos. Para dizer a verdade nunca mandou ninguém embora. O segundo Alto Forno estava quase pronto. Bem melhor que o primeiro. O Doutor Romualdo Pedreira o chamou em sua sala – Leocádio eu preciso de você para tomar conta também do segundo alto forno. Doutor Romualdo, mas como? O primeiro me toma muito tempo. Leocádio, agora você vai administrar. Vão ter três chefes de equipes de alto forno, dois mestres e claro, funcionários dobrados. E o melhor, salário aumentado. Riu.

Faltava uma semana para o Conselho Regional, Leocádio procurou o coronel Maragão em primeiro lugar. Foi franco e direto. - Preciso do senhor para assumir uma chapa, onde vamos eleger a diretoria da região. Como o senhor sabe não tem salários – risos – Não tem boa vida só tem muito trabalho. A região nunca teve uma diretoria ativa. Essa será a primeira. Para isso conto com o senhor. O coronel Maragão estava rindo com as palavras de Leocádio. Já tinha ouvido falar nele. Um matuto do interior que foi guindado ao mais alto cargo em sua região. – Aceito meu amigo. Trabalhar junto com você será uma honra.

O Doutor Felinto não queria aceitar. Disse que iria pensar. Leocádio falou para ele que tudo bem. Ia tomar um café na esquina e voltar para saber qual a resposta. Doutor Felinto deu uma gargalhada que há tempos não dava. Vem cá Leocádio. Com você não tem jeito. Vamos lá. Vou fazer o que? - Será o diretor financeiro. Cuidar das finanças. Leocádio contou para ele a conversa com o presidente no ano anterior. Doutor Felinto perguntou – Leocádio, você acredita mesmo nisto? O presidente nunca me falhou, portanto acredito.

O engenheiro Pedrosa estava viajando. Sua esposa disse que só voltaria em quinze dias. Não dava. Em cima da data do conselho. Onde ele está senhora? Próximo a São Leopoldo. Estão construindo uma estrada entre a cidade e a capital. A velha não serve mais. Com as últimas chuvas caiu tantas barreiras e pontes que acharam melhor fazer uma nova. Leocádio chamou Monfaz. Umas quatro horas de viagem. Leva-me lá no seu carro? A região aguenta o combustível.

Saíram no sábado pela manhã. Voltaram lá pelas oito da noite. No bolso, a inscrição do Engenheiro Pedrosa no cargo de diretor Administrativo. Uma surpresa o esperava no Conselho. Mais duas chapas se apresentaram. Leocádio ficou preocupado. Sabia que uma delas era do Espanhol. A outra não sabia. Só no dia viu que seria formado pelo Coronel Laércio Salatiel. Seria uma boa briga. Três chapas. Leocádio ficou receoso. Não sabia se podia confiar. Mais de duzentos chefes presentes. Na época todos votavam. Bastava estar de uniforme.

As patrulhas do ano anterior se formaram no pátio da faculdade. Uma garoa fina caía calmamente. Ninguém se preocupou com isso. Içaram a bandeira. Cantaram o hino nacional. Monfaz fez um jogo que ninguém entendeu nada. Uma bagunça gostosa e sorridente. Hora do almoço. Uma grande confraternização. Leocádio ia de mesa em mesa. Ele não concordava, mas tinha virado um político de primeira. Mesmo assim ele ainda tinha dúvidas. Se perdessem tudo bem. Fez o que podia, agora seja tudo o que Deus quiser.

À tarde discutiram as taxas que iriam ser cobradas pelos registros. Ainda não tinham sido definidas. O Espanhol pediu a palavra. Garantiu que se sua chapa ou do coronel Laércio Salatiel fosse eleita que eles não se preocupassem. A região do estado estaria isenta. Ela pagaria tudo. Não importava quantos seriam registrados. Leocádio não disse nada. Não rebateu. Tudo há seu tempo. Combinaram com o reitor da faculdade um jantar dançante. A orquestra era formada pelos amigos do Josué. Leocádio não sabia, mas ele era um excelente trompetista.

Foi um baile maravilhoso. Um conselho regional, um baile, amigos se encontrando quer melhor? Nada de ficar só sentado em cadeiras, ouvindo coisas até cochilar. Dormiram cedo. Levantaram cedo. Um jogo e hora da votação. Leocádio disse a Maria Angélica que estava cismado. Será que podia confiar? Ele tinha jurado a si próprio que não faria propaganda. Achava que todos os chefes o conheciam. Tinham-se dúvidas. Poderiam escolher os outros. Quem sabe eles poderiam dar mais do que ele deu?

O coronel Salatiel o procurou. - Leocádio, disse ele. Porque você não dá uns quinze minutos a todos que quiserem se manifestar? Afinal você não acha que isso é democrático? Leocádio riu. Meu amigo coronel, você faria isso se estivesse em meu lugar? Mas diga com sinceridade. Deixaria que eu julgasse o que você fez durante sua permanência a frente da região? O Coronel Laércio Salatiel riu e saiu dando gargalhadas. A região estaria bem com aqueles patifes. E ainda diziam ser escoteiros.

Meia hora antes Leocádio surpreendeu a todos. Convidou os diversos candidatos a Presidente para comporem a mesa. Ficaram em dúvida. Será que ele não estaria preparando alguma coisa? Mesmo assim aceitaram. Leocádio estava dirigindo tudo. O Escoteiro Chefe não pode comparecer. Uma filha doente. Pediu mil desculpas. Desejou boa sorte a Leocádio. Pediu silêncio e disse que ia dar a palavra a todos os candidatos, um representante por chapa. Cada um teria meia hora se quiserem. O Espanhol sorriu. Levantou e pediu a palavra. Fez um lindo discurso. Quase quarenta minutos. Prometeu que a região teria um escotismo europeu. Melhor que todos. Recebeu palmas normais.

O Coronel Laércio Salatiel também usou da palavra. Foi enfático nos seus dizeres. “Precisamos de homens, homens que façam desse estado uma grande nação”. E foi por aí a fora. Vinte minutos. Terminou dizendo que promessas podem ser ditas, mas não cumpridas. Ele era das forças armadas, um homem de bem. Se fosse o escolhido o escotismo seria outro. Teria certeza que o exército daria todo o apoio. O pior desceu e foi agradecer e cumprimentar a um por um dos presentes. Mais de duzentos. Ficou em dúvida se dava prosseguimento ou se esperava. Resolveu esperar. Não tinha pressa.

Sua vez. Todos olhando para ele, falar o que? Nunca foi muito bom orador. Sabia agir e não falar. Meus amigos chefes – Começou – Eu não sei o que dizer. Nunca prometi o que não posso cumprir. Vim do nada, e sei que para o nada eu vou. Sou como vocês. Nada mais nada menos. Risos. Uma casualidade me colocou aqui. Não pretendia. Alguém confiou em mim. Acredito que vocês devem escolher o melhor, e para dizer a verdade eu não sou o melhor. Sei que a região escoteira está dando um salto gigantesco na história. Nunca isso tinha acontecido. De um conselho regional de duas horas com cinco a oito participantes, estavam ali com duzentos, e duração de três dias.

A indaba Regional reuniu mais de quatrocentos. Onde isto aconteceu no Brasil? Mas não fui eu quem fez isso. Foram vocês. E podem muito bem continuar assim não importa quem esteja na liderança. Disse que devia isso a todos que estavam ali. Ele se sentia plenamente fortalecido em tudo que planejou. Não importa disse, quem vença hoje. Não é um jogo de poder. Eu não considero isso. Que cada um cumpra seu dever. Sentou devagar. Não disse mais nada.

Tinha combinado com Maria Angélica que ela distribuísse as cédulas de votação. Já tinham escolhidos quatro chefes e duas moças para a comissão apuradora. Mas o impossível aconteceu. Todos de pé, aplaudindo. Não precisa de votação. Por unanimidade você é nosso comissário, confiamos em sua escolha, vocês são nossos novos diretores. Leocádio levantou novamente. Amigos, disse. Não é certo. Dissemos que haveria uma eleição. Mudar a regra do jogo agora não é leal, e vocês sabem nos somos leais, afinal somos escoteiros.

A eleição foi realizada. O resultado já esperado. Cento e noventa e quatro votos para a diretoria de Leocádio, e os seis votos distribuídos pelos outros. Eles não esperam o resultado da eleição. Saíram antes. Leocádio lembrou-se de um ditado, quem não serve para servir não serve para viver. Leocádio viu em um jornal que um grande homem estava em evidência na Índia. Achava que poderiam conseguir a liberdade pelas ideias, pelas palavras. Ficou muito tempo preso. Leu que ele dizia mais ou menos assim – A dignidade pessoal e a honra não podem ser protegidas por outros. Devem ser zeladas pelo indivíduo em particular.

A posse foi uma explosão de palmas. O Coronel Maragão, o doutor Felinto e o Engenheiro Pedrosa estavam orgulhosos. Conheciam bem o sistema presidencialista. Nunca eles tinham visto uma democracia tão autêntica como aquela que ali se apresentou. Sem prometer falaram pouco. Todos os presentes e os demais que não estavam presentes não iriam se decepcionar. Eles fariam tudo para que a região fosse o exemplo para o Brasil. Eles não se consideravam os melhores, mas fariam tudo que pudessem em qualquer ocasião. O novo presidente Coronel Maragão disse - Não sou melhor nem pior que ninguém, eu tenho defeitos e qualidades como qualquer ser humano, afinal, eu sou um ser humano, mas prometo pela minha honra que nunca se arrependeram de ter confiado em mim.

Quarta feira, meia noite. Mario Montes olhou para o chefe Jovelino. Ele sorriu. Acho melhor parar. Para dizer a verdade mais algumas horas e vou terminar. E saiba, sentirei saudades de você. Você não sabe como foi boa a sua companhia. Estava realmente muito só. Poucas visitas. Poucos dispostos a ouvir esse "Velho" escoteiro. Mario Montes o olhou e disse – Olhe chefe, não vou esquecer nunca. Saiba que enquanto estiver na cidade, pelo menos duas vezes ao mês venho passar um domingo como senhor. Chefe Jovelino riu. Venha, prometo que terei outras histórias para contar.

Mario desceu as escadas devagar, chefe Jovelino estava em pé, na varanda se despedindo. Chefe Jovelino, diga-me, já me negou tanto! O Senhor Conheceu o Comissário Leocádio? Risos, de novo Mario Montes? Já disse. Quer que lhe conte o final eu conto. Assim encerramos nossa missão. Nada disso chefe, nada disso. Até amanhã. Pode apostar que às oito horas em ponto estarei aqui. Pegou seu automóvel e sumiu na esquina de uma noite sem luar, mas com belas estrelas no céu.

Sinto saudades do presente,
que não aproveitei de todo,

lembrando-me do passado e
apostando no futuro...

Capítulo IX

Que azar, não deu para Mario Montes ir à casa do Chefe Jovelino na semana. Um imprevisto com sua mãe e visitas. Sua tia, seu marido e os dois filhos vieram de longe para visitá-los. Ficaram hospedados por cinco dias. Mas no terceiro Mario Montes pediu licença e partiu correndo para a casa do chefe Jovelino. Era sábado. Estava escurecendo. Não ia sair de lá enquanto a história não acabasse. A não ser que pela madrugada o chefe Jovelino o expulsasse. Pegou seu palio e em menos de dez minutos chegou. Desta vez sem correr e prestando atenção nos sinais.

A casa estava às escuras. Mario Montes pensou que o chefe poderia estar fora. Devia tê-lo avisado, um simples telefonema. Afinal não sabia por que se esqueceu disso. Achou que o Chefe Jovelino estava a sua disposição. Riu de seu pensamento. Sabia que não pensava assim. Ficou ali parado sem saber o que fazer. Dar meia volta? Uma batida na janela. Era o Chefe Jovelino. Vamos entrar meu amigo, apenas uma falta de luz momentânea. Já está voltando e não precisamos de luz, precisamos?

Mario Montes olhou para o céu. Uma lua enorme. Rechonchuda, bonita que nem um queijo do seu estado. Claro, chefe, claro. Desceu do carro e subiu às escadas, satisfeito consigo mesmo. Na varanda, na mesma cadeira de balanço de palhinha sentou o chefe Jovelino, na poltrona elétrica que ele gostava se instalou gostosamente. Mas sem eletricidade ele só sentou. Lá estava também Jaidles escondida em uma cadeira em um canto. Cumprimentou Mario Montes. Pela primeira vez ele pensou que a irmã do chefe Jovelino era estranha. Ela era morena escura, cabelos crespos. Diferente do que deveria ter sido o chefe Jovelino na infância, loiro é claro.

Sempre calada, dificilmente ela dava um alô ou um como vai você. E sempre muito baixo. Tinha o dom de se passar despercebida. Chefe Jovelino riu. Será? Mario Montes achou que ele tinha lido seu pensamento. Bem uma impressão minha. Ela também olhando e vendo o que o Mario Montes dizia baixinho, disse – O senhor me desculpe. Logo que a luz voltar, farei um gostoso cafezinho para nós. E desta vez tomaremos os três junto. Deu uma risadinha. Mario Montes ficou deveras cismado. Bem meu caro amigo, vamos continuar? Disse o chefe Jovelino. Claro, claro.

Foi uma semana difícil para Leocádio. A inauguração do segundo alto forno o deixou esgotado. Uma grande festa. Autoridades de todo o país. O próprio presidente Getúlio Vargas estava presente. Era função de Leocádio fazer a primeira corrida de ferro gusa no dia. Todos esperavam que a primeira corrida fosse um sucesso. Os funcionários abriram primeiro a saída da escória. Essa sempre em primeiro lugar. Difícil aproveitamento. Hoje em dia não. É muito aproveitada. Depois fizeram outra abertura e o ferro gusa correu lindo pelas canaletas de areia até a uma grande panela sobre trilhos de onde seriam transportadas para a Aciaria.

Um foguetório imenso. Abraços. O presidente Getúlio fez um discurso. Ele era eloquente. Sabia como conquistar as massas. A multidão aplaudia freneticamente. Dalí ele e demais convidados Vips foram para uma grande sala no Departamento de Alto forno. Para caber todos, abriram paredes em dois andares ficando dois amplos salões. Serviram canapés, champanhes, e um legítimo Bourbon, que diziam ter vindo diretamente do Kentucky, escolhido para o presidente Getúlio Vargas, um apreciador da bebida.

O presidente não ficou muito tempo. Desceu ao andar de baixo onde estava Leocádio. Fez questão de cumprimentar a cada um. Ele era assim. Diziam que sempre foi um populista e que conquistava as massas com facilidade. Leocádio acreditou mesmo. Ao vê-lo discursar e a sua saída apoteótica, comprovou sem sombras de dúvida o que diziam dele. E mais ainda, quando pegou na sua mão, olhou dentro dos seus olhos e disse – Você é o escoteiro famoso – rapaz ouvi muito falar de você. Parabéns! E agora ele perguntava, podem dizer quem aguenta receber tal elogio do Presidente da República e ficar indiferente? Leocádio chorou ali, lágrimas brotaram dos seus olhos.

Quando Leocádio contou para Rosa, ela também chorou com ele e o abraçou. Ficaram assim por tempos na sala sob o olhar perplexo de Waldinho. Eles o trouxeram ao colo. Agora eram três abraçados. Resolveram dar uma volta. Pegaram o ônibus e foram até o centro da cidade. Dali um filme. Sete da noite, o porteiro deixou Waldinho entrar. Estava passando No Tempo das Diligências. Um filme de John Ford. Com um grande número de astros do

momento – John Wayne, Claire Trevor, Andy Devine, George Bancroft, John Carradine e muitos outros. Waldinho dormiu, mas Leocádio e Rosa não tiraram os olhos da tela.

Com a inauguração do alto forno dois, Leocádio teve um substancial aumento de salário. Já pensava em comprar um carrinho. Ele precisava guardar um pouco. Na cozinha a geladeira nova. Rosa não cabia em si de contente. Sua casa estava pronta. Algumas poucas coisas a fazer aqui e ali. Já tinha sua bicicleta Philips. Ia e voltava do serviço com ela. Tinha pneu balão, faixa branca. Linda. Todos olhavam quando ele estacionava no bicicletário da usina recém-inaugurado. Uma época onde o respeito pelo bem alheio era questão de honra. As janelas das casas tinham “tramelas” tão simples que um simples bater com mais força se abriam. Mas ninguém invadia.

Ainda se mantinha o respeito, onde beijar a mão dos mais velhos era ponto de honra. Onde olhar nos olhos dos pais e avós não era permitido. Onde um simples olhar valia mais que qualquer chamada de atenção. Uma época que não volta mais. Waldinho nasceu neste meio simpático. Leocádio não era um pai severo, nada disso. Sempre o abraçou, sempre o levou a passear, e até onde sabia sentava com ele todas as noites na varanda para repassar suas lições escolares.

Leocádio sempre pensou que poderia voltar a estudar. Pensou. Sabia que não seria possível agora, no entanto quando passasse o bastão para outro na região ele já tinha planos. Ia se Deus quisesse formar em Técnico Siderúrgico. Uma escola técnica estava sendo feita próximo ao bairro onde morava. Ele e Rosa ficavam horas e horas de mãos dadas na varanda. Rosa tinha um jardim florido de violetas e alguns jasmims e muitas rosas de varias cores. Vermelhas, brancas lindas. Não tanto como ela, Leocádio olhava sua mulher e mais e mais ficava apaixonado. Costumavam-se ficar até abraçados, como dois namorados fazendo planos de um futuro cheio de amor e felicidade eterna.

Aproximava-se a data do Conselho Nacional. O Escoteiro Chefe o doutor Mauro Ornelas insistia que ele fosse. Leocádio, ele disse – Nossa diretoria instituiu uma condecoração do mais alto valor para escoteiros que se sobressaírem no escotismo nacional. Ela tem o Nome de Tapir de Prata. Vamos nesse conselho entregar a três personalidades escoteiras. Você será um deles. Preciso que venha. Quero que sirva de exemplo a todos os que labutam no escotismo nacional. Ofereceu para pagar sua passagem de avião. Poderia voar a noite e voltar no domingo.

Leocádio conversou com Rosa. Ela o aconselhou a ir. Não iria sozinho. Só se ela fosse com ele. Afinal poderiam aproveitar um dia para conhecer o Rio de Janeiro. Rosa sorriu com a ideia. Mas havia muitos prós e contras. Quando ao Waldinho tudo bem. Ela podia pedir ajuda a sua mãe. Mas precisavam de pelo menos mais dois dias. Será que ele conseguiria uns dias de licença?

Não foi difícil. Leocádio conversou com o doutor Romualdo Pedreira. Seu chefe e seu amigo. Claro meu jovem. Viaje tranquilo. Leocádio e Rosa se prepararam. Comprou as passagens de ida e de volta com um mês de antecedência. Mandou fazer um uniforme novo. Um tecido leve, chamado de gabardine estava aparecendo e Leocádio encontrou um perfeito da cor caqui. Rosa fez três vestidos lindos. Comprou até roupa de baixo toda nova. Leocádio fez dois ternos. Um branco e um azul. Foi Rosa quem escolheu as gravatas. Comprou um par de sapatos Oxford preto, da marca Cospirato. Outro marrom, tipo Mocassim de Constança Basto. Um luxo por assim dizer. Se fosse hoje, custaria uma nota!

Dona Lourdes chegou ao domingo, quase uma semana antes da viagem. Estava alegre, satisfeita por eles irem conhecer a cidade maravilhosa. Ela sempre desejou ir. Quem sabe um dia? Disse. Leocádio trabalhou com afinco toda a semana. Preparou bem seu assistente, o Lauriano dos Santos. Na região comentou com seus amigos. Perguntou se algum deles gostaria de ir. Se sim ele iria tirar da caixa onde tinham uma pequena reserva financeira. Ninguém. Todos tinham compromissos. Leocádio sabia que não era verdade. Primeiro não queria gastar da região, daria o que falar segundo seria uma chatice. Não conheciam ninguém lá.

Ouve um contratempo. Em um acampamento na cidade de Sacramento um escoteiro tinha sofrido um serio acidente com um raio. Estava mal. Diziam que não iria escapar. O que fazer? Monfaz se ofereceu para ir até a cidade. Leocádio concordou. A região iria arcar com o combustível. O carrinho de Monfaz, um Ford 29 já estava ficando "Velho". Ele queria trocar, mas seu pai dizia que só quando se formasse. Mas o danado do “carrinho” era uma mão na roda. Quantas vezes Leocádio e ele rodaram por aquele estado.

Na sexta Leocádio e Rosa se prepararam cedo. Ele não foi de uniforme, colocou seu terno azul e uma gravata que diziam ter sido importada da Itália. Leocádio ria. Logo eu. Usar isso? Rosa também ria. Um sorriso de mulher perfeita. Estava mesmo linda. Um vestido azul comprido, sempre a flor no cabelo. Colocou o colar de madre pérola que sua mãe lhe dera. Linda. Leocádio se achava um homem de sorte. Quase doze anos de casado e Rosa era a mesma. Um frescor da primavera, uma brisa que tocava suave em seu rosto.

Claro que Monfaz o levou ao aeroporto da Tapulha. Um luxo. Quem viajava de avião naquela época era tratado como um rei. Maria Angélica, Monfaz e Josué foram ao aeroporto. Ficaram lá até quando Leocádio e Rosa foram chamados para o vôo 115 no Constellation da Panair do Brasil. Não havia fila. Todos cavalheiros. As mulheres preferência sempre. Todos dizendo – Por favor! Rosa estava encantada. Leocádio com seu jeito de homem do interior desconfiado.

Foram até o pátio de manobras. O belo Constellation de quatro motores estava todo imponente na pista numero quatro. Leocádio não sabia por que numerar as pistas. A Panair tinha somente seis aeronaves. Agora tinham feito uma sociedade com a Pan American world Airways. Conhecida mundialmente. A maior empresa aérea do mundo. Diziam que se um dia alguém fosse à lua, seria através da Pan American.

Sentaram na poltrona 48 e 49. Bem juntinhos. Rosa na janela. Olhava a movimentação dos sinaleiros e funcionários. Leocádio nunca disse a ela. Mas tinha medo de viajar de avião. Um medo enorme. Fez-se de corajoso, mas sua mente tentava controlar o corpo que tremia. Rosa o olhou e disse – Seu bobo, todos dizem que é mais seguro andar de avião que em um cavalo manga larga. Leocádio riu. Um sorriso nervoso. Prefiro ainda dez cavalos manga larga que esse pássaro de ferro!

A aeronave taxiou na pista. Leocádio abraçou Rosa. Ela rindo o abraçou. O pássaro enorme levantou vôo. Leocádio sorriu e disse, será que chegamos? Rosa o olhou com amor. Ainda não meu marido. As aeromoças começaram a colocar macios travesseiros para cada passageiro. Outras serviam todo tipo de bebidas e canapés. O Jantar será serviço em quinze minutos disseram. O serviço de bordo da Panair era igual aos melhores do mundo. Leocádio fechou os olhos. Um sonho. Nunca pensou em chegar lá. Rosa estava encantada. Viviam seu conto de fadas. Abraçou com força Leocádio. Ali, a mais de 10.000 pés de altura se beijaram. Muitos dos passageiros notaram. Não sabiam que eram dois grandes amantes de muitas vidas passadas e que iriam se encontrar por muitas outras que virão.

Chefe Jacinto deu um suspiro. Olhe Mario Montes, Rui Barbosa, o Águia de Haia uma vez escreveu - Onde está a felicidade? No amor, ou na indiferença? Na obediência, ou no poder? No orgulho, ou na humildade? Na investigação, ou na fé? Na celebridade, ou no esquecimento? Na nudez, ou na prosperidade? Na ambição, ou no sacrifício? A meu ver, a felicidade está na doçura do bem, distribuído sem ideia de remuneração. Ou por outra, sob uma fórmula mais precisa, a nossa felicidade consiste no sentimento da felicidade alheia, generosamente criada por um ato nosso.

Os destroços só foram encontrados uma semana depois. Local de difícil acesso. Na serra da Mantiqueira quase divisa com o Rio de Janeiro. Uma comoção enorme no país. Morreram mais de noventa passageiros e onze tripulantes. Cinco deputados, oito senadores, dois vices presidentes, diversos dirigentes de empresas, quatro secretários de estado e dois ministros de Getúlio Vargas. Claro, morreram também Leocádio e Rosa. Mas esses não eram tão importantes para a imprensa. Para o mundo escoteiro daquele estado sim. A população escoteira chorou por vários dias.

Monfaz, o Coronel Maragão, o Doutor Felinto e o Engenheiro Pedrosa conseguiram transferir os restos mortais de Leocádio e Rosa até a Capital do Estado. O Presidente do Estado nem se lembrou de mandar um representante quando das exéquias no Cemitério da Saudade. Ninguém acreditava, mas caminhões, ônibus, automóveis e cinco voos fretados lotados vindos de varias partes do Brasil, chegaram à capital naquela tarde. A imprensa disse que eram mais de cinco mil. A policia militar dizia que eram quatro mil. Não importava. Todos foram ali para prestar as suas ultima homenagem a um dos maiores escoteiros do Brasil.

Um chefe escoteiro nunca conhecido, até o dia que seu avião caiu de uma maneira invulgar. Leocádio eu acredito morreu feliz. Deve ter abraçado a Rosa na hora da queda. Ela seu anjo deve ter lhe dito que era a apenas uma passagem. Acho eu que ela sabia o que iria acontecer. Os motivos do acontecido só à espiritualidade podia

explicar. Somos o que merecemos ser. A vida é uma grande viagem e nesta teremos muitos vôos, muitos trens, muitos ônibus para nos transportar. Um dia, quando formos nesta passagem, iremos encontrá-los e então iremos conhecer um passado de mil séculos, e que outros tantos mil irão passar. Almas assim não se abandonam.

O Escoteiro Chefe com os olhos marejados de lágrimas colocou uma bandeira do Brasil em cima do seu ataúde e no meio a medalha que deveria ter recebido. Ficou conhecida por todo o tempo até hoje como o TAPIR DE PRATA. Ele fez jus até na morte. Rosa foi enterrada ao seu lado. Recebeu também todas as honras que Leocádio recebeu. Um escoteiro desconhecido subiu em uma árvore e com um clarim tocou o toque do silêncio mais triste que todos tinham ouvido. Um minuto de silêncio, cabeças abaixadas. Quem ali por perto não soubesse diria que nunca em tempo algum viram algum parecido.

Uma palma aqui, outra ali e uma explosão de palmas explodiu em toda necrópole. As lágrimas começaram a cair em profusão. Nunca houve e acredito que nunca haverá um sepultamento como aquele. Para dizer a verdade quase todos ficaram por muito tempo ali junto ao jazigo, contando histórias de Leocádio, como o conheceram e alguns sorriam dizendo – Eu tive a honra de apertar a mão dele. Alguém que ninguém viu, escreveu em sua lápide o seguinte - “Aqui jaz, Leocádio, o iletrado, o homem da roça, mas um forte, um homem de honra. Aquele que será reconhecido como o maior "Chefe" Escoteiro quer o Brasil já teve”.

Por muitos anos Leocádio e Rosa foram lembrados. Não houve panteão de heróis. Mas as cinzas do tempo nos levam a um futuro onde só existem esquecidos. Outros substituem os heróis que se foram. Para dizer a verdade, não acompanhei a evolução de tudo. Soube por amigos que outros assumiram. Monfaz, Maria Angélica e Josué sumiram na multidão do esquecimento. A época de ouro terminava. Agora nada mais importava. Que os mortos enterrem seus mortos, não é assim que Jesus disse?

Chefe Jovelino se calou. Um silêncio sepulcral. O vento que soprava para sudeste parou. A luz voltou. Mario Montes não sabia o que dizer. Até Jaidles tinha os olhos marejados de lágrimas. Parecia que ela tinha vivido a história. Mario Montes olhou para o chefe Jovelino. Mais nada? Perguntou. Mais nada ele respondeu. Duas da manhã de domingo. Uma chuva fina começou a cair e molhar o asfalto. Não aumentou. O vento parado. Mario Montes lembrou-se de quando era escoteiro – Se tens vento e depois água, deixe andar que não faz magoa – mas se tens água e depois vento, põem-te em guarda, e toma tento!

Desceu as escadas, abriu o portão e ia correr até ao carro. Parou. Chefe Jovelino o Senhor conheceu Leocádio? Ele riu. Falou baixinho, bem baixinho. Olhando para Mario Montes ele disse - Quando jovem achavam que eu parecia muito com uma figura que publicava charges no jornal do estado. O tal chargista era chamado de Jovelino troca letras. Parecido com um desenho da Disney. Apelidaram-me e o apelido pegou. Até hoje sou conhecido como Chefe Jovelino. Meu nome? Waldinho Ventura. Filho de Leocádio. O pai que sempre amei e nunca esqueci. E terminou dizendo – Jaidles é minha irmã de criação. Minha avó Lourdes Negromonte hoje falecida a criou.

Mario Montes ficou ali estático. Não sabia o que dizer voltar e abraçar Jovelino? Ou melhor, Waldinho? Ele era prova viva da história. Não fez isso. Iria voltar outro dia. Mario Montes acreditava que se ele já era seu amigo agora muito mais. Aprendeu a admirar o Chefe Jovelino. Achou-se privilegiado em conhecer o filho de um grande homem, de uma grande mulher. Um Comissário Regional que mostrou o que pode fazer. Alguém que acreditava no escotismo e nas pessoas. Que foi até lá. Que cumprimentou a todos pessoalmente.

Não haveria mais noites, longas horas de narração. Ou será que haveria? Quem sabe o chefe Jovelino tinha outras lindas para contar? Ou então o Senhor Waldinho se lembraria de outras passagens de seu pai? Mario Montes ia voltar. Ele tinha certeza absoluta que suas visitas não iriam parar por ali. Faltou ver alguma foto deles. De Leocádio e de Rosa. Parece que a chuva estava aumentando. Hora de partir. Um último olhar ao chefe Jovelino e a Jaidles. Correu até o carro. Chegou molhado. Sentou ligou e viu que a chuva aumentava. Que fez a quadrinha de previsão do tempo sabia o que estava fazendo. Até breve meus amigos, eu voltarei!

Talvez não exprima corretamente a imensa falta que sentimos de coisas ou pessoas queridas.

Capítulo final

Leocádio nunca existiu. Se Rosa existe-se seria uma grande mulher. Grande? Claro, no coração e na beleza exterior. Ambos viveram na imaginação de um escritor de uma história que poderia ter acontecido, mas não aconteceu. A história que não houve. Os amigos que ficaram ao lado do Leocádio ainda existem em muitas mentes de grandes escotistas que habitam em muitas plagas de nosso Brasil. Acredito que deve haver muitos Leocádios por aí. Uma profusão de Rosas. São aqueles anônimos que ninguém conhece. Os que acreditam na sua tarefa que foram determinadas e escolhidas por eles durante sua vinda a terra.

Na década de trinta inicio dos anos quarenta, o escotismo estava engatinhando em vários estados. Uns mais outros menos. Cada um com sua federação, sua associação. Os Escoteiros do Mar eram uma potência a parte. As tentativas de união em torno de uma só organização não foram fáceis. Varias reuniões aconteceram. Quando a União dos Escoteiros do Brasil foi criada, ainda tinha muitos remanescentes que não concordaram. Continuaram isolados. Dizem que até hoje ainda tem um ali outro lá.

Muitos contam a sua maneira a história escoteira no Brasil. Um dia alguém irá pesquisar estado por estado, a verdade verdadeira. Onde estarão os verdadeiros Leocádios que de norte a sul fizeram um escotismo? Eles existiram e vão aparecer. Não foi preciso começar de novo. Desde 1910 até hoje. Se pudéssemos voltar no tempo, como seria interessante conhecer o Primeiro Tenente da Marinha de Guerra Eduardo Henrique Weaver, que teve a oportunidade de presenciar o nascimento escoteiro inglês e que junto ao Suboficial Amélio Azevedo Marques organizaram o escotismo no Brasil. Amélio é considerado o primeiro escoteiro brasileiro.

A história conta que eles trouxeram em sua bagagem, vários uniformes escoteiros ingleses gastando do próprio bolso. No dia 14 de junho de 1910, na casa número 13 do Chinchorro no Catumbi, Rio de Janeiro reuniram-se pela primeira vez. Assim nasceu o Centro de Boys Scouts do Brasil. Enviada uma correspondência à imprensa ela dizia mais ou menos assim:

"À imprensa desta capital, brilhante e poderoso fator de progresso, campeã de todas as ideias nobres, vem o *Centro de Boys Scouts do Brasil*, solicitar o auxílio de sua boa vontade, o esteio de que necessita para que em todos os lares brasileiros penetre o conhecimento do quanto à Pátria pode ser útil à instrução dos *Boys Scouts*".

Nota – Os versos aqui colocados são de autoria de:

- Clarice Lispector
- Fernando Pessoa
- Carlos Drummond de Andrade

O sonho

Sonhe com aquilo que você quer ser,
porque você possui apenas uma vida
e nela só se tem uma chance
de fazer aquilo que quer.

Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.

As pessoas mais felizes não têm as melhores coisas.
Elas sabem fazer o melhor das oportunidades
que aparecem em seus caminhos.

A felicidade aparece para aqueles que choram.
Para aqueles que se machucam
Para aqueles que buscam e tentam sempre.
E para aqueles que reconhecem
a importância das pessoas que passaram por suas vidas.

Clarice Lispector

fim

O autor e sua obra



Meu segundo livro. Estou pensando se escrevo o terceiro. Não sei. O primeiro “A Patrulha da Esperança” publicado no início deste ano foi à primeira experiência nesta seara. Nunca escrevi um livro, se podemos chamar tão poucas folhas de livro.

“O Comissário Leocádio” é um retrato fictício dos primórdios escoteiros no Brasil, onde um “matuto” foi escolhido como dirigente, passando maus pedaços até se firmar como um grande Escotista e dirigente, admirado por muitos.

Todos os livros e contos não foram editados. A saga de um pseudo-escritor no início não é fácil. Não é importante esta etapa, importante é o conhecimento em saber que centenas de amigos do movimento ou mesmo fora dele tomaram conhecimento dos meus escritos.

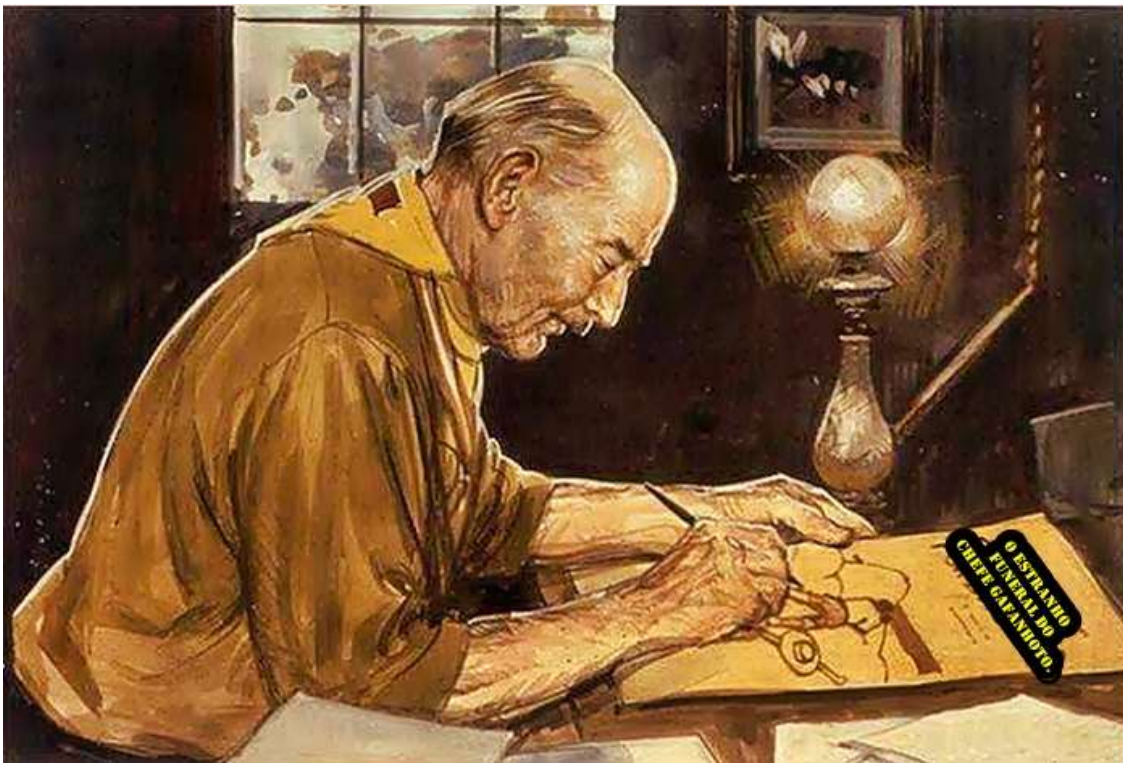
São Paulo, março de 2012.

E-mail. Elioso@terra.com.br

No Face book podem me encontrar com o link – Osvaldo um Escoteiro

3º livro

O estranho funeral do Chefe Gafanhoto



Lord Baden-Powell.

Um livro escrito pelo

Chefe Osvaldo Ferraz.

Prefácio

Nestes tempos ditos modernos, estamos cada vez mais distantes dos prazeres simples que o contato com a natureza nos proporciona. Aqui você vai encontrar um refúgio, um oásis de belas memórias escoteiras.

Palavras com cheiro de terra. Com gosto de água cristalina de riacho, bebida em caneca esmaltada. Que nos transportam para a beleza morna das manhãs de inverno no campo e noites iluminadas por milhões de estrelas, ao redor de uma fogueira, junto a outros companheiros de aventuras escoteiras.

Histórias para ler descalço, sentindo a grama das pastagens, correnteza gelada de riacho passando pelos dedos. Com trilha sonora original de sabiás e bem-te-vis.

Cenários para a prática da amizade, solidariedade e espírito de equipe.

Chefe Osvaldo, escoteiro de alma e coração, será o seu guia neste universo de histórias inspiradas em uma vida inteira dedicada a manter acesa a chama do espírito aventureiro, sempre alerta as oportunidades de praticar o bem, evoluindo como ser humano e cidadão.

Deixo você agora com nosso querido chefe.

Mais uma aventura escoteira vai começar.

Ricardo Frugoli.



Para a minha querida neta Natália Cristina Ferraz Geraldeli dedico este livro. Leitora assídua das minhas obras tem a chave de tudo que escrevi se algum dia eu me for.

Meu agradecimento ao amigo Ricardo Frugoli por prefaciar o livro. Uma honra para mim.

Prólogo

Meu terceiro livro é simples. Uma história de ficção possível de acontecer em qualquer cidade onde exista um Grupo Escoteiro. Acusar sem provas e pagar por algum erro que não cometeu, temos centenas de exemplos. A história tem como personagem o Chefe Gafanhoto que por duas vezes apareceu em contos meus. Contada magistralmente pelo Velho Escoteiro, outra personagem que criei há muitos anos, tem a Vovó como sua companheira e um jovem Chefe Escoteiro seu ouvinte dedicado. Suas histórias estão a centenas no meu blog <http://chefeosvaldo.blogspot.com>.

Ao lerem as páginas verão que só no final toda a trama armada contra o Chefe Gafanhoto aparece graças a um grande detetive o Chefe Sênior Pascoal Raça Pura. Ele magistralmente rouba as cenas escritas pelo grande escritor Sir Arthur Ignatius Conan Doyle e as maravilhosas histórias de Sherlock Holmes.

Não esperem um grande conto, são apenas trinta e sete páginas. Ainda não sou um escritor emérito. Considero-me um aprendiz.

Obrigado por ler meu terceiro livro e olhe se ainda não leu os dois primeiros pode pedir em meu e-mail elioso@terra.com.br que enviarei com prazer.



“Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência”.

As esperanças são como as estrelas: brilham, mas não trazem luz; lindas, mas ninguém as alcança.

Coelho Neto

Capítulo I

Não tinha passado bem nas últimas semanas. Dois dias sem trabalhar e ficar em casa não era meu hobby. Olhei pela janela o movimento da rua. Voltei à poltrona onde lia um livro e pensei, porque não visitar o meu amigo o Velho Escoteiro? Sua casa não era longe e eu pelo menos duas vezes por semana o visitava. Pensamento pensado pé na estrada e lá fui eu. Fui de carro. Mesmo perto não me sentia bem para andar. Na varanda ele estava lá com sua figura imponente. Eu gostava muito dele. Para mim era como se fosse um pai que nunca tive. Lembro que um dia quase me atropelou e solícito desceu do carro e fez tudo para me levar ao hospital. Passou a me visitar em casa todos os dias para saber como eu estava. Ficamos amigos e logo começou a falar de escotismo seu tema favorito. Precisam conhecer sua esposa a quem carinhosamente chamam de Vovó. Adorável bem diferente dele que de vez em quando se mostrava ranzinza e esquizofrênico.

Eu tenho vinte e nove anos, casado e sem filhos. Sou Técnico Mecânico e trabalho em uma Empresa de Máquinas há quase dez anos. Minha esposa trabalha em outra só que de publicidade. Sempre nos vemos a noite, mas vivemos uma vida agradável e respeitosa. O dia estava quente e a tarde prometia um sol radiante ao entardecer. Sentamos ali mesmo na varanda e deu para regalar-me com uma bela melodia tocada em sua vitrola na sala de estar. Sempre fora assim, ele escolhia bem, pois nossos gostos eram iguais.

O Velho Escoteiro com seus oitenta e seis anos tinha uma figura imponente. Acampeei com ele algumas vezes e apesar da idade demonstrou ser bem melhor que muitos de nós chefes. A Vovó sua esposa chegou à porta me cumprimentando. Casal maravilhoso. Uma vida juntos. – O Velho Escoteiro me interrompeu. – Foi bom você chegar. Passei toda a manhã a me lembrar de meu primeiro Chefe de tropa que para mim foi tudo na vida. Acho que você vai gostar da história que vou contar. É um conto triste e que poderia ter tido um final feliz e não teve. Pelo menos eu tentei resgatar sua memória a sua honra, e isto só aconteceu porque me pus a campo e fui até sua cidade. Se não fosse isto ele hoje seria lembrando como um assassino, esturador e mau caráter, péssimo exemplo para um Chefe Escoteiro. Todos lhe voltaram às costas e até mesmo seus Escoteiros foram proibidos de falar sobre ele. Dizem que a verdade aparece quando resolvemos brigar por ela. – Me ajeitei melhor na cadeira de palhinha ali na varanda e aguicei minha mente. Estava pronta a receber do Velho Escoteiro mais um conto como outros tantos que ouvi dele. Sempre foram histórias maravilhosas. Ele Não jurava, nunca jurou, mas sempre me dizia que suas histórias nunca foram inventadas. Porque não acreditar? Um passado como o dele não havia como duvidar.

- O Velho Escoteiro se ajeitou, tentou lembrar-se dos velhos tempos quando ainda tinha seu cachimbo, me olhou, olhou para a rua e começou a narrar. - Os fatos estão vivos em minha mente até hoje. Para dizer a verdade para mim ele era e foi um segundo pai. Seu nome? Nunca soube. Seu apelido sim era chamado de Chefe Gafanhoto. Fui seu Escoteiro quando criança. Além de Chefe ele foi mais que um amigo. Nunca me esqueci dos tempos que vivemos juntos. Nunca. O Velho Escoteiro suspirou e começou a narrar como em sonhos, voltando no tempo e vivendo cada passo de tudo que aconteceu. Tempos passados, tempos que já se foram.

- Lá estava eu viajando para Pedra Azul. O Águia Prateado da Viação Cometa saiu pelo acostamento da BR 240 e entrou na estrada 56 estadual que me levaria ao meu destino. Consegui tirar um cochilo à noite, pois a longa viagem de mais de doze horas era muito cansativa. O ônibus estava vazio. Menos de vinte passageiros e pude ter maior mobilidade na minha poltrona. Não era um caminho novo, não era. O fiz por diversas vezes na juventude, mas quinze anos haviam-se passado desde a última vez que estive em Pedra Azul. Era tempo demais. Em nossa vida muitas vezes temos certos caminhos que não tem volta. Impossível mudar. Depois de muitos anos voltamos ao passado e pensamos: Porque não mudamos? Como seria o hoje e o amanhã? Afinal eu tive uma vida em Pedra Azul onde nasci, onde fiz amigos e deixei tudo para trás indo embora com meu pai para a capital. Nova cidade novos amigos novos sonhos. Minha mãe faleceu e meu pai resolveu transferir sua empresa onde achava que poderia ter melhores oportunidades. Tinha de acompanhar o meu pai. Nunca mais voltei a Pedra Azul. Lembrei-me do que escreveu Charles Chaplin - A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos.

Dizem que muitos fatos em nossas vidas acontecem sem ninguém esperar. A vida e a morte não tem hora e nem lugar para acontecer. Quando o sol se levanta a gente sabe que inexoravelmente ele vai se por em algum lugar do oeste. É sua sina. Minha mente embaralhava naquela viagem com perguntas e sabia que só ao chegar eu teria respostas. Precisava saber tudo o que ouve sobre a morte do meu Chefe e amigo. Continuava a dormir e minha mente viajava velozmente a lembrar-me de meus tempos de moleque. O ronronar do motor não me incomodava. Abri os olhos, olhei pelo vidro da janela e vi-me menino correndo pelas ruas de Pedra Azul. Folguedos, escola, escoteiros, e eu sempre garboso em meu uniforme, juramentado em minha consciência que seria amigo e irmãos de todos para sempre. Claro que na capital fui de novo Escoteiro. Novo grupo Novos amigos. Estudei, me formei, mas sempre a procura de aventuras, aprendizado e com isto angariei milhares de amigos. Naquela época todos já previam meu futuro. Meu pai se esforçou ao máximo para que me formasse em engenharia e ao morrer me deixou tudo que tinha. Eu e já estava noivo e meu casamento seria para breve. Lembro-me quando aconteceu, na igreja cheia de Escoteiros, cantando e sorrindo e eu dizendo ao Monsenhor Gariosto que eu e ela seríamos felizes para sempre! Memórias lindas e tempos fantásticos. Como é bom e gostoso lembrar. - Fechei novamente os olhos e me vi junto a ele. Chefe Gafanhoto era único. Com seu sorriso, com seus olhos azuis seus cabelos loiros caindo na testa, sempre a mostrar uma força incrível um corpo magro, altura mediana e seu indefectível bigodinho aparado. Fechei os olhos novamente.

Ainda tinha pela frente mais duas horas naquela estrada secundária. Velha conhecida. Quantas aventuras eu vivi ali. Cada trilha era conhecida com a palma da mão. Pela janela do ônibus os pensamentos me levavam ao passado, a correr com minha patrulha por cada córrego, por cada rio, por cada bosque e pensava – Quantas e quantas vezes eu acampeei e excursionei por estas plagas, por estas terras de fazendeiros amigos. Faz tempo, muito. Barracas armadas um fogo aceso, orgulho de ser um Falcão, caçando uma lebre para jantar ou um quati ou mesmo a jogar os jogos maravilhosos que o Chefe Gafanhoto inventava para nós. Tempo que passou e não volta mais. Como fui feliz ali junto a dezenas de amigos do colégio e do Grupo Escoteiro Sol Nascente. Foram fatos que ficaram gravados como doces momentos vividos na juventude. Muitas vezes ficamos tão fechados em nós mesmo que esquecemos que um dia alcançamos a felicidade e nem lembramos mais. Quem sabe bem mais que hoje. Antes uma preocupação de infância que não se compara em nenhum momento com as tristezas que hoje nos assolam. Mas calma meu amigo eu não sou assim tão triste. Quem sabe analisando melhor minha tristeza é nada, gota d'água minguando ao amanhecer em uma folha qualquer. Rotina inexorável do dia a dia que não muda. Permanece como se fosse à pedra filosofal na minha estrada da vida.

- Enquanto ele narrava, eu olhava para o Velho Escoteiro como se estivesse com ele vivendo seus tempos de menino. Para mim que o conhecia há muitos anos era agora outro homem que nunca se mostrou daquela forma. Não o interrompi, deixei que ele se lembrasse do seu passado do qual tanto amou.

– Ele continuou – Lembro que ao chegar a minha casa o telegrama estava lá. Tinha sido entregue pela manhã. A princípio não o li. Não era costume receber telegramas, pois não conhecia ninguém tão importante para me enviar. Só podia ser convites de amigos para um baile, um casamento ou um batizado. Mesmo assim resolvi ler. Fiquei estarecido com seu teor. O telegrama foi enviado por Mosquetinho, um dos meus melhores amigos de patrulha, amigo inseparável, simples como ele sempre foi – Dizia o telegrama – “Chefe Gafanhoto faleceu na madrugada de hoje. O féretro será amanhã às dezesseis horas no Cemitério Santo Antônio”. Não tinha outro jeito a não ser botar o pé na estrada e retornar a Pedra Azul. Não poderia faltar de maneira nenhuma no seu enterro. É sempre assim. Ficamos sempre a pensar o porquê não ter retornado antes, pois tempo não me faltou. Poderia agora lembrar que tinha dado nele um abraço, um aperto de mão, rever todos, mas nunca o fiz. Quinze anos! Tempo demais. Mesmo assim eu tinha de voltar, tinha de estar presente em suas exéquias e não podia faltar. Agora era diferente.

Quando li o telegrama eu levei um susto! Chefe Gafanhoto morto? Impossível! Ele devia estar agora com pouco mais de quarenta e cinco anos. Parecia impossível, mas sabia que Mosquetinho não iria inventar uma notícia assim. Não titubeei duas vezes. Chamei o Doutor Manga diretor da minha empresa e disse a ele que iria ficar alguns dias fora, mas que manteria contato. Comprei as passagens e pé na estrada. Eu poderia ter ido com meu Camaro Vermelho, mas era uma viagem longa demais. Tinha de ser em um ônibus com poltronas reclináveis para dormir, pois ficaria pouco dias em Pedra Azul. Eu sabia que a Cometa me oferecia estas vantagens e o Águia Prateado era meu Velho conhecido de anos e anos no vai e vem naquela estrada. Nunca deixaria de ir, nunca. Minha vida nunca

foi mais a mesma sem ele depois que parti e o passado não podia ser enterrado sem eira e nem beira com o falecimento do Chefe Gafanhoto. Não podia mesmo. Poderiam me dizer quem sabe que eu seria outro homem sem ele, diferente do que sou hoje. Mas o caráter a honra, a ética a responsabilidade não seriam as mesmas em que outrora o saudoso Chefe Gafanhoto me ensinou. Eu tinha certeza que não teria um milésimo da força que ele me deu. Não teria mesmo. Apesar de ter um pai excepcional o Chefe Gafanhoto era para mim um segundo pai. Quando mamãe morreu eu tinha quatro anos e se não fosse meus dois pais não seria o que sou hoje.

Chefe Gafanhoto sempre foi uma pessoa importante em Pedra Azul. Conhecia todos, era amigo de políticos e empresários. Poderia dizer que foi amigo de todos, colaborador, sempre prestativo e nós pouco sabíamos de suas condições financeiras, seus parentes nada. Nunca soube o nome dele. Desde que o conheci que todos só o chamavam de Chefe Gafanhoto. Muitos não gostam de Gafanhoto principalmente os fazendeiros. Eles quando aparecem sempre acabam com a plantação. Uma vez li que na China antiga devido a sua rápida multiplicação era tido como símbolo da fertilidade, ou seja, uma benção celeste. Ele tinha uma enorme simpatia e que conquistava a todos a sua volta e sempre dizia: – “Precisando procurem o chefe aqui”. Nunca perguntei a ele como se tornou um autodidata, uma figura carismática e reconhecidamente um grande Chefe Escoteiro querido e admirado por todos na cidade e fora dela. Desculpe-me por não saber explicar melhor. Era menino. Vivia sonhos dourados no escotismo. Uma época de amigos e irmãos Escoteiros, uma mochila, um farnel, uma bandeira uma trilha, pé na estrada e assim começavam nossas aventuras. Abri os olhos e as primeiras casas apareceram. Nas janelas olhares a perscrutar quem estava chegando. O Águia Prateado fez a volta no Chafariz da Praça Central. Poucos ali a esperar o ônibus. Não era assim no passado quando o Seu Anatólio o motorista chegava sorrindo, com seu boné azul limpo, seu terno azul bem passado e parecendo saído da Lavanderia do Seu Napolitano de tão limpo.

Quando não estava na escola lembro-me de ficar a correr junto com a molecada atrás do ônibus a gritar – Chegou! O ônibus chegou! E em frente ao Bar do Jofre ele parava, a porta se abria e seu Anatólio era o primeiro a descer, sério e circunspecto dizia a cada um dos seus passageiros: – Obrigado por confiar neste Velho motorista. Agradecido por ser meu companheiro de viagem! - Muitos da cidade vinham ver os novos “chegados”. Uma vez ou outra o retorno de um filho, uma filha, um parente e era uma festa. A cidade inteira ficava sabendo – Sabe a Dona Conceição? O irmão dela chegou! Agora tudo diferente. No bar do Jofre uns gatos pingados. O ponto final não mudou. Nem o bar. A pintura velha e descascada, a velha mesa de sinuca, na porta umas cadeiras e até o Jequitibá enorme ainda estava lá. Não me lembrei de ninguém. Pudera quinze anos se passaram. Ele na porta me olhou e deve ter pensado que me conhecia. Não o cumprimentei. Era garoto no passado e ele um homem. Peguei minha pequena mala e parti para a pensão da Dona Matilde.

A música de Chico Buarque me veio à mente – “A mesma praça, o mesmo banco e o mesmo jardim”... É bom retornar. Saudades batem forte quando nos lembramos do nosso passado. Antes as janelas cheias de rostos para saber quem chegava e hoje ninguém. A cidade não era a mesma. A pequena ponte que ligava ao bairro do Jacinto nem cor tinha mais. Estava toda pixada. O rio onde eu pesquei tantos lambaris, enormes bagres, traíras e lindos piaus, estava escuro e a sujeira ficava a vista. Suas barrancas cheias de barracos de madeira quase caindo. Pedra Azul do passado não era rica, nunca foi, mas tinha orgulho de ser a mais linda cidade do Vale das Vertentes e agora pelo que vejo não é mais. Aos poucos imaginei os últimos dias do Chefe Gafanhoto a viver em uma cidade que definhava. Nunca esqueci aquele Sete de Setembro onde centenas de Escoteiros a desfilar, o Chefe Gafanhoto orgulhoso com sua varinha de madeira presa sobre o braço, seu chapéu de abas largas bem postadas, a sorrir para a população que ovacionava e todos e olhares direto para ele. A cidade ao seu modo o referenciava e o amava.

A cada dia que vivo mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca e que, esquivando-nos do sofrimento, perdemos também a felicidade.

Carlos Drummond de Andrade

Capítulo II

A tarde ia chegando de mansinho. O lusco fusco deixava ver um sol opaco se escondendo por trás de alguns edifícios que tomaram o lugar das pequenas casas de onde se podia ainda avistar as montanhas da varanda da casa do Velho Escoteiro. Estava tão interessado na história que ele narrava que nem notei a Vovó sentada ao lado dele. Com os olhos semicerrados, com um olhar angelical, os cabelos brancos como a neve sempre presos em coque. Eu pensei comigo como ela deveria ter sido quando jovem. Se hoje é uma linda senhora imaginar ela então no passado? O Velho Escoteiro não escondia sua idade, mas não fazia a mínima ideia da Vovó. Um dia ela contou para minha esposa que tinha oitenta anos. Eu mesmo nunca perguntei. Era uma seara que sempre achei de má educação perguntar. Entre nós havia uma pequena mesinha e nela como sempre os quitutes da Vovó. Deliciosos. Pães de queijo, biscoitos de polvilho, brevidades, nacas de sonhos impossíveis de se “bocar” de uma só vez. O Velho Escoteiro a olhava de uma maneira doce e respeitosa. Olhou para mim como a perguntar – Continuamos? Eu só com a cabeça disse que sim.

- O Velho Escoteiro não perdia tempo e continuou - Nunca me preocupei porque ele nunca me disse seu nome. Convivi com ele por vários anos e nunca soube de onde veio e nem como ganhava a vida. Não era importante para nós naquela época. Para mim e outros tantos Escoteiros ele se chamava Chefe Gafanhoto e pronto. Era magro, muito magro, sempre gostou de um bigodinho bem aparado. Tinha um sorriso contagiante e andava como um Lord. Lembro que um dia na reunião de tropa ele conversava com a mãe de um Escoteiro e chamou os monitores – Vou sair, volto logo. O Guia Arthur ficará responsável. Era assim seu modo e sua maneira de conduzir a tropa. Confiava em todos. Partiu célere sem dizer nada a ninguém o que iria fazer. Ficamos sabendo depois que ele foi atrás do prefeito Juventino no Clube das Moscas Brancas e o retirou de lá quase a força. O prefeito não querendo fazer um escândalo o acompanhou. Nem sabia do que se tratava. A casa de Dona Laurita mãe do Adalberto da Patrulha Onça Parda estava cheia de gente, o prefeito ainda nas escuras ouviu o Chefe Gafanhoto dizer – Prefeito, a SAE cortou a água e a força sem a menor cerimônia à eletricidade. O senhor sabe que o Jacob marido dela era funcionário da prefeitura e morreu fazendo um serviço para o senhor em sua fazenda. Ela está com criança pequena e mal consegue sobreviver.

Juntou mais gente. Um silêncio enorme. O prefeito não sabia de nada. Insultou baixinhos os dois patifes que ele nomeou como presidente da Força e Luz e da SAE. – Em duas horas a luz e a água serão religadas ele disse. Uma salva de palmas e lá foram os dois abraçados, Chefe Gafanhoto e o Prefeito Juventino. Onde deve andar ele hoje? Dizem que foi um bom prefeito naquela época. Meus pensamentos agora se viraram para a pensão da Dona Matilde. Caramba! Se tudo piorou na cidade a pensão se transformou em um lindo Hotel. Todo pintado de branco com janelas e portas azuis, garagem para carros e no hall de entrada um porteiro uniformizado. Em Pedra Azul tem disto? O porteiro me recebeu como se eu fosse um potentado oriental. Dentro uma “chiquesa” que só vendo. Peguei um quarto simples tomei um banho e parti para a casa de Mosquetinho. Nada mudou no bairro humilde onde ele morava e nem na casa dele. Nada. Porque Mosquetinho não deu pelo menos uma mão de cal em sua casa? Uma sujeira enorme. Ele não estava. A casa vazia. Onde andaria dona Ana a mãe dele? Perguntei ao vizinho. - Ele trabalha em uma empreiteira fora da cidade, disse. Quase não vem aqui. Sua mãe faleceu há oito anos. Ele mora só, pois sua esposa fugiu com outro. Poxa! Que sina a do Mosquetinho. Juro que se tivesse sabido o teria levado a morar na minha cidade e lhe daria um belo emprego.

Sabia que ele estaria presente no funeral do Chefe Gafanhoto. O melhor era esperar e enquanto isto ia saber onde ele estaria sendo velado. Custei para ter uma pista. No Velório Municipal não sabiam de nada. Deveria estar lá sem sombra de dúvida, pois como cidadão de Pedra Azul e amado pelos habitantes da cidade não podia ficar em outro lugar.

O Pedro Xisto pipoqueiro nem se lembrou de mim. Pudera. Só me disse em monossílabos que ele não sabia onde o Chefe Gafanhoto seria velado. Fui ao Cemitério e nem uma viva alma. Notei ao longe a figura do seu Manolo. Ele também não ia lembrar-se de mim, mas quantas vezes me diverti com ele bravo conosco entre as catacumbas e mausoléus a correr como lebres e ele sem poder nos alcançar? Coitado. Perdeu uma perna na guerra e usava uma de madeira. Ele ficava bufando de raiva conosco. Provas de coragem a meia noite que nunca esqueci. Ninguém via nele

o cozeiro e a não ser sua perna de pau ele parecia mais o Papai Noel com suas enormes barbas que agora ficaram brancas. O chamei e ele chegou calmamente. Olá seu Manolo. Como vai? Ele me olhou de soslaio tentando lembrar quem eu era. Conhecia todos na cidade. Sabia que tinha me reconhecido, mas não se lembrava do nome. – Sabe onde o Chefe Gafanhoto está sendo velado?

- Ele custou a responder. Aqui. – Aqui? Perguntei, mas onde estão todos? – Não tem ninguém, só o corpo dele. Sei que na hora do enterro Dona Lisbel e a faxineira Lili irão aparecer. Ninguém mais. – Fiquei boquiaberto. Onde estavam os seus amigos, seus admiradores, e os Chefes e os Escoteiros? Afinal e os habitantes da cidade que o admiravam? Porque seu Manolo? Ele era tão querido e no dia da sua partida todos os abandonaram? Foi um baque forte. Nunca pensei que a morte de alguém fosse ser assim. Abandonado a própria sorte. Seu Manolo me olhou e não disse nada. – Melhor saber com seus amigos isto é, se ainda ele os tiver ou o delegado. Fiquei encucado. Alguma coisa estava acontecendo. Tinha de descobrir o que estava havendo. O Chefe Gafanhoto foi para mim um Deus Escoteiro. Sempre me espelhei em sua postura e sempre segui seus ensinamentos. Foi com ele que me apaixonei mais e mais pelo escotismo. Fez de todos da tropa autênticos Escoteiros cuja honra era explicitada e falada por todos nós todos os dias. Tinha que haver uma explicação para tudo. Fui até um quartinho onde Seu Manolo guardava seus apetrechos para fazer sepulturas e obras conforme pedido dos parentes daqueles que perderam um ente querido. Fiquei estarecido. Lá estava ele em um ataúde de terceira. Mais parecia um caixote feito às pressas. Ele? Nem quero comentar. Uma visão incrível. Todo ensanguentado, nariz quebrado e um dos olhos furado.

- Olhei para o Velho Escoteiro e senti na própria pele sua tristeza e sua solidão em perder alguém a quem amava e que um triste destino o levou a uma morte tão dolorosa. Nunca tinha visto o Velho assim tão choroso e acabrunhado. A história para ele era marcante. – Velho não quer terminar outro dia? Já está ficando tarde. – Ele levantou os olhos e os ombros e me respondeu tristonho – Se você não quer ouvir o final tudo bem. – Velho escoteiro! Eu disse. Nada disto. Estou achando que você está sofrendo por lembrar-se de uma parte da sua vida que o machucou muito. – Ele me respondeu - Olhe, são recordações como esta que me fazem pensar que a vida sem luta não vale a pena. Sempre me orgulhei de ir até o fim. Desistir nunca. Você precisa saber de tudo que aconteceu. O escotismo a gente ama, mas também podemos odiá-lo. Tudo depende de como se viveu e como vamos viver com ele dentro de nós. – Mas preste atenção, eu peço a Deus que você não passe pelo que passei. Quando vi como estava o meu amado Chefe eu sai dali correndo. Meu coração parecia que ia explodir. Nunca senti tanta tristeza em minha vida. Como poderia alguém que deu sua vida pelo movimento, por uma cidade tentando fazer homens de bem e morrer assim?

– Vamos entrar disse o Velho. A noite chegou e este sereno não me faz bem. O vento sul soprava calmamente e com a noite o frio chegava mansinho, a varanda não era um bom lugar para aquecer. Na Sala Grande encostei-me a uma pequena poltrona. Ele e a Vovó ficaram na poltrona de couro preto já gasta com o tempo. Não estava cansado e ficaria ali ouvindo o Velho Escoteiro até ele desistir e ir dormir.

O Velho continuou - Fui direto a Delegacia, O delegado Toninho não estava. Um cabo me disse que ele não iria demorar. Fiquei na porta da delegacia esperando. Um caminhão cheio de peões passou pela rua e vi nele Mosquetinho. Ele me viu também e pediu para parar. Desceu e correu em minha direção. Abraçou-me chorando. Vi que ele estava engasgado. A praça era perto. Na Sombra de um jatobá sentamos. Ele sempre soluçando. Minha expectativa era enorme, mas não podia apressá-lo. Que história poderia envolver o Chefe Gafanhoto para todos lhe virarem as costas? Porque uma morte tão cruel? Poxa, um homem que deu tudo pela cidade. Formou dezenas de jovens nas sendas escoteiras. Ensinou-nos a sermos amigos fraternos, a ajudar o próximo, a ter caráter e honra e agora abandonado e jogado as traças na sua morte? Senti que Mosquetinho não iria falar ali agora. Ele tremia. Ele quando jovem já era gago e eu não podia forçar. O levei até o hotel. Disse a ele que tomasse um banho, iríamos jantar e conversar melhor. Ele respeitoso me olhou com os olhos húmidos. Pedi a um boy do hotel que comprasse uma calça e uma camisa do meu tamanho. Dei a ele o dinheiro. Voltei para o quarto quando fui chamado pelo Cabo. - O delegado Toninho chegou e insiste em ter sua presença disse.

Pedi a recepcionista que quando o boy chegasse com a roupa levasse ao meu quarto e entregasse ao Mosquetinho. Dissesse a ele que era um presente e que iria voltar logo. Atravessei a rua e logo estava na delegacia. O Delegado Toninho não era dos mais amigáveis. Devia ter ficado encucado quem seria este amigo do Chefe Gafanhoto. Os acontecimentos também poderiam prejudicá-lo caso eu fosse algum figurão da capital. Ele não teve meias palavras. Foi direto ao assunto – Seu amigo era um pedófilo. Estuprou e matou uma menina de cinco anos! E

anos depois fez o mesmo com uma criança de seis anos! Quase caí de costas. Era como se fosse um coice de mula em cima do meu peito. – Não entendi delegado. O meu amigo Chefe Gafanhoto era conhecido aqui. Nasceu aqui e todos o conheciam e o respeitavam. – Ele riu. Malditas estas bestas feras que ninguém conhece até que mostram o que são. Ele se calou e eu calado fiquei. Não acreditava em nada no que ele dizia. Quantos meninos passaram em suas mãos? Quantos o admiravam e ninguém, ninguém mesmo nunca soube de nada? Agora um pedófilo estuprador e assassino?

Meu estomago revirava. Aquele delegado dos infernos acabara comigo condenando meu Chefe, meu amigo e meu segundo pai daquele jeito. Ele parecia sentir prazer quando me contou. Dei as costas para ele e vi quando o cabo e ele deram risadas. Malditos! Isto não era verdade. Eu não sabia como, mas iria provar que o que ele disse era mentira. Sai da delegacia tremendo e não antes de dizer ao delegado que a verdade iria aparecer. Ele e o cabo riram – A verdade meu jovem está lá no cemitério, sozinho e sem ninguém. No caminho encontrei Willian Grotão nosso Monitor. Ele me olhou parou e pensou quem eu era. Eu o reconheci logo. – Sou eu Willian. - Meu Deus! É você Escriba Risonho! – Ele me olhou de novo, deu um belo sorriso e um enorme abraço bem apertado como era seu estilo. Nada mudou no nosso Monitor. Gente boa. Sempre um líder para todos e de todos. Quantas aventuras? Quantos acampamentos? Quantas excursões e viagens sem fim? Quantas noitadas a esperar o sol nascer em uma montanha qualquer? Fora tempos que não voltam mais e que ficaram gravados para sempre. Mas eu não estava ali para lembrar-me dos bons tempos do passado. Ele me pegou pelo braço e me levou até o bar do Jofre. Sentamos na varanda bem embaixo da frondosa árvore.

Meu amigo Escriba Risonho sumiu seu sorriso? – perguntou. – Sorrir meu amigo? Com esta notícia que mais parece uma bomba a cair na minha cabeça? – Pois é ele disse. Ninguém acreditou quando a história correu de boca em boca na cidade. Foi como alguém tivesse jogado sobre nos uma bomba atômica. Quando você partiu O Chefe Gafanhoto foi convidado pela oposição a se candidatar a prefeito. Não ganhou, mas chegou perto. Dizia que nas próximas ele seria eleito facilmente e mudaria a cidade de cabeça para baixo. Dizia que Pedra Azul seria a maior cidade escoteira do mundo. Ele contava isto para a gente e nós dávamos risadas. Lembro em um acampamento no Morro do Açúcar você sabe onde é, acampamos juntos lá diversas vezes. No fogo de Conselho o Chefe Gafanhoto nos contou uma linda história. De uma cidade atrás das montanhas azuis, onde vivia um povo irmão, onde todos davam as mãos e sorriam, onde tudo era dividido, não havia ricos e nem pobres, e onde a lei escoteira era cumprida com um sorriso nos lábios. Ele contou que um dia Deus passando por lá e vendo o brilho no coração de todos disse que ali reinaria a felicidade para sempre e que todos seriam imortais.

- Sabe meu amigo Escriba Risonho, quando ele terminou de contar a história um belo cometa enorme e cintilante riscou os céus como a dizer – A cidade existe, basta cada um querer. Muitos choraram de emoção. Eu mesmo pensava que seria lindo poder morar em uma cidade assim. E hoje vendo o que fizeram com ele meu coração bate forte e minha mente sempre a dizer que não é verdade. Nenhum de nós acreditou naquela história de Dona Rosilda. Não podia ser verdade. Mas a história dela caiu como uma bomba, pois a policia encontrou Santinha em um beco próximo a casa de Dona Maria das Graças, em um terreno baldio toda machucada. Ainda balbuciava, mas sua respiração era tênue e muitos a ouviram dizer – Chefe Gafanhoto! Chefe Gafanhoto! Ela foi levada ao hospital e morreu horas depois. Dona Rosilda correu de porta em porta jurando que era ele o assassino. Ninguém entendia porque ela insistia tanto afinal era sua neta, filha de Lisbel sua filha e que um dia foi à namorada do Chefe Gafanhoto. Todos acharam que seriam o mais belo casal a entrar na igreja do Santíssimo. O médico para piorar disse que ela tinha sido estuprada! A cidade ficou em pé de guerra. Pais e mães de Escoteiros e lobinhos custavam a acreditar. Era impossível! Chefe Gafanhoto era um homem de honra, reto e honesto e sempre assim o demonstrou.

- Olhei para o velho Escoteiro e seus olhos estavam cobertos de lágrimas. Lembrar-se daquele passado o machucava dolorosamente. Pensei em me levantar e ir embora, pois o que ele narrava até eu que não tinha conhecido o Chefe Gafanhoto sentia como se eu estive lá vivendo cada passo, cada dia, e ouvir de amigos e inimigos uma história que não batia com o passado de um homem que ele admirava e que para ele era seu herói. Notei que a Vovó o abraçou e também tinha os olhos marejados. Ele conhecia a história e conheceu o chefe Gafanhoto quando solteira. – O Velho Escoteiro me olhou e disse – Sabe meu amigo, cada um de nós temos um caminho a seguir e não podemos fugir dele. O seu irá aparecer um dia. Ninguém está livre para fazer e construir um destino próprio e olhe sei que temos o livro arbítrio, mas quando viemos para este mundo nossas vidas estavam escritas e se não cumprirmos nossas metas vamos ter que voltar de novo um dia. O Velho Escoteiro se levantou, deu uma volta na

varanda, olhou o movimento na rua e voltou sentando-se. O Velho me olhava calmamente. Fez uma pausa e continuou:

- Beberiquei uma cerveja com o Monitor Willian Grotão no bar do Jofre. Senti que ele também não gostava de lembrar. Na rua apareceu Mosquetinho de roupa nova. O chamei para se sentar conosco. Tentamos falar de outros temas, por onde andavam nossos companheiros de patrulha e o que aconteceu com o Grupo Escoteiro depois disto. – Foi Mosquetinho que contou tudo. De boca em boca, de porta em porta as acusações ao Chefe Gafanhoto aumentavam Escriba Risonho. Ouve mães que mentiam descaradamente dizendo que ele tentou molestar seus filhos em acampamentos. Uma inverdade tremenda. Cada família proibiu seu filho de participar do grupo escoteiro. Não havia agora quase ninguém na tropa e na Alcateia. Mesmo assim o Chefe Gafanhoto não esmorecia. Sempre dizia que era inocente e que a verdade iria aparecer. Ninguém acreditava. Eu e Nonô Orelhudo fomos os últimos a participar do grupo. Minha mãe adorava o Chefe gafanhoto. Nunca acreditou no que estavam dizendo dele. – Até seus pais Willian Grotão o proibiram de participar. – Willian me olhou choroso. Um homem agora de uns vinte e oito anos. Quase da minha idade. – Verdade mesmo Mosquetinho. Meu pai me deu uma surra para não aparecer lá mais. Você lembra que ia escondido e o Chefe Gafanhoto me pediu que não fizesse mais isto.

- Mas o pior meu amigo Escriba Risonho estava por vir. O Maldito Delegado Toninho fazia tudo para humilhá-lo, dizendo que ele seria preso que seria levado para São Romão um presidio que amedrontava a todos pela sua brutalidade e demorou um mês para formalizar uma acusação. Em principio ninguém dizia que ele era ruim, que ele era culpado. Chamou diversos Escoteiros, lobinhos e todos sempre jurando que o Chefe Gafanhoto era para eles um segundo pai. O tempo foi passando. Todas as portas se fecharam. A cidade que o amava agora o desprezava. Naquela época tentaram tudo para incriminá-lo e não conseguiram. Ficou preso quatro meses e até hoje eu não sei como os jurados o absolveram. Ele era teimoso, não saiu da cidade. Arrumou emprego na Techint Engenharia e Construção. Era a mesma empresa de Mosquetinho. Ele saía cedo e voltava à noite. Nos fins de semana saía cedo para pescar. O escotismo para ele acabou. Sua vida mudou da água para o vinho.

O pior veio a acontecer em janeiro passado. Acho que foi em um sábado não tenho certeza, Uma noite dançante que sempre acontecia no Clube Real o Chico Risadinha e sua turma saíram altas madrugadas e completamente bêbados, foram até a casa do Chefe Gafanhoto. Gritaram disseram que ele era um assassino o chamaram de bandido e de tantos nomes que o Chefe Gafanhoto resolveu enfrentá-los. Eram mais de oito. Deram uma surra tremenda nele. O arrastaram pela rua gritando que pegaram o estuprador de crianças e o deixaram na porta da delegacia. O Delegado Toninho vendo que poderiam matá-lo o prendeu em uma cela. Ficou lá por cinco dias. Solto voltou para seu trabalho. A cidade que parecia adormecida com o fato do passado agora acordou novamente. O disse me disse o boca a boca, a rádio pião sempre comentando e muitos esqueceram que ele foi inocentado. E então o pior aconteceu. O Tavinho Pata tenra de seis anos filho de um antigo escoteiro apareceu morto da mesma maneira que Santinha.

Desta vez ele mesmo correu para a delegacia. Sabia que ia ser morto se ficasse em casa ou andasse pela rua. Jurou inocência e disse que trabalhava no dia do crime. O delegado olhou para ele e não perdoou. - Gafanhoto, ele disse, desta vez você não vai escapar. Em momento algum tentou averiguar seu álibi. Uma multidão se formava todos os dias em frente à delegacia. O Delegado pediu reforços na capital. Eles mandaram dois soldados. Dois pode? - O Juiz Doutor Arquimedes exigiu do delegado uma solução. Queria o inquérito policial em um mês. Ele correu para forjar um Inquérito de mentira, bem assim acreditamos. Não intimou ninguém e até no local dos crimes ele não foi. - O que você acha? Perguntou o Juiz Doutor Arquimedes, culpado ou inocente? - Culpado disse o delegado. O julgamento foi marcado para daí há quatro meses. No dia do julgamento o Fórum estava lotado. Não cabia mais ninguém. O corpo de jurados foram escolhidos pelo Juiz e nem perguntaram ao advogado Doutor Maninho que representava o Chefe Gafanhoto se ele discordava de alguém escolhido. O Chefe Gafanhoto estava mudo. Preferiu não dizer nada. Ele já sabia que eram cartas marcadas. Uma a uma as testemunhas não tiveram dó e nem piedade do dele. O Promotor Donato ria por dentro e pensava: – Este não me escapa tá no papo! Lá fora a chama da violência na multidão ensandecida ruminava. Dois soldados guardavam a porta do Fórum e mais dois lá dentro. Só um na delegacia. O Delegado Toninho em um canto do fórum observava tudo. Não fora arrolado como testemunha. Ele pensava se aquilo que acontecia era certo. Agora tinha dúvidas e medo da multidão. Em sua vida de delegado nunca passou por uma situação desta.

O Chefe Gafanhoto não teve nenhuma defesa. As testemunhas dele foram poucas. A maioria eram Escoteiros, mas todos de menor idade e não podiam participar. Os antigos Escoteiros pressionados por suas famílias preferiram se colocar a margem. É sempre assim. Amigos, amigos negócios a parte. A morte de crianças é o crime mais horrível e tão brutal que ninguém que fora seu amigo iria testemunhar. Todos agora se escondiam como caranguejos no brejo. A maior traição foi feita pela Akelá Noêmia. Para dizer a verdade não sei se foi uma traição, pois ela acreditava no que viu e presenciou. Ela testemunhou e jurou sobre a bíblia que o viu diversas vezes acariciando e beijando as faces de Santinha. Depois se arrependeu pelo resto da vida por ter contado aquilo. Sempre se sentiu culpada pelo que aconteceu. Depois do julgamento sumiu da cidade. Ninguém nunca mais ouviu falar dela. Cinco mães também juraram sobre a bíblia que seus filhos tinham sido molestados, mas provas mesmo nenhuma. Dona Rosilda mãe de Lisbel não pode ir. Era ela que a principal acusadora. Sempre jurou que ele era culpado, mas estava paralisada em uma cama em sua casa onde Lisbel se desdobrava para lhe dar algum conforto. Seria o início da justiça de Deus?

Dois chefes escoteiros de Riacho Grande vieram ao julgamento para servir de testemunha de defesa, eles conheciam o Chefe Gafanhoto, e sabiam que ele era inocente, mas não foram aceitos. O Doutor Maninho advogado do Chefe Gafanhoto conduziu a defesa de uma maneira totalmente desastrosa. Parecia que ele deseja que seu cliente fosse condenado. Ficamos sabendo depois que ele era recém-formado e tinha um medo terrível do Juiz Arquimedes. O julgamento foi rápido. Durou apenas dois dias. Declararam-no culpado. Trinta e oito anos de cadeia no Presídio de São Romão. Para evitar um linchamento iriam levá-lo no dia seguinte. Não deu tempo. Sabe-se que nos linchamentos se faz presente a dimensão mais oculta do nosso imaginário. Dizem que pacíficos transeuntes, pacíficos vizinhos, devotados parentes e pais se envolvem na execução de alguém, a quem, às vezes estão ligados por vínculos de sangue. Acreditam mesmo que ali está a justiça popular. E dantesco a turba fechar os olhos para a razão e partir para uma ação que no dia seguinte irá ficar na mente de cada um para sempre.

Naquela noite uma enorme multidão se formou em frente à delegacia. Um zunzum e depois muitos começaram a gritar - Mata esfola, enforca! O ar noturno ficou carregado. A cidade parecia ter recebido uma descarga elétrica. O clima estava ficando péssimo. O delegado sabia que com cinco soldados e um cabo nunca conseguiriam defender a delegacia. Olhe que no fundo eu pensava que ele torcia para invadirem a delegacia e pegarem aquele estuprador maldito e o matassem. Ele nunca foi imparcial. Nunca procurou provas e não mexeu um dedo para saber a verdade. Sempre a dizer culpado. Seu relatório estava cheio de mentiras. Depois de tudo eu sei que ele se arrependeu e muito. Sua ficha ficaria marcada para sempre onde fosse. Sempre fiquei na dúvida porque ele agiu daquela maneira. No fundo não era um mau policial.

Enquanto o Velho Escoteiro contava a história eu olhei meu relógio e vi que ainda era cedo. Onze da noite. Não iria sair dali sem o final. Vovó encostada ao ombro dele parecia dormir. Havia um silêncio profundo na sala. O Velho Escoteiro respirava com dificuldade e isto me preocupou. Vovó se levantou e foi buscar sua bombinha. Ele deu uma pequena parada me olhou e disse – aguarde, volto logo, hora de uns remédios. Subiu as escadas até seu quarto e alguns minutos depois voltou. Quando ele subiu Vovó me contou como ele sofreu com tudo aquilo. Ela sabia que ele e o Chefe Gafanhoto tinham uma união quase de pai para filho. Uma amizade que ambos sabiam que nunca iria acabar. Ela não chegou a conhecê-lo pessoalmente. Aprendeu a admirá-lo por causa do Velho Escoteiro que sempre contava suas aventuras, e a admiração que tinha por ele. Ela ainda não era casada quando ele morreu. Hoje ela lembra o quando ele sentiu sua morte, pois anos e anos depois quando recordava ele chorava.

O homem pode suportar as desgraças, elas são acidentais e vêm de fora: o que realmente dói, na vida, é sofrer pelas próprias culpas.

Oscar Wilde

Capítulo III

Meia noite. Eu não ia trabalhar no dia seguinte. O médico me deu cinco dias de licença para que ficasse bom de minha pneumonia. Minha turma da manutenção poderia sem sombra de dúvida me substituir. Naquela manhã telefonei para o meu gerente e avisado a ele como estava. Eu sempre fui bem considerado na empresa e eles me queriam são e não doente. Assim poderia dormir em qualquer horário e sabia que a Vovó e o Velho Escoteiro não se importavam. Principalmente se ele estivesse motivado e pelo que víamos ele estava. Levantei tomei um cafezinho que ainda estava quente na garrafa térmica e esperei o Velho Escoteiro continuar sua narrativa. Ele risonhamente me perguntou se eu não devia avisar alguém. Lembrei-me da minha esposa. Tinha me esquecido completamente e liguei para ela. Disse que estava na casa do Velho Escoteiro e ia chegar um pouco tarde. Ela riu do outro lado e disse – No mínimo ele está contando uma história dos velhos tempos! E deu uma gostosa gargalhada. Minha esposa era única. Desliguei, olhei para o Velho Escoteiro e disse – vamos continuar? – Ele riu e se ajeitou na poltrona colocou um novo CD de Zamfir o mestre da Flauta de Pan. Ele gostava de uma música de fundo e isto sempre aconteceu em suas narrativas.

– Mosquetinho parecia ter engolido uma vitrola. Não parava de falar e contar tudo que aconteceu. Ele sentia-se ultrajado, machucado e ferido por uma cidade que não valorizava ninguém. – Escriba Risonho, o pior foi naquela quarta fatídica. Os guardas deixaram a porta aberta. Dois deles fingiram cochilar em uma cela vazia. A turba fazendo um barulho terrível invadiu a delegacia. Os soldados que lá estavam acordaram e saíram correndo. Eram uns vinte homens todos com capuz ou lenço no rosto para não serem reconhecidos. Não houve chance de defesa. Correr para onde em uma cela de nove metros quadrados? A porta da cela estava aberta. Mataram o Chefe Gafanhoto a pauladas, chutes e socos. Ele ficou irreconhecível. Quando viram que não respirava mais fugiram. Até hoje ninguém sabe e ninguém viu quem foi. Investigação? Nunca houve.

- No dia seguinte a cidade amanheceu silenciosa. Parecia saber que era culpada. Muitos tentavam explicar o inexplicável. O Juiz Doutor Arquimedes mandou chamar o delegado. – Ou você descobre quem foram os linchadores ou vou acabar com você! – Doutor Arquimedes, o senhor sabia que isto iria acontecer. Eu não tive condições de proteger o prisioneiro, mas cá entre nós, ficamos livres de um pedófilo estuprador não? – Será mesmo Delegado Toninho. Será mesmo? Olhe eu até hoje não tenho certeza. Eu o condenei porque os jurados foram unânimes em declará-lo culpado e o prefeito me pressionou. A cidade toda está comentando. As comadres, os homens todos agora se sentem culpados. Conversam nas esquinas, nos bares, conversam ao pé do ouvido. Muitos perguntam se ele deveria ter morrido assim. Ninguém quis assumir o seu funeral. O Nonô Morto Vivo da funerária e dono do Velório disse que sem dinheiro ele não ia fazer nada. Eu mesmo com umas taboas que tinha no meu quintal fiz um esquife para ele ficar. A policia o deixou no cemitério e mandou o Manolo Coveiro enterrar.

- Fiquei revoltado com tudo aquilo. – Mosquetinho continuou - Infelizmente meu amigo eu não tinha condições financeiras para dar a ele um enterro à altura. Ninguém quis ajudar. – Willian Grotão pediu desculpas. – Minha esposa me proibiu Escriba Risonho. Disse que se eu ajudasse ela iria embora. - Pois é, continuou Mosquetinho. Eu não tinha saída e sabia o quanto você gostava dele. Foi aí que resolvi passar o telegrama para você. Ficamos nós três em silêncio sentados na mesinha do Bar do Jofre. Comecei a pensar em tudo que aconteceu. Eu já tinha certeza que tinham armado para o Chefe Gafanhoto. Sua inocência para mim era um fato e agora mais ainda. Eu iria provar isto. O delegado iria pagar por ser um acusador e frouxo na hora de defender um prisioneiro seu. A primeira coisa era providenciar um enterro digno. Paguei as despesas do bar e sai. Mosquetinho foi ao meu lado e Willian Grotão ficou em dúvida, mas me seguiu também.

- Entrei no Velório do Nonô Morto Vivo. Quando disse o que me levava ali ele balançou a cabeça. – Olhe senhor ele disse, não sei se sabe, mas sou sócio do novo Prefeito Muriel e não sei se ele vai gostar – Uma raiva enorme me subiu a cabeça – Encostei o dedo no nariz do Nonô Morto vivo e disse a ele – Ele vai ser velado aqui patife. E se você não quiser vai sofrer as consequências de um processo enorme. Mando vir os melhores advogados da capital e acabo com sua raça. E olhe, acho que você não sabe com quem está falando! Nonô Morto Vivo ficou branco e lívido. Eu continuei falando – Quero que vá agora mesmo buscar o corpo do Chefe Gafanhoto no cemitério e vai colocá-lo no melhor esquife que tiver. Vai fazer dele um homem de bem sem aquelas feridas enormes que

apresenta, não importa o preço. Quero tudo aqui enfeitado com as melhores coroas de flores que conseguir. Marque seu enterro para amanhã às quatro horas da tarde. Quero que todo o povo da cidade saiba disto. Nonô Morto vivo saiu correndo e sumiu na esquina com seu carro fúnebre. A notícia já corria de boca em boca. Um estranho estava planejando o féretro do defenestrado. Do estuprador de crianças.

- Eu contava com o disse me disse, todos deveriam saber que alguém lutava pela inocência do Chefe Gafanhoto. Fui até a delegacia e falei grosso com o Delegado Toninho. Disse a ele que eu não era importante, mas tinha dinheiro. Iria agora mesmo telefonar a minha empresa na capital para enviar urgente um dos melhores advogados da cidade que por sinal trabalhava em nossa empresa e um dos dez melhores da capital. Iria pedir também para me enviarem dois seguranças que já foram da Polícia Federal. Ele iria conhecer o melhor detetive que existia no país. Eu ia chamar um antigo delegado da Interpol muito amigo meu e que era Chefe Sênior. E veja senhor delegado que não vou parar por aí. Irei pedir ao meu diretor da minha empresa para explicar ao Ministério Público o que estava acontecendo. Sei que eles vão enviar alguém aqui e olhe se não vier à corregedoria. – Seu delegado, se alguma coisa acontecer comigo o senhor será o único responsável. Sai da delegacia tremendo de raiva. Olhei para trás e vi dois soldados me seguindo. Deviam ser a minha escolta a mando do delegado para me proteger. Ele sabia que eu não estava brincando. Mosquetinho me esperava do lado de fora. Ficou ao meu lado o tempo todo. Não vi mais Willian Grotão. Mosquetinho disse que a mulher dele mandou chamá-lo. No mínimo iria exigir que ele ficasse longe de mim. Eu sabia que agora já não era “persona grata” aquela cidade. A cidade onde nasci à cidade que sempre amei me virava às costas.

Fui ao hotel. Tomei um banho e coloquei meu uniforme Escoteiro. Havia levado os dois, o social e o de campo. Prefiro o de campo. Todos deviam saber que fui Escoteiro do Chefe Gafanhoto e o admirava mais que tudo. Tinha orgulho dele. Mosquetinho disse que seu uniforme não servia mais. - Tudo bem amigo eu disse. Telefonei para o Doutor Manga e pedi a ele que enviasse urgente para Pedra Azul um advogado da empresa e dois seguranças. Conte para ele tudo que acontecia. Que ele fizesse contato no ministério publico. Que eles viessem na Van da empresa e não se esquecessem de contar tudo ao Chefe Labrador, pois ele era promotor de justiça e poderia ajudar. O boy do hotel ouviu minha conversa. A cidade inteira sabia o teor dela meia hora depois. As janelas estavam cheias de rostos.

Fui para o Velório. O corpo do Chefe Gafanhoto ainda não tinha chegado. Sentei na porta e vi que uma turba de gente se formava em frente. A rua ficou cheia. Eu não estava nem aí. Sabia que o Chefe Gafanhoto era inocente e iria provar a todos que ele nunca foi culpado. Lembrei-me do meu amigo Pascoal Raça Pura Chefe da tropa Sênior. Esqueci que ele era um detetive dos bons. Trabalhou alguns anos para a Interpol e na Polícia Federal. Porque não fazer um convite direto a ele? Fora investigador por muitos anos e bem relacionado nos meios policiais do estado. Éramos do mesmo Grupo Escoteiro. Pedi ao Mosquetinho que fosse ao telegrafo e passasse um telegrama para ele. Um telegrama extenso. Expliquei em detalhes o que estava acontecendo. Que precisa deste favor. Se possível adiasse os casos que estava cuidando e viesse urgente para Pedra Azul. Eu assumiria todas as despesas. Sabia que ele viria. Dizem que somos irmãos no escotismo e amigos Escoteiros verdadeiros não deixam ninguém na mão. Eu e ele tínhamos uma amizade sincera. Fomos juntos ao 6º Jamboree Mundial em Moisson na França. No telegrama pedi a ele para telefonar a empresa. Um advogado e dois seguranças estavam vindo de Van. Ele podia vir junto. Notei vindo em minha direção um senhor já de idade gordinho e careca e ao seu lado outro magro de cabelos loiros. Mosquetinho me disse que era o Juiz Arquimedes e o Prefeito Muriel. Só faltava eles. Cumprimentaram-me e pediram para falar comigo em particular.

Entramos no velório. Sentamos os três em um banco de madeira. O Prefeito foi o primeiro a falar. Tentou explicar que eu estava armazenando pólvora e ela podia explodir a qualquer momento matando muita gente inocente. Quis me convencer da culpa do Chefe Gafanhoto. Sujeito desprezível eu pensei. O Juiz repetiu a mesma ladainha. Ouvi educadamente. Quando terminaram expliquei para eles calmamente que não queria confusão. Mas não ia engolir aquela história que armaram para o meu amigo. Eu acreditava piamente na inocência do Chefe Gafanhoto e eu iria provar. - E olhes senhores, continuei, os culpados irão pagar caro por tudo isto – Você sabe que ninguém virá aqui no seu velório disseram. Está gastando dinheiro à toa. Não importa disse. Farei o que ele faria por mim se estivesse vivo. Ele merece isto o que a sua cidade não deu. Não continuei. Se continuasse iria mandar eles para o inferno. Estava revoltado. O que fizeram com o Chefe Gafanhoto foi uma tremenda covardia. Ambos eram culpados, pois aceitaram o disse me disse e nem exigiram uma investigação. Eu já estava começando até a pensar

que foram eles que armaram em cima do meu querido Chefe. Não houve nenhuma investigação. O delegado era um banana e nada fez. Casos comuns que demoram três ou quatro anos para julgamento com o Chefe Gafanhoto foi diferente. Três meses e o julgaram culpado. Eles se levantaram e partiram. O corpo do Chefe Gafanhoto chegou. Eu fiquei o tempo todo sentado no banco da porta do velório. Todos queriam saber quem eu era.

Ali sentado, lembrei-me uma vez em volta de um fogo na Mata do Gavião, eu e mais cinco amigos ríamos a valer das piadas contadas pelo Escoteiro Murtinho Bola Murcha. Ele dizia – Olhem velório sem um grupo contando piada e sem a intromissão de um bêbado para importunar não é velório. Ele falava e ria. Gostava de uma piada um grande gozador e completava – Se quiseres conhecer pessoas verdadeiras é preciso ir aos cemitérios, mas cuidado! Jamais entre nos velórios, lá só se ouve suspiros de alívio tanto dos mortos quanto dos que choram. Kkkk. Boas lembranças de Murtinho Bola Murcha. Encontrei-o no ano passado na posse do novo Comissário Regional. Ele era Presidente de um Grupo Escoteiro e fiquei lhe devendo uma visita. Ali sentado pensava em tudo. Podia ficar pelo menos uns vinte dias em Pedra Azul mais não. Tinha muitos compromissos e esperava resolver tudo em menos tempo. Como dizia Juraci Rocha, nós matamos o tempo, mas ele assiste ao nosso velório e dá tempo ao nosso sepultamento.

Notei um buchicho entre a multidão. Muitos adultos ali foram Escoteiros comigo no passado. Agora estavam recordando de mim. Vi que alguns queriam se aproximar, mas eram puxados pela esposa ou pela noiva ou por um irmão. Uma senhora de extraordinária beleza chegou e entrou. Mosquetinho falou baixinho em meu ouvido que era Dona Lisbel. Ela e o Chefe Gafanhoto tiveram um caso no passado. Terminaram e ninguém soube de mais nada. Logo a seguir uma senhora já bem velhinha vestida de preto também entrou. Mosquetinho disse que era dona Lili. A faxineira que durante trinta anos ficou na casa dele, fazia a limpeza, lavava a roupa e cozinhava. Muitos na cidade diziam que ela era sua amante. Ninguém mais entrou. Éramos quatro a velar o corpo do Chefe Gafanhoto. Às nove da noite Dona Lisbel disse que ia sair, mas voltava. Precisava ver como estava sua mãe. Voltou duas horas depois. Após a meia noite a rua ficou vazia. Sentado na porta em um banco de madeira meus pensamentos voltavam ao passado e lembrava como fui feliz ali. Porque a cidade mudou tanto? Onde andava aquela alegria, aquele amor entre os habitantes?

Pela manhã fui atrás do padre Lourenço. Eu o conhecia e sabia que ele se lembraria de mim. Afinal fui coroinha por muitos anos e ele sempre se mostrou um amigo e admirava os Escoteiros. Olhou-me deu um sorriso e disse – Então é você que está fazendo toda esta celeuma na cidade? - Padre, não quero discutir o certo ou errado. O senhor o conheceu, sabe o que ele fez pela cidade. Eu sei que o senhor sabe de tudo. No confessionário todos contam sua vida. O Chefe Gafanhoto era católico praticante. Sei que o senhor e ele eram grandes amigos. Agora está morto. Gostaria que o senhor celebrasse uma missa no velório. – Claro que sim ele respondeu. Mesmo se não viesse um convite como você está fazendo eu nunca deixaria de fazê-lo. Que horas? – as nove padre – O enterro será às quatro da tarde. Pode deixar que as nove eu estarei lá sem falta. Depois da missa eu gostaria de uma prosa com você se tiver tempo. – Claro Padre. Ainda ficarei alguns dias em Pedra Azul.

Voltei ao Velório. As mesmas pessoas. Dona Lisbel chorava baixinho. Tentei consolá-la, mas não adiantou. Seus soluços aumentaram. Chorou por muito tempo no meu ombro. Sentamos lá dentro e ela começou a contar sua história. Sabe Chefe quem eu sou? – Balancei a cabeça. – A mãe de Santinha. A menina que disseram ele estuprou e matou. – Assustei. Olhei no fundo de seus olhos. Ela não demonstrava ódio, pelo contrário, parecia ter pelo Chefe Gafanhoto uma enorme paixão. Um amor incrível. Chefe, eu e o Chefe Gafanhoto vivemos um romance impossível de descrever de tão lindo. Nós tínhamos um amor impossível, não era um amor qualquer, pois precisávamos nos esconder. Eu estava com dezesseis anos e meu pai era um homem obstinado e nos fazia viver um sistema matriarcal que não nos deixava escolher ou decidir nada. Ele disse que eu estava destinada a casar com o Leonardo, filho do fazendeiro Zenóbio e me proibiu ver de novo o Chefe Gafanhoto. A gente se via as escondidas. Todos os sábados eu corria para o pátio do colégio para vê-lo e me esconder atrás de algumas árvores onde ele sorratamente deixava a Tropa Escoteira e vinha me abraçar. Tempos lindos Chefe. Como eu o amava. Mas um dia meu pai me seguiu e viu tudo. Ao voltar para casa ele me deu uma surra. Tirou seu cinto e me bateu até sair sangue. Minha mãe não chorou uma única vez. Acho que ela queria o que meu pai fazia. Eu não desistia do Chefe Gafanhoto. Sabe como é Chefe o amor é difícil de segurar. Um dia no final da reunião todos já tinham ido embora, eu e ele descemos o terreno da sede até o riachinho que fica bem lá em baixo. Sei que o senhor conhece. Não sei o que deu em mim. Entreguei-me a ele. Queria fazer dele o meu marido para sempre.

Eu sabia que tinha ficado grávida. Eu sorria, pois agora o teria sempre ao meu lado. Ter um filho dele seria minha redenção aqui na terra. No terceiro mês contei para minha mãe. Ela contou para o meu pai. Chamaram-me de tudo. Só não me colocaram na rua porque além de estar grávida eles eram muito católicos. Sabiam que o Padre Lourenço não iriam perdoar a eles nunca. Sem ninguém saber me levaram para o Paraná na casa do meu Avô Noraldo. Fomos de carro. Quinze horas na estrada. Meu Avô era igual meu pai. Calado me recebeu em sua casa. Nunca me dirigiu a palavra. Viúvo vivia só com uma empregada que estava com ele desde que nasceu. Dona Eugênia era uma grande pessoa. Foi uma mãe para mim, melhor do que a que tinha. Minha filha nasceu seis meses depois. Uma parteira foi chamada e não houve problemas. Até os quatro anos dela eu fiquei lá em Alvorada do Sul. Sem notícias dele e sem poder escrever uma carta parecia que meu mundo desmoronava. Foi Santinha quem me deu alento. Por causa dela não desisti de viver.

Santinha? A mesma que acusaram o Chefe Gafanhoto de estuprar e matar? Perguntei. - Ela mesma Chefe. Ela mesma. Era filha dele. Ele sabia. Quando voltei contei para ele. Meu pai havia falecido e eu vivia com minha mãe. Ela nunca gostou de Santinha. Sempre dizia que ela tinha sangue ruim. Caramba! Mas porque não disse ao delegado quando da morte dela? – ia dizer Chefe, mas minha mãe ameaçou de se matar e correu para dizer ao delegado que foi ele. – Pensei comigo que estava explicado o porquê ele a abraçava e beijava sua face acariciando seus cabelos. Era sua filha. Ninguém sabia e nem a Akelá Noêmia poderia imaginar. Mesmo assim ela devia saber do bom coração do Chefe Gafanhoto. Eu mesmo vi varias vezes ele emprestando dinheiro a ela e dizendo que não se preocupasse em pagar. Eu já tinha certeza que o Chefe Gafanhoto era inocente e alguém estava armando para ele. Para mim seriam agora assassinos, pois não deram a ele nenhuma chance de defesa.

A missa foi linda. O Padre Lourenço comentou toda a vida do Chefe Gafanhoto. Pena que só eu, Mosquetinho, Dona Lili e Lisbel estavam presentes. Lá fora centenas de pessoas. Ninguém entrou. Ao terminar a missa o Padre Lourenço abençoou o corpo do Chefe Gafanhoto. Ficou conosco por mais algum tempo e prometeu voltar na hora do funeral. O tempo foi passando. Nem fome tive. Assim como eu os três presentes também ali ficaram. As três e quarenta e cinco da tarde seu Manolo Coveiro chegou. Disse-me que a cova estava pronta. Mandei fazer uma cruz de bronze com uma homenagem póstuma para ser colocada mais tarde em seu túmulo. Mandei escrever – Aqui jaz, o maior Chefe Escoteiro de todos os tempos! O Padre Lourenço estava conosco quando nos dirigimos ao cemitério. Eu o padre, Mosquetinho e seu Manolo levávamos o ataúde. Na porta do cemitério o Delegado Toninho e dois soldados estavam parados. Ele fez sinal para pararmos. – Chefe – eles agora me chamavam de Chefe - tenho ordens para não deixá-los entrar! – Sorri para ele. Vai nos impedir? E quem mandou delegado? Foi o prefeito? O senhor quer que eu leve o ataúde e o deixe em frente à prefeitura? Olhe que eu faço isto e o senhor sabe que não tenho medo de ninguém! – O delegado coçou o queixo. Ele estava numa sinuca. Não sabia o que fazer. Melhor não fazer nada.

Entramos. Ele não impediu. O padre Bento antes de o ataúde baixar na sepultura prestou uma linda homenagem ao Chefe Gafanhoto. Um ritual triste e alegre ao mesmo tempo. O caixão estava fechado. Havia dois dias que o Chefe tinha falecido. Não foi bem um “réquiem”. Não seria outra missa ali a ser celebrada. Ele encomendou sua alma a Deus, cantou uma linda musica que não conheço, cantou o Kyrie Eleison e depois algumas Ave Marias, e Pai nosso. Eu e Mosquetinho começamos a cantar a Canção da despedida. Um cemitério vazio, um vento frio e cortante começou a soprar. Uma chuvinha fina começou a cair. O céu continuava azul. De onde vinha à chuva? Em cima do muro do cemitério dezenas de pessoas cantavam conosco. Ao meu lado surgiu Willian Grotão, o Monitor, Alécio Piaba, o sub Monitor, Normandinho Saca Rolha o cozinheiro e muitos outros que não eram de nossa patrulha. Uma surpresa enorme! Sem o uniforme, pois agora eram homens feitos, mas com o lenço verde e amarelo do grupo no pescoço. Todos entraram na roda da Cadeia da Fraternidade. Com as mãos entrelaçadas cantamos a canção da Despedida com amor. Foi um momento sublime. Lágrimas furtivas se transformaram em suspiros, gargantas secas fazendo barulho de choro, e olhe meu amigo, foi difícil aguentar.

Os quinze Escoteiros que chegaram com seus lenços me abraçaram e disseram estar ao meu lado. Pensei em dizer que agora era tarde demais, mas ali naquele ambiente triste não era a hora de culpar alguém e eu nunca faria isto. Não sei como, mas de uma hora para a outra o cemitério ficou as escuras. Uma enorme estrela brilhante despontou no céu. Uma luz azul como um holofote a clarear o caminho parecia fazer uma ponte entre a estrela e a sepultura. Eu sabia que o Chefe Gafanhoto estava indo embora. Estava na hora. Seu espírito deve ter sofrido muito e amigos do além estavam ali para levá-lo a outros mundos. Fiquei em posição de sentido e olhei para a luz. – Fiz a

saudação escoteira - Sempre Alerta meu Chefe! Que Jesus o abençoe. Eu chorava. Chorava mesmo. Os que estavam ali também fizeram o mesmo e choraram. Depois um silêncio profundo Manolo me pediu permissão para jogar a terra. Peguei a pá e joguei um pouco. Todos fizeram o mesmo. Sai devagar junto a Lisbel e junto a Lili. Disse a ambas que estaria no Hotel da Dona Matilde por uns dez dias. Se precisassem de alguma coisa me procurassem.

- Olhei o relógio, passava da uma da manhã. O Velho Escoteiro não parava. Que história ele contava. Era demais. Nunca me contou uma assim. Interessante que a Vovó permaneceu ao seu lado sem dormir o tempo todo. Olhei para o Velho Escoteiro e ele me perguntou – estas com sono? Não Velho, minha preocupação é outra. É você – Eu? Você não me conhece. Já contei uma história que durou uma noite inteira! – Acredito Velho, não duvido, mas você era mais novo – Ele riu. Chamando-me de Velho? – Desculpe, continue, só saio daqui ao final da história. O Velho Escoteiro me olhou, deu um sorriso e continuou sua fantástica história. Verdade ou não nunca iria duvidar dele. O Velho Escoteiro sempre foi um homem de palavra. Ninguém nunca soube dele contar alguma inverdade. Eu mesmo era prova disto.

Somos o que pensamos. Tudo o que somos surge com nossos pensamentos.
Com nossos pensamentos, fazemos o nosso mundo.

Buda

Capítulo IV

O Velho Escoteiro se levantou esticou os braços sentou-se e continuou a história: - Durante o dia esperei a chegada dos amigos que iriam vir da capital, continuou - À noitinha a Van chegou. O Doutor Nonato um Advogado reconhecido nos meios forenses e que estava na empresa desde a época do meu pai veio me abraçar. Lá estavam também os seguranças e o Pascoal Raça Pura. Sua figura imponente, alto, magro uma espessa cabeleira negra um sorriso sempre no rosto. Ficamos por horas conversando no restaurante do hotel. Conteí tudo. Eles me encheram de perguntas. Fui dormir lá pelas duas da manhã. Acordei tarde. Já eram mais de nove horas. Os dois seguranças estavam na porta. Chamavam a atenção da molecada. Sempre de terno preto gravata e óculos escuros. Perguntei pelo Doutor Nonato e Pascal Raça Pura. – Saíram cedo me disseram. Fui até o Bar do Jofre com os seguranças atrás de mim. Procurei uma mesa na sombra do Jequitibá centenário. Jofre sentou ao meu lado. Sempre a mesma ladainha – Eu sabia que era inocente, ele disse. – Sabia como Jofre? Só porque morreu? – ele ficou sem graça e foi atender a sua freguesia.

Mosquetinho foi trabalhar. Disse-me que voltaria às cinco da tarde. Não vi nenhum movimento ou aglomeração de pessoas e até os “polícias” do Delegado sumiram. A prefeitura parecia estar fechada e nem sinal do Juiz Doutor Arquimedes. Como se diz na gíria – “estavam na moita”. O doutor Nonato apareceu no hotel já entrando às quatro da tarde. Disse-me que tinha lido todo o processo e ali só tinha furos. – Nunca vi um processo tão mal feito! Disse. O delegado só fez conjecturas e não tinha nenhuma prova cabível e não investigou nada. Fui ao Fórum e conversei com o Doutor Juiz Arquimedes ele ficou calado. Pensei comigo – Agora ele estava nu com uma mão na frente e outra atrás. – Continuou o Doutor Nonato – Ele tentou se defender o indefensável. Vamos aguardar as diligências do Pascoal Raça Pura. Se ele descobrir alguma coisa podemos abrir um processo em tudo isto e botar uma pá de gente na cadeia. Mesmo ele estando morto vamos conseguir provar sua inocência. Dei um sorriso leve. Era tudo que queria. Engraçado, a cidade virou uma cidade fantasma. O povo sumiu. As lojas abertas e ninguém a entrar ou sair. Seria mea culpa?

Pascoal Raça Pura só apareceu no Hotel às onze da noite. Riu para mim e disse que estava tudo resolvido. Ele já tinha o criminoso, os falsos testemunhos e três da turba que chacinaram o Chefe Gafanhoto. Agora só faltava colocá-los na prisão. Olhei para ele abismado. Sabia que era um bom detetive, mas vi que era o melhor. Combinamos de logo cedo fazer uma reunião no fórum. Iriamos convidar o Juiz Doutor Arquimedes, o Advogado do Chefe Gafanhoto o Doutor Maninho, o senhor Prefeito Muriel e o Delegado Toninho. Seria a hora da verdade. Hora do tudo ou nada. – Vamos ver os culpados tentarem se defender. O Doutor Nonato ali mesmo fez uma petição convocando todos eles para uma reunião no Fórum às onze da manhã. Pediu ao Boy da portaria que fosse entregar e pegasse as assinaturas. Ele disse também que não podia prender ninguém, mas os culpados não iriam fugir. Após a reunião diria a cada um sobre as providencias que seriam tomadas. Ele já estava preparado para levar a instâncias superiores se fosse o caso e fugir não era uma boa defesa.

Dormi o sono dos justos. Fui um dos primeiros a levantar. Às dez e meia estava na porta do fórum com o Doutor Nonato, o Pascoal Raça Pura e levei comigo os dois seguranças. O Delegado Toninho chegou de cara amarrada. O mesmo aconteceu com o prefeito Muriel. O Juiz Doutor Arquimedes fingia uma calma que não existia. Entramos no fórum e em volta de uma grande mesa nos sentamos. Foi o Pascoal Raça Pura quem começou a falar. – Explicou tudo que fez no dia anterior. Todos calados. – Delegado, se o senhor tivesse feito alguma diligencia se tivesse procurado pistas o senhor teria descoberto o culpado. Acho que o senhor não cursou nenhuma academia de policia, pois as provas da inocência do Chefe Gafanhoto estavam às claras. – O Delegado Toninho fechou a cara. Ia retrucar quando o Pascoal disse para ele aguardar. Ele teria tempo para isto. Quer saber o que eu fiz delegado? Primeiro fui até o final da Rua Santa Isabel onde foi achado o corpo de Santinha e do menino Tavinho Pata Tenra. É um terreno arenoso. Apesar de centenas de pessoas passearem em volta do local onde foram achados os corpos, a prova do assassino estava lá às claras. Não foi difícil e se enviarmos para a policia técnica na capital eles irão confirmar. – Todos ficaram de olho no Pascoal Raça Pura. Quem seria o assassino? O Prefeito Muriel olhava a todos assustado. O delegado Toninho querendo esfolar o Pascoal. Só o Juiz da cidade doutor Arquimedes estava tranquilo. Achava que na condição de juiz nada iria acontecer com ele.

Notei que os meus dois seguranças chegaram acompanhados de uma mulher. Eu não conhecia. Pascoal Raça Pura a apresentou – Esta é Dona Maria das Graças, acho que vocês da cidade conhecem não? Principalmente o senhor Prefeito Muriel. – O prefeito ficou branco. Ele nunca esperava por aquilo. – Sabem quem é ela? Disse o Pascoal Raça Pura – Ela é a testemunha de tudo. Ficou calada porque lhe pagaram bem e a ameaçaram se contasse alguma coisa. Ela viu o assassino chegar com o corpo das duas crianças. Elas foram estupradas em outro local e desovadas ali no areal. Local ermo, só a casa de Dona Maria das Graças, tarde da noite o criminoso achou que ninguém o veria. Ela devia estar dormindo. Mas não estava. Dona Maria das Graças sofre de insônia e dorme pouco a noite. – Pascoal Raça Pura copiava tudo dos livros que deve ter lido de dois famosos investigadores Sherlock Holmes e Hercule Poirot. Histórias maravilhosas. Pascoal fazia tudo como eles sempre fizeram quando solucionavam seus crimes.

- E o criminoso? Quem foi? Perguntou o delegado Toninho. Quem foi? – Calma delegado, calma. Vamos chegar lá. Alguém uma semana depois foi procurado por Dona Maria das Graças. Ela contou tudo que viu. Jurou que não foi o Chefe Gafanhoto. Mas o procurado não queria o Chefe Gafanhoto na cidade. Ele era um perigo se passasse para a oposição. Sabia que a cidade inteira adorava seu trabalho com os Escoteiros. Se ele fosse candidato seria eleito em primeiro escrutínio. Ofereceu a ela trinta mil reais para ficar calada. Dona Maria das Graças nunca vira tanto dinheiro na vida. Achou que agora ficaria rica, poderia melhorar sua casa, guardar um pouco na poupança e ter um vida bem melhor. Coitada. Recebeu dois mil reais com a promessa do saldo em dois meses. Nunca recebeu nada. Meses depois procurou de novo seu ofertante. Ele pediu desculpa e mais dois meses. O tempo passou e nada. Um dia ela recebeu a visita de um jagunço que não conhecia. Ele ameaçou-a de morte. Se ela falasse alguma coisa com alguém iria uma noite servir de comida para as formigas na chapada das Cascavéis. Ela se fechou e nunca mais comentou nada com ninguém. – O Prefeito Muriel levantou. – Para mim chega, vou embora, esta reunião é uma “palhaçada”. Vocês não tem autoridade para me forçar a ficar aqui. O Chefe Pedófilo já morreu, foi julgado culpado e agora querem desenterrar o defunto?

- Senhor prefeito, o senhor não pode sair daqui. Se sair será considerado um foragido da justiça disse o Advogado Doutor Nonato. – Por que, Disse o prefeito? Estão me acusando de alguma coisa? – Sente-se senhor Prefeito. Aguarde o final desta reunião e o senhor vai se inteirar de tudo. O Prefeito sentou a contragosto. – Pascoal Raça Pura levantou da cadeira, deu uma volta atrás da mesa e olhou para o Delegado Toninho – Sabe Delegado, já disse que o senhor como delegado é um “zero” à esquerda. Desculpe, sem ofensas. Mas aceitou tudo mesmo desconfiando que algum estivéssemos errado. Sei que não mancomunou com ninguém. De todos aqui o senhor foi um inocente útil. Mas tem culpa por não investigar. Não precisava o senhor ser um perito nisto, mas como delegado era sua obrigação. Condenou sem provas em um inquérito policial fajuto o Chefe Gafanhoto. Nem pensou que ele poderia ser inocente. Já avisamos a corregedoria sobre o senhor. Será chamado a capital e exonerado. Dê graças a Deus por não participar da quadrilha. – O Delegado Toninho abaixou a cabeça e não disse mais nada. Ele se sentia culpado. Sabia que havia uma trama para condenar o Chefe Gafanhoto. Mas agora era tarde demais para arrependimentos.

Um dos seguranças disse que um carro da policia do DEIC da capital tinha chegado. Atrás outro da Promotoria. Doutor Nonato sorriu. Peça a eles para entrarem. O Doutor Juiz Arquimedes ficou vermelho. O Prefeito Muriel pensou em sair correndo. Sabia que não daria certo. Seu dinheiro estava guardado em casa no cofre. Fugir sem nada seria morto em pouco tempo. – Dois detetives do DEIC entraram com um perito do IML. Logo entrou dois promotores federais. Foram recebidos pelo Advogado Nonato. Esperem um pouco porque o nosso detetive Pascoal Raça Pura está terminando de explicar sua investigação do crime das duas crianças. – Pascoal Raça pura continuou, sabe delegado, sabe Doutor Juiz e Doutor Prefeito, os senhores sabiam que a Menina Santinha era filha do Chefe Gafanhoto. Um pai matar e estuprar a filha? Sei disto porque a avô dela contou para vocês. Como ela odiava o Chefe Gafanhoto escondeu de vocês enquanto pode e depois contou. Mesmo assim vocês não levaram em consideração.

Ouviram uma batida de madeira como se fossem passos entrando no fórum. – Sabem quem está entrando Delegado? Sabe Senhor Prefeito e Doutor Juiz Arquimedes? É o Seu Manolo o coveiro. Vocês o conhecem. Sabem o que ele fez não? Sabem sim, sempre souberam – O Juiz e o prefeito se entreolharam e não disseram nada. O delegado assustado foi pego de surpresa. – Foi fácil descobrir que ele era o estuprador e assassino de crianças. Primeiro descobri que sua perna de pau deixou marcas e sulcos profundos no terreno onde ele jogou as crianças já mortas. Eu logo deduzi que quem matou usava uma perna de pau. Pergunta daqui pergunta dali e ai e logo me

contaram quem era o assassino pernetá. Muitos se enganaram quando Santinha encontrada viva balbuciou o nome do pai como a chamá-lo para ele a salvar. Como quase ninguém sabia da paternidade todos pensaram o contrário. Vocês adoraram isto. Calhou em tudo que prepararam. – Eu liguei para um amigo da Polícia Federal para ele levantar a ficha do Coveiro. Ele tinha quatro processos de molestar crianças em Juazeiro na Bahia e duas delas apareceram mortas. Para vocês um culpado útil. Ele nem sabia que vocês conheciam seus passos. Só não contavam com o linchamento. Isto foi totalmente inadequado para os planos. Poderia haver uma revolta. O medo de a imprensa descobrir e do assunto ser levado ao conhecimento da nação poderia atrapalhar seus planos.

O Velho Escoteiro parou de falar. Ficou em pé e disse que ia tomar um copo de água. Vovó se ofereceu, mas ele preferiu ir ele mesmo. Eu estava petrificado para ouvir o final, que história! O Velho Escoteiro nunca me contou uma história assim. Parecia conto policial cujo assassino só aparece no final. Ele voltou, chegou à janela e olhou para a rua. Vazia, de vez em quando um carro passava. O relógio marcava três da manhã. Para mim não importava. Ficaria ali virando a noite se precisasse claro, se ele o Velho Escoteiro pudesse aguentar. Vovó perguntou a ele se não queria continuar outro dia. Esta tarde meu Velho. Ele a olhou com carinho, acariciou seu rosto e disse que faltava pouco. Uma hora no máximo iria terminar. – Me ajeitei na poltrona. Vovó o abraçou quando ele sentou ao seu lado. Uma visão maravilhosa ver aquele casal de velhinhos abraçados após uma vida juntos. Será que um dia eu seria assim com minha esposa? Ri de mim mesmo. Ninguém é igual a ninguém. As asas para voar são diferentes para os humanos.

- O Velho Escoteiro sentou e retornou a história - E para encerrar, continuou Pascoal Raça Pura, vocês queriam que tudo fosse feito sem alarde. Chamaram o Nonô Morto Vivo do Velório e ordenaram a ele que não deixasse que o Chefe Gafanhoto fosse velado lá. Isto seria bom, pois não atrairia olhares duvidosos. E pagaram a ele para liderar uma turba da cidade para matarem o Chefe Gafanhoto na Cadeia. Ele já está preso na delegacia. Vai cantar igual passarinho quem são seus amigos. Mandaram também que o Coveiro Manolo arrumasse um lugar para o Chefe Gafanhoto ficar até dar o tempo exato para enterrar. O plano era perfeito, não haveria erro. O azar de vocês foi o Mosquetinho ter avisado um antigo Escoteiro do Chefe Gafanhoto. Vocês nunca esperam por isto. A cidade em peso ficou contra o Chefe Gafanhoto. Assim quando o amigo dele foi chamado para o enterro vocês assustaram. E olhem fico satisfeito de desvendar um plano até certo ponto perfeito que vocês planejaram. Senhor Juiz Doutor Arquimedes sua culpa foi apoiar o prefeito em tudo. Sabia o que ele fez e é uma pena que o senhor não possa ser julgado como criminoso, o senhor envergonha a nação, pois ela confiava no senhor. O Senhor prefeito é outro que não merece nenhuma compaixão.

Não havia mais o que dizer. Um dos policiais da capital prendeu o coveiro Manolo e o colocou em uma das celas da delegacia até que os promotores da capital decidissem onde iria ficar. Ele não reagiu. Sabia que ao ser chamado no fórum coisa boa não era. Dona Maria das Graças chorou muito. Pediu perdão e eu disse a ela que não deveria pedir perdão a mim e sim a Lisbel. Mesmo assim um dos promotores disse que ela iria responder a um processo por falso testemunho.

- O prefeito Muriel também foi preso. Um dos promotores ficaria responsável para fazer o processo que ele seria acusado. O Doutor Juiz Arquimedes também foi preso em prisão domiciliar. Teve de entregar todos seus documentos e passaporte. A reunião terminou. Dei um forte abraço no meu amigo Pascoal Raça Pura. Estava orgulhoso dele. - Parabéns meu amigo, fico lhe devendo esta. Você foi formidável. Ele sorriu, e disse – Meu irmão Escoteiro, afinal somos do mesmo sangue tu e eu para que? - Pensei comigo que os seniores dele deveriam sentir orgulho do Chefe que tinham. Faço a ideia de quantas lindas atividades que eles inventam. Agradei também ao Doutor Nonato e aos dois seguranças. Disse a eles que estavam liberados para partir. Mas você não vai conosco na Van? Perguntou o Doutor Nonato. – Não eu disse. Ainda tenho alguns assuntos para resolver. Volto amanhã de ônibus. – Às três da tarde eles partiram. Voltei ao Hotel da Dona Matilde. Ora, estou no hotel e não vi a Dona Matilde? Perguntei ao recepcionista. – Ela morreu Chefe, há cinco anos. O Hotel agora pertence, ou melhor, pertencia ao Chefe Gafanhoto. Ele sempre pediu sigilo e que não disse a ninguém. Agora estou em dúvida, pois não sei para quem vai ficar ele não tinha ninguém, nenhum parente vivo. Fiquei estupefato com esta informação.

- E agora? Tinha que ter algum escrito. Chefe Gafanhoto era um homem precavido. Fui até o cartório. Algum dizia que ele deixou um testamento. Afinal ele sabia que seria morto depois que o acusaram. Dito e feito. O Tabelião disse que ele deixou um testamento deixando uma pequena fortuna no banco, sua casa e o Hotel para sua amada Lisbel. Gostei em saber. Perguntei na portaria do hotel se sabiam onde ela morava. Era perto. Ela estava na varanda tecendo um cachecol azul e quase terminando. – Bem vindo Chefe. Eu esperava sua visita. Sabia que viria me contar

tudo que aconteceu. Sentei em uma cadeira de palhinha e contei tudo para ela. Ouviu-me atentamente do começo ao fim. Quando disse que o Chefe Gafanhoto fez um testamento e deixou tudo para ela foi uma choradeira geral. De dentro da casa surgiu Dona Lili. – Chefe, a dona Lisbel me convidou para morar com ela. Aceitei sem pestanejar. Eu a ajudo na casa e com sua mãe que sofreu derrame. Tomei um cafezinho e parti. Era mais de cinco da tarde. Passei no Velório e pedi a conta ao irmão do Nonô Morto Vivo que ficou como responsável. Ele já estava preso e eu sabia que seria por pouco tempo. O irmão me pediu desculpas e disse que não era nada. Não aceitei. Tinha feito um cheque de três mil e quinhentos reais para ele. Paguei e fui embora. Pensei em pegar o ônibus das seis da tarde, mas precisava conversar com Mosquetinho. Ia convidá-lo para ir embora comigo. Daria a ele um bom emprego na minha construtora.

Ele chegou por volta de sete da noite. O chamei para almoçar comigo no restaurante do hotel. Conversamos muito. – Escriba Risonho, muito obrigado pelo convite. Honrado por você ter se lembrado de mim, mas prefiro ficar aqui. Você sabe, aqui nasci e acho que aqui morrerei. E pode acreditar que eu tenho um novo “cacho” que vai dar casamento. – Surpreendentemente surgiu no hotel o Willian Grotão, o Adalberto Cabeludo, e mais dois que não lembrava o nome. Sentaram e me contaram as novidades. Eles iriam reabrir o Grupo Escoteiro Sol Nascente. Na promessa dos novos faziam questão da minha presença. Eram mais de oito antigos Escoteiros que assumiram a responsabilidade de participarem como chefes no Grupo. Fiquei muito feliz com a notícia. Meu grupo onde nasci não podia terminar assim. – Olhe farei tudo para vir - disse. Não posso prometer minha empresa nem sempre me da folga. Mas farei o possível para estar com vocês. Depois de algum tempo eles foram embora. Dormi cedo. Um sono dos justos. Estava doido para voltar a minha casa e da minha e rever minha noiva a Vovó querida.

No dia seguinte arrumei minha mala, fui me despedir de Lisbel, deixar com ela meu endereço e ficar a disposição se ela precisasse. Disse a ela que minha casa a receberia em qualquer tempo. Ela me disse que queria me dar um presente. O cachecol azul de lã está comigo até hoje. Passei na casa de Mosquetinho e deixei uma carta de despedida para ele. Junto um cheque onde disse que era para ele comprar um uniforme novo. Fazia questão. A pé dei uma volta na praça, sentei em um banco e vi a meninada correndo na chegada do ônibus. Tempos bons para eles e tempos bons para aqueles que tinham muito que lembrar. As cinco já com minha mala e após despedir de todos no hotel fui para o bar do Jofre. O Águia Prateado da Cometa já estava encostado. Era o mesmo quando cheguei. Notei uma multidão se aproximando. Eram muitos. O que queriam? Fiquei com medo. O que eu fiz? Fizeram um círculo em volta de mim. Deram uma salva de palma e gritaram – Viva o Escriba Risonho. Fiquei emocionado. O Vice Prefeito que assumiu me trouxe as chaves da cidade. - Você sempre será bem vindo aqui. Graças a você aprendemos uma lição de não julgar uma pessoa pelas aparências. Nós todos amávamos muito ao Chefe Gafanhoto. – Chefe estamos envergonhados por tudo. Ele vai fazer uma enorme falta.

O motorista gritou – Todos a bordo! Peguei minha mala e subi os degraus. O motorista era nada mais nada menos que o Willian Grotão, meu Monitor. Bem vindo a bordo meu amigo Escriba Risonho. Sorri para ele. Sabia que estava em boas mãos. Poderia viajar tranquilo. O Águia Prateado da Cometa engolia a estrada BR-240. Na janela eu olhava a paisagem velhas conhecidas. Olhei para o céu e uma lua enorme surgiu. Dormi sonhando com o Chefe Gafanhoto. Ele me dizia o quanto estava agradecido. Deu-me um Sempre Alerta e foi embora em um cometa brilhante a grande velocidade. Não sei para qual quadrante do céu ele foi. Acordei já dia claro chegando à minha cidade.

O Velho Escoteiro se calou. – Acabou? Perguntei. – Quer mais? Um dia te conto outra e riu a valer. Vovó me deu boa noite e subiu para seu quarto. O Velho Escoteiro me olhou e disse – Não desconfia? Já passam das quatro da manhã e quero dormir. Olhei no relógio e ele estava com razão. Levantei dei um sinal de alerta e fui embora. No carro o Chefe Gafanhoto não saía da minha mente. Fiquei pensando se algum dia teria uma história assim para contar. Dizem que todos teremos no futuro quando nossos cabelos ficarem brancos, quando andarmos claudicando e aí sim iremos lembrar-nos delas como se fossem únicas. Será? Uma história como esta do Velho Escoteiro eu sei que nunca vou ter. Mas cada um vive como pode ou será como quer?

Ele disse ao outro: Segue-me; e o outro respondeu: Senhor consente que, primeiro, eu vá enterrar meu pai. - Jesus lhe retrucou: Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o reino de Deus.

FIM

4º livro

O Fantástico Jogo Noturno na misteriosa Ilha do Gavião Negro.



"Senhor ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!"



Prefácio por Uiuri Vasconcellos

Cada dia que passa vemos menos locais propícios para acampamentos e atividades. Cada vez é mais difícil e menos seguro passarmos um tempo com a mãe natureza.

Nesses tempos ditos modernos, é um deleite para a mente e para alma ler uma história que nos lembra de tempos áureos, que não voltam mais. Tempos em que jovens podiam ir para ilhas inóspitas sem medo de não voltarem. Uma época em que as pessoas podiam dedicar mais de sua

vida a uma paixão.

Quando lemos os contos do Chefe Osvaldo, nos sentimos como se estivéssemos novamente nesse tempo. Sentimos a grama sob nossos pés, o chapelão sobre nossas cabeças. Lembramo-nos dos fogos de conselho dos acampamentos, das conversas na barraca, da construção de nossos abrigos naturais, dos nossos jogos noturnos...

A cada palavra, a cada capítulo, sentimos a necessidade de viver ao ar livre, só para sentir um pouco do gostinho que nossos personagens preferidos sentiam ao participarem das aventuras narradas.

Agora deixo vocês com mais essa história que tem gostinho de quero mais e nos lembra de como é bom ser escoteiro.

Boa leitura, porque a leitura será com certeza boa!

Um abraço fraterno
Uiuri Vasconcellos

Este livro é dedicado a dois amigos especiais. Celia Regina e Aparecido Carlos Duarte. Uma amizade de mais de 34 anos e que nunca deixou de existir. Dizem que o destino nos reserva surpresa, Celia e Cido foram umas surpresas na minha vida e da minha esposa Celia. Neste período foram tantos fatos que se fizéssemos um livro teria muitas histórias para contar. Já me disseram que amigos são assim, eles entram em nossos corações e nunca mais nos deixam sozinhos.





Prólogo

Meu quarto livro e pensando no próximo. Adoro escrever. Hoje faz parte da minha vida. Este eu sonhei com ele um dia. Perguntei-me o porquê não escrever um livro com histórias de Escoteiros para Escoteiros? Contar a epopeia ou uma saga ou de um grande jogo? Não um grande jogo qualquer feito por minutos horas ou até um dia inteiro. Sei que dirão que Grandes jogos têm centenas. Mas acredito que este é especial e acho que ninguém nunca sonhou nada igual. Disputado, em uma ilha misteriosa, onde diziam haver fantasmas e realizado em noite escura e sem luar, sabendo que poderiam viver ou morrer.

Ao lerem as páginas verão que só no final toda a trama se desenrola e com um final surpreendente. Pouco mais de sessenta páginas, mas garanto se vocês forem Escoteiros e gostam de grandes desafios esta história será lida até o final. Histórias como estas eu tenho certeza que os Escoteiros gostariam de viver um dia. Quem sabe poderia ser você? O mundo dá muitas voltas...

Não esperem um grande conto, mas quer saber? Ah! Se eu pudesse fazer deste livro um filme, um filme só para os Escoteiros, um filme brasileiro mostrando nossas histórias, nossas lendas e nossas vidas. Somos um país enorme, temos muito a mostrar. Histórias de meninos escoteiros sempre são lidas com amor. Esperem que amem esta história. E lembrem-se dela para sempre.

Obrigado por ler meu quarto livro. Ficarei feliz em saber se gostou. Se quiser me escrever ficarei agradecido e honrado com um e-mail seu. elioso@terra.com.br

Personagens

Escoteiro Montanha da patrulha Puma.

Escoteiro Pequeno Polegar da Patrulha Lobo Cinzento.

Coronel Elias Machado. Vulgo Coronel Lúcifer.

Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana.

Padre Nestor

O Senhor Jose de Arimatéia gerente do Curtume São Raimundo.

Patrulha Quati, Monitor André Luiz conhecido como Centeralfo.

Patrulha Puma, Monitor Joílson Caetano conhecido como Corredor.

Patrulha Falcão Monitor Mario Estevam conhecido como Sinaleiro

Patrulha Lobo Cinzento. Monitor José do Patrocínio conhecido como Professor.

Remo Chefe da tropa escoteira.

Amelinha esposa do Chefe Nemo.

Chefe Tadeu Diretor Técnico do Grupo.

Grupo Escoteiro Duque de Caxias de Ribeirão Vermelho.

Marcus Silveira vulgo Calango, Escoteiro Sênior.

Pedro Gardelli vulgo Goiabada Escoteiro Sênior.

Patrulhas seniores: Dedo de Deus, pico da Neblina e Lagoa dos Mares.

Chefe Euclides da Marcenaria Esmeralda.

Dona Marli esposa do Chefe Euclides.

Chefe Tauber. Antigo Chefe Sênior que mudou de cidade.

Coronel Tibúrcio. Um contador de histórias.



“Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência”.

Capítulo I – Um homem chamado Remo

Comentam todos os historiadores que o significado de História vem do grego “historie”. Significa conhecimento através da investigação. Comentam também que Lendas são narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas visando explicar casos misteriosos ou sobrenaturais. Podem ser fatos reais ou imaginários ou mesmo fantasiosos e que vão através do tempo sendo modificadas pelo imaginário popular. As histórias e lendas podem ser lógicas ou ilógicas depende de quem escreve e de quem lê. A mente de um contista ou escritor muda de um lado para outro na medida em que vai escrevendo e transmitindo o que na sua interpretação seria o objetivo da história ou lenda. Esta que vou contar pode ser uma história ou uma lenda, que os leitores interpretem como acharem válido. Tudo começou na Fazenda do Coronel Tibúrcio em uma visita que fazia questão de anualmente passar por lá. Nas noites de inverno o imponente Coronel De barbas longas e brancas, sem tirar o chapéu de couro da cabeça, sentava em sua cadeira de balanço e com um cachimbo apagado sempre nos contava lindas histórias que para muitos eram lendas. Tinha o dom natural dos bons contadores de história e nunca nos deixava fora do contexto quase nos obrigado a prestar a maior atenção. Ficávamos hipnotizados com os olhos e os ouvidos sedentos como a beber a água pura da fonte. Um néctar dos deuses assim dizia. Eu estive lá há alguns anos. Ele me contou esta história. Inverossímil? Acredite quem quiser. Lenda ou história não importa. Vou contá-la nos conformes sem mudar nada. Sentem-se em seus bancos toscos ou na grama, coloquem algumas achas na fogueira e façam com que as fagulhas se misturem com os astros do firmamento no céu. Embrulhem-se em suas mantas e se preparem. O orvalho vai cair e as estrelas mudarão de lugar, no entanto a história eu tenho certeza ficarão guardadas para sempre no coração de cada um.

Chefe Remo era um idealista. Ele adorava o escotismo e dizia para todos que era o grande amor de sua vida. Por ele ser solteiro todos seus amigos sabiam que ele dizia a verdade. Tudo que aprendeu praticava. Como Chefe achou que devia dar o exemplo e fazia tudo para ter sua vida regida pela Lei Escoteira. Devorou os livros do fundador e se orgulhava da tropa que colaborava. Aos poucos foi dominando tudo sobre o escotismo. Fez vários cursos e até se divertiu bastante em alguns deles. Não era nascido em Ribeirão Vermelho. Chegou ali por acaso há uns doze anos passados. Seus pais morreram e ele meio descrente da vida passou a viajar aqui e ali em busca de uma resposta. Quando chegou à cidade ele disse para si próprio – E aqui que vou morar e morrer! Tinha pequenas economias e conheceu Donato, um velho artífice que dizia fazer maravilhas com um pouco de barro. Investigou e viu que não havia nenhuma olaria na cidade. Tinham que trazer tijolos e telhas de Porto Feliz há mais de cem quilômetros. Ribeirão Vermelho não era uma cidade grande. O último senso lhe deu 35.000 habitantes. Donato quando convidado aceitou de pronto. – Olhe sou um homem sem posses. Entro com meu trabalho disse ele. Sócios logo a fábrica prosperou. Cinco anos depois Donato faleceu. Remo procurou por parentes e não descobriu ninguém. Sua história era desconhecida até pelos seus amigos de boteco. Homem honesto procurou o Lar Santo Antônio e todos os meses depositava a parte que cabia ao seu amigo Donato.

Quando soube que iriam fundar um Grupo Escoteiro se interessou. Lembrava quando garoto ele estava à porta de sua casa e viu estupefato passar em frente dezenas de meninos vestindo calças curtas, um lenço no pescoço e uma mochila as costas. Uma banda os arrastava como se fosse o flautista de Hamelin. Foi atrás e viu quando eles armavam barracas, corriam para todo o lado, davam gritos de turma e se encantou quando levantaram a bandeira Nacional. Queria ser um deles e se não fosse sua mãe buscá-lo tarde da noite ele dormiria lá na grama olhando tudo que faziam. Ficaram quatro dias e partiram. Remo chorou por vários dias, lembrava que seu coração foi com eles quando partiram. Conversou com Tadeu que era o responsável pela organização e foi aceito prontamente. Tadeu era o Juiz de Menores da cidade e muito bem quisto pela população. Antes de iniciarem fez seu primeiro curso. Foram enfáticos em várias palestras que deviam começar com poucos. Assim foi feito. A tropa em menos de cinco meses estava completa. O Grupo Escoteiro Duque de Caxias cresceu de tal maneira que não havia mais vagas em todas as sessões. Uma lista enorme de espera se formou.

Nos cursos ele prestava atenção a tudo que ensinavam. Como ele era caladão todos os participantes o achavam meio esquisito. Em um deles notou uma jovem em outra patrulha e sem perceber ela mexeu com seu coração. Amelinha era simpática e não se podia dizer que era uma princesa, mas Nemo não a tirou da cabeça em todo o curso. Sem perceber uma química aconteceu entre os dois. No final do curso uma ovação surpresa de todos os participantes – Quando foram se despedir após a foto oficial um dirigente entregou ao Chefe Remo e a Chefe Amelinha uma aliança trançada em couro negro. Disse que era um par de alianças Escoteiro, pois eles iriam se casar um dia. Para dizer a verdade as alianças trançadas era um trabalho perfeito, muito original feito de maneira magistral pelo Chefe Tamires da cidade de Itaberaba interior da Bahia. Palmas vibrantes foram dadas aos noivos em altos brados. Chefe Remo e Chefe Amelinha ficaram vermelhos, afinal em tempo algum fizeram entre si declaração de amor.

Ao terminar o curso ela retornou para sua cidade Barra Mansa no interior do Estado do Rio de Janeiro e ele para Ribeirão Vermelho. Dois extremos e ambos sabiam que dificilmente um dia iriam se reencontrar. Logo esqueceram aquela linda amizade feita no curso e depois de duas ou três correspondências elas escassearam. A vida, no entanto nos reserva surpresas. Alguns meses depois eles se encontraram novamente na Avenida Getúlio Vargas próximo a Igreja da Candelária na cidade do Rio de Janeiro. Ele estava de passagem, pois fora até lá fechar um contrato para sua fábrica de Tijolos e telhas com uma empresa especializada e resolveu conhecer a Igreja. Católico fervoroso sabia que iria confessar e comungar naquele sábado se houvesse uma celebração da Santa Missa. Ficaram sentados juntos e ela também comungou. Da igreja foram a um restaurante e de lá a um cinema. Homem de caráter e respeitador a levou de taxi onde ela estava hospedada em casa de sua tia no Bairro de São Cristóvão.

Ele sabia que estava apaixonado. Por correspondência se falaram por vários meses até que um dia foi até lá para pedi-la em casamento. Pretendia se ela aceitasse marcar uma data o mais rápido possível. Como eram longe as duas cidades não dava para ele ficar indo e vindo sempre a Barra Mansa. Apesar de seu aspecto sisudo os pais de Amelinha gostaram muito dele. O casamento foi marcado para daí a três meses. Foi um casamento simples e no mesmo dia voltaram para Ribeirão Vermelho. Pouca coisa mudou na rotina do Chefe Remo. O escotismo agora era mais alegre, pois Amelinha ficou com Assistente Na Alcateia Bom Pastor e ali também se reencontrou. Ela e Ana Cláudia a Akelá ficaram muito amigas. Parece que foi um santo remédio a participação dela, pois sua dedicação e vontade de aprender a levou logo a ler livros Escoteiros e fazer todos os cursos possíveis. Interessante que a Chefe Amelinha recebeu sua Insígnia da Madeira muito antes dele. Ele ria quando ela falava sobre isto. – Minha querida calma, vamos mais devagar. Não tenho pressa. A tropa vai bem, já estamos na segunda leva de meninos, pois vários já foram para os seniores e alguns já lutam para iniciar o Clã Pioneiro.

O casal vivia um mar de rosas. Quatro meses depois Amelinha ficou grávida, mas não se sabe como ela perdeu o filho. Foi uma tristeza geral. Antes o Chefe Remo chegava mais cedo em casa e até os monitores na Corte de Honra reclamaram que sua presença não era mais como no passado. Mas filho é filho e como marinheiro de primeira viagem Chefe Remo ficava o tempo todo a escutar barulhos do seu rebento na barriga de sua mulher. Amelinha riu quando ele disse que ele se menino se chamaria Peter e se fosse menina seria Heather. - Porque Nemo? Ele riu levemente e disse – Querida uma noite estava acampado no Vale das Flores e sonhei com a família de Baden Powell. Você acredita que ele me apresentou em sonhos seus três filhos? Gravei bem estes dois nomes e se você não se importar eles serão os primeiros nomes dos nossos filhos – O que? Ela riu. Vamos ter uma prole? Só se Deus não quiser meu amor. Por um motivo que só Deus tem a explicação Amelinha perdeu o filho com quatro meses. Ele abraçou Amelinha e ambos choraram muito. – Querida ele disse, teremos oportunidade de termos dezenas de filhos – Ele tentava animar Amelinha.

Passaram-se alguns meses. Tudo voltou ao normal. A vida corria bem para o casal. Chefe Remo era um homem trabalhador. Sempre fora. Tinha um defeito, pois não pensava em ficar rico. Sua fábrica era simples, mas todos gostavam de comprar ali pela qualidade dos materiais fabricados. Fora um mês triste para o Chefe Remo. Triste porque quatro Escoteiros passaram para seniores. Claro era o objetivo da formação deles, mas ele sempre se sentia assim quando alguns dos jovens passavam para a vida mais adulta. Ele diferente de muitos chefes sempre mantinha contato com eles. Uma vez por mês se encontravam em sua casa, Amelinha fazia questão de oferecer um jantar e as conversas, cantos, lembranças rolavam até tarde da noite. Nunca depois das onze. Os pais não se preocupavam, pois o conheciam e sabiam que eles estavam em boas mãos.

O Grupo Escoteiro crescia a olhos vistos. Era uma grande família e o Tadeu Diretor Técnico era um grande devorador de livros, obcecado por estudos por conta própria sempre tinha na ponta da língua uma resposta. Diferente do Chefe Remo era baixinho e quem o visse não diria nada sobre seus conhecimentos. Morgana a nova Akelá era a única que não se enturmava, mas era educada a seu modo. Amelinha nunca reclamou durante o tempo que ambas ficaram juntas. O problema maior estava na Tropa Sênior. Jailson o Chefe Sênior foi embora para a capital e todos estavam empenhados em conseguir alguém para o lugar. Havia muitos interessados, mas pensando bem a vida que levavam não seriam exemplos para uma chefia sênior. Em uma reunião de chefes no início do mês todos foram de acordo a convidar um pai, Senhor Marcondes para ser preparado e quem sabe poderia acertar. Ponderado, parecia saber lidar com jovens daquela idade. Eram mais de quinze e sempre diziam para o Chefe Remo – Olhe Chefe, onde tiver um sênior tem uma tropa e onde tiver seis seniores tem uma chefia inteira. Ele sabia disto. Foram seus Escoteiros antes.

Todos os meninos escoteiros tinham por ele enorme consideração. A tropa tinha quatro patrulhas sendo duas com sete e duas com oito. Os Quatis, os Pumas, os Falcões e os Lobos Cinzentos eram um orgulho naquele Grupo Escoteiro. Patrulhas que nada ficavam a desejar. Chefe Remo fazia questão de aplicar corretamente o Sistema de Patrulhas. Não saía um milímetro do método Escoteiro. Tudo para ele era sagrado. Lembrava quando começou com poucos há sete anos. Com os futuros monitores ele ensinou e aprendeu. Os novos monitores substitutos por participarem de uma patrulha bem formada não deixavam nada a desejar. A tropa um dia resolveu votar que os monitores seriam fixos até a passagem para sênior ou se houvesse por qualquer motivo um impedimento ou saíssem do escotismo. Dificilmente isto acontecia. A Corte de Honra sacramentou. Uma vez em um curso quando ele comentou sobre o que o Conselho de Tropa decidiu deu o que falar. - Monitores tem tempo certo para ficar – diziam. Ele nunca se preocupou e nem mudou uma decisão da Corte de Honra. Ou ela devia ser soberana e apoiada, ou melhor, não ter. Estava dando certo? Porque mudar? Ele sabia que podia confiar em cada um e em sua patrulha de um modo especial.

Infelizmente ele se sentia triste por não poder atender a dezenas de pedidos de inscrição. A tropa estava completa e as vagas que abriam nas passagens para seniores eram detalhadas minuciosamente com os chefes da alcateia. A chefia do grupo já estudava a abertura de uma nova tropa de moças e outra de rapazes. Uma ocasião o Doutor Hamilton prefeito da cidade foi até sua fábrica para uma encomenda e comentou sobre isto. – Remo, todos nós da cidade de Ribeirão Vermelho sabemos o benefício que os Escoteiros trouxeram a esta cidade. Pena que temos tantos meninos sem fazer nada na rua, molecando e tenho receio que um dia possam sair para as drogas. Ainda não temos aqui e sei que entre alguns moradores tem alguns cidadãos que às escondidas fazem uso. Sabemos que podemos confiar nos Escoteiros. Eu sou prova disto. Fui Escoteiro antes de me mudar para esta cidade. – Remo olhava para ele preocupado e sempre dizia o mesmo – Chefes, senhor prefeito. Chefes. Tente conversar com uns dez a vinte professores e faça o convite. Eu mesmo encaminho para a direção regional, tenho certeza que eles viram dar os cursos necessários aqui.

O prefeito sabia que era malhar em ferro frio. Ainda havia certa hostilidade para voluntários sem salários. Todos pensavam que eles aproveitavam da organização em benefício de si próprios. Ele mesmo fizera vários convites. A resposta sempre à mesma. O escotismo? Adoro e se pudesse e se tivesse tempo iria ajudar! – Remo sorria e não dizia nada. Lembrava-se de uma sessão em um curso onde o formador fizera uma discussão em grupo de seis sobre voluntariados. Acho que valeu. No final chegou-se a seguinte conclusão:

- Voluntário é quem, movido por valores de solidariedade e responsabilidade, doa seu tempo, trabalho e talento para ações que beneficiam outras pessoas;

- Em princípio todos podem ser voluntários, não é só quem é especialista em alguma coisa. O que cada um faz pode fazer o bem a alguém. O que conta é a motivação solidária, o desejo de ajudar, o prazer de se sentir útil.

- O voluntário é uma relação humana, rica e solidária. Não é uma atividade fria, racional e impessoal. É contato humano, é relação de pessoa a pessoa, oportunidade para se conquistar novos amigos, intercâmbio e aprendizado. No entanto é uma via de mão dupla: o voluntário doa e recebe. Não tem nada a ver com obrigação, com coisa chata, triste, motivada por sentimento de culpa. Tem de ser uma experiência espontânea, alegre, prazerosa e gratificante. Ele doa sua energia e criatividade, mas ganha em troca contato humano, experiência com

peças diferentes, oportunidade de viverem outras situações, aprender coisas novas e finalmente a satisfação de se sentir útil.

Remo conhecia de cor e salteado todos os resultados adquiridos naquela discussão. Mas sabia de antemão que a contribuição do voluntário deveria ser bem articulada com as necessidades e procedimentos da entidade que o recebe e isto não era fácil. Infelizmente ele era de pouca conversa, não tinha muito jeito de convencer pessoas. Muitas vezes quando era anunciado na Igreja Metodista e na Católica que os Escoteiros precisavam de voluntários os que acorriam queriam saber o salário. – Pagam bem? É mensal ou semanal? Falar o que? Precisavam sim de um choque de responsabilidade nos pais e mães dos meninos. Sem querer eles não ajudavam em quase nada. Em um Conselho de Chefes alguém sugeriu uma Indaba para discutir o tema. Os pais e o Grupo Escoteiro. Ficaram dois dias acampados em São Lourenço. Muitos levaram apostilas e parece que os cinco chefes atuantes chegaram a uma conclusão. Precisavam mostrar para os pais que eles sim eram os beneficiados e não os chefes. Teriam que colocar mais rigor agora quando da admissão e uma série de providências foram tomadas para que eles estivessem mais presentes. As visitas nas casas de cada membro foi o início e tiveram grande validade. Uma conversa em família é melhor que uma carta malcriada. Deu certo. Seis pais aceitaram serem treinados e formados para a chefia.

As reuniões de tropa eram sempre animadas e participativas. Pudera, ele fazia questão de consultar a todos. Noventa por cento dos programas de reuniões eram ideias dos jovens os outros dez eram dele. Nunca se preocupou em participar do distrito e região a não ser se convocado para reuniões de praxe. Ele amava os jovens e estes tinham por ele uma consideração muitas vezes maior que seus pais. Os monitores eram bem treinados e os subs acompanhavam sempre os titulares. Acampava sempre com eles a cada dois meses e uma vez por mês faziam uma reunião só deles. A Corte de Honra se reunia ordinariamente todas as primeiras quintas feiras do mês e extraordinariamente quando houvesse necessidade. A maioria dos Escoteiros possuía mais de vinte noites de acampamento. Fazia questão mesmo com o cancelamento das provas de classe no novo programa de deixar a vontade de cada um fazer em dupla sua prova de jornada. Para ele o participante provaria que estaria preparado para qualquer situação. Era como se fosse o máximo a ser alcançado pelo Escoteiro. Era ponto de honra pelo menos a cada dois meses telefonar ou visitar os pais dos jovens da tropa. Muitos eram seus amigos e colaboravam em tudo que pudessem.

Eram todos de família humildes e eles mesmos faziam suas economias para pagar a mensalidade. Chefe Remo dizia que precisamos ter o necessário e os gastos existiam. Não era nada o que pagavam. Religiosamente ninguém deixava de colaborar. Em uma Corte de Honra o Professor Monitor da patrulha Lobo Cinzento deu uma sugestão: - Chefe, porque não fazemos uma comissão de três monitores ou subs e uma vez por mês fazer uma visita com os comerciantes do bairro? Diríamos que estávamos em campanha para compra de materiais de campo e se ele poderia colaborar. Levaríamos uma lista do que precisamos caso ele pudesse doar alguma coisa. Poderia ser em dinheiro ou material. Não vamos receber nada ou eles entregam no grupo ou alguém da diretoria vai até eles. Chefe Remo gostou da ideia. Era um grupo Escoteiro simples. Não tinham ainda o sonho da sede própria, pois a prefeitura fez questão de doar por cinquenta anos um salão nos fundos do Colégio São Pedro. Era um ótimo local bem arborizado e gramado. Nos fundos ainda passava um pequeno córrego onde de vez em quando a escoteirada se divertia. Equiparam todas as patrulhas e as três seniores com os materiais de campo, aí incluídos barracas, sapa e vasilhame. Os lobinhos ganharam tudo da lista que a Akelá pediu.

Chefe Remo não se lembrava de quem tocou no assunto, mas comprou de imediato à sugestão. Achou formidável, pois ultimamente ele andava meio sem ideias e mesmo que o último Grande Jogo tivesse sido um sucesso os Escoteiros esgotaram os comentários. Foi em um Conselho de Tropa que o tema foi levantado. Disseram a ele que não existem conselhos na tropa para os escoteiros, mas ele sempre achou válida uma troca de ideias diretamente com todos. Foi em uma delas que alguém deu uma sugestão de um grande Jogo Noturno, diferente de tudo que foi feito até hoje. Que não ficasse preso a um horário pequeno. Que fosse distante da cidade e não fosse feito em acampamento, pois diversas atividades seriam aplicadas impedindo um bom jogo noturno. Porque não? Disse ele. Ele ficou meses pensando e estudando um bom jogo noturno aplicável a uma tropa de meninos com idade média de 13 anos. Teria que ser um jogo para marcar a todos, pois fora isto eles não diriam nada por ser educados, mas ficariam decepcionados. Levou o tema a Corte de Honra. Pediu que se ouvissem os Escoteiros em reuniões de patrulhas. Quais seriam suas opiniões. Se aprovassem, ele gostaria de ter sugestões. O tema foi discutido em patrulha no sábado de reunião. Quem diria não? Ninguém é claro. Uma aventura desta não é para se jogar fora.

Capítulo II – Uma vida sem desafios não vale a pena viver

Centeralfo se lembrava do seu passado Escoteiro desde que saíra dos lobos para a tropa. Só havia uma vaga na patrulha Quati as demais estavam completas. Ele chorou muito na passagem. Mesmo que sua trilha foi toda ela cercada de carinhos pelos patrulheiros da Patrulha Quati ele durante muito tempo sentia uma saudade imensa da sua Matilha Verde. Achava que lá os lobos eram mais amigos e a Akelá sempre ajudando. Agora na patrulha ele sabia que tinha de se virar. O Monitor Leôncio sempre a dizer aprenda patrulheiro. Aprenda. Nós aqui aprendemos a fazer fazendo. Seria isto bom? Pelo menos ele aprendeu muitas coisas que até sua mãe elogiava. Aprendeu a arrumar sua cama, aprendeu a passar e lavar sua roupa varria o quintal e sempre com um sorriso quando ela pedia para fazer alguma coisa. Centeralfo com seis meses esqueceu os lobos. Aos poucos dominava com maestria a montagem de um acampamento. Treinou em casa e sempre estava presente nas reuniões de patrulha que eram marcadas em dias fora o da reunião.

Ele como todos os patrulheiros tinham seu livro de memórias. As meninas das Bandeirantes que um ou outro paquerava diziam ser diário. Mas eles orgulhosos preferiam chamar de Livro de Memórias. Tudo ele anotava. Excursões, bivaques, jornadas a pé ou de bicicleta, acampamentos enfim, tudo e nada era postergado. Um dia encontrou com um homem que dizia ter sido Escoteiro e mostrou para ele seu Livro de Memórias. Ficou deslumbrado em saber o que ele fez na sua vida escoteira. Era considerado um grande mateiro. Costumava desafiar quando faziam grandes jogos principalmente naqueles onde a dedução e malícia estavam presentes. Entende-se malícia era aqueles que conseguiam chegar o mais próximo possível perto de um animal ou ave na floresta. Ele se destacava na observação e técnica em rastejar e caminhar de cócoras. Aos quinze anos Leôncio o Monitor fez sua passagem para a Tropa Sênior. Dizia que estava adorando sua rota sênior. Centeralfo lembrou seus tempos na Alcateia. Quem te viu e quem te vê hoje nem imagina como ele se transformou.

A Patrulha Quati em reunião de patrulha o elegeram como Monitor. Ele aceitou, pois tinha um sonho de um dia ser líder de patrulha. Aprendeu muito com o Chefe Nemo. Aprendeu que não era para empurrar a patrulha, mas ser mais um e caminhar com eles. Aprendeu também que a vez era dos seus patrulheiros e ele sempre seria o ultimo para o almoço, o último para beber água, e o ultimo a dormir. Devia-se ser o primeiro para a alvorada e tratar bem sua turma. Deu-se bem com eles. Os problemas que apareciam na patrulha eram mínimos. Custou quase um ano para conseguir a Eficiência de Campo. Poucos conseguiam. O Chefe Nemo era rigoroso. Mas com que orgulho a patrulha conduziu o Troféu feito de couro Marrom, todo escrito a fogo e sempre levantava o bastão da Patrulha o mais alto possível. - Todos devem ver que conseguimos dizia. Quando Miro Casquinha passou para sênior ele pensou que o próximo seria ele. Será que vou me acostumar com eles? Pensava. Agora a patrulha só pensava no jogo noturno. Sabia que o Chefe Nemo estava preparando há meses. Sabia também que três sêniore e dois pais estavam ajudando.

Corredor era um bom Monitor. A Patrulha Puma não era a primeira, mas também não era a última. Todos brincavam com eles e puseram um apelido carinhoso da Patrulha dos baixinhos. Nela parecia que a altura era a mesma para todos. Corredor era o mais baixinho. Mas aquela turma era unida. Muito unida. Corredor sempre dizia - Somos e garantimos que um por todos é todos por um, mexeu com um Puma mexeu com todos! Corredor lembrava que a patrulha se envolveu em uma enorme confusão quando se meteu em uma briga no Bairro Santo Antônio. Tudo começou na escola. Montanha o chamou para a briga – Venha Escoteiro covarde. Venha mostrar que é homem como eu. Corredor era pequeno e magro. Sabia que brigar não era próprio dos Escoteiros, mas, por favor, não gostava de levar desaforos para casa e ser chamado de covarde era o fim da picada. Não iria brigar na escola. Combinaram que seria atrás do Campo do Jacaré Futebol Clube. A meninada toda foi para lá. Vinte Escoteiros das outras patrulhas também foram. A briga começou com os dois e terminou com mais de trinta. Nominal o Guarda Escolar pegou-o pelo colarinho e todos fugiram. Ele pagou quem não devia. Cinco dias de suspensão.

O assunto foi parar na Corte de Honra. Ficou restrito ali e todos prometeram manter segredo. Os monitores deram um voto de crédito a Corredor. – Mas chefe, a briga não terminou. Ele vai querer continuar e o senhor sabe não posso ficar correndo sempre. Chefe Nemo não sabia o que fazer. Ele mesmo não admitia quando criança que o chamassem de covarde. – O melhor a fazer é ir a casa dele e conversar com os pais. Os monitores foram contra. – Se o senhor for Chefe, disse Centeralfo, Corredor sempre será visto como um covarde e “mariquinhas”. Será

ridicularizado e ficaremos não só ele como todos os Escoteiros seremos chamados de poltrões e “mulherzinha”. Desculpe Chefe, mas ir à casa dos pais não é solução. Já era tarde o Chefe Nemo disse que continuariam na próxima reunião. Que todos pensassem em uma solução que não fosse descambar para a violência. Chefe Nemo foi para casa, mas Centralfo, Corredor, Sinaleiro da Falcão e Professor da Patrulha Lobo Cinzento ficaram até mais tarde discutindo.

Eles sabiam que deviam dar uma lição em Montanha. Corredor não era o primeiro. Infelizmente não havia duvidas só dando uma lição nele iriam resolver a situação. Mandaram um recado escrito pelo Escoteiro Pocahontas que era vizinho de Montanha. Você está intimado a comparecer amanhã, às cinco da tarde (domingo) atrás do Cemitério Verdes Mares para tirarmos a limpo seu apelido de Montanha. Corredor vai estar lá. Toda a tropa também. Se alguém quiser entrar na briga sua e dele fique a vontade. Desta vez seremos todos os Escoteiros do Grupo pronto a tudo. Se não for, será chamado de Covardão e não Montanha. A meninada da cidade ficou sabendo. Às quatro da tarde o campinho de futebol estava lotado. Nunca se viu tanto menino reunido no mesmo local. As meninas apareceram, mas ficaram de longe. Piscadelas somente e mais nada. A Tropa Escoteira chegou unida. Sem uniforme é claro. Mãos limpas não iam usar nada como arma. Esperaram até as seis. Às seis e quinze da tarde já escurecendo Boneco Raivoso da Turma de Montanha chegou para avisar que ele havia tomado a maior surra de seu pai. Ele ficou sabendo da valentia do filho e não gostou. Principalmente quando Dona Rosinha a Diretora da Escola lhe deu o boletim e só tinha notas baixas fora os zeros.

Foi melhor assim disse Corredor. Só espero que ele não ache que com o tempo possa de novo me provocar. A surpresa maior foi no sábado seguinte quando o pai dele o levou até a sede e o fez pedir desculpas pessoalmente a Corredor e a todo o Grupo Escoteiro. No final pediu ao Chefe Tadeu se poderia inscrever seu filho. Demorou dois meses, mas conseguiram uma vaga para Valentão. Ele hoje pertence aos Pumas cujo Monitor era Corredor! Sua patrulha se reunia todas às terças e quintas. Discutiram muito os comentários do Grande Jogo Noturno. Ainda eram somente especulações. Eles tinham dado muitas ideias. Engraxate assistiu a um filme de Ação e viu os tais marines atacar uma base à noite enfrentando toda sorte de perigos. Ele achava que podia ser assim também o jogo. Certeza de como seria e quando seria ninguém sabia. Chefe Nemo matinha a sete chaves a preparação.

Sinaleiro Monitor da Falcão passou uma semana pensando. Ele sabia que sua patrulha era uma das melhores da tropa. Só a Lobo Cinzento era páreo para eles. No ultimo acampamento em um jogo feito durante todo o dia, onde eles tinham de encontrar a tribo perdida na Serra do Macaco sua patrulha surpreendeu. Chegaram a Taba duas horas antes das demais. Na inspeção do dia seguinte ficaram de boca aberta quando Sinaleiro deu um apito e através de bambus a água chegou ao seu campo de patrulha. Aquilo deixou a todos desnorteados. Como ele fez? Ninguém das outras patrulhas percebeu! Bem só podia ser mágica e foi o próprio Sinaleiro que comentou ser ele o Mágico Mandrake. E ria a valer. Até hoje sua patrulha nada comentou e como foi feito é um assunto secreto. Ficou na memória de todos como a mais linda artimanha e engenhoca de todos os acampamentos realizados. Agora com este jogo que ninguém viu e ninguém sabia como seria a patrulha estava em polvorosa. Assim como as outras Patrulhas eles se encontravam quase todos os dias. Nas reuniões de tropa sempre cutucavam o Chefe Nemo para ver se ele dizia alguma coisa. Mas o Chefe era um túmulo. Não contou e nem contaria a ninguém até o dia em que diria – O jogo já começou – Guerra!

Sinaleiro não fora lobinho. Teve muita sorte quando seu pai o levou ao Grupo. Eles tinham mudado para a cidade quatro meses antes. Ele estava entrando nos onze anos. Uma sorte conseguir uma vaga em dois meses. Dai para Monitor foi um pulo. Sinaleiro era um autêntico líder. Tinha uma vantagem sobre muitos lideres que existem por aí. Sabia liderar e ser liderado. Várias vezes deixou que alguns Escoteiros da patrulha tomassem a frente principalmente se eles conheciam melhor a atividade que seria desenvolvida. Isto fez com que a patrulha adquirisse uma amizade tal que parecia que eles falavam por pensamento. Bastava um olhar e todos sabiam o que fazer e/ou realizar. Foi a primeira que o Chefe Nemo autorizou, claro com a anuência da Corte de Honra a fazer um acampamento só à patrulha. Deu tudo certo. Foi uma beleza de acampamento.

Sinaleiro tinha uma vantagem, lutava para que sua patrulha ficasse sempre em primeiro lugar, mas sempre ajudava aquelas que por um motivo ou outro não iam bem. Quantas vezes em acampamentos ele pedia um voluntário para colaborar na montagem de campo quando alguma patrulha se atrasava. Perito em nós e amarras, ele fazia tudo com perfeição, mas junto com a patrulha. Fez questão que todos treinassem armar três tipos de barracas à noite e com os olhos vendados. Também vendados seus patrulheiros faziam com perfeição mais de trinta nós

Escoteiros e de marinheiros. O seu apelido foi dado quando com três meses na tropa ganhou a competição de Transmissão a distancia. Foi o melhor sinaleiro só perdendo no Morse para o Escoteiro Colesterol que mostrou a todos dominar o Morse como ninguém não só com lanternas como também na cigarra.

Sua patrulha era uma das poucas a percorrer cinco quilômetros no Passo Escoteiro (quarenta andando e quarenta correndo) sem se cansar. Muitas vezes ajudou as outras patrulhas nestas técnicas e todos pensavam como ele tinha aprendido tudo isto. Não havia segredos. Se alguém conhecia uma técnica de campo qualquer Sinaleiro pedia para ensiná-lo. Lia com sofreguidão todos os livros Escoteiros que lhe caíam em mãos. Se alguém procurasse quem amava o escotismo e tudo que ele fazia este era Sinaleiro. Agora ele e sua patrulha estavam como todas as outras a meditar discutir e tentar descobrir o Grande Jogo Noturno. – Como seria? Onde seria? Teria surpresas e variantes? A patrulha do Falcão se reunia quase todos os dias. Cada patrulha ele sabia tentava descobrir o indecifrável. Chefe Nemo caladão não dizia nada. Pequerrucho o gordinho da patrulha disse que viu o Chefe Nemo se reunir com o Seu Euclides dono da Marcenaria Esmeralda. Ele nunca fora Escoteiro e o que conversaram ninguém ficou sabendo. Disse também que Calango e Goiabada da tropa sênior estavam participando das reuniões. A última foi na casa do Seu Euclides.

Professor o Monitor da Patrulha Lobo Cinzento estava preocupado. Achava que a maioria dos escoteiros da tropa estava levando muito a sério este jogo noturno. Sabia muito bem o porquê as patrulhas estavam se movimentando e fazendo reuniões quase todos os dias. Afinal ele e as demais patrulhas tinham um ótimo relacionamento. Foi um mês antes do Jogo Noturno que o Chefe Nemo o apresentou ao Pequeno Polegar. Professor – disse ele – Vai ter que fazer dele um grande escoteiro. Sem problema Chefe. Olhou para Pequeno polegar. Parecia um menininho pequeno magro e quando fosse posto a prova ele sabia que o menino iria chorar. Bem é fazendo e vivendo que se aprende. Jogos de revezamento ele já sabia que iam perder. Mas ele estava preocupado era com a tropa. Até as reuniões estavam ficando insossas e sem graça. Era só a chefia dar um tempo livre e nos cantos de patrulha do pátio em vez de se adestrarem nas tarefas e provas de classe o zunzum era uma só. O Grande Jogo Noturno. Nunca pensou que isto um dia pudesse acontecer. Uma atividade assim prender a todos de curiosidade era demais. Ele era bem considerado na tropa. Achavam-no um erudito ou aquele que desvenda qualquer coisa. Sempre tinha algum Escoteiro atrás dele para tentar ver o que ele sabia. Ele não sabia de nada e sempre dizia – Espere a chefia, ela sabe o que faz. Um simples jogo noturno fazendo isto? E sua Correia de Mateiro? E o seu cordão Verde e Amarelo?

Uma semana antes de decidirem quais seriam as regras e normas do Grande Jogo Noturno o Chefe Nemo pediu se ele podia procurá-lo na Olaria. Os dois apesar da idade eram grandes amigos. Chefe Nemo pediu que ele conversasse com os outros monitores. Estava sentindo que a tropa esqueceu que as atividades continuavam. Não tinha sentido eles ficarem desanimados. A ideia do jogo era para motivar a tropa e não desmotivar. Se continuasse assim ele iria cancelar o jogo. Quem sabe um Conselho de Patrulha e um Conselho de Tropa ajudariam? Professor ficou de trocar ideias com os outros monitores. Ele tentou e pela primeira vez sentiu uma grande preocupação. Os monitores estavam fazendo dele um antigo guia de tropa o que não mais existe. Eles achavam que ele sabia de tudo. Do programa, como seria e onde seria. Aquele porque, como, quando e onde rebatia no seu cérebro de maneira inequívoca, pois ele de nada sabia. Em vez de um jogo divertido parecia que todos queriam uma guerra para vencer. Quando se reuniram na Corte de Honra naquele sábado após as reuniões ele abriu o verbo. Falou até o que não devia. Todos ficaram calados. Afinal o Professor sempre foi correto e fraterno com todos. Sabiam que ele tinha uma só palavra e nunca iria trair os demais amigos das outras patrulhas.

Sentia-se no ar que o vendaval estava se dissipando. Os Escoteiros voltaram a sorrir, a participar com alegria e a aprender fazendo tudo que o Chefe Nemo havia passado aos monitores. Professor sabia que era apenas uma aragem distraída do vendaval que não houve, mas ia haver sem sombra de dúvida no dia do Grande Jogo Noturno. Parecia que agora a primavera voltou às reuniões novamente. A participação de uma atividade no distrito, mesmo que muitas vezes chatas porque os chefes achavam que os Escoteiros estavam sempre à disposição, e deixavam-nos ao sol do meio dia em formatura que não diziam nada. Porque eles não chamavam os monitores davam às instruções e estes as patrulhas? Professor sabia que era muito novo para sugerir aos adultos. Ele sabia que tinha alguns que se achavam donos das ideias e nunca em tempo algum consultavam a tropa ou aos monitores. Aquele domingo, entretanto prometia. Ouve um entrosamento entre as tropas o que nunca tinha acontecido.

Professor sentiu que o ambiente carregado do jogo noturno prometido estava se dissipando. Bom isto pensou. Naquele sábado durante o jogo de Cruzados X Sarracenos, uma nova adaptação sugerida por Centearfo ele sentiu o quando amava aquela tropa. Sem comentários de sua Patrulha. Ele era o mais antigo Monitor da tropa, pois fora eleito com apenas doze anos. Deste o primeiro dia que entrou que todos o olhavam como se olha um líder a seguir. Toda sua patrulha sentia nele uma força e esta força talvez estivesse na sua inteligência, pois Professor fazia questão dos estudos. Não por ser o primeiro, nada disto. Era ponto de honra para ele aprender tudo que lhe caía às mãos. Só uma vez tirou um oito em geografia. Prometeu a si próprio que isto nunca mais iria acontecer. Seus pais um dia acharam que ele era um superdotado. Engano ele não era nada disto. Recebeu vários conselhos para não se entregar tanto e isto já tinha lhe valido uns enormes óculos com aro de tartaruga. Professor nunca se preocupou com isto. Continuou a ser o melhor da classe e o próprio Colégio Santo Antônio reconhecia que em tempo algum tiveram um aluno como ele.

Professor lembrava o dia que se interessou pelos Escoteiros. Um fato que poucos levam a sério, mas que marcou muito para ele. Um Escoteiro indo para a reunião a sua frente e parou para pegar um pequeno papel de bala. Viu que ele procurou uma lixeira e não encontrou. Tirou do bolso uma sacolinha plástica e colocou lá dentro o papel de bala. Ele ficou intrigado e seguiu o Escoteiro. Na porta da sede havia uma lixeira, o Escoteiro tirou da sacola plástica o papel de bala e o depositou no lugar certo. Incrível pensou o Professor. Ele sabia que na Europa em países mais adiantados se fazia assim, mas aqui no Brasil? Em Ribeirão Vermelho? Se todos os Escoteiros fossem como ele Professor sabia que teria de ser mais um. Procurou o Chefe Tadeu que lhe orientou e explicou tudo que queria saber. No sábado seguinte lá estava ele com seu pai para fazer a inscrição. Demorou dois meses para ter uma vaga e quando surgiu ele rejubilou. Desde o primeiro dia que fora apresentado à tropa e a patrulha Professor sabia que seria Escoteiro para sempre.

Capítulo III – Siga o caminho do sol, ele vai levá-lo ao caminho do sucesso

Chefe Nemo estava preocupado. Ele já tinha um esboço do jogo, acreditava ter atendido as sugestões das patrulhas, mas onde fazer? Como? Quando? As perguntas não paravam de ser feitas em seu cérebro. Sabia que tinha de dividir. Só não sabia a quem procurar. Sua preocupação era em quem confiar, pois o Jogo Noturno seria diferente, se vazasse perderia a graça. Pelo que ele sabia nunca ninguém tinha feito um assim. Precisava ficar na história da tropa como o maior jogo de todos os tempos. Tinha de ser real. Lembrava quando leu Roosevelt e o que ele pensava sobre jogos. “Creio nos jogos ao ar livre e pouco me importa que sejam jogos brutos ou violentos e que ocasionalmente alguém se machuque. Não simpatizo com o sentimentalismo exagerado que pretende manter os jovens embrulhados em algodão. “Na luta pela vida o homem formado ao ar livre sempre demonstrou ser melhor”. “Quando vocês brincarem jogue duro:- e quando trabalhar trabalhe duro”. Mas não deixem que os jogos e os desportos prejudiquem seus estudos”. Ele não chegaria a tanto, mas queria que fosse um jogo onde os Escoteiros teriam de se virar e pensar como homens feitos. Difícil? Perigoso? Claro que não. Tudo deveria ser planejado para que ninguém sofresse qualquer acidente ou se machucasse.

Chefe Nemo se lembrou do Senhor Euclides. Lembrou que ele era um grande marceneiro e improvisador de construções manuais e rústicas. Ajudava muito os padres e as irmãs quando tinham alguma matéria de trabalhos manuais para os alunos. Ele iria precisar do seu préstimo. Ligou marcando um encontro. Ele não conhecia nada de escotismo e já passava dos seus cinquenta anos. A conversa franca foi excelente. Seu Euclides comprou a ideia e até já pensava em muitas coisas que ele poderia fazer. – O Senhor Euclides disse ao Chefe Nemo que só tinha uma coisa para ele aceitar – Pois não disse Nemo. – Quero ser chamado de Chefe Euclides, posso? Ele riu com gosto. Durante uma semana Chefe Nemo colocou o Chefe Euclides como ele pediu ser chamado de como deveria ser o jogo. O local tinha de ter todas as condições para o jogo. Ele não se lembrava de nenhum e nem o Chefe Euclides. Foram dez dias de reuniões às vezes em sua casa às vezes na casa dele. Dona Marly sua esposa e Amelinha aos poucos foram se tornando amigas. Elas não os influenciavam, pois tinham assuntos e assuntos para comentar. Como seria o jogo foi tomando vulto. Já não tinham mais dúvida. Pequenos detalhes que só depois de ver o local do jogo seriam terminados.

Chefe Nemo na hora do almoço resolveu ir até a sede do grupo Escoteiro. Tinha deixado lá um livro escoteiro novo que comprou e deu de cara com Calango e Goiabada. Dois seniores que foram seus Escoteiros por muitos anos. Ele sabia tudo sobre eles, conhecia seus pais, suas escolas e sabia o que cada um desejava ser quando crescessem. Mesmo nos seniores eles eram grandes amigos. Chefe Nemo sentiu um estalo em sua mente. Eureka! Estes dois caíram do céu. Eles podem me ajudar e sei que não iriam comentar com ninguém. Ele sabia que os dois tinham na lei escoteira seu ideal. – Palavra dada é palavra cumprida! Diziam. Ali mesmo explicou o que estava preparando e planejando. Convidou-os para uma reunião a noite em sua casa. Explicou sobre o Chefe Euclides e se tudo corresse bem ele poderia deste que aceito por todos os seniores ser o novo Chefe já que eles estavam sem. Participando vocês podem conhecê-lo melhor e mostrar aos outros seniores se ele tem ou não condições de assumir a tropa. Os dois balançaram a cabeça e nada disseram.

Às oito e meia da noite eles chegaram. Foi o Chefe Euclides que os recepcionou. A primeira impressão foi boa. Dizem que a primeira vez a gente não esquece. Se a fisionomia, o aperto de mão e a saudação valessem eles sabiam que o caminho a percorrer seria válido. Esqueceram-se das horas enquanto discutiam as normas e o material necessário para o jogo. No final o Chefe Nemo pediu aos dois seniores que pensassem bem sobre um local onde o jogo poderia ser realizado. Até agora ele e o Chefe Euclides não acharam nenhum. Outra reunião foi marcada para segunda-feira. No sábado Chefe Remo sentiu firmeza na tropa. Parecia que eles tinham se esquecido do jogo. Ótimo pensou, assim poderemos programar com mais calma sem nos preocuparmos com o tempo. Na segunda vez que se encontram mais temas foram discutidos e o local continuava às escuras. Passou-se um mês. O Próprio Chefe Nemo estava desistindo do jogo. Sabia que não iria entregar os pontos facilmente, mas sem um bom local ele não iria fazer só para enganar a Tropa. Eles estavam esperando um jogo fenomenal, como nunca visto por ninguém e fazer de qualquer jeito seria uma decepção.

Goiabada gostou do Chefe Euclides. Comentou com Calango que também pensava assim. Ambos eram amigos inseparáveis, pois tinham a mesma idade e os mesmos desejos. Sabiam que um dia iriam se separar ou partir

juntos de Ribeirão Vermelho. Era questão de tempo. A cidade não tinha nenhuma estrutura para radicar os jovens profissionalmente. Alguns amigos deles com muito sacrifício trabalhavam no comércio. Um salário mínimo por mês sem possibilidades de crescimento. Eles não ficariam ali nunca. Amavam a cidade e sabiam que quando partissem iriam sentir muitas saudades. Ainda bem que o Grupo Escoteiro absorvia boa parte do tempo em que estavam fora da escola. Calango até podia conseguir algum melhor, pois seu pai trabalhava no Posto de Saúde e sua mãe era faxineira no Grupo Escolar Santo Antônio. Não era muito, mas ele sabia quando a hora chegasse eles fariam tudo para ajudá-lo quando fosse morar na capital, pois eles tinham parentes lá. Goiabada estava em situação pior. Seus pais morreram em um acidente de ônibus e ele foi criado por sua avó. Ela recebia uma pensão que mal dava para os dois sobreviverem.

Calango sempre sonhou em ser advogado. Disseram para ele que lia bem, escrevia bem, sabia interpretar as palavras como poucos e tinha uma bela voz. Lembrava-se do que dissera Roosevelt que devemos manter nossos olhos nas estrelas e os nossos pés na terra. Ele não enganava a si próprio. Sempre fora um Escoteiro responsável ninguém na cidade tinha nada contra ele. Estudava a noite porque o segundo Grau não existia durante o dia. Estranhava tudo isto, pois a maioria dos alunos não trabalhavam e não faziam nada durante o dia. Ele era da Patrulha Pico da Neblina e Goiabada da patrulha Dedo de Deus. A terceira patrulha Pedra do Sino foi iniciada há pouco tempo. Já estavam com cinco seniores todos eles vindo da Tropa Escoteira. Desde que o Chefe Tauber fora embora para a capital que eles estavam sem chefes. Fazia mais de seis meses. Não perderam nenhum sênior. Os três monitores fizeram um triunvirato e junto com o Conselho de Tropa as reuniões aconteciam. As atividades ao ar livre tiravam de letra. Acampavam muito, faziam grandes jornadas, e nas redondezas ou mesmo até em cidades distantes eles lá estiveram.

Goiabada se encontrou com Calango naquela sexta feira próximo ao areal do Rio Vertente. Havia na beira do rio varias pedras lisas onde as lavadeiras faziam seu trabalho de todos os dias. Eles gostavam da vista. O Rio não era tão largo e ali ambos já tinham dado belos mergulhos. Eles sabiam que era um local perigoso e muitos dos munícipes perderam a vida nas águas calmas e enganadoras do Rio Vertente. Levaram juntas as pastas escolares, pois ali eles tinham sempre boas ideias para fazerem seus deveres escolares. Agora estavam pensando no escotismo. Até hoje ninguém consegue explicar porque Escoteiros gostam de falar de escotismo. Muitos que não participam reclamam deles e não só eles, pois todos do movimento não sabiam falar de outra coisa. Enquanto a turma discutia qual a música que ficou nas paradas, o que seu time predileto fez ou então o filme que estava passando na cidade ou mesmo qual a menina mais bonita eles ficavam discutindo o Tal Baden Powell, barracas, matas, montanhas, sol nascendo e como sempre ficavam sozinhos. Escoteiros com Escoteiros se dão bem. Falam a mesma língua afinal são irmão de sangue ou pelo menos dizem isto.

- O que achou do Chefe Euclides? Perguntou Goiabada. – Não sei me parece um pouco velho para assumir a tropa sênior. Você sabe que de vez em quando saímos para atividades fortes, jornadas e ele já tem uma idade que tenho dúvidas se vai nos acompanhar. Mas parece ser um bom camarada. – Acha que devemos convidá-lo para visitar a tropa em um sábado? Goiabada pensou e não respondeu. Só balançou a cabeça. Calango também ficou calado. Eles olhavam um barqueiro no meio do rio retirando sua rede. Todos os dias as tardes era assim. Muitas vezes a rede ficava cheia de peixes outras vezes quase nenhum. Servicinho “brabo” pensava Calango. Calango era um sonhador. Sempre fora. Ele assistiu há muitos filmes e series na TV onde os advogados mostravam suas qualidades. Ele sabia que não seria fácil passar no vestibular na faculdade de direito. Teria que ser a estadual, pois dificilmente poderia pagar as mensalidades nas outras. De novo seu olhar voltou ao rio e ao pescador. Parecia que a rede estava cheia. Ele sorriu, pois alguém teria o que comer hoje.

Goiabada também estava em silêncio. Ele sabia que era hora da meditação. Ele gostava disto. Encontrou na Biblioteca Publica um livro que estava caído ao chão. Pensou mentalmente a responsabilidade de quem entrou ali retirou o livro e não devolveu ao seu lugar. Coisa feia isto. Sentou próximo a uma mesa grande e leu a capa do livro – “Sete Técnicas de meditação para acalmar a mente”! Começou a ler e desistiu. Dobrou a página e devolveu a prateleira. Durante a semana o nome do livro não saia de sua mente. Precisava ler. Tinha que ler se não ele não esqueceria nunca. Foi lá no dia seguinte. Começou a ler. Adorou o livro. Ele dizia sobre os benefícios oferecidos pela meditação. Ela não encontra limites para quem quer participar. Era uma técnica milenar que ajudava a disciplinar e acalmar a mente. Era um exercício ótimo para nos ajudar a lidar com as nossas emoções. Insistiu com Calango para ler. Agora quase todas as tardes além da linda vista do areal e do rio, eles tinham oportunidade de meditar.

Aprenderam a meditar de olhos abertos, ou vendo uma linda imagem. O rio com suas águas tranquilas era um perfeito repouso.

A tarde estava acabando. Hora de retornar as suas casas e a noite encontrar a patrulha. Prometeram ao Chefe Remo e Euclides não contar a ninguém sobre a programação que eles ajudavam a fazer do Jogo Noturno. Palavra é palavra e os dois seniores sabiam do seu significado. Estava escurecendo quando Calango parou na escadaria que levava a Rua São Justino. Chamou Goiabada e falou – Lembra-se da Ilha do Gavião Negro? Goiabada pensou um pouco e confirmou que lembrava. Quando passaram para seniores alguém sugeriu que a renovação da promessa fosse feita lá. Era enorme. Quase se perderam e isto sem entrar no meio da mata. Achavam que teria bem uns doze quilômetros de largura por uns nove de comprimento. Chegaram lá durante o dia para ver como era e qual o local para que a cerimônia da promessa fosse realizada. Conseguiram um bote emprestado no Curtume São Raimundo. O Senhor Jose de Arimatéia o gerente era pai de um sênior e não se opôs que usassem o bote. Foram em quatro. A cerimônia seria a noite. Precisavam atravessar dezoito Escoteiros seniores e dois pioneiros além do Chefe. Só um bote levariam umas duas horas. Outros seniores se viraram e no dia havia quatro botes a disposição.

Goiabada se emocionou com a cerimônia. Não sabia que existia algum tão bonito e quase chorou. Calango era mais curtido de emoções. Se ele sentia não demonstrava. O Chefe Tauber soube dirigir tudo com perfeição. Foi uma cerimônia marcante. Ao entardecer o sol se pondo, na ponta da ilha do Gavião Negro, abriram uma pequena clareira, rapidamente os seniores construíram uma mesinha que foi forrada com a Bandeira da Tropa, ao lado dobrada a do Brasil, um cálice lindo que parecia de ouro, uma pequena espada de metal. Foi Calango quem disse que isto estava parecendo os rituais que ele lera nas Lendas Arturianas com os Cavaleiros da Távola Redonda. A tropa se formou em ferradura e Gervásio nosso monitor vulgo Tiradentes gritou alto – Chefe! Apresento o Sênior Marcus, vulgo Calango e o Sênior Gardelli, vulto Goiabada que querem pertencer à tropa e prontos para fazer o juramento e renovar a promessa. O Chefe Tauber os mandou aproximarem da mesinha. O Monitor ficou atrás deles com uma tocha acesa. Repitam comigo o juramento da tropa! – “Que todos saibam, hoje e sempre, que prometo por tudo que é sagrado, amar, aceitar e respeitar os meus companheiros da tropa, honrar sua história, morrer se preciso para que seu nome seja conhecido pela coragem e abnegação. Farei prevalecer à verdade, hoje e sempre”!

Neste momento a tropa gritou alto: - Que os ventos do Norte, que os ventos do Sul, que os ventos do Oeste e que os ventos do Leste tragam a todos a chama da liberdade, da honra e da palavra no coração de todos! Nossa! Foi emocionante demais. Mas não parou por aí. Ainda tinha mais. Deram-nos para vestir uma bata vermelha, com um capuz verde e muito emocionados o Chefe nos mandou ajoelhar com o joelho direito a sua frente. Com a espada de metal ele colocou na cabeça de cada um, depois nos ombros enquanto falava alto: - Bem vindos! Vocês agora pertencem a Tropa Sênior Delta Cephei, como ela é brilhante no céu honrem seu nome por toda a vida. Juntos nós vamos beber na fonte dos deuses o sonho que nunca vai terminar, seremos irmãos para sempre! Nada e nem nunca iremos nos separar. E o Chefe Tauber colocou um pouco de vinho branco na taça e cada um de nós bebeu um pouco. Não deu para esquecer nunca esta cerimônia. Se eu já gostava de escotismo agora muito mais. Sei que são palavras ao vento que todos dizem – Uma vez Escoteiro sempre Escoteiro, mas eu serei mesmo um Escoteiro até morrer!

Calango deu um cutucão em Goiabada. Acorde meu amigo, parece estar dormindo em pé! Goiabada riu baixinho. – Calango meu amigo a gente que tem o escotismo preso dentro de nós, temos coisas fortes, emoções fortes que ficam guardadas para sempre em nossos corações. – Não estou entendendo você Goiabada – Simples, estou lembrando quando fomos à Ilha do Gavião Negro pela primeira vez. Primeira e única – Calango riu baixinho. – E quem esquece meu amigo? Quem? Uma cerimônia como aquela não é para esquecer nunca. Ficaram calados por alguns instantes. A mente viajando no espaço para um passado não tão distante. Fazia um ano e meio que fizeram a passagem. Pareciam reviver a cada momento. Goiabada sabia que um dia aquilo ia terminar. Seus olhos ficaram húmidos. Seria a vida feita assim? Hoje feliz e o amanhã? Ele não sabia qual poeta escreveu que os sonhos não determinam o lugar onde nós iremos chegar, mas produzem a força necessária para tirarmos do lugar em que estamos. Sonhar com as estrelas para que possamos pisar pelo menos na lua. Sonhar com a lua para que possamos pisar pelo menos nos altos montes. Sonhar com os altos montes para que possamos ter dignidade quando atravessarmos os vales das perdas e das frustrações. Era bonito isto.

Goiabada sabia que Calango era seu maior amigo. Sabia que seria seu amigo para sempre. Tudo que fizeram foi a dois, quando ficaram em patrulhas diferentes nos seniores quase saíram. Não dava, nenhum ia competir com o outro. Um novato aceitou a troca e ambos ficaram juntos como quando eram Escoteiros. Ele tinha medo de que um

dia fossem se separar. Podia até ser verdade, mas ele acreditava nas palavras de Chaplin que dizia que por mais voltas que o mundo dê um dia nós iremos nos encontrar em algum ponto. Um ponto pacífico, onde estaremos falando a mesma língua, bebendo o mesmo vinho, contando nossas histórias e rindo, um riso leve e sincero. “Assim, estaremos prontos para percorrer juntos este longo caminho; em que simplesmente falamos de nossos dias, vendo o futuro com olhos livres”. Ele gostava de ler na biblioteca frases assim. Sua cabeça não tão inteligente como a de Calango se esforçava para mostrar ao amigo que ele podia aprender.

Calango meditava também a “escoteira”. A tarde estava linda. Como dizia a linda canção do Clã, um rio tranquilo que canta e que chora corria com suas águas límpidas brilhantes e serenas em direção do mar. Quanto tempo para chegar lá? Aceitaria sem pestanejar deixar sua água doce se misturar com salgada e desaparecer? Deu uma vontade tremenda em Calango de fazer uma jangada, colocar nela uma tralha escoteira, um farnel supimpa e partir numa grande aventura descendo o rio até encontrarem o mar. Ah! Como é doce o final do dia! Tantas coisas a borbulhar em nossa mente. Calango não pensava muito no futuro ele sempre achou que o que tinha de ser será. Goiabada não, ele sempre achou que cada um faz seu próprio destino. De novo sua mente lia nas páginas da vida o que Roosevelt escreveu: - Se fracassar, ao menos fracasse ousando grandes feitos, de modo que a sua postura não seja nunca a dessas almas frias e tímidas que não conhecem nem a vitória nem a derrota.

Na Igrejinha da Matriz ouviam-se as primeiras badaladas da hora da Ave Maria. Seis horas já com o sol se pondo no horizonte. Ave Maria, cheia de graça... Calango acreditava em Deus mais que tudo. Nunca reclamou dele, pois sabia que tinha o suficiente para sua alegria e conviver com Goiabada um amigo para sempre. Não precisavam de mais. Sabia que nesta hora o Padre Nestor estava fazendo seu ritual de todos os dias. Ele insistia mesmo já bem velhinho de puxar a corda do sino que o levantava e abaixava numa sucessão de vai e vem, com uma alegria que muitos habitantes religiosos iam lá só para ver. Era a hora em que toda a cidade ficava silenciosa. Um a um homens, mulheres e crianças de todas as idades se benziam com o sinal-da-cruz, alguns se ajoelhando e outros tiravam o chapéu. Nesta hora as conversas cessam os olhares piedosos ficam jogados ao chão, num típico sinal de fervor católico. Ribeirão Vermelho era uma cidade com fé católica. Cidade pacata, onde a maioria dos habitantes ainda morava na roça e aos domingos um exame de bicicletas e charretes faziam da cidade um revoar de borboletas. Moças e senhoras com seus vestidos de chita de todas as cores, sentadas bem comportadas na garupa indo direto para a igreja. Depois da missa porque não um passeio na Praça de Santo Antônio? Moças andando a direita, rapazes ao contrário à esquerda. Olhares maliciosos, olhares sonhadores e olhares apaixonados.

A maioria dos habitantes ainda seguiam os jejuns e as penitências recomendadas pelo Padre Nestor. Nos dias santos a cidade ficava em festa. O Congado e a Folia de Reis eram imperdíveis. Naqueles dias festivos ninguém se preocupava ou reclamava dos sinos que tocavam insistentemente a cada quinze minutos vinte e quatro horas por dia. Era gostoso esta boa ação. Os Escoteiros e os seniores adoravam. O salão onde ficava a corda do sino se enchia de lobinhos, escoteiros e meninos a gritar e bater palmas quando o sino tocava pelas mãos de um Escoteiro. Goiabada estava com os olhos cheio d'água. Estavam ambos sentados no último degrau da escadaria ainda a olhar para o Rio Formoso. Porque o chamam assim? Pensavam. Quantos pescadores não conseguem pescar seu alforje que lhe dariam o sustento do dia? Mas era um rio feliz e bonito sim. Ao banhar a cidade de Ribeirão Vermelho ele era sereno e tranquilo. As lavadeiras podiam brincar com os pés na água e contarem seus “miúdos” que ouviam na casa de suas patroas. Outras adoravam cantar quando batiam com força reduzida um cobertor ou um lençol na pedra rala e ela se pudesse falar diria que não deviam parar nunca.

Ei amigo! Marcamos com o Chefe Remo hoje ás oito está lembrado? Goiabada sorriu. Goiabada sempre sorria. Alma boa deste menino homem. Num pulo saíram a correr pela Rua de Santa Genoveva. Quantas ruas com nome de santo tinha Ribeirão Vermelho? E porque Ribeirão Vermelho e não Santo Antônio, São Paulo, São Benedito? – Vá saber! Calango saiu em disparada atrás dele. A noite já cobria toda a cidade que em paz vivia mais um dia que terminava. Cada um virou sua esquina e sabiam que as oito em ponto iriam bater na porta da Casa do Chefe Remo. Horário Inglês dizia o Chefe Tauber que se foi para a capital. O que seria isto? Eles pensavam. Horário Inglês? Não devia ser horário brasileiro? Goiabada prometeu a si mesmo ver no dicionário no dia seguinte o que seria. Quem sabe Baden-Powell é quem criou este tal horário Inglês? Nem deu tempo para jantar, sua mãe reclamou, mas guardou sua janta no forno do fogão de pó de serra. Dava trabalho. Toda manhã Goiabada levantava mais cedo. Compravam o pó de serra de Seu Arlindo. Ele tinha uma carroça e ia longe até a serraria do Polaco. Polaco? Nome esquisito. Diziam que ele veio do estrangeiro correndo da guerra.

Capítulo IV – Boas amizades não tem preço

Chegaram juntos ao portão da casa do Chefe Remo. Ambos respirando forte. Corridas fazem bem a rapaziada. Eles riram um para o outro – Horário Inglês? Perguntou goiabada – Horário Inglês! Respondeu Calango. Ambos subiram os quatro degraus que levava a varanda devagar. Como a pisar em ovos. Treino de anos e anos andando em florestas para não afugentar os animais. Não adiantou. Amelinha abriu a porta com um sorriso. Eles adoravam Amelinha, não porque era esposa do Chefe Remo, mas porque era uma simpatia de mulher. Nunca a viram fechar a cara, ficar com raiva ou não dar um sorriso deste para um lobinho ou até um pai velhote de algum sênior. – Bem vindos ela disse. – Goiabada, sabia que vinha e fiz seu pão-de-ló como você gosta. Goiabada sorriu. Adorava o pão-de-ló que ela fazia. Era bom demais. Obrigado Chefe Amelinha. – E eu? Perguntou Calango? – Você? Você nunca disse nada. Calango riu. Tinha a tal boca-boca. Tudo que caia nela sendo comida era bem vinda.

Chefe Euclides ainda não havia chegado. Chefe Amelinha disse que eles ficassem a vontade. O Chefe Nemo estava no banho. Hoje tiveram visitando sua olaria dois engenheiros que irão construir um edifício em Santos Dumont querem fechar um contrato e olhe que é coisa grande. Ele teve que ficar até mais tarde. Mas logo vai descer. Calango e Goiabada se sentiam em casa. Logo pegaram o LP do Trio Irakitan com músicas escoteiras e colocaram para tocar na Vitrola do Chefe. Sentaram na poltrona e ali ficaram a ouvir por algum tempo. Abriam os olhos e viram o Chefe Euclides adentrando. Logo o Chefe Nemo também chegou. Todos foram para o Escritório do Chefe Nemo. Ele fazia questão de ter um com uma mesa para mais de oito participantes. Fizeram uma oração e o Chefe Nemo contou as novidades do programa que ele pensou do jogo. Todos ouviram pacientes. Se tudo desse certo seria o maior jogo de todos os tempos. Era espetacular! O Chefe Nemo foi feliz na programação. Parecia não esquecer nada, mas ele sabia que havia muita coisa ainda por fazer.

Só após os preliminares e explicações do Chefe Nemo que Calango comentou ter achado o local perfeito para o jogo. A Ilha do Gavião Negro. Chefe Nemo ficou pensativo. Sabia da ilha, mas nunca fora lá. Chefe Euclides conhecia. Disse que há muitos anos fizeram uma peregrinação lá com os Vicentinos. Ficaram pouco tempo e mais próximo à prainha. Nunca se adentrou selva adentro e nem sabia suas dimensões. Chefe, disse Goiabada se quiser vamos à prefeitura saber se eles tem algum mapa ou um croqui de lá. Precisamos saber a quem ela pertence. A ideia foi aprovada. Se a Ilha tivesse as condições a programação estava pronta. Era só preparar o terreno e tudo mais para o desenvolvimento do Grande Jogo Noturno. Goiabada convidou o Chefe Euclides para ir ao próximo sábado visitar o Grupo Escoteiro. Ele seria apresentado ao Chefe Tadeu e quem sabe seria convidado para ser nosso Chefe? Chefe Euclides riu. Ele já matutava a ideia de entrar para os Escoteiros. Agora que já o chamavam de Chefe seria um pulo para ser mais um.

A reunião não foi longa. Chefe Euclides convidou os quatro para uma rodada dos Escravos de Jó. Eram bambas os quatro no jogo. Riam a vontade quando um errava. Chefe Nemo sempre fazia o jogo com toda a tropa. Usavam os bastões. Quase sempre tinha de interromper o jogo, pois ninguém errava. Foram para a varanda comer os quitutes que a Chefe Amelinha fez. – Olha, estou amando este jogo. Quero participar na chefia e já disse ao Remo! Serás bem vinda Amelinha, disse o Chefe Euclides. Quinta feira era o dia que a patrulha se reunia na sede para discutir o programa do mês. Eram nove e meia e eles ainda deviam estar lá. Goiabada havia explicado que eles estavam ajudando o Chefe Nemo a preparar um grande jogo. Todos queriam saber como seria, mas eles prometeram segredo. Não podiam contar a ninguém. Na hora certa todos iriam saber.

No sábado as duas tropas estavam em reunião. A Alcateia também. Chefe Euclides ficou todo o tempo junto ao Chefe Tadeu. Os dois se tornaram grandes amigos, pois já se conheciam há tempos. No final da reunião o Chefe Euclides foi apresentado ao grupo. Uma forte palma escoteira ecoou. Ainda não foi anunciado como o novo Chefe Sênior. Precisava ter o aval deles e isto o Chefe Tadeu fazia questão o que era o certo. Pediu que a tropa sênior ficasse mais uns vinte minutos depois do horário. Não precisou muito tempo. Os seniores já haviam sido avisados da possibilidade por Goiabada e Calango. Como sempre ele foi jogado pelo ar e gritou de medo. Todos riam a valer. – Seu batismo Chefe! E olhe, isto é só o começo disse Cafuné o sênior mais antigo. Nascia ali uma amizade que iria perdurar por muitos e muitos anos. Chefe Nemo pediu a Goiabada, Calango e Chefe Euclides para trocarem uma ideia com ele ali mesmo. Coisa pouca de uns dez minutos.

Escotismo é interessante. Muitos dizem que a participação é mínima. – Apenas duas horas por semana! Duas horas? Só rindo. Experimentem ver em um Grupo Escoteiro se é assim mesmo. Nem pensar, ninguém vai embora quando termina a reunião. Claro se tem pais esperando é diferente, mas se não ficam sempre até fechar a porta da sede. E ainda tem aqueles que ficam na calçada jogando conversa fora. Reuniram-se na sala da sede. Chefe Nemo perguntou a todos se podiam faltar um fim de semana. Precisaria deles para fazer uma exploração da ilha. Ele sabia que não ia ser fácil, mas pelo menos três ou quatro fins de semana seria necessário. Principalmente se a ilha servisse. Ele mesmo ia convocar uma Corte de Honra e com os monitores fazer quatro programas no caso dele não poder participar da reunião. Goiabada e Calango disse que se arranjariam com sua patrulha. Eram grandes amigos e eles iriam compreender. Tudo certo no próximo sábado pela manhã eles iriam fazer a primeira exploração da ilha. Goiabada ficou responsável pelo bote. Iria à semana pedir ao senhor José de Arimatéia do curtume São Raimundo. Ele era gente boa e não iria negar.

Não houve senão e não. O bote estava à disposição quando quisessem. Nada como contar com amigos só por ter sido Escoteiro no passado. – Amigos e irmãos de sangue sempre se ajudam não? Disse o senhor José de Arimatéia. Na quarta na reunião na casa do Chefe Nemo tudo foi discutido. Cada um levaria um pouco do cardápio. Deveria ser simples para que um caldeirão e uma panela bastassem. Iriam se encontrar no curtume no sábado pela manhã. No mais tardar as nove. Cada um devia levar um lanche para almoço para não atrasar. Quase não foram. O Chefe Nemo teve uma surpresa. A maior surpresa que um homem pode ter na vida. Amelinha disse a ele que estava grávida pela segunda vez. Chefe Nemo ficou preocupado. Afinal fazia menos de seis meses que eles perderam um filho com quatro meses. Ele sabia que a chegada de um rebento sempre é bem vinda. Sempre esperada e mesmo assim é uma surpresa quando se fica sabendo. Todo homem vive varias emoções quando fica sabendo que vai ser pai. Se for como Nemo então a felicidade é em dobro. Ele sempre esperava esta notícia, nunca cobrou nada de Amelinha. Agora ele vibrava, estava orgulho e feliz. Ele não era daqueles que só queria ter um filho homem, nada disto. Mas prometeu a si mesmo que daria a ela tudo que precisasse para que não perdessem novamente o filho tão esperado. Ele já tinha dito a ela que não importava mesmo se seria menino ou menina.

Agora a responsabilidade seria outra. Pensou em cancelar o Grande Jogo Noturno. Achou que precisava ficar ao seu lado. Riu quando viu que ela ria também – Foi ela quem perguntou se o nome dos filhos seriam os mesmos. – Claro meu amor, ou Heather ou Peter. Afinal não foi Baden-Powell quem me contou? Amelinha sabia da programação que eles faziam para o grande jogo. Foi sincera quando disse que ele não parasse tudo por causa dela. A esposa do Chefe Euclides se comprometeu a dormir em sua casa sempre que precisasse e em todos os fins de semana que eles fossem para a Ilha do Gavião Negro. Resolveu prosseguir com o programa que tinha feito. Era uma época sem celular, mas ele conversou muito com o Chefe Tadeu. Pediu a ele quando ele estivesse fora que passasse sempre em sua casa. Se ele ao menos desconfiasse que Amelinha estivesse passando mal que ele fizesse tudo para entrar em contato. Pediu confidencialidade de onde estavam. Ele poderia atravessar o rio e levar uma trombeta, ou melhor, o Chifre do Kudu que ele manuseava perfeitamente. Um S.O.S. Qualquer sinal e ele saberia o que fazer. Chefe Tadeu riu e disse a ele: – Fique tranquilo meu amigo, ela está no segundo mês, não vai acontecer nada.

No sábado pela manhã se encontraram no Curtume São Raimundo. A alegria do senhor José de Arimatéia era contagiante. Afinal ele conseguiu apertar a mão do Chefe Remo. Sempre desejou conhecê-lo. Conversaram por pouco tempo. Eles tinham uma enorme programação para cumprir. Goiabada e Calango eram mestres no remo. Em menos de quinze minutos apoitaram no lado esquerdo da ilha. Era enorme. Chefe Remo ficou impressionado. Parecia ser o local ideal, mas será que conseguiriam montar ali tudo que o jogo iria pedir? Eles já tinham combinado. Iriam mapear a ilha. Cada um remou sua parte para dar a volta na Ilha. Chefe Remo anotava tudo. Levou uma Silva e uma prismática. Demoraram quatro horas para dar a volta e terminar o mapeamento. Foi fácil escolher o ponto de partida de cada patrulha. Distantes mais de quatro quilômetros uma da outra. Duas saíam do lado Norte e duas do Lado Sul. As duas do lado sul iriam ter de percorrer uma distancia maior. Teriam que ir de bicicleta até a Fazenda do Epaminondas e do Sítio Sacopemba da Professora Luzinete do outro lado do rio. O Chefe Remo se encarregaria de pedir a eles que guardassem as bicicletas. Para chegar lá teriam que ir até a Ponte dos Queimados na BR-143. Andariam bem uns quinze quilômetros. Mas o programa previa isto.

O bom do local era que nenhuma patrulha partiria do mesmo ponto. Cada uma ficaria no inicio do jogo pelo menos quatro quilômetros uma da outra. Viram também que o braço do rio a atravessar era quase idêntico um do outro. Não mais que sessenta metros. Agora era conhecer o interior da Ilha. Teriam que abrir quatro picadas, todas

elas incompletas para dificultar aos patrulheiros acharem com facilidade o caminho, pois muitas surpresas seriam montadas. Embrenharam-se na floresta e viram que ela não era tão difícil de caminhar. Já estavam construindo a primeira trilha. Faziam a picada por cem metros e mais outros cinquenta em mata virgem. Chefe Nemo calculou que de um lado ao outro da ilha seria mais ou menos dez mil metros. Marcou no passo escoteiro a quilometragem. O centro onde seria montada a final deveria ficar bem no meio da ilha. Chegaram próximo a duas enormes pedras e embaixo delas um descampado. Teria pelo menos uns duzentos e cinquenta metros quadrados. Beleza! O local ideal para uma final. Já estava escurecendo quando chegaram. Com as duas lonas fizeram uma cobertura entre duas árvores para passarem a noite. Chefe Euclides se prontificou a fazer o jantar. Goiabada e Calango foram explorar os arredores e acharam uma nascente. A água era excelente. Encheram os cantis e voltaram para o acampamento com os braços cheios de madeira seca.

Estavam cansados e dormiram cedo. No dia seguinte levantaram as seis e após o café iniciaram a picada dois. Outra para a patrulha que fosse sorteada naquele ponto. Não foi fácil. Mais de duas horas para chegar ao rio. Voltaram mais facilmente. Ao meio dia começaram a fazer a picada três. Não terminariam naquele dia. Só as quatro voltaram ao ponto de reunião. Fizeram ali mesmo uma pequena reunião. Analisaram o que fizeram e o que tinham de fazer. Por enquanto foi fácil. A parte II seria a mais trabalhosa Melhor voltar. Combinaram de um fim de semana sim e outro não para voltarem novamente a Ilha do Gavião Negro. – Interessante pensou o Chefe Remo, não vi nenhum Gavião na ilha. Onde eles estariam? Porque o nome? Precisava investigar. Às sete da noite apoitaram o barco atrás do curtume. Chefe Nemo ficou de passar lá na segunda para agradecer. Chegou à casa preocupado, mas satisfeito com o início da preparação do Grande Jogo Noturno. Teria que ser um sucesso. Ele não sabia se alguém um dia se preparou tanto para fazer um grande jogo de mais de dezesseis horas durante o dia e a noite. Se desse certo o Grande Jogo entraria para a história se desse errado ele sabia que não seria perdoado.

Chefe Euclides chegou cansado. Dona Marly sua esposa o esperava com um sorriso nos lábios – Como foi tudo? Perguntou. – Acho que vamos conseguir. Vai ser difícil. Teremos que sacrificar mais uns três ou quatro fim de semana para terminar. Chefe Euclides olhou bem no fundo dos olhos de sua esposa. Eles quase não se falavam. No ano anterior faltou pouco para uma separação. Quase. Nada estava dando certo. A marcenaria ia bem, mas o amor entre os dois parecia que estava terminando. Chefe Euclides era um homem calmo. Falava pouco. Mas mesmo assim ele perdeu a paciência diversas vezes com Marly. Ela para dizer a verdade não tinha culpa. Estavam casados há mais de cinco anos. Durante este período tentaram tudo para terem um filho. Não adiantou. Chefe Euclides sonhava em ter um filho. Se fosse um menino homem melhor, mas se viesse uma menina ele não se importaria. Talvez por ser impossível lhe dar o filho sonhado, Marly achava que seu casamento acabou. Ela vivia triste, chorosa e calada. Ela mesmo quase não falava com ele. Nunca esqueceu suas obrigações de esposa, mas só isto não resolve para que um casamento desse certo.

Ambos eram muito religiosos. Nas confissões não deixavam de comentar com o Padre Nestor o que estavam passando. Interessante que o padre Nestor mesmo para sua idade era muito ponderado. Chegara à cidade a mais de quarenta anos e sabia que todos o apreciavam. Suas missas lotavam a igreja de fieis. Sempre deu bons conselhos a cada um, mas quando já temos uma ideia formada não é fácil mudar. Dizem por aí que se conselho fosse bom teria um bom preço. Várias vezes o Padre Nestor foi à casa dos seus fieis. Bem recebido, jantava ou almoçava e tudo continuava como “dantes”. O escotismo para o Chefe Euclides foi uma válvula de escape. Sua mente clareou e ele achava que podia mudar também sua esposa. Marly não disse nada quando ele a convidou a participar do Grupo Escoteiro. Ela não entendia nada, só tinha o quarto ano e pensar que poderia ensinar meninos ela se perdia toda. Os tempos sempre mudam nosso pensamento e nada melhor que o travesseiro para pensar.

Ele sabia que a Alcateia iria fazer um acantonamento na semana seguinte. Conversou com a Akelá Ana Claudia e ela bastante simpática foi pessoalmente a sua casa fazer o convite. Dona Marly ficou sem graça e não teve saída, aceitou. Foi uma injeção de ânimo. Naquele sitio calmo, um lindo bosque gramado, uma linda cachoeira foi como um bálsamo para Dona Marly. Convidada como assistente aceitou de pronto. Dizem que muitas vezes a família participante no escotismo gera insatisfações e discussões. Mas tem muitos casos que são a solução para problemas familiares insolúveis. Dona Marly sabia que não poderia ter filhos. Conversou um dia calmamente com o Chefe Euclides para ambos verem a possibilidade de adotar uma criança. Chefe Euclides nunca havia pensado nisto, mas porque não? Como encontrar a criança perfeita, claro se existir uma criança perfeita para ser adotada? O Padre

Nestor prometeu ajudar. Conseguiu um panfleto de adoção que ensinava como adotar. Os dez passos para fazer uma adoção. Leram com atenção e deram os primeiros passos.

O Chefe Euclides e Dona Marly acharam os itens muito complicados, mas não desistiram. Tomaram as providências necessária. Agora era esperar e continuar a rotina de suas vidas. Vidas que mudou da água para o vinho. Pareciam dois casais novos e vê-los aos sábados de uniforme no Grupo Escoteiro Duque de Caxias ninguém diria que um dia pensavam em separar-se. Os quatro organizadores do Grande Jogo deram uma pequena pausa na montagem devido à programação do grupo que não podia ser cancelada. Goiabada e Calango avisaram que no sábado seguinte teriam uma jornada de bicicleta até a cidade de Brancas Nuvens. Fazia anos que não voltaram lá e os Escoteiros que conheceram naquela época se tornaram sêniores e insistiam na presença deles. - Chefe Euclides, disse Goiabada. Tem certeza que quer ir conosco? – Claro! Porque não? – Bem Chefe, são oitenta quilômetros de bicicleta, será que o senhor vai aguentar? Chefe Euclides deu uma risada, ora meus amigos ou sou Chefe ou não sou. Mas se alguns de vocês passarem mal podem deixar comigo. Sei como trazê-los de volta são e salvo. E riu a valer. Bem cada um sabe onde o calo aperta. Com aquela barriga todos os seniores ficaram em dúvida. Mas no final deram os parabéns ao Chefe. A amizade entre eles começava a nascer e crescer.

Capítulo V – Viver uma aventura é viver para sempre

Chefe Remo na reunião perguntou aos monitores se queriam fazer o programa do Bivaque programado no início do ano ou preferiam que a jornada fosse livre, sem programa fixo. À medida que fosse caminhando decidiriam o que fazer. Centalffo concordou. Corredor também. Sinaleiro ficou pensativo, mas concordou. Professor argumentou que seria melhor consultarem as patrulhas. Dava tempo, pois a reunião ainda estava em andamento. – Perfeito Professor, bem pensado disse o Chefe Remo. Têm quinze minutos para isto. É tempo suficiente? A jornada foi realizada e foi um sucesso. Vinte e três quilômetros em dois dias. Na volta vieram de ônibus de carreira. Parecia que a tropa tinha se esquecido do Grande Jogo Noturno. Ninguém falava mais nada. Naquela quinta à noite Centalffo, Corredor, Sinaleiro e Professor estavam na Praça da Igreja local onde semanalmente se encontravam. Quatro monitores que podiam ser considerados irmãos. Para eles nunca houve ciúmes, discussões inúteis nas centenas de jogos que fizeram. Tinham como lema “Que vençam o melhor”. E quem era melhor? Sem dúvida quem venceu o jogo ou ganhou a eficiência prometida.

Centalffo tinha perguntado no dia anterior ao Professor se o Orelhudo estaria pronto para uma jornada com o Cabeçudo da sua patrulha. Precisava de um companheiro para programar com o Chefe Remo a jornada dele. Professor disse que ia conversar com Orelhudo. Ali na praça com a patrulha reunida viram a Camélia passar. Ficaram em silêncio. Camélia era linda. Disputada pela rapaziada. Ia fazer quatorze anos, uma morena para ninguém botar defeito. Dissera no Colégio das Irmãs que nunca namoraria um Escoteiro. Namorar? Ela dizia, eles preferem suas patrulhas e a gente fica sozinha a espera de quem não aparece. Centalffo concordava com ela. Ele sabia se um dia fossem namorar o escotismo viria em primeiro lugar. Centalffo era um sonhador. Seu Pai dono do Açougue Trovão vivia dizendo para ele colocar os pés no chão. – Filho, sonhe muito, mas veja a vida como ela é. Centalffo amava seu pai. Pois ele não conhecia sua mãe. Disseram a ele que ela morrera quando nasceu. Não entendia muito bem quando lhe contavam esta história. Seu pai era mais amigo que pai. Dava a ele todo apoio e sua confiança em qualquer situação.

Entrou como lobo aos oito anos. Fazia tempo. Muito tempo mais dois meses seriam cinco anos. Ele achava que foi a maior e melhor decisão que tomou. Seu Pai? Só disse que era ele quem devia gostar para entrar e não ficar em cima de um saco de linhagem jogado na cabeça e fazendo a matemática do impossível para ganhar uns tostões por carga. Isto acontecia muito na chegada dos navios no porto do rio. Disto ele sabia muito bem, pois no escotismo aprendeu a se virar como poucos. Sempre fora um bom Escoteiro, nunca deixou de ser amigo e irmão ressaltando aqueles que gostavam de rua de mão única. Aqueles que achavam que o direito era de um só. Para ele só havia duas preocupações. Tirar boas notas no colégio e ser considerado um Escoteiro padrão. Aquele que podia dizer sem erro que possuía o Espírito Escoteiro. Quando foi eleito não mudou sua maneira de ser. Para ele o líder é aquele que reconhece a liderança de todos seus amigos. A patrulha tinha por ele alta estima e ele amava a seu modo todos eles.

Passava das oito da noite quando iniciaram a reunião semanal na casa de Corredor. Ele foi o primeiro a chegar. Até riu em dizer isto afinal à reunião sempre fora em sua casa e como anfitrião tinha que receber seus amigos. Todos da patrulha puma se orgulhavam dele. Corredor sabia que na reunião daquele dia os patrulheiros iriam comentar sobre o Grande Jogo Noturno. Alguém lhe dissera que viram o Chefe Nemo, Chefe Euclides, Goiabada e Calango descendo o rio pela manhã no barco do Curtume São Raimundo. – Onde foram? Perguntou. Ninguém sabia. Ele mesmo foi à casa de Goiabada sondar. Nada. Goiabada era um tumulto. O assunto correu de boca em boca. Era um disse me disse e cada um tirando suas próprias conclusões. O Chefe Nemo e os seniores mais o senhor Euclides poderiam ir onde quisessem, mas com o falatório do jogo noturno todos desconfiavam. Será que ele ainda seria realizado? Todos diziam que sim e ninguém duvidava. Para que cancelar se o Chefe Remo falou tanto dele? Para que se até eles deram suas sugestões para o jogo? Corredor tinha outras coisas para pensar. Dois Escoteiros da patrulha quase terminando as provas para receberem o cordão Verde e Amarelo. Toquinho e Mal me Quer mereciam.

As oito e vinte a reunião começou. E há tal hora inglesa? Corredor achava que eles nem sabiam o que era isto. Ele mesmo era pontual porque achava que Baden Powell foi quem determinou este horário. O Chefe Tadeu sempre dizia que horário é horário. Um absurdo deixar um amigo ou irmão Escoteiro esperando. Pontualidade

inglesa completava. Eles insistiam que era a pontualidade de Baden-Powell. As reuniões eram sempre feitas na sala. Sua irmã saía de mansinho e sua mãe não atrapalhava ou ia para a casa da irmã que morava ao lado. Sabia que só voltariam depois das nove. Ali na sala fizeram a oração e Cascudo leu a ata da reunião anterior. Ele sabia que só em sua tropa se fazia isto. O Chefe Nemo disse que tudo que se fala deve ser documentado. Advogado fez um retrospecto do dinheiro que a patrulha tinha em caixa. Mostrou quanto gastaram e ainda sobrou alguma coisa. Não muito. Pernilongo o almoxarife comentou do sumiço do facão no último acampamento. Ninguém quis assumir a responsabilidade. Corredor sabia que devia ser alguém da patrulha que em um lapso de memória esqueceu em algum lugar. Poderia dizer que foi ele, mas um dia aprenderia que dizer a verdade é o caminho correto para um bom escoteiro.

Sinaleiro tinha ido à casa do Chefe Nemo. – Chefe eu soube que o senhor recebeu pelo correio uma caixa cheia de moedas da boa ação? – Isto mesmo Sinaleiro. Mandei vir da capital - O senhor vai vender ou será para premiar uma patrulha ou um de nós? – Não Sinaleiro eu comprei quarenta moedas. Será meu presente para todos que participarem do Grande Jogo Noturno. – Vai ter mesmo Chefe? – Vai sim! Onde? Espere e aguarde. Ainda estamos definindo. Tomou um cafezinho que a Chefe Amelinha lhe ofereceu e se mandou. Tinha notícias. Precisava contar a todos. Sinaleiro se achava o bom para descobrir segredos ou mesmo o que ninguém contava. Lia muito histórias de detetive. Ele lembrava um dia que chegou um homem estranho na cidade no expresso do meio dia. Ele estava saindo da escola quando o viu. Parou de pedalar e viu que ele se hospedou na Pensão da Creusa. Humm! Pensou. Acho que é um espião. Risos. Espião? Era assim que Sinaleiro pensava das pessoas que chegavam à cidade e ele não conhecia. Fez até amizade com Juraci, filha de dona Creusa. Ela tinha uns vinte anos, mas Sinaleiro achava que era uma amiga e mais nada.

Correu em casa almoçou engolindo e sua mãe lhe chamou a atenção – Porque a pressa Mario Estevam (ela o chamava pelo nome e não pelo apelido) – Mãe, chegou um homem estranho na cidade. Preciso investigar – Olhe Mario não vá se meter em encrencas. Seu pai está viajando e só volta na semana que vem. Sinaleiro sabia que nunca iria se meter em encrencas. Ele se considerava um bom Escoteiro, mas adorava uma boa investigação. Voltou em minutos à pensão. Juraci disse que ele acabava de sair. Alugou a charrete do Pedro Malore. – Alugou? Ele foi sozinho na charrete? – Foi sim não sei para onde foi. Melhor você falar com Pedro Malore. Sinaleiro saiu em desabalada carreira e pensando – Ora, porque ele não deixou o Pedro Malore dirigir? Porque ele quis ir sozinho? – Pedro Malore era um gozador. Vivia rindo das pessoas. Quando Sinaleiro o perguntou sério respondeu – Acho que foi lá pelas bandas da Estrada Velha onde morreu o Chico Marcondes. Caramba – será que ele foi lá achando que o Chico Marcondes tinha escondido algum segredo? Em cinco minutos chegou ao alto do morro onde se avistava a cruz na beira da estrada onde Chico Marcondes foi morto com doze tiros. Foi o último e o primeiro assassinado na cidade. Deu o que falar.

Viu a charrete vazia. No alto do morro viu um vulto. Escondeu sua bicicleta e devagar, como sempre fazia quando andava no mato para surpreender sem ser visto, foi pé-ante-pé, abaixado até a figueira no alto do morro. Sabia que na descida havia uma enorme pedra. Devagar foi descendo o morro. Não viu ninguém na pedra. Começou a rodeá-la. Sentiu sua vista piscar com um clarão enorme, quando se dissipou viu o Alemão a sua frente com uma máquina fotográfica que acabara de tirar uma foto sua. Falava mal o português, mas disse o que ele precisava saber - Estava atrás de uns desenhos que alguém comentou com ele ser de uns homens do espaço. Ele viera ao Brasil atrás destes desenhos. Sinaleiro que tinha levado um enorme susto mostrou bem embaixo da pedra uma abertura – Tem lanterna? Perguntou. - Tenho, o outro respondeu. Em uma pequena abertura os levaram a uma pequena gruta. Muitos desenhos, todos os Escoteiros conheciam a gruta, mas não entendiam nada dos desenhos. Sinaleiro o ajudou até o escurecer. Prometeu no outro dia voltar a ajudá-lo. O Alemão deu a ele uma nota de cinquenta reais. Sinaleiro arregalou os olhos. Nunca tivera tanto dinheiro em sua vida.

Sinaleiro ajudou o alemão por cinco dias até quando ele partiu. Ninguém nunca soube de suas fotos, quem sabe lá na Alemanha vão ficar sabendo. Professor riu quando Sinaleiro contou a história. Professor sabia que muitos cientistas vinham ao Brasil para estudar nossa história e a história do mundo. São essas coisas que fazem entender melhor de onde viemos e para onde vamos. O Senhor Paulo Arlindo pai do Professor sabia que o filho tinha um conhecimento bem elevado para um jovem da sua idade. Ele estava apenas com treze anos. Paulo Arlindo trabalhava na Prefeitura e mesmo com novos prefeitos nunca foi demitido. Pudera era um funcionário que se podia dizer insubstituível. Uma espécie de Guarda Livros hoje conhecido como Contador. Sabia tudo da prefeitura local. Quando

o TCM (Tribunal de Contas dos Municípios) mandava alguém fiscalizar era com ele que conversavam. Sempre fora um homem respeitado pela honradez ética e palavra. Uma integridade que nunca foi posta em dúvida. Nunca aceitou suborno apesar de que várias vezes foi procurado por auxiliares de alguns prefeitos de cidades vizinhas para isto.

Professor sabia quem era seu pai. Tinha orgulho dele. A cidade em peso dizia que podiam confiar. A prefeitura estava em boas mãos. Trabalhava sem nada esconder sempre às claras. Professor seguia seus passos. Mas não queria ser um contador somente. Pretendia na hora certa ir para a capital. A Tia Noêmia já havia colocado sua casa a disposição. Professor adorava o escotismo. Nunca deixou suas obrigações sem fazer, mas no primeiro momento de tempo livre lá estava ele com seus amigos da patrulha ou com os monitores da tropa. Vibrava quando saiam para acampar. Adora excursões e atividades aventureiras. Chegou a fazer desenhos de diversas pioneiras, todas elas dentro dos padrões técnicos. Mas depois deixou de lado. Achava que isto tirava a criatividade. Para ele cada um deveria criar suas próprias pioneiras sem ficar copiando as dos outros. Notou que o Chefe Nemo dava notas mais altas nas inspeções matinais naquelas que quem fez teve criatividade.

Ele e seus Patrulheiros sempre tinham reuniões de patrulha todas às quartas feiras ou na sede ou em casa de um deles. Mesmo sem estas reuniões a turma se encontrava sempre na Praça da Igreja. Eram uma equipe e amigos para sempre. Os outros meninos da rua ou do bairro que não eram Escoteiros também tinham sua turma e muitos deles o procuravam reclamando de não ter vaga para eles na tropa. A cidade merecia ter três Grupos Escoteiros. O pormenor era que a prefeitura não ajudava nas finanças e só colaborava com o local. Bem era um local lindo e eles tinham trabalhado muito para construir um salão e dividir em oito. Quatro cantos de patrulhas para os Escoteiros e quatro para os seniores. Como estes só tinham três patrulhas sobrava um cômodo. Os lobinhos tinham sua gruta na área da sede próximo ao salão. Eles não podiam reclamar, pois estavam bem colocados. Se eles já tinham o problema de chefia se surgisse outro grupo isto seria um motivo para não seguir em frente.

Passou-se duas semanas. Chefe Nemo, Chefe Euclides, Goiabada e Calango voltaram à ilha duas vezes. Podiam dizer que estava tudo quase pronto. A preparação das armadilhas deu uma mão de obra tremenda. A ilha não era prodiga em cipós. Custaram para conseguir o necessário. Foram vinte armadilhas de pega-pé, Lata d'água (foi uma dificuldade, pois precisavam de 40 latas de vinte litros e cem latas de um litro) e também as diversas armadilhas do Morteiro Fatal. Sem esquecer as quarenta que fizeram do carrapicho no rosto. Acredito que todos conhecem, pois água caindo na cabeça, latas caindo fazendo barulho, pisar e ser pego levantado pelo pé a dois metros de altura, esbarrar em um cipó esticado e levar uma varada nas costas ou galhos no peito e quando se esbarrava em um pequeno galho o barulho das latas caindo era imenso. Pensar que quatro patrulhas iriam passar por tudo aquilo valeria a apenas todo o trabalho realizado. Um enorme susto eles iriam levar. Em plena noite sem lua dentro de uma floresta seria lembrado para sempre.

Dona Marly esposa do Chefe Euclides e Amelinha ficaram dois dias fazendo as braçadeiras coloridas que iriam decidir a vida ou a morte de cada Escoteiro. Fizeram também as bandeirolas que iria demarcar parte da trilha desde o início. Foram feitas 32 braçadeiras. Oito verdes, oito azuis, oito pretas e oito cinzas. Vermelhas não, pois à noite poderiam chamar a atenção. Elas foram feitas com um elástico leve para facilitar a morte rápida de quem perdesse ou pontos para quem conseguisse tomá-la. Entre as pedras eles conseguiram fazer uma cerca de madeira em circulo sendo à frente em paliçada. Foram preparadas seis tochas colocadas em volta da cerca de madeira e que deveriam durar por toda a noite. O cálculo é que se alguém conseguisse chegar até ao Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana não seria antes de cinco da manhã. O forte era fácil de conquistar. No centro da Oca estaria fincado o Totem da Vitória. Chefe Euclides fez uma linda cabeça de um Gavião e o pintou de negro. O bastão era todo cravejado de pedras cristalinas que ele mesmo retirou no Riacho Uruçanga. Chefe Nemo ficou entusiasmado com o Totem. Nunca em sua vida viu algum igual.

Capítulo VI – A Ilha do Gavião Negro

Dois meses para preparar. Cada patrulha ia receber um kit contendo as oito braçadeiras, uma bússola silva, um mapa da ilha com marcação dos pontos importantes – Saída e chegada. Foi anexada uma foto do Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana para cada patrulha. O Totem da Vitória ficou exposto na sala da sede por duas reuniões. Faltava somente fazer a Carta-Prego onde iriam ter detalhes de como seria o jogo, horário de início e as regras que valeriam para todas as patrulhas. Cada patrulha deveria fazer sua própria lista de material não esquecendo a caixa de primeiros socorros. Agora era dar início aos preparativos finais. A Corte de Honra daquele sábado durou mais de duas horas. A tropa fervilhava de boatos. Cada um dos Escoteiros contava uma coisa. Havia no ar um cheiro de aventura. Havia também um cheiro de mistério. Os monitores acharam por bem que só o Chefe Remo deveria estar presente. Mesmo que o Chefe Euclides e os seniores Goiabada e Calango tivessem parte importante na preparação do jogo, eles insistiram em manter a tradição de que só a convite alguém fora da tropa poderia comparecer.

Após a leitura da ata e aprovação o Professor que era o Presidente deu início os trabalhos com os temas rotineiros. Todos queriam apressar e não discutir muito, pois cada um dos monitores estava com os nervos à flor da pele. E o jogo? Pensavam. Tanto se falou tanto se discutiu que ninguém queria esperar mais. Tem ou não tem? Vai sair ou não vai? Chefe Remo estava sério. Ele sabia que precisava criar um clima de mistério, um áurea de suspense, um clímax de aventura, pois só assim as patrulhas iriam participar de corpo e alma. Ele até pensou em entregar a cada patrulha a norma por escrito e com as histórias que deveriam impressionar a todos. Mas precisava falar aos monitores de maneira mais mística que conseguisse. Era ali que iria mostrar se o jogo teria o valor esperado ou não. Chefe Remo levantou e começou a andar em volta da mesa que seria para escrever e onde estava uma garrafa com chá e ao lado alguns biscoitos de maizena. Não havia horário para se servir. Cada um se servia a vontade e a qualquer hora.

Sinaleiro não aguentou mais – Chefe e aí? Vai continuar com este suspense? Bora Chefe, estamos esperando! – Centralfo não se fez de rogado. Também pediu ao Chefe Remo que iniciasse a explanação do jogo – Olha Chefe, falou – Tem dois meses que a patrulha não fala outra coisa. Um Escoteiro inclusive descobriu o senhor e os seniores a descer o rio no barco do Curtume. Foi à vez de Corredor - Chefe se este jogo não sair não sei não! E riu baixinho. Por ultimo o Professor levantou e se postou em frente ao Chefe Remo – Vamos lá Chefe, estamos aguardando! Chefe Remo pensava se era a hora dele começar a falar sobre o jogo. Achou que sim. – O jogo vai sair. Será daqui a duas semanas. O local? Acho que muitos de vocês ainda não conhecem. A Ilha do Gavião Negro. Um silêncio mortal na sala. Se uma mosca passasse voando seria como se um Boeing estivesse levantando voo. Sentem-se todos. Vou explicar como será para vocês passarem a patrulha. Quero que na próxima reunião todos já saibam como será, onde será e quando será.

Enquanto o Chefe explicava o jogo aos monitores os seniores Goiabada e Calango estavam em outra missão. Eles tinham que encontrar o Senhor Machado, um dos moradores mais antigo na cidade. Milhares de perguntas fervilhavam em suas mentes. Porque a Ilha se chamava Ilha do Gavião Negro? Quem deu este nome e por quê? Ninguém na cidade se perguntou sobre isto? A ilha era deserta, estranho isto. Menos de sessenta metros de braço da margem até ela e ninguém se interessou a morar lá? Tinha boa aguada, áreas altas cujas enchentes não chegavam. Eles sabiam que nunca morou ninguém lá, pois rodaram a ilha em todos os cantos. Era um mistério. Eles pesquisaram na biblioteca, com vários pais e comerciantes e ninguém sabia por que a ilha chamava Gavião Negro. Disseram para eles que só o Coronel Lúcifer, ou melhor, Coronel Elias (Elias Machado) poderia saber. Ele foi um dos primeiros moradores na fundação da cidade. Nasceu aqui por volta de 1892, muitos dizem que ele tem mais de 106 anos. Quem já viu sua certidão de idade consta que só tem 102 anos, mas ele alega que só foi registrado em 1896. Poxa, o homem era Velho mesmo. Interessante que ninguém da cidade se interessou em perguntar a ele se sabia da história da ilha.

Ele não estava na praça. Goiabada e Calango perguntaram a todos no Bar do Ôrico. Era um bar antigo e lá também os sem o que fazer jogando sinuca e não sabiam de nada. Goiabada comentou com Calango – Você já notou que em qualquer boteco se encontra gente bebendo pinga e jogando sinuca? Calando balançou a cabeça. Ele sabia que os empregos eram poucos e a maioria que ali frequentava estava desempregada. Bem problemas deles! – Olhe,

sabe a Dona Filomena? – disse Calango. - Aquela que dizem ser caduca? Ela é bem velha e pode saber ou então nos dizer onde mora o Seu Lúcifer. Não deu outra eles precisavam saber e não queriam voltar para casa de mão abanano. Lá foram eles a casa dela. Morava na Rua Oito. - Rua Oito pensou Goiabada. Porque ainda não tem nome? Desde que me conheço por gente que lá é Rua Oito. Acho que por não ter água e nem luz eles não querem dar nome. Era perto logo avistaram a casa dela. Tiveram uma surpresa. Era linda a casa toda pintada de branco com cercas de madeira pintadas de azul. Espetacular era o jardim. A entrada, rosas vermelhas, brancas, amarelas pétalas caindo e ambos ficaram ali olhando a beleza daquela entrada maravilhosa.

Dona Filomena estava na janela quando eles chegaram. Sentia-se sozinha em sua casa e toda visita era bem vinda. Mandou-os entrarem com um sorriso diferente. Lindo seu sorriso para alguém de 90 anos. Goiabada e Calango entraram. Na sala uma mesinha e quatro banquetas de madeira. Sentaram e ela ofereceu um café. Seria uma falta de cortesia não aceitar. Dona Filomena fora uma mulher bonita. Ainda dava para ver seus olhos castanhos, enormes sua feição delicada apesar das rugas que tomavam conta. Interessante, conversa bem, compassadamente e sempre olhando nos olhos dos visitantes. Diferente de muitos que conversam olhando o chão. Calango lembrou o que sua mãe um dia lhe disse – Filho se você vai conversar com alguém levante a cabeça, sem ser altivo nunca de cabeça baixa. Se ficar assim podem pensar que esconde algo. Fique atento se alguém abaixar cabeça. Se isto acontece pode ser falsidade ou então que a pessoa é tímida. Não era o caso de Dona Filomena. Conversava bem próximo e olhando nos olhos. Tomaram o café e logo perguntaram a ela pelo Coronel Lúcifer - Desculpe Dona Filomena, a gente queria dizer Elias Machado. Dona Filomena riu. – Tudo bem meus jovens. Todos sempre o chamaram assim.

- Sabem que ele tem uma história muito triste? – disse Dona Filomena. Calango e Goiabada ficaram surpresos. Histórias da cidade, de seus cidadãos, dos feitos e efeitos nunca eram contadas. Novidades sim. As lavadeiras nas pedras do Rio Formoso que o digam. Ali se sabia de tudo menos do passado. – Ele perdeu a esposa quando estavam casados a menos de seis anos. Dois filhos também. Dizem que foi uma fatalidade e ele nunca se conformou. Acho que foi lá por volta de 1935 eu estava com quinze anos. Precisavam ver o cabelo que eu tinha. Dona Filomena contava e sorria. Foi Orosimbo um vaqueiro da Fazenda Prata Formosa que desviou uma manada de cavalos selvagens para a rua principal. Dizem que ele estava bêbado e isto não era surpresa. Ele sempre estava. Os cavalos a galope não perdoaram ninguém que estava nas ruas e calçadas. Morreram mais de doze pessoas incluindo a esposa e filhos do Elias. Ele nunca se conformou. Orosimbo sumiu da cidade e Elias também. Ele ficou vinte anos fora. Soube por fontes ocultas, risos, que ele foi atrás de Orosimbo. Se o matou não sei.

- Quando retornou se exilou na sua fazenda. Na época era a melhor da cidade. Muitos bois, plantações de feijão e arroz que sustentava toda a cidade. Tudo isto acabou e com a amargura de perder quem amava ele não teve mais interesse na vida. Só não se matou porque era muito católico. Aos poucos virou um bicho do mato. Barba grande, cabelos grandes, quase não tomava banho. Era um mau cheiro terrível. Foi Benedita sua empregada que o salvou de morrer na “fedoreza” como ela disse. Ela brigou com ele tanto que ele de raiva pulou no rio para se matar. Esqueceu que era um emérito nadador. Saiu da água meio limpo e sem o cheiro. Ele gostou e voltou a tomar banho. Mas sempre caladão. Eu nunca fui sua amiga e Matozinhos meu esposo também. Lembro como se fosse hoje que ele entrou na Rua Coronel Afonso a principal da nossa cidade, a cavalo, com uma linda cabeleira branca solta com o vento jogando seus cabelos de um lado para o outro. Um espetáculo inolvidável. Havia mais de vinte anos que ele não vinha à cidade. Todos saíram à porta para ver.

- Dona Filomena deu uma parada – Foi até o forno retirar umas brevidades que deixou assando. Trouxe-as a mesa para os meninos saborearem. – Continuou – Ele o Senhor Elias parou em frente à casa do Gervásio, desceu e a menos de um palmo do seu nariz pediu sua filha em casamento. Gervásio quase caiu de costa. Um Velho de seus setenta anos querendo casar com sua filha de dezesseis? Isto aconteceu há uns trinta anos foi quando elegeram aquele garotão bonito para presidente. O Doutor Fernando Collor. Homem lindo! Eu o adorava, foi uma brutalidade o que fizeram com ele. – Goiabada e Calango se entreolharam. Quem seria este Presidente? Não lembravam que nos livros de história ele estava lá, na foto que choferava um jatinho da FAB. – Sabe, continuou dona Filomena, o senhor Gervásio o mandou entrar em sua casa. Pediu para Risoleta sua esposa servir um café novo para ele. Sentaram ambos em volta da mesinha de madeira quase parecida com esta que vocês estão vendo. Violeta chegou correndo do quintal. Brincava com as outras meninas quando soube do pedido do Senhor Elias. Ela rosada pelo sol era uma

bela “guapa”. A cidade dizia que ela se candidatasse para miss ganharia na certa. Ela na sua ingenuidade dos dezesseis anos chegou perto dele e disse – Quer casar comigo? Então tem de me levar para conhecer Paris!

- Gervásio ficou estupefato. Sua linda filhinha inocente aceitando casar com aquele Velho? Ele sabia que quem oferece perfume pode também oferecer flores. Nem precisou arrematar. Seu Elias disse que se eles se casassem ele poderia ficar com oitenta alqueires que ele tinha entre o ribeirão das Flores e até a estrada BR-123. Gervásio arregalou os olhos. Era um mundão de terra e a ganância foi maior que o amor a sua filha. Dois meses depois se casaram, foi um casamento de arromba que durou quase três dias. Não sei quantos bois, galinhas, porcos e uma centena de cabritos foram servidos por trinta cozinheiros. Veio uma orquestra da capital. Ele pagou uma fábula para trazer Tonico e Tinoco. Uma festa para ninguém botar defeito. Dizem que tudo que é bom dura pouco. Não se sabe o porquê Violeta começou a emagrecer, vomitar sangue e um belo dia morreu. Eu lembro que o Senhor Elias mandou vir os melhores médicos da capital e nada. Desta vez ele queria se matar. Tentou e tentou e nada. Não conseguia.

Viram-no um dia pegar um caiaque e descer o Rio Formoso. Alguns dizem que ele foi até Santo Ambrósio a uns duzentos quilômetros rio abaixo, mas outros juraram que ele parou na Ilha do Gavião Negro. Naquela época não se chamava Gavião Negro. Não tinha nome, era somente uma ilha qualquer desabitada. Dizem ainda que ele se embrenhou na mata e ficou por lá mais de dez anos. Como vivia, o que comia ninguém nunca soube. Começaram a correr os boatos principalmente que Gervásio se achou dono de suas terras. - Se ele sumiu e minha filha que morreu era sua esposa eu tenho direitos, ele disse para toda a cidade. Uma bela manhã de novembro o céu escureceu com centenas de pássaros. Eram gaviões. Aos milhares e todos negros. Monsenhor Colasuonno o padre na época disse que era a peste negra. Entrou e benzeu a cidade com a igreja cheia de medrosos habitantes. Todos acharam que iriam morrer. Ninguém ficou doente. Por cinco meses os pássaros não apareceram. Sem ninguém esperar o Senhor Elias apareceu seminu, com uma pele de onça a cobrir as partes íntimas e atravessou a cidade de uma ponta à outra. Andava como se estivesse desfilando na realeza. Trazia no ombro direito um enorme Gavião Negro e na outra um enorme cajado. Enorme mesmo. Eu mesmo perdi a fala ao ver aquela visão deslumbrante e imponente. Não sabia como o Senhor Elias tinha forças para suportar aquele peso nos ombros.

Goiabada e Calango não tiravam os olhos de Dona Filomena. Aos poucos estavam montando a história do nome e do segredo da ilha misteriosa. Incompleto ainda, mas o novelo começava a se desenrolar – Dona Filomena parecia hipnotizada ao contar esta parte da história do Senhor Elias, ou melhor, do Coronel Lúcido – Assim como ele apareceu ele sumiu na curva da Avenida Coronel Afonso que naquela época não tinha calçamento rumo a sua fazenda. Dizem que Gervásio chegou correndo a cidade eu não vi porque estava viajando. Dizem que ele estava todo bicado e sangrando. Ele tomara posse da fazenda e fora morar lá. Contaram ainda que no mesmo dia ele fez as malas e sumiu com sua esposa no ônibus das sete da noite. Para onde foram ninguém sabe. O senhor Elias nunca mais deu as caras aqui na cidade. Vários moradores valentes atravessaram o rio e armados de carabina e garruchas adentraram mata adentro na Ilha que agora chamavam do Gavião Negro. Não encontraram nada. Nem sinal onde o Velho dormiu ou viveu. As pedras no centro da Ilha estavam lá. Pensaram que elas poderiam ter alguma entrada secreta para uma caverna, mas nem sinal.

A noite caía, devia passar das sete. Goiabada e Calango estavam como adormecidos com as histórias de Dona Filomena. Nunca pensaram que na sua cidade tinha histórias incríveis e que Dona Filomena era uma contadora de história sem igual. Acreditar? Tinham que acreditar. Mas a rodada de histórias daquela noite terminara. Dona Filomena disse que estava cansada. Precisava dormir. A casa dela estava sempre aberta para eles. Podiam voltar amanhã. Quando iam perguntar onde morava o Senhor Elias hoje parece que ela adivinhou – Não vão lá disse – Ninguém vai a sua fazenda sem sequelas. Vários moradores tiveram morte súbita natural ao voltar e outros nunca contaram o que viram e ouviram. Ou ficaram surdos ou cegos. Uma cortina de medo, horror, pavor e pânico envolve sua fazenda sinistra. Calango e Goiabada saíram agradecendo a hospitalidade. No fundo os dois seniores tinham sentimentos nobres. Sabiam respeitar os mais velhos. Eram ainda aprendizes de “cavalheiros” uma raça em extinção. Pela rua deserta e escura em silêncio suas mentes voavam a grande distância. Eles sentiram um vento frio em suas cabeças, um enorme Gavião Negro sobrevoava acima dos dois a uns quatro metros de altura. Goiabada e Calango estremeceram. Bruxaria? – Ave Maria, cheia de graça, o senhor é convosco... E lá foram eles rezando para suas casas.

Capítulo VII – O fim é o começo de tudo

Corredor estava sentado no banco que a patrulha fez em volta do pé de Jenipapo esperando a patrulha chegar. A reunião com o Chefe Remo foi cuidadosa e curta. Ele parecia explicar o Grande Jogo como se estivesse telegrafando. O que deu para entender? – Uma ilha misteriosa com o nome de Gavião Negro. Mais ou menos dez quilômetros de largura por oito de comprimento. Sua patrulha Puma deveria estar a postos no Sítio Sacopemba às doze horas do dia 22 de julho. Lá eles abririam uma carta prego que daria todas às coordenadas. Recebeu uma lista de materiais que precisavam levar. Até aí tudo bem. Ele sabia onde era o sítio Sacopemba. Lembrou que ele disse que seria uma luta difícil e renhida de todos os participantes. Seria um jogo de vida ou morte e aos vitoriosos um belo troféu. Tudo seria a noite. Eles teriam 12 horas para chegar ao Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana. Que nome esquisito pensou. O forte tinha uma cerca de madeira com mais ou menos quinze por quinze. No meio fincado no chão O Totem da Vitória. Para piorar as coisas ele disse que seria como no filme Highlander, o Guerreiro Imortal onde só um podia sobreviver. A ele tudo. A ele o Totem da Vitória. Para ele todas as honras e glórias. Seu nome ficaria para sempre gravado nos livros de patrulha e teria na sala da sede sua foto. Caramba! Quem seria este herói?

No mesmo horário Centeralfo reunia sua patrulha no coreto da praça. Repetiu a mesma coisa que o Chefe Remo dissera. Todos ficaram de olhos arregalados. Doze horas do dia 22 de julho deveriam estar preparados para abrir a carta prego há onze quilômetros descendo o Rio Formoso após o Curtume São Raimundo. Todos sabiam da estrada que margeava o rio. Cada um dos patrulheiros querendo saber mais e Centeralfo não tinha mais a falar. Quando explicou que muitos iriam morrer todos se assustaram. Morrer? – Calma disse Centeralfo deve ser morte como todos os jogos que já fizemos. O Chefe Remo disse que era um jogo para homens preparados para viver e morrer. E quando ele disse que só um sobreviveria para ser o herói, aquele que conseguiria ter o Totem da Vitória todos ficaram de olhos arregalados. Centeralfo conhecia seus patrulheiros. Sabia que podia contar com eles em qualquer ocasião. Era o jogo esperado há muitos anos. Um jogo que seria jogado como nenhum outro. Centeralfo não tinha medo. Dizia para todos que para ele esta palavra não existe. Bem em termos, pois quando viu o Fantasma do Coronel Pampam no acampamento do Vale Mocréia dizem que ele encheu as calças, mas isto é outra história.

Dona Esmeralda mãe de Sinaleiro serviu uma bacia de doces a patrulha Falcão do seu filho. Mario Estavam seu nome de batismo era filho único. Ela se orgulhava dele. Bom filho, bom aluno e sabia que devia muito ao escotismo. Ele estava fazendo do seu filho um homem. Os patrulheiros já haviam discutido todos os pormenores que sabiam. Ficou uma dúvida onde seria a Fazenda Epaminondas. Foi Marca Passo quem lembrou a eles quando foram de bicicleta até a cidade de Manto Dourado no ano passado. Eles passaram pela fazenda. Era do outro lado do rio. Havia uma espécie de frenesi na patrulha. Um desejo de que o dia 22 de julho às doze horas chegasse logo. Cada um queria ser o herói. Aquele que conquistaria o Totem da Vitória. Eles já passaram por jogo de vidas. Alguns sobreviveram outros não. A patrulha era escolada. Dos oito escoteiros um haveria de ser um imortal como o tal Highlander. Só dois tinham assistido o filme. Era proibido para menores de doze anos. Sinaleiro tinha treze e Baratinha também. Eles contaram sobre o filme. Muitos sonharam a noite com suas espadas mágicas a lutar para ser o único, aquele que seria imortal.

Professor metódico como ele só, tinha feito um relatório. Entregou para cada um. É para vocês lerem e decorarem. Vamos planejar toda a espécie de luta na selva e a na escuridão. Depois iremos treinar na Mata do Capitão local já conhecido de todos. Vamos nos preparar como nunca. Precisamos de tinta negra própria para pintar a cara, os braços e as pernas, pois Chefe Nemo disse que deveríamos estar uniformizados. Todos devem treinar também a luta corpo a corpo. Não sei como será a vida de cada um, mas pensemos nos jogos de escalpes que já fizemos. É à noite. Alguém pode surgir do nada e nos matar. Vamos treinar juntos e depois separados. No dia do Grande Jogo estaremos em uma mata muito maior. Vamos ter de estar às doze horas do dia 22 de julho em Marcelândia. Fica a mais de dezesseis quilômetros pela BR 263. É uma usina de cana de açúcar. Lá é a ponta da ilha onde vamos atravessar. Ninguém deve contar para ninguém nosso treinamento. É confidencial. O Totem da Vitória tem de ser nosso. Pequeno Polegar estava de olhos arregalados. Pensava se deveria ir. Tinha menos de um metro e quarenta, magro e adorava os Escoteiros, mas agora essa luta de morte seria para ele tudo que não sonhou e tudo que ele deveria fazer para cair fora. Não fez isto. Era um Escoteiro. Não foi um Escoteiro quem disse que o medo é o sonho dos fracos?

A noite caiu mansamente. O relógio marcava as horas como sempre fazia. Aquele mês de julho prometia parecer com outubro ou novembro. Não fez frio e nem choveu. Ainda bem que em junho choveu demais. Calango estava calado e Goiabada também. Chegaram à beira do rio quando o sol estava se pondo. Estes dois amigos tinham uma química entre si. Não precisavam falar para se entenderem. Um piscar de olhos, uma batida na perna, um coçar no nariz e pronto. Eles se entendiam. Dizem que o ser humano precisa um do outro, pois ninguém consegue viver só. Pelo menos Goiabada e Calango não tinham esta dificuldade. Diziam que onde um estava o outro estaria também. Se perguntassem a eles o que eles sabiam sobre amizade é bem possível que ririam e não saberiam responder. Esperar que eles filosoficamente dissessem que a verdadeira amizade é aquela que nos permite falar, ao amigo, de todos os nossos defeitos e de todas as nossas qualidades e ser entendido eles sabiam que não aconteceria nunca. Mas bastava para entrar no fundo do coração de cada um, no olhar profundo, no sorriso quando estavam juntos que sem sombra de dúvida se saberia que ali estão dois amigos e irmãos escoteiros.

Todos os dias da semana ambos ficaram pensando no Grande Jogo Noturno. Seria um sucesso disto não tinham nenhuma dúvida. Eles gostavam do Chefe Remo mais que tudo. Quando a idade chegou e tiveram que ir para a Tropa Sênior eles pediram ao Chefe Remo se poderiam ficar mais um ano. Foram contra a vontade. Mas as surpresas existiram como antes e eles começaram a se motivar. Mas o que martelava mesmo na mente de cada um era a história do Gavião Negro e o Coronel Lúcifer. Irmão do capeta? Deus me livre. Era uma história fantástica. Então havia no passado um morador na ilha? Mas como se eles não viram sinais, escombros de casas nada? Será que teria alguma gruta alguma caverna desconhecida ou tinha um buraco que ia dar no inferno? Os dois sabiam que o assunto não ia encerrar depois do jogo. Ah! Não ia mesmo. Eles levariam a história para a tropa sênior. E esta eles sabiam que seria um prato cheio. Nem que demorasse um ano, mas iriam descobrir. Pensaram em ir até a fazenda do senhor Elias, mas se ninguém ia até lá e os que se arriscaram sofreram consequências será que eles deveriam ir? A dúvida permanecia. Pela primeira vez eles tinham na mão uma história fantástica que merecia ser desvendada. Mas esta é outra história que fica para outra vez.

- Sabe Goiabada, gostaria de participar deste jogo – falou Calango. – Eu também disse goiabada. Acho que estes Escoteiros irão participar de uma atividade única. Duvido que alguma tropa algum dia tenha conseguido fazer este jogo. Daria tudo para participar de um. Ambos não eram amadores. Atividades de todos os tipos eles participaram. Não havia uma montanha, uma floresta, rios, lagos piscosos, cidades próximas, picos, vales campinas que eles não tivessem explorado ou acampado. Gostavam muito de desafio. Ainda bem que os chefes com quem eles participaram eram liberais e sempre acreditaram na linha do “fazer fazendo”. Goiabada viu um vulto batendo asas no meio do rio. Deu um voo rasante e mergulhou. Vários minutos se passaram. O Gavião lá bem no fundo do rio. Apareceu na margem com um belo piau preso nas suas garras. Era um enorme Gavião Negro. Goiabada olhou para Calango – Você viu isto? Não era um mergulhão nem um Martim Pescador, era um gavião, pode? Nunca vi isto em minha vida disse Calango. – Sabe Calango eu acho que coisas impossíveis estão chegando por aí. Vamos ter belas surpresas. Julho sem frio, rio calmo, vento sul soprando fraco, lua cheia sem o anel em volta. E agora um Gavião Negro a mergulhar nas profundezas do rio atrás de peixe? Isto foi uma surpresa para mim. Calango também pensava o mesmo, seu pensamento corria sem ele perceber a pensar como seria a fisionomia do Senhor Elias, ou melhor, Senhor Lúcifer. Diga-me porque colocaram nele este apelido?

Desceram da pedra que estavam sentados e partiram. O grande dia estava chegando. Quantos meses preparando? Mais de dois. Valeu a pena. Dona Marly dormiu pouco aquela noite. Chefe Euclides recebera a notícia e logo correu a rua para soltar um foguetório. Todos acorreram a casa dele. – Euclides! O que houve? Ficou rico? – Ele ria e soltava foguetes mais foguetes – Eu vou ser pai, eu vou ser pai! E ria abraçando os amigos. Quando chegou aquela tarde em casa do trabalho viu que Marly chorava. Preocupado a abraçou perguntando o que aconteceu. – É de alegria Euclides. Conseguimos! – Conseguimos o que? Fale mulher! - Estou grávida, Não sei como, mas estou grávida! Ela disse. Para ele não haveria notícia melhor. Ser pai sempre fora seu desejo e agora ia acontecer. Mas a alegria não parou por aí. Uma carta do Juizado da Infância e da Juventude estava aberta na mesa. – Dizia: Vocês foram aceitos para adotar de uma criança. Devem comparecer até cinco dias após receber esta a nos procurar no Lar Nossa Senhora, pois temos diversas crianças preparadas para serem adotadas. – E agora Marly, o que faremos? - Ficaremos com os dois ela disse. Foi Deus quem quis assim. Ele concordou sorrindo. Em vez de um teriam dois! Felicidade em dobro!

Foi com Marly até casa do Chefe Nemo, queria dar a notícia pessoalmente. Mas tiveram que parar na casa de vários amigos que souberam da notícia e faziam questão de brindar a felicidade do casal. Quando deram por si passava da meia noite. Fica para amanhã. Agora não é hora de chegarmos a casa dele e fica até estranho isto, disse. Voltaram para casa não antes de passarem na igreja. Rezaram e agradeceram a Deus pela sua infinita bondade em atender seus pedidos. Chefe Euclides não conseguiu dormir bem aquela noite. Primeiro a notícia que ia ser pai e depois os preparativos finais para o Grande Jogo Noturno. Passou grande parte da noite sentado na cadeira de balanço na varanda de sua casa, e sua mente percorreu o passado nos últimos meses. Quantas coisas boas aconteceram em sua vida? Primeiro só vivia para o trabalho e quando ia para sua casa só via Marly triste e dificilmente sorria. Agora tudo mudou. Entrar para os Escoteiros foi a melhor decisão que tomou em sua vida. Foi uma mudança da água para o vinho. Conheceu ótimas pessoas e amigos do peito, em uma organização que todos diziam que eram irmãos de sangue para sempre. Seu espírito se desprendeu do seu corpo e ele nem lembrou onde tinha ido. Mas seus benfeitores o preparavam para a grande responsabilidade de ser pai.

Chefe Nemo estava sentado na varanda de sua casa. Cantarolava baixinho o que o Tenor Luciano Pavarotti cantava através de seu toca disco de cristal. Já tinha ouvido La Traviata de Giuseppe Verdi, e agora tocava Aída de Verdi e logo após La Bohemia, Tosca e Madama Butterfly (Giácomo Puccini). Ele nunca esteve tão feliz. Sabia que o jogo seria um sucesso e nada iria impedir isto. Se chovesse melhor. O jogo na mata virgem, na escuridão e chovendo a cântaros iria ser lembrado para sempre por todos os Escoteiros. Ele queria um jogo viril, não que alguém se machucasse ou que acontecesse um acidente para que fosse condenado pelos pais. Ele queria sim mostrar aos jovens que eles poderiam se orgulhar em ter participado do maior jogo noturno de todos os tempos, não importando se fossem vencedores ou não. Ele sempre disse que desafios iriam aparecer a cada esquina e se fugirmos de um fugiremos de todos. Não é assim que um Escoteiro procede. Ele sempre acreditou na Lei Escoteira. Sempre cobrava de todos na tropa as responsabilidades de cada um. Seu intuito era só um. Formar homens de caráter que não tivessem medo do presente e do futuro. Se eles soubessem proceder como homens, mas agindo honestamente com seus “inimigos” no jogo, sendo leal e cortês já teria valido a pena. Fez questão de escrever no início da carta prego uma inscrição que dizem estaria nas paredes da Biblioteca Real do Palácio de Buckingham: “Ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!”.

Ele não tinha certeza de que sua atuação no movimento Escoteiro era o que devia ser, ou melhor, sempre se perguntou se o caminho para o sucesso seria o que tinha escolhido. Ele se perguntava diversas vezes porque era um Chefe Escoteiro. – Sempre vinha a sua mente a mesma resposta: Porque acredito no Movimento como formação de jovens. Seria isto mesmo? Não seria uma resposta capciosa? – A duvida continuava e ele se perguntava - É uma resposta certa? - Sou um professor? - Um educador? - Ou um simples irmão mais Velho? De todas as qualidades, estou devidamente preparado? - Dou exemplos? - Ah! - Como era difícil responder. Ele sabia de quantas responsabilidades tinha nas mãos. Meninos Escoteiros a procura de ser bons adultos no futuro. Chefe Remo sempre foi honesto consigo mesmo. Ele e o Chefe Tadeu não eram tão amigos como se esperava. Quem sabe pelo seu cargo, pela sua responsabilidade, afinal não somos todos irmãos? Ele sempre tentou ter um dialogo maior e nunca conseguiu. Por quê? Onde errei? O que devo fazer? Perguntava-se e não tinha resposta. Só duas vezes fora convidado para uma visita em sua casa e isto em anos de convivência n Grupo Escoteiro. Não eram estranhos um com o outro isto não, um respeito honesto havia. Nunca em tempo algum teve qualquer animosidade com ele.

Enquanto os dois chefes sonhavam com o Grande Jogo Noturno duas mulheres tinham outros sonhos. A maternidade é o magno sacrifício da mulher, o seu desdobramento incondicional para a multiplicação da espécie, a santificação do lar num sofrimento continuo e imensurável. Ambas sempre sonharam um dia em serem mães. Elas sabiam que a maternidade tem o preço determinado por Deus, preço que nenhum homem pode ousar diminuir. Elas sabiam que se pode secar um coração de uma mulher, a seiva de todos os amores, mas nunca se extinguirá o amor materno. Parecia que uma calma deliciosa varria a mente daquelas duas mulheres. Existem na vida escolhas, rotinas gostosas que fazemos sonhos realizáveis e os que nunca serão realizados. Nas duas moradas para quem pudesse ver, uma luz azulada da cor do céu descia lentamente para levar duas almas a conhecerem seus futuros filhos. Era o amor desabrochando para uma nova etapa na vida de cada uma delas. Sabiam que o destino era de Deus e fosse como fosse seriam sempre felizes com aqueles que iriam ter em seus braços para sempre.

O jogo seria realizado na semana seguinte. A cidade em peso só falava nele. Isto preocupava o Chefe Remo. Ribeirão Vermelho sempre fora uma cidade pacata, calma e a não ser a prisão de dois ou três bêbados conhecidos à cadeia sempre ficava vazia. Se no passado houve uma maior criminalidade hoje ela não mais existia. Estava feliz por ter conhecido o Chefe Euclides e ele fora uma mão que nunca teve em tempo algum na tropa e agora na preparação do jogo. Não podia esquecer Goiabada e Calango. Fenomenais. Seniores da melhor estipe. Se não fosse eles dois nem sabia onde estaria toda a sua programação e preparação. Ele sempre acreditou nos jovens. Pensava consigo mesmo se o escotismo era para os jovens. Não havia duvida nenhuma. Ele sabia que mudara muito depois que adotou aquela filosofia de vida. Ele tinha lido muitos livros e os do fundador batiam fundo na sua maneira de agir e conduzir a tropa. Não arredava um milímetro no que acreditava ser o maior método de todos os tempos para a formação de jovens. Ele sabia e o fundador insistia que nós os chefes somos apenas colaboradores. Sempre agiu assim e orientava para que cada um fosse responsável pela sua própria educação. Sabia que o jogo seria um sucesso. Ele os treinou, preparou e já os sentia como homens feitos. Sucesso ou não nas mãos de dois chefes, dois jovens seniores e quatro monitores o jogo iria ser jogado. Que vencesse o melhor. Que todos compreendessem que o importante era participar. Vencer é somente uma questão de oportunidade.

Capítulo VIII – Uma carta prego**No dorso do envelope.**

Senhores monitores e Senhores Patrulheiros.

Abrir impreterivelmente às 12 horas do dia 22 de julho no local designado.

Leiam todas as instruções em voz alta pra todos os patrulheiros.

Depois de lido discutir com todos eles o que fazer.

A carta:

- Sua patrulha deve estar no local combinado previamente e com o material especificado. Espero que não estejam levando além da conta, pois as mochilas devem ficar bem presas às costas para que o corpo e as mãos tenham mobilidade suficiente para se defender do ataque de um inimigo ou então fazer um ataque.

1. Vocês terão seis horas para construírem uma jangada que comporte toda a patrulha. Nota – A Jangada deve ser jogada ao rio 50 metros acima do ponto marcado para quando efetuarem a travessia não sair em local errôneo.
2. O ponto marcado poderá ser visto do outro lado do rio por uma bandeirola da cor das suas braçadeiras.
3. As seis em ponto vocês deve estar no ponto determinado na ilha. Para isto devem navegar antes para não atrasarem. Façam vocês os cálculos.
4. Após estarem preparados para o jogo aguardem um tiro de rojão. Ele é o sinal que o jogo já começou GUERRA!
5. A morte é considerada quando perderem as suas braçadeiras. Confiamos na lealdade de todos.
6. Coloquem as braçadeiras no braço direito acima do cotovelo. Não usem subterfúgios para firmá-la mais ao ombro. Todos devem ter as mesmas possibilidades para “matar ou morrer”
7. Acredito que todas as patrulhas devem ter organizado um sistema de ataque e defesa. Gritos e choros só irão ajudar aos inimigos para localizarem onde estão.
8. O jogo termina no dia seguinte às seis da manhã. Nesta hora devem estar de sobreaviso e perto do Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana. Os que ainda estiverem com suas braçadeiras e da mesma patrulha devem escolher um para ser o desafiante. Se não houver outra patrulha ele será designado campeão do jogo. O Totem da Vitória será entregue ao campeão pelo Monitor mais antigo.
9. Havendo mais de uma patrulha na final eles entraram com um desafiante e lutarão entre si até a morte.
10. Lembramos a todos que dezenas de armadilhas estão espalhadas pela área de luta. Uma delas é perigosa, pois pega pelo pé aquele que for mais displicente e o joga no ar ficando preso a dois metros do chão e de cabeça para baixo.
11. Se por acaso houve um acidente maior que a patrulha não possa resolver, foi entregue um mapa de fácil localização onde estará uma equipe de socorro.
12. Somente uma lanterna será permitida. Cuidado com os materiais de corte durante a luta. Lembramos que é importante além de ficarem nas capas devem ser protegidos por jornais ou papelão.

13. No final do Grande Jogo Noturno iremos oferecer um café e chocolate com muitos salgados a todos. Todos participantes receberão um brinde do Grande Jogo em data a ser programada.
14. O jogo terminará impreterivelmente às dez horas e após o termino cada um deve procurar sua base inicial para voltarem ao ponto de partida com suas jangadas.
15. O retorno deverá ser direito as suas casas. No sábado faremos uma avaliação do jogo.
16. F e l i c i d a d e s ! E que vença o melhor!

Capítulo IX – A misteriosa ilha do Gavião Negro

Professor estava preocupado, primeiro custaram a achar uma casa para tomarem conta das bicicletas, e depois não foi fácil conseguir árvores que serviriam para uma jangada. Perdeu bem uma hora na exploração da redondeza. Organizou duplas cada uma tomou uma direção. Deviam trazer o que achassem. Só às duas e meia da tarde começaram a construir. Não eram inexperientes, pois diversas vezes tinha feito jangadas de todos os tipos. Faltando menos de uma hora para início da travessia a jangada ficou pronta. Danação! Só cabia cinco. Eram oito. E agora? Não dava tempo para aumentá-la. O Chefe não foi muito feliz em não ter previsto a falta de madeira própria para jangadas. Eles as doze em ponto estavam lá. Foi até fácil e divertido. Estrada a fora pedalando, sitiando fazendo sinais com as mãos, sol gostoso de julho sem queimar. Não tinha jeito, reunião de patrulha para decidir. Decidido. Vão cinco e os três melhores nadadores com as mãos na jangada e o corpo na água. Mochilas e roupas levadas pelos cinco. Seria errado? Professor pensou que não. As cinco para as seis da tarde, o sol já se pondo eles estavam a postos e preparados para o que der e vier. Deram as mãos e rezaram.

“Senhor, ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!”.

A ponte estava em obras e cheia de operários. Corredor teve dificuldades para passar. Do outro lado o mandaram esperar. Uma carga de dinamite ia explodir. Uma pedra bem no meio da estrada. Sempre atrapalhou os caminhões e automóveis que por ali transitavam. Duas horas de espera. Corredor estava preocupado. Saíram cedo, não era oito da manhã e já estavam pedalando para encontrar sua base. Só as doze e trinta chegaram ao local determinado. Paciência. Meia hora de atraso, mas quem poderia adivinhar que iam dinamitar a estrada? O Senhor Jose de Arimatéia esperava por eles. Guardaram as bicicletas no galpão. Abriam a carta prego. Pedregulho o escriba leu. Dividiram as tarefas. Não foi difícil construir a jangada. As quatro ela estava pronta. Deu tempo para um cochilo. Às cinco e meia botaram a jangada no rio. Tudo ia bem até que um enorme Gavião Negro em voo rasante passou em cima da cabeça de Corredor. Ele perdeu o equilíbrio e caiu no rio de roupa e tudo. Nadava bem e se safou logo. Mas ficou encharcado. Passar uma noite assim seria de lascar. Tinha outra calça do uniforme, mas só camiseta. O Chefe ia entender. Às seis horas estavam a postos no ponto determinado e prontos para o que der e vier. Deram as mãos e rezaram: Senhor ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!

Sinaleiro chegou cedo a ponte. Muitos carros, mas ele passou fácil com sua patrulha. Soube depois que Corredor teve problemas, pois estavam refazendo a estrada e tinha uma pedra no meio do caminho. Isto mesmo, no meio do caminho havia uma pedra. Maria Creuza sabia que eles iriam passar por lá. Ela gostava dos escoteiros. Quando eles acampavam, ela não perdia um dia a ficar no rochedo olhando para eles. Uma vez convidaram ela e seu pai para um teatrinho que chamavam de fogo de conselho. Ela riu a valer. Adorou. Pena que eles passavam anos para voltarem. Sinaleiro agradeceu a ela por deixar guardar as bicicletas atrás da casa. Havia um pequeno galpão quase vazio e coberto. As doze em ponto ele deu para Minhoca o Escriba ler a carta prego. Ficaram mais de meia hora discutido os pormenores da jangada. Eles iriam tirar de letra. Não eram marinheiros de primeira viagem. Às quatro e meia ficou pronta. Sinaleiro viu Maria Creuza se aproximando. Ela tinha uns doze treze anos. – Posso ir com vocês? – Não pode moça. É um jogo. Vamos passar toda a noite na mata da ilha. – Cuidado ela disse! Dizem que tem parte com o demônio. Meu pai já viu dezenas de gaviões negros que ficam a noite tomando conta da ilha. Todos ficaram impressionados, mas as seis em ponto estavam a postos do outro lado da ilha. Eles estavam prontos para o que der e vier. Podem vir os gaviões! Sinaleiro fez um círculo e com as mãos entrelaçadas todos rezaram: Senhor ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!

Centralfo passou uma noite difícil. Sua irmã Natasha tivera uma febre de quase trinta e nove graus e sua mãe dizia que estava muito alta. Seu pai viajou no início da semana e só iria voltar no domingo. Ele era o homem da casa. E agora? Não participar do jogo seria o fim do mundo. Não chorou. Aprendeu que homem não chora, mas como dominar os olhos? As lágrimas? Difícil. Ficou ali ao lado do berço da irmã boa parte da madrugada enquanto sua mãe descansava. Cochilou. Viu um sorriso de criança. Era ela Natasha. Meu Deus! Obrigado! Será que melhorou?

Chamou sua mãe. Ela sorriu. – Você vai meu filho. Se prepare vou fazer um café reforçado, mas cuidado, passou a noite toda acordado! Centralfo estava radiante. Cotovelo seu Sub. Monitor conforme combinado passou em sua casa as sete da matina. Ele já estava pronto. Ele sabia da tal pontualidade inglesa. Partiram para a sede. Todos já estavam lá. Eram oito patrulheiros. Pegou o totem da Patrulha Quati e partiram para o local determinado. Centralfo gostava de andar em trilhas de bicicleta. O vento no rosto, o gosto da aventura faziam dele um Escoteiro sonhador. Na casa do seu Tunico deixaram as bicicletas. Ele sempre gentil. Grande amigo dos escoteiros. Lagarto o Escriba leu a Carta Prego. Mãos a obra. Quatro e meia terminaram. Deu um sono enorme em Centralfo. Enfiou a cabeça dentro do rio. Vou nadando junto com a Jangada. Deu para dar uma revigorada. Às cinco e meia deram as mãos. Estavam prontos para o que der e vier. Agora era agradecer a Deus pelo que Ele nos reservara. Senhor ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!

Chefe Remo, Chefe Euclides, Goiabada e Calango atravessavam o rio e se dirigiam a ilha. Levantaram cedo. Era menos de sete da manhã quando pegaram o barco no curtume. Tinham muito ainda para preparar. O barco descia o rio lentamente e as águas pareciam querer cantar uma canção de ninar. Eram mais de oito quilômetros do curtume até a ponta da ilha. Meia hora depois avistaram a ilha. Uma ilha desconhecida por muitos moradores. Misteriosa? Goiabada e Calango sabiam que sim. Ainda não tinham contado para os chefes a história da ilha, do Seu Elias o Coronel Lúcifer e do seu gavião negro ou seria dos Gaviões negros? Calango estava pensativo. Pensava sozinho sobre o jogo e a ilha. Ilha misteriosa? Achava que não. Afinal estiveram nela várias vezes e não viram nada. Calango pensava que se conseguissem descobrir algum mistério isto seria uma bomba em toda a cidade. Goiabada cantarolava baixinho uma canção escoteira. Ele não tinha uma preferida e a que viesse a sua memória era cantada. Chefe Euclides sorria de leve. – Um filho, um filho pensava. Agora dois? Moço de sorte sou eu. Duas alegrias juntas, filhos, Escoteiros e uma linda mulher. Isto mesmo ele notou a mudança em Marly. Ela a cada dia ficava mais linda. – É eu tenho mesmo muita sorte. Agora trabalhava sorrindo. Jamanta e Peixe Vivo seus dois auxiliares e aprendizes notaram sua mudança. Para melhor é claro, agora dava gosto trabalhar com o senhor Euclides. Euclides? Não, ele exigiu ser chamado de Chefe Euclides pode?

Amelinha pensou em ir com eles. Depois a pedido do Chefe Remo resolveu ficar com Marly, afinal eram agora grandes amigas e uma iria olhar a outra. Elas tinham muita coisa para conversar. Vá entender esta conversa de bebês de mães corujas. Chefe Remo ria com a alegria de ambas. Ele não tinha uma linha de pensamento única. O jogo agora era ponto de honra e seu filho não ficaria na berlinda. Pedia a Deus que tudo desse certo, que ninguém se machucasse e que eles se não alcançassem a vitória pudessem manter na memória como o maior jogo que já participaram. Ouviu um grito alto de Goiabada – Chefe é ele! Ele quem Goiabada? Ele Chefe, o senhor Elias, o Senhor Lúcifer! Chefe Remo não estava entendendo nada. Foi Calango quem perguntou – Onde Goiabada? – Lá na ponta da ilha. Calango olhou e não viu nada, achou que Goiabada estava surtando. Chefe Remo queria saber quem era esse tal de Lúcifer. Goiabada gaguejava e tentava contar ao mesmo tempo. Foi Calango que pediu deixar para ele explicar tudo ao Chefe Remo. Chefe Euclides que sonhava com seu filho não pensou mais em nada. Agora precisa viver o grande jogo. Prestou atenção no que Calango narrava. Uma história fantástica de Elias. Ouviu com atenção a explicação de Calango. Achava uma história absurda. Ele morava em Ribeirão Vermelho a mais de trinta anos e nunca ouviu falar nele e nesta história. Quanto à dona Filomena ele conhecia. Sempre achou ela muito simpática.

Chefe Nemo ficou encucado com a história de Goiabada e Calango. Era uma boa lenda para contar, mas real? Isto ele não acreditava. Olhou para a ponta da ilha e não viu nada. Ninguém viu só Goiabada. Goiabada se calou. Ele sabia que tinha visto e insistir eles achariam que ele estaria inventando ou sonhando. Calango sabia que Goiabada falava a verdade. Mas o Senhor Lúcifer era um homem Velho, disseram que passava de 105 anos. Como ele poderia estar na ilha? Ainda mais quase nu e só de tanga? Todos ficaram pensativos, mas logo o pensamento voltou para o Grande Jogo. Ainda tinham muito que fazer. As sete e vinte apoitaram na trilha que sempre utilizaram. Difícilmente as patrulhas iriam ver o barco. O bastão do Totem da Vitória estava com eles. O Gavião Negro era lindo. Parecia de verdade e que ia alçar voo. Iniciaram a caminhada mata adentro com destino ao ponto principal o Forte Hã-Hã-Hã-quibaana. Ficou ótimo não deu para fazer tudo como paliçada, mas a frente dele foi feito assim. Eles resolveram que a pedra mais próxima à mata seria o posto deles de observação. Às oito e meia chegaram. Goiabada falou baixinho no ouvido de Calango – Você notou que a mata está calada? Onde estão os pássaros? Os bugios? Até as borboletas e os beija flores sumiram. - Era verdade um silêncio mortal. Mau sinal? - Melhor não pensar nisto Goiabada.

Uma da tarde e o Chefe Nemo achou que tudo estava nos conformes. Ele esperava que as armadilhas funcionassem, pois duas semanas se passaram quando foram feitas. Chefe Nemo estava de costas para a mata fazendo uma ponta em um bastão. Sentiu um calafrio no corpo. – Nossa! O que seria isto? Olhou para trás e não viu nada. Olhou para o céu e também não viu nada. Só então notou que a mata estava silenciosa. Desde que começaram a montar o jogo a mata era alegre, os pássaros faziam um barulhão tremendo e os símios? Alegres, audazes quase a pular no ombro deles. Agora? Nada! Absolutamente nada! Isto não podia ser natural. Chamou o Chefe Euclides que dava um nó de arnês na paliçada de entrada do Forte. Contou para ele o que estava sentindo. Chefe Euclides concordou com ele. – O que seria isto? Perguntou – Não sei, nunca vi isto na minha vida, é a primeira vez. Ambos começaram a pensar e a procurar uma explicação plausível. Goiabada e Calango adentraram na mata quando notaram o silêncio dos pássaros e animais. Rodaram boa parte dela e não viram viva alma, nenhum bicho, nenhum animal e nenhum pássaro. – Não estou gostando disto falou Calango. – Nem eu completou Goiabada.

Não era hora de cancelar o jogo. Eles sabiam que este motivo não teria tanto peso para tomar uma medida tão radical. Será que agiram bem? Eles conheciam a ilha de ponta a ponta. Não havia animais ferozes e por mais que procurassem não encontraram pegadas nada. Goiabada e Calango eram peritos em pegadas. Sabiam identificar uma onça de um cabrito, um cão de um lobo. Voltaram ao Forte e sentiram que o Chefe Nemo e o Chefe Euclides também pensavam como eles. Sentaram próximo a pedra e trocaram ideias. Cancelar ou manter? Dúvida cruel. O que seria melhor? O silêncio da floresta seria um perigo mortal? Chefe Nemo finalizou a discussão. – Deve ter uma explicação para isto. Vamos juntos dar as mãos e rezar – Deus é o nosso guia e sabe o que seria melhor para todos nós – Deram as mãos e levaram o pensamento para o céu:

- Senhor e Chefe meu, que apesar das minhas debilidades me haveis escolhido como chefe e guardião de meus irmãos Escoteiros, fizeti com que minhas palavras iluminem seus passos pelos caminhos da Vossa Lei, que eu saiba mostrar-lhes Vossas pegadas divinas na Natureza que haveis criado ensinar-lhes o que devo, e conduzir-lhes de etapa em etapa, até ti, Senhor meu, no campo do repouso e da fartura, onde haveis estabelecido a Tua barraca e a nossa, para a eternidade.

A sorte estava lançada. O jogo ia começar e agora não tinha volta. Eles sabiam que estavam protegidos pelo alto. Todos os pensamentos daqueles quatro bandeirantes exploradores da aventura agora estavam voltados para que os meninos sentissem alegria e não medo. Nemo se lembrava de Roosevelt – “Se fracassar, ao menos que fracasse ousando grandes feitos, de modo que a sua postura não seja nunca a dessas almas frias e tímidas que não conhecem nem a vitória nem a derrota”.

Capítulo X – Matar ou morrer

Dezoito horas e quinze minutos. Sinaleiro ouviu um trovão no céu. O foguete do Chefe Nemo mais parecia um tiro de canhão. Os patrulheiros da Falcão tremeram. Dominó olhou para Sinaleiro tremendo. – Calma meu amigo Dominó é só um jogo. Lembre-se você é um falcão sabe o que fazer! Olhou para os outros e disse – Logo que entrarmos na mata já sabem, não podemos andar juntos, pelo menos dois ou cinco metros um dos outros – Não se esqueçam de fechar os olhos por dois minutos e quando abrir tentar adaptá-lo a escuridão. Em pouco tempo terão condição de ver próximo a vocês, pois mais distantes será impossível. Já falamos tudo que tínhamos de falar agora é matar e não morrer. – Sinaleiro riu baixinho. Sabia que seria uma barra chegar até ao Forte. Eram mais de quatro quilômetros. Ele estava com o mapa que indicava o rumo. Andaram por cinquenta metros e a trilha sumiu. A bússola ele amarrou em seu pescoço. Treinaram durante dias uma senha imitando um Sabiá Laranjeira. Não ficou nota dez, mas deu para imitar um pouco. Quando adentraram uns duzentos metros mata adentro ele notou que não havia sons na mata. Nada. Nenhum som.

Haviam adentrado mais de quinhentos metros floresta á dentro. Corredor se orgulhava de sua patrulha. Todos durante semanas treinaram o grito do bugio e com perfeição. Agora ali na mata escura e com a camuflagem que escolheram Corredor não sentia medo. Sentia orgulho de sua patrulha. Sempre foram muito unidos. O passado deles contava histórias fantásticas de união. Ninguém reclamou quando entrou na mata e a escuridão os pegou em cheio. Mal dava para ver a frente. Montanha parecia dominar a escuridão. Olhava e olhava novamente. Ele disse a si mesmo que mataria mais de dez. Jurou que seria o campeão. Quase todos eram peritos em andar em matas. À noite não, pois só uma vez fizeram isto por pouco tempo. Ficaram cinco dias treinando como rastejar em florestas. Ele sabia que poderiam perder, mas seriam páreo duro. Deram uma parada. Corredor só ouvia a sua respiração. E a mata? Ela não respondia? Porque este silêncio? Aqui não têm animais e pássaros?

Professor olhou com carinho para o Pequeno Polegar. Ele fingia que não tinha medo, mas Professor sabia que ele estava tremendo. Fique ao meu lado disse. Era um Escoteiro de pouco tempo. Um ano acho eu. Era pequeno, muito não devia ter mais de um metro e quarenta. Parecia um lobinho, mas já estava entrando nos doze anos. Fora Lobinho Cruzeiro do Sul e chorou muito quando passou para a tropa. Mas quem não chorou? Professor conseguiu que sua tia fizesse oito toucas ninjas negra. Ficaram ótimas. Dava para impressionar principalmente à noite. Ele fez o possível para treinar os patrulheiros da Patrulha Lobo Cinzento. Foram à noite por duas vezes na mata do Roncador. Claro foi por pouco tempo. Esqueceu-se de treinar com eles uma senha, mas sabia que sempre estariam por perto se fizesse algum sinal. Sinal no escuro? Sabia que faltava pouco para começar a matança. Matança? Claro, matar tirando a braçadeira que significava vida. Isto não o preocupava, achava interessante isto sim que a floresta não emitia nenhum barulho, nada um silêncio mortal parecia viver dentro dela.

Dentuço falou baixinho no ouvido de Centralfo. – Acho que estamos ficando distantes um do outro, isto poderá fazer a patrulha se dispensar e sumir nesta mata escura! – Você tem razão Dentuço, vá próximo de cada um e fale baixinho para ela chegarem mais perto. Os patrulheiros da Patrulha Quati eram na maioria fortes, altura normal, mas bem maiores que os outros Escoteiros das outras patrulhas. Centralfo não sabia se seria uma vantagem ou desvantagem. O pior é que todos eles achavam que seriam os vencedores. Nos jogos de Scalp que fizeram sempre ganharam o troféu eficiência. Centralfo era um observador perfeito. Muitas vezes chegou próximo a um quati e um tatu sem que estes percebessem sua presença. Por isto ficou de olhos abertos quando notou que a floresta estava calada. Por quê? Pensou. Olhou para cima, para os lados, com dizem os lobinhos abriu os olhos e os ouvidos e não ouvia nada. O único som que ouviu foi de um estalo de um galho que alguém da patrulha pisou.

Chefe Nemo, Chefe Euclides, Goiabada e Calango estavam calados. Não cochilaram um só instante. Sentados um ao lado do outro e encostados na pedra onde montaram seu staff eles só observavam a floresta. – Diabos pensava Chefe Euclides, que coisa esquisita! A mata não fala? Era mesmo de assustar. Não ascenderam lampiões nada. Estava no programa acender as cinco tochas só a partir das três da manhã. Ainda era cedo, o relógio marcava uma meia. Chefe Nemo não gostava do que estava acontecendo. - Jogo é jogado e lambari é pescado pensava agora ter algum fantasmagórico no jogo não sei não. Almas do outro mundo dizem não gostam de ser incomodadas. Mas a ilha era delas? Porque ninguém sabia? Não viram nada de errado com a ilha e ela quando estiveram lá nas últimas

vezes era alegre e seus pássaros cantavam sozinhos ou em bandos por cima das árvores. Ouviram um estalo. Outro e parou. Goiabada levantou e pegou um bastão, pois sabia que almas do outro mundo poderiam aparecer. Se fosse o Senhor Lúcifer e ele não quisesse conversar ele estaria preparado. Sempre foi bom no jogo do Quebra-pau. Calango olhou para cima e assustou. Um enorme Gavião Negro voava nos céus. Mesmo com a noite em completa escuridão as estrelas mostravam com pouca luminosidade o vulto que àquela hora da madrugada resolveu dar as caras.

Trinta Escoteiros avançavam cautelosamente naquela floresta escura que pouco se via a frente. Ninguém via ninguém. Cada um vinha de uma ponta da ilha. Três horas da manhã. Eles sabiam que breve iriam se encontrar. Que Deus tivesse piedade de quem corresse, seria presa fácil ao ficar longe dos seus amigos. Nenhum som. Cada um ouvia sua própria respiração. Cada mente pensava que estava vivendo uma aventura que nunca iriam viver outra. Rezas e orações eram feitas e repetidas. Os nervos a flor da pele. Professor suava, não tremia, mas estava em uma situação anormal que nunca aconteceu com ele. Sinaleiro de olhos arregalados buscava na floresta escura algum sinal. Seus patrulheiros sumiram de sua vista. Corredor pela primeira vez na vida teve medo. Isto é anormal pensou. Onde estão todos para lutarem ou morrerem? Que espera infernal. Centeralfo parou. Sua respiração estava ofegante. Medo? Impossível, Centeralfo não sabia o que significava a palavra medo. Sentiu um barulho esquisito, era um galho de árvore a toda velocidade em direção ao seu rosto. Não deu para desviar. Sinaleiro estava impressionado olhava a sua frente e uma figura fantasmagórica pulava freneticamente como se fosse um zumbi do outro mundo. Tremeu! Meu Deus! Não gritou, pois Sinaleiro era um Escoteiro de verdade. Um barulho monstro como se o inferno estivesse chegando a terra caiu sobre a floresta. Mil latas explodindo no chão. Uma torrente de água jorrando do céu sem parar, Cafuné foi jogado ao ar preso por um cipó ficou dois metros acima do chão de cabeça para baixo gritando feito um louco e pedindo socorro. Ninguém se entendia, os planos foram por água abaixo, 30 meninos Escoteiros se encontraram naquela escuridão e gritavam como possessos. Uns de medo querendo fugir e outros querendo matar o inimigo. Uma luta feroz se travou. Mata! Mata! Era o som mais ouvido. Mais dois foram jogados para o ar gritando. Socorro! Socorro! Tirem-me daqui!

- Montanha viu três Escoteiros tentando encurralá-lo. Preparou-se para a luta com seu corpanzil enorme. O primeiro morreu com a sua mão direita o segundo pulou nas suas costas e com um safanão o jogou longe não antes de acabar com sua vida. Riu baixinho, - “morram danados”! Ele guardou no bolso as duas braçadeiras. Já eram quatro. Gritou para si mesmo – Caiu na rede morreu! Sinaleiro sentiu uma pancada na cabeça, uma lata vazia achou que ele era seu chão. Doeu e o pior, um Escoteirinho da Patrulha Puma o matou com um só golpe. Zé Pipoca da Patrulha Quati lutava feito um louco na escuridão. Não via nada e se um vulto passasse ele pulava em suas costas. Matou três em pouco tempo. Corredor já tinha cinco vidas no bolso. Não sabia se ria ou se chorava, pois o barulhão que todos faziam, as latas que não paravam de cair, os Escoteiros sendo suspensos por cipós às alturas, galhos esticados a lhe baterem na perna, no corpo tudo se transformavam em um verdadeiro inferno. Ele se encostou a uma árvore para respirar. Um vulto horrendo de um Velho de cabelos brancos e longos com uma tanga somente, pulou na sua frente – “Não desista, mostre que é homem”! E sumiu em seguida. Corredor piscou duas vezes e sentiu um braço tirando sua vida. Corredor estava morto. Olho D’água estava petrificado olhando para frente. Um enorme Morcego voava em sua direção. Mamãe me socorre! Passou rente a sua cabeça, não era um morcego. Era um Gavião Negro, Deus do céu! Onde estou? Não estava. Orelhudo o matou com um só golpe.

A luta era infernal. Ninguém sabia quem matava quem. Muitos mataram amigos da sua própria patrulha. Uns gritavam, outros choravam e até o Professor nem viu quando Tiquitico da patrulha Falcão o matou sem dó e sem piedade. O barulho não cessava. Milhares de latas caíam. De onde vinham? Verdadeiras trombas d’água caíam aos borbotões. Quem era pego pelo pé e elevado ao ar além do susto berrava assustadoramente. Uma luta infernal estava acontecendo. Sinaleiro correndo feito um louco e ziguezagueando entre as árvores matou seis. Riu pela vitória alcançada. Do alto de um galho alguém dependurado sapecou-lhe a mão e o matou sorrindo. Sinaleiro estava morto. Cabeludo era grande, alto e forte, mas ali na floresta maldita ele achou que estava no meio dos infernos. Não sabia se gritava ou se matava. Dormiu o cachimbo caiu Cabeludo foi morto por um Escoteiro da sua própria patrulha. Pode? Centeralfo tentava organizar sua patrulha, agora não era mais para senha, era grito mesmo. Centeralfo gritava chamando os Quatis. Ninguém atendeu. Meu Deus! Pensou alto, o que está acontecendo aqui? Nem esperou resposta, pois a sua frente Zé Pneu da Patrulha Lobo Cinzento e de braços abertos o desafiava. Tinham o mesmo tamanho a mesma altura. Centeralfo precisava matar. Avançou em cima de Zé Pneu e foi quando viu por trás dele a figura horrenda de um Velho da cabeça e barba branca gritando e pulando – Mata, Mata! Centeralfo perdeu o equilíbrio e a vida. Centeralfo estava morto.

A luta já durava horas e pelo barulho parecia que estava no fim. Havia ainda seis bravos Escoteiros que ficaram para a final. Em meia hora sobraram dois, e em quinze minutos só Montanha conseguiu ficar vivo. Assim ele pensava, pois não viu mais ninguém. Ele riu para si próprio, se achava o bom o valente. Agora esta escoteirada vai ver quem sou eu, pensou. Viu a sua frente um Velho da cabeça e barba branca. Montanha gritou! – Se estiver no jogo se prepare, vai estar morto em segundos! Aqui não tenho respeito por ninguém! O Velho riu. Você não é o único, ainda existe um. Montanha assustou – Quem? Perguntou. O Velho saiu correndo e rindo, atrás dele dezenas de gaviões negros voando baixo. No Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana, Chefe Remo estava de pé com os cabelos arrepiados. Com ele o Chefe Euclides de olhos arregalados. Ao lado Goiabada e Calango diziam baixinho: Que jogo! Que jogo! Dariam tudo para estar lá na guerra dos Escoteiros. As tochas já estavam acesas. Os quatro esperavam. Faltavam vinte para as seis da manhã. As instruções diziam que eles deveriam formar em frente ao Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana as seis em ponto e apresentar a patrulha. Ela deveria estar completa. Os que não tivessem morrido teriam uma luta de morte dentro do Forte. Não poderia ter mais de um vencedor.

Seis horas. O sol já estava clareando a mata. O barulho infernal cessou por completo, como num passe de mágica a passarada voltou a cantar. Grilo, borboletas, beija flores coloridos esvoaçavam no ar. As patrulhas começaram a chegar, se formaram em meio círculo em frente ao portão do forte. Chefe Remo e demais formaram em linha em frente a eles. Vencedor? Perguntou. Montanha deu um passo à frente rindo. Sabia que era o melhor. Como se fosse um herói imortal gritou – “Só pode haver um”! E gargalhou como nunca tinha gargalhado. Gaviões negros começaram a sobrevoar o forte. No galho de uma árvore alta um Velho da Cabeça e Barba branca gritava – “Não! Tem mais um, o jogo ainda não terminou”! Goiabada e Calango ficaram de olhos esbugalhados – E Ele! É Ele! Gritou Calango. É Ele sim confirmou Goiabada Lúcifer em pessoa! - Montanha pisando firme e devagar entrou na paliçada rindo. Gritou de novo – Sou o vencedor, meu prêmio, meu prêmio! Alguém deu um grito fraco e sem forças para falar mais alto. Eu estou vivo! Todos olharam para ele. A tropa não acreditou. Impossível, impossível! Ninguém acreditava mesmo. Acreditar como? Era o Pequeno Polegar. Ele tinha nas mãos quatro vidas dos seus inimigos. Entregou para o Professor o seu Monitor. Era incrível mesmo. Mas e agora? Montanha e Pequeno polegar lutando? Sem chances. Pequeno Polegar já estava vencido, morto e enterrado.

Capítulo XI – Só pode haver um!

Montanha estava firme nos seus dois pés. Mexia com o corpo para um lado e para o outro como se fosse um lutador de Sumô. Pensava consigo que era uma luta desigual. Ele não queria aquilo. Ser um herói, vencer e receber o prêmio matando um escoteirinho como Pequeno Polegar era covardia. Isto não daria história e ele sempre seria lembrado como o valentão que matou um coelho. Olhou para o Chefe Remo. Chefe Remo balançou a cabeça – Só pode haver um! Disse. Que seja pensou Montanha. Só me esbarrando nele sei que vai cair feito um neném chorão e tiro sua vida. Nem pensou no depois, no amanhã. Que posso fazer? Jogo é jogado e lambari é pescado, não é assim que dizem? Não foi a oração que dizia ser obediente às regras do jogo? Não foi ela que dizia para não proferir nem receber elogio imerecido e ele não ganhou dentro das regras? Não foi a oração quem pediu ao Senhor para ensiná-lo a ganhar se fosse possível? Pequeno Polegar deveria pensar o mesmo. Ele se entrou na luta era para morrer ou viver. Lei é lei. Ela existe para definir o certo do errado.

Pequeno polegar passou a mão na testa. Sentia que estava molhada. Suor? Não podia ser. Medo? Podia ser. Polegar sentiu medo desde que entrou na floresta. Não conseguiu ficar muito tempo afastado do seu amigo Pé de Pato. Ele disse que o protegia. Enquanto caminhavam de leve na Floresta parecia que ele via fantasmas por todo lado a sorrir para ele com a cara cheia de dentes e transformando-se em caveiras. Pequeno Polegar gelava de medo. Deu as mãos ao Pé de Pato. Foi então que o inferno caiu na terra. Uma barulheira como se fosse uma guerra o fim do mundo. Correu e se escondeu atrás de uma árvore e sentou pedindo a Deus pela sua vida. Soluçava e não sabia o que fazer. Uma mão foi colocada em suas costas. Uma friagem percorreu todo seu corpo. Meu Deus! Só pode ser o demônio! Fechou os olhos e esperou a morte chegar. Como não vinha olhou para trás e viu um Velho de barba e cabelos brancos como a neve a sorrir para ele. – Não tenha medo ele disse. Estou com você. Você vai ganhar e vai ser o vencedor. – Pequeno Polegar assustou, mas estava mais calmo. Levantou, olhou para frente e saiu em desabalada carreira. Parecia que sua mão não era sua. Alguém comandava as ações. Matou quatro e só não matou mais porque todos que o viam fugiam. Mas agora era diferente. Ele estava ali, dentro da paliçada, a menos de cinco metros de Montanha. Desta vez seria impossível!

A selva calou novamente. Os ventos cessaram. As nuvens no céu se esconderam. Ali no meio da floresta uma luta de morte ia acontecer. As regras eram claras e só um ia sobreviver. O empate estava fora de cogitação. Os dois chefes estavam estupefatos com o que acontecia. Os dois seniores juraram que nunca viram nada igual e tinham certeza que não veriam nunca mais. Os 28 Escoteiros formados em semicírculo abandonaram suas patrulhas e se agarraram na paliçada. Todos queriam o melhor lugar para ver a luta do século. Havia eletricidade no ar. Nos galhos próximos os gaviões Negros se calaram e nem a cabeça levantaram. Seus olhos estavam fixos nos dois contendores. Um Velho de cabeça e barba branca sentado em um galho sorria. Montanha se preparou. Ataco primeiro ou não? Preferiu esperar. Iriam dizer que foi covardia ele jogar ao chão o Pequeno Polegar. Ele tinha tempo. Correr para que? O sol acabava de nascer e o dia mal começou. Pequeno Polegar perdeu o medo. Olhava dentro dos olhos de Montanha. Com seus um metro e quarenta olhava para cima em um e setenta e cinco de Montanha. Não sorria. Quase tinha ódio do sorriso de sarcasmo de Montanha. Sorriso dos que se acham vencedores. Um minuto, dois três. Ninguém se mexia.

Sem ninguém esperar soprou um vento forte, milhares de pássaros voaram para longe da floresta, faziam meia volta e em círculo provocaram um enorme redemoinho. O céu azul enviou uma carga de eletricidade que todos sentiram em seus corpos. Dezenas de Gaviões Negros começaram a guinchar e levantavam voo às alturas para em manobras arriscadas passarem voando em cima daqueles Escoteiros que estavam ali em suas terras, mas que eram bem vindos. O Velho de cabelo e barbas brancas no alto da árvore sorria e batia palmas. Ele sabia do final. Quem não conhecia a história de David e Golias?

- Montanha não quis esperar mais era agora ou nunca.

- Pequeno Polegar sentiu uma mão o elevar no ar como se estivesse dando uma cambalhota por cima de Montanha.

- Montanha não esperava por aquilo, olhou para frente e não viu o Pequeno Polegar, ficou assustado.

- Pequeno polegar caiu em pé por trás de Montanha. Viu seu braço a braçadeira azul a sua frente. De um só golpe a arrancou e saiu correndo por dentro da paliçada.

- Montanha não acreditava no que via. Estava abobalhado, nunca pensou que pudesse perder a vida assim. Morrerá estupidamente sem saber o que aconteceu!

- Pequeno Polegar subiu na paliçada e gritou alto: SÓ PODE HAVER UM!

Epílogo

Maior que a tristeza de não haver vencido é a vergonha de não ter lutado!

Rui Barbosa

Boa parte dos habitantes de Ribeirão Vermelho estava na praça da cidade naquele domingo. No palanque o Prefeito, o Juiz de Direito e várias autoridades. O Grupo Escoteiro Duque de Caxias vivia seu dia de glória. Estavam perfilados por patrulha em frente ao palanque. Atrás milhares de pessoas querendo o melhor lugar. Goiabada e Calango estavam formados com suas patrulhas. Sorriam baixinho. Uma sensação do dever cumprido. Agora eram outros seniores, aqueles incrédulos ficaram lá no passado. A história da Ilha foi desvendada faltava achar o local exato onde Ele O Coronel Lúcifer morava com seus Gaviões Negros. Ele não perde por esperar. Um dia tudo seria colocado às claras. Afinal eram seniores autênticos e o medo não faz parte desta casta. Chefe Nemo olhava aquele povaréu ali na praça. Não sabia quem os convidou. Seria uma cerimônia simples com a presença do Grupo Escoteiro e os pais. Ele iria fazer em uma apresentação solene a entrega de um prêmio especial a um Escoteiro e outro a todos que participaram de um grande jogo. O prefeito se convidou e compareceu. Com ele vieram outros políticos. O cerimonial de bandeira ficou sobre a responsabilidade dos lobinhos. A seguir se cantou o hino nacional.

Chefe Nemo chamou o Pequeno Polegar a frente. Pediu a presença do senhor Elias Machado. Todos se assustaram. Goiabada e Calango levaram um susto. – O Coronel Lúcifer em carne e osso? De terno e gravata? Uai! Ele não gostava de andar de tanga? De onde apareceu aquele homem? Aos poucos sua história correu de boca em boca. Pedindo silencio Chefe Nemo discursou:

- Meus senhores e senhoras da cidade, no final do mês de julho fizemos realizar um grande jogo noturno na Ilha do Gavião Negro. O sucesso foi maior que o esperado. Tenho certeza que todos já sabem o que aconteceu. 30 valentes Escoteiros lutaram até a morte em uma floresta escura e tenebrosa. Desculpem, morrer era perder uma braceira nos ombros. Sem exceção se portaram como homens. Merecem nosso aplauso. As palmas foram ensurdecedoras. O campeão para surpresa de todos foi o Jovem Antônio Pedrosa a quem todos chamam carinhosamente de Pequeno Polegar. A ele através do senhor Elias Machado peço que faça a entrega ao herói vencedor. Seu Elias fez a entrega e abraçou o jovem Antônio, ou melhor, o Pequeno Polegar. Discursou rápido. – Cidadãos de Ribeirão Vermelho é com grande orgulho que entrego esse Totem da Vitoria ao meu neto... Ninguém entendeu. Senhor Elias repetiu. Sim ao meu neto. Ele é filho de Noêmia minha filha que Deus a tenha. Pequeno Polegar chorava e abraçou seu avô. – Meu neto, a partir de hoje vais morar comigo na fazenda leve sua avó com quem vive. De agora em diante a fazenda pertence a vocês! E antes de terminar, fiz uma doação da Ilha do Gavião Negro ao Grupo Escoteiro Duque de Caxias. Uma salva de palma ecoou por todos os cantos.

Chefe Nemo aproveitou para entregar a cada um o premio que havia prometido. Chamou pessoalmente pelo nome entregando uma moeda da boa ação novinha. Não era uma moeda qualquer. Era enorme, mais de duas e meia polegada de diâmetro. De um lado o desenho de Baden Powell do outro escrito: - “fazer o bem sem olhar a quem – lembranças da Ilha do Gavião Negro”. Todas eram banhadas a ouro.

A história meu amigo termina aqui. Dizem por aí eu não posso confirmar que Amelinha a mulher do Chefe Nemo teve trigêmeos, dizem também que Dona Mary teve filhos gêmeos e também tem três filhos. Os dois chefes são tão amigos que sempre estão juntos com as esposas e a filharada. A rádio pião contou que Goiabada se formou em engenharia civil e foi trabalhar no estrangeiro para uma grande empresa. Quanto a Calango já advogado recebeu o convite de Goiabada para ir com ele e não pensou duas vezes. Muitos anos depois Professor assumiu a prefeitura. Foi eleito com 95% dos votos. Sinaleiro se casou e foi morar na Capital. Centerlfo me contaram se tornou um excelente craque de basquete e dizem que hoje joga em um time da NBA. (National Basketball Association). Corredor hoje é o Chefe do Grupo Escoteiro Duque de Caxias. E o Senhor Lúcifer e seus Gaviões Negros moram na ilha até hoje!

Histórias são assim. Melhor ainda com final feliz.

Sempre Alerta!

FIM

[Índice](#)

O autor e sua obra

Meu quarto livro. Estou pensando se escrevo o quinto. Risos. Não sei. O primeiro “A Patrulha da Esperança” publicado no início deste ano foi à primeira experiência nesta seara. Nunca escrevi um livro, se podemos chamar tão poucas folhas de livro. O segundo foi logo em seguida, As incríveis peripécias do Comissário Leocádio. Um homem iletrado que em uma época difícil foi galgado ao cargo de Comissário Regional. O meu terceiro livro foi mais além. Escrevi uma história triste, um Chefe que foi acusado injustamente como criminoso, esturador de crianças. O estranho funeral do Chefe Gafanhoto eu me dediquei demais. O Fantástico Jogo Noturno na misteriosa Ilha do Gavião Negro foi meu último livro. Saibam que me emocionei ao escrevê-lo. Afinal é uma história escrita de Escoteiro para Escoteiro e com um final feliz. Dizem que a fruta em árvore antiga é mais doce.

Escrevi e escrevo contos escoteiros e contos romanceados, aventureiros em outra linha. Nenhum dos meus escritos foi publicado a não ser em blogs que mantenho na internet. Sou escoteiro desde 1947 fui lobinho, Escoteiro, Sênior, Pioneiro e Escotista de vários Grupos Escoteiros, tive a oportunidade de vivenciar o escotismo simples quase parecido como faziam os rapazes da Inglaterra antes de Baden Powell (BP) surgir com a organização que se expandiu por todo o mundo. Atuei por muitos anos como dirigente de uma Região Escoteira, e como membro da Equipe de Adestramento Nacional.

Como já disse todos os livros e contos não foram editados. A saga de um pseudo-escritor no início não é fácil. Não se sabe se o retorno é convincente. Não é importante esta etapa, importante é o conhecimento em saber que centenas de amigos do movimento ou mesmo fora dele tomaram conhecimento dos meus escritos.

A todos vocês, o meu MUITO OBRIGADO!

Osvaldo Ferraz, ou melhor, Osvaldo um Escoteiro!

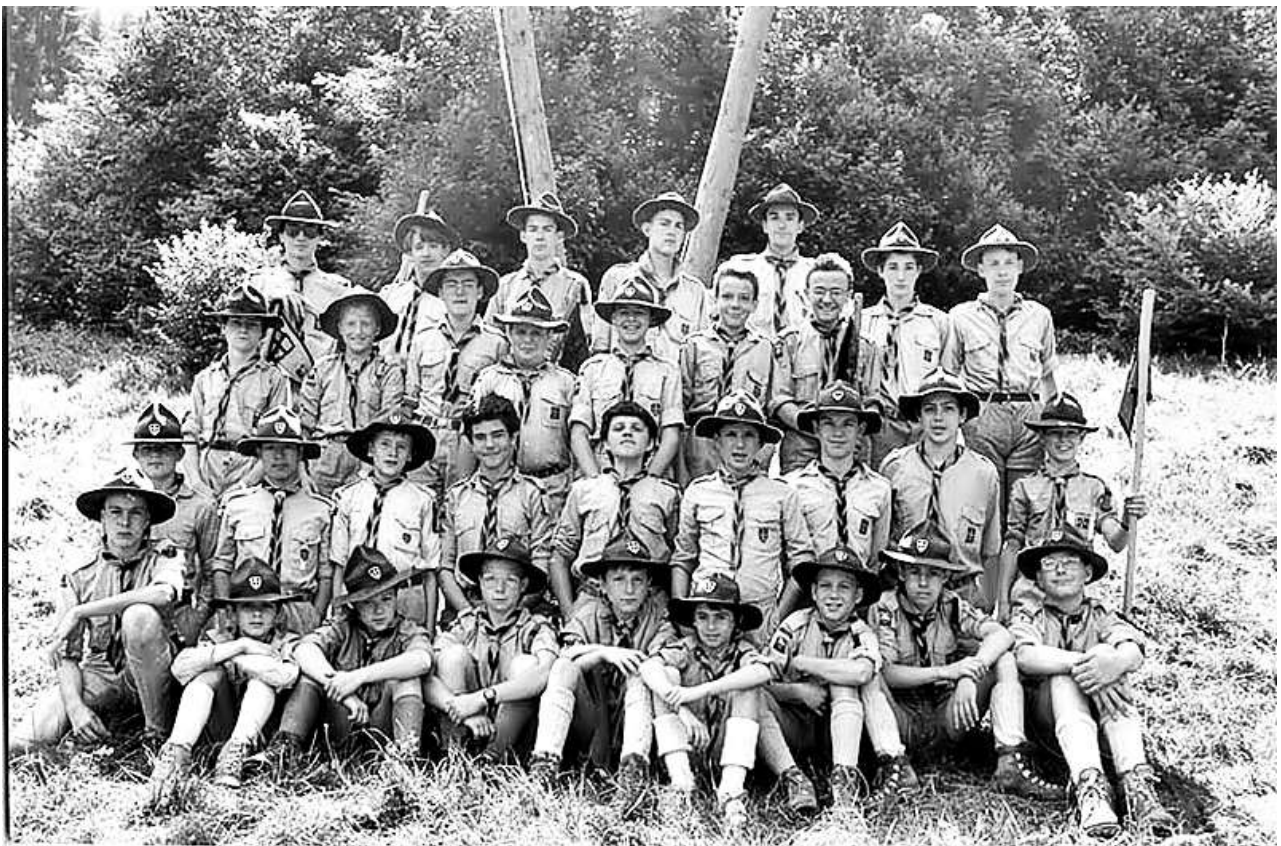
São Paulo, março de 2012.

E-mail. ferrazosvaldo@bol.com.br

No Face book podem me encontrar com o link – Osvaldo um Escoteiro

5º Livro

A lenda do tesouro perdido no Deserto de Negev.



Chefe Osvaldo Ferraz.



Dedico este livro a minha esposa por me incentivar e me apoiar em tudo que faço no escotismo. Hoje mesmo disse a ela que não sou ninguém sem tê-la ao meu lado.



(Esta é uma história de ficção. Muitos fatos históricos, locais e pessoas podem diferir do que contam os historiadores. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência).

Histórico

(Conta uma lenda que ao aportar nas costas da Bahia em 1650, um Pirata Inglês de nome Edward Teach mais conhecido como Barba Negra recolheu um valioso tesouro que trouxe de sua terra. Rumou terra adentro a procura de uma cidade chamada Jerusalém. Conta a mesma lenda que toda sua população por temer seu poder de fogo e morte abandonou a cidade fugindo sertão adentro. Dizem que parte do tesouro que levava foi enterrada por seus oficiais de maior confiança em local incerto e não sabido. Uns disseram que o local seria o Deserto de Negev, outros que seria o Vale do Rio Jordão. A lenda conta que perseguidos foram mortos por escravos semitas da região, mas o tesouro já havia sido escondido e enterrado. Assim os que poderiam contar levaram para o túmulo o mapa de um tesouro que até onde muitos ainda sonham em encontrar).

Epílogo

Em meados de março de 1893, muito antes de Antônio Conselheiro liderar uma guerra messiânica no arraial de Canudos no sertão da Bahia, Nabucodonosor de Alencar e sua esposa Rebeca de Alencar fugiram da fazenda do Coronel Gedeão com destino incerto e não sabido. Eles já tinham ouvido falar em Antônio Conselheiro e tentaram descobrir seu paradeiro e se juntar a ele. Sendo ambos negros e escravos não era fácil transitar por estradas e trilhas onde os tropeiros e caminheiros faziam seu caminho na lide diária. Cento e noventa dias se escondendo e andando a noite, eles avistaram uma tarde um rio que brotava de uma enorme montanha. Uma voz simples, calma e doce dizia para eles percorrerem suas margens até

encontrarem um vale onde deveriam erguer uma cidade o qual seria sua nova morada. A voz dizia que ali nasceria a terra prometida sobre as bênçãos de Deus. Nabucodonosor nunca soube o porquê sua mãe o batizou com este nome, pois não sabia ler nem escrever. Apaixonou-se por Rebeca por ela ter um nome diferente das demais escravas e possuir uma beleza única, os olhos negros mais brilhantes que ele já tinha visto.

Por onde passava na busca de sua terra prometida ele ia batizando os rios e montes que encontrava. Foi assim que surgiu a cidade de Jericó, cujo rio que banhava a vila ele chamou de Rio Jordão. A montanha ficou conhecida como Monte Sinai. Havia ainda as planícies de Moab, o Vale da Judeia e durante toda sua vida os nomes sem ele saber surgiram como se o Novo e o Velho Testamento o orientassem para que ali todos fossem felizes. Nabucodonosor teve com Rebeca trinta e cinco filhos. Todos se casaram com os fugitivos escravos que chegavam pensando terem encontrado a Nova Jerusalém. Os filhos que nasciam eram batizados com nomes bíblicos. Dizem que se alguém visitar pela primeira vez Jericó a cidade de Deus, na entrada aparece uma nuvem branca e nela está escrito o nome de quem chega acompanhado da frase – “Seja bem vindo a nossa morada, que Deus esteja convosco”! Comenta-se quem lá esteve que a sua pequena população é constituída de dez mil habitantes felizes e que nunca deixaram para trás os amigos e filhos que lá nasceram e cresceram.

Jericó sempre foi uma cidade pacífica, dizem que lá não existe e nunca existiram crimes, onde reina a paz e a concórdia. Ali seus habitantes são como irmãos. Eles se ajudam, se fortalecem como se fossem uma grande família. E foi assim nesta terra prometida que na década de cinquenta surgiu o Grupo Escoteiro Mar da Galileia. A história de como foi, seus primeiros chefes e diretores serão narrados na sequência desta história. Fique a vontade nesta noite estrelada para ouvir mais uma bela lenda escoteira sente-se em volta do fogo, coloque sua manta, olhe para o céu cheio de estrelas e se prepare. Uma voz amiga e simpática virá do céu e fará você viajar nesta linda saga que irá marcar a todos para sempre. Tenho certeza que irá adorar esta cidade, seus habitantes e seu Grupo Escoteiro. Um grupo que muitos sonham em participar e claro amar a todos como a si mesmo.

Capítulo I – Um Corte de Honra

Não era grande, quem sabe pequena, mas era linda. Devia ter uns quatro metros por seis. Para uma sala de Corte de Honra até que era grande demais. Exceto os monitores e os chefes ninguém mais tinha permissão para entrar a não ser se convidado. Nos quatro livros de Atas preenchidos deste a fundação, quem tivesse a oportunidade de ler, ia ver que não houve convites para terceiros. Os subs quando necessário a presença a Corte se Reunia na sala da chefia. Contam uma história que a primeira patrulha do Grupo Escoteiro Mar da Galileia construiu a sala com os braços dos seus primeiros monitores. Nenhum adulto pôde colocar a mão. Diz à lenda que eles mesmos construíram a mesa, as cadeiras, o armário e fizeram questão de pintar por dentro e por fora com uma linda cor verde garrafa, cor que se mantém até hoje. Nota-se que a cor não desbota e o que eles os monitores que a pintam uma vez por ano usam na tinta um preparado especial. Aprenderam com os Hebreus do Vale da Judéia. Boato, mitos ou fábulas faziam parte da lenda e por isto era motivo não só de curiosidade como também o sonho de entrar lá!

Todos sabiam que era impossível. Havia todo um ritual quando um novo Monitor assumia e até esta mística ninguém sabia como era. A boca pequena comentava-se que ele tinha de ficar de joelhos em cima de milho e feijões por uma hora. Depois o Monitor mais antigo o investia como Monitor tomava-lhe a promessa e ele tinha de prometer fidelidade e manter tudo que ali discutiam no mais completo sigilo na vida e na morte. Outros diziam que havia uma espada, uma bandeira da Corte de Honra e até um cálice onde se brindava com vinho a chegada do novo Monitor. A lenda conta que o Chefe da Tropa sempre entrava primeiro com sua manta e escorado em um Cajado de pedras preciosas. O que bebiam? Ninguém sabia. Verdade ou não por mais amizade que um Escoteiro tivesse com um dos monitores não conseguia arrancar uma sílaba de como era por dentro, o que faziam lá, quem era o Presidente e o escriba. Como criaram toda esta lenda, tudo que existia somente um nome sempre vinha à tona. Judá, o primeiro Monitor. Claro que todos sabiam que só um não podia ser o responsável por tudo, mas a boca pequena tudo que diziam não era nada com o nada. Até hoje todos sabiam que Judá se tornou uma lenda na tropa e quando se pensava nele imaginava-se um jovem forte, alto, sorridente com uma aureola na cabeça. Isto demonstraria que ao passar para o outro lado se tornou um santo Escoteiro.

Todo terceiro sábado de cada mês ela a Corte de Honra se reunia. Ninguém da tropa ia para casa sem ver a entrada dos monitores e sua pompa. Era só o que podiam ver. Hoje havia muitas flores em volta das paredes externas da sala da Corte de Honra. Diziam que cada Monitor escolhia uma flor plantava e ficava responsável até passar para o próximo quando se aproximava sua época da Rota Sênior. A pequena sede da Corte de Honra de longe era linda. A cor verde garrafa, as telhas pintadas de marrom e as flores em volta davam a ela um aspecto juvenil, alegre e parecia que lá dentro se encontraria a felicidade. Ao término do Cerimonial de bandeira as patrulhas ainda ficavam reunidas por quinze minutos. O Monitor passava o comando ao sub dentro dos padrões existentes e se despedia dos patrulheiros com um Sempre Alerta firme e partia rumo à sala da Corte de Honra. A patrulha estática parava o que estavam fazendo. De pé no canto de patrulha observavam os passos de seu Monitor. Ele parava a uma

distancia de trinta jardas (mais ou menos 27 metros) e ficava em posição de descansar esperando a chamada. Não se ouvia nenhuma voz, mas uma luz brilhante aparecia e ele entrava. A porta se fechava.

Não havia disse me disse, o que se falava lá ficava a não ser quando decidiam as atividades e decisões que afetavam o programa ou a honra da tropa, entrega de condecorações, distintivos, cordões de eficiência e outorga do Distintivo “Lis de Ouro”. Costumes ficam quando vem de tradições e nisto a Tropa Rio Jordão fazia questão de manter. Trinta e cinco anos de existência e tudo funcionavam a contento. Todos no grupo faziam questão de se considerarem democratas. A Corte de Honra nunca abusou de sua posição e ninguém seria julgado sem direito de defesa ou mesmo sem a presença dos pais. Nos fogos de Conselho sempre ao terminar um Monitor se aproximava da fogueira, levantava seu braço direito, saudava com um grito de guerra a Tropa Rio Jordão e repetia para todos os presentes às tradições que nunca foram colocadas em dúvida e passadas de gerações em gerações.

- Todos estavam em pé, cada um em seu lugar previamente marcado e que nunca era alterado. O Chefe João Batista foi o primeiro a entrar. Na porta Abraão o Monitor esperava o convite. A luz azul acendeu e ele entrou. Logo a seguir vieram por ordem de monitoria: - Tiago, Monitor da Patrulha Camelo, Uziel da Patrulha Galha e Batuel da Patrulha Corvo. Abraão o Monitor da patrulha Garça Real e presidente da Corte de Honra tomou a palavra – Todos deram as mãos e fizeram um silêncio de um minuto. Era dedicado a todos os monitores que um dia participaram da Tropa Escoteira Rio Jordão. Logo em seguida se viraram para o pavilhão Nacional, composto por uma Bandeira do Brasil regimento colocada em um bastão com tripé no canto da sala – A bandeira em saudação! Firme e descansar. O próprio Abraão fez a oração de abertura – Senhor meu grande Monitor, dá-me a bravura dos Bandeirantes, a Coragem dos Guerreiros. Dai-me Senhor a humildade dos monges, a lealdade dos cavaleiros, a honradez dos justos, a força dos animais, a limpidez das águas e um coração que saiba ouvir, entender, e amar aqueles que me cercam. Assim seja!

A sala da Corte de Honra não diferia de tantas outras. O Pavilhão Nacional, um pequeno armário de parede, uma foto de Baden Powell e outra de Jesus, uma banqueta que servia para manter a bilha de água, copos de papel, uma mesa com seis cadeiras. Na mesa forrada com uma costura de arremate simples de cipós entrelaçados e devidamente lixados, dois livros, Escotismo para Rapazes e uma Bíblia. Abraão o Monitor convidou a Tiago Monitor da Patrulha Camelo e investido com o Escriba a ler a ata anterior. Feita a leitura foi assinada sem discussões pelos presentes. Um tema era esperado por todos. Afinal todos os anos a tropa fazia um grande acampamento e o último durou dez dias. Este ano não seria diferente. A cada ano mais e mais o acampamento se transformava. Grandes Jogos, grandes excursões, jornadas épicas foram feitas com sucesso absoluto na Tropa Rio Jordão.

Tiago Monitor da Patrulha Camelo pediu a palavra. – Senhores membros da Corte de Honra, acredito que o que se passa com Estefano não é preciso repetir. Já é do conhecimento de todos os Escoteiros da tropa. Considerando hoje são quatro reuniões sem aparecer. Liguei para sua casa e fui até lá. Não adiantou. Ele nem mesmo quer falar comigo e fica em silêncio com a minha presença. Sabemos que a saída de um Escoteiro do Grupo mancha nossa tradição e houve épocas de se passarem anos sem uma única saída. Insisti várias vezes e vi que sua motivação acabou. Entrou para um time de futebol que sempre tem jogos aos sábados e domingos. Não acredito que ele vai voltar. O Chefe João Batista olhou a todos esperando que outros monitores se manifestassem. Tiveram o mesmo tema no ano passado quando Malquiel da Patrulha Corvo fez o mesmo. Tentativas e nada. Em um domingo ele foi pessoalmente conversar com os pais. Malquiel também estava desanimado. O Chefe João Batista conversou com ele por horas. Conversou não praticamente só ouviu. O que ele pediu foi discutido na Corte de Honra e aprovado por todos, com ressalva por Batuel Monitor da Patrulha Corvo.

- Já que não temos mais temas a não ser o do Estefano, eu irei a sua casa no próximo domingo e vamos ver se podemos tê-lo de volta. Como no passado não iremos forçar. Quem sabe erramos e se isto aconteceu vamos acertar. – Mais algum assunto? – Chefe, falou Uziel da Patrulha Galha. – Como vai ser nosso acampamento de férias? Todos prestaram a máxima atenção ao Chefe. – O Chefe João Batista olhou nos olhos de todos os presentes. - Temos ainda nove meses pela frente. Eu iria sugerir um grande bivaque de doze dias, onde poderemos percorrer mais de oitenta quilômetros, passando pelo Monte Sinai, depois o Vale do Rio Eufrates, enfrentar o vale de Canaã e subir até a Represa do Lago Hule. Neste último ficaremos por quatro dias pra fazermos grandes jogos e grandes atividades Escoteiras. – Todos olharam para o Chefe João Batista assustados. – Chefe não é perigoso o Vale de Canaã? – Claro que sim disse o Chefe João Batista. Mas iremos prevenidos. Primeiro ter certeza que não haverá

chuvas na cabeceira do Rio Nilo e acredito que com mais ou menos seis horas chegaremos a Montanha do Monte Tabor e lá estaremos a salvo.

Havia uma história misteriosa a respeito do Vale de Canaã. Era um vale estreito, mais de quinze quilômetros de extensão e muitas vezes sem ninguém esperar, uma queda d'água aparecia levando tudo de roldão a sua frente. Poderia passar anos e anos sem acontecer nada, mas ninguém poderia dizer quando ia acontecer. Por outro lado era o vale mais lindo de todos os demais em volta de Jericó. Quem passou por lá e pela mão do destino voltou, contavam as incríveis criaturas que lá habitavam. Foi Éfeso quem um dia descreveu ao Chefe João Batista o que viu. Com seus olhos grandes negros, parecia voltar novamente no tempo e descreveu as maravilhas dos pássaros gigantes. Enormes Águias de todas as cores, Canários coloridos, Gaviões enormes que passeavam no céu sem atacar ninguém. Não viu nenhum animal e somente aves. Quem sabe por que todos sabiam que quando uma queda d'água se aproximava não dava tempo para ninguém fugir. Em ambos os lados do vale surgiam enormes escarpas difícil de escalar.

Há quem também contou uma visão incrível que nas noites sem lua aconteciam no Vale de Canaã. Alguns juraram ter visto um negro enorme com um sorriso contagiante e mesmo sem conhecer eles sabiam que devia ser Nabucodonosor o fundador da cidade. Outros também disseram que Rebeca estava sempre com ele. Mas uma figura fantasmagórica assustava a todos. Era o Pirata Inglês de nome Edward Teach. Sempre a brandir impropérios, dizendo que seu ouro era seu e de mais ninguém. Carregava uma enorme espada e dois enormes mosquetes presos por um cabo ao ombro. Dizem que sua gargalhada ressoava por todo o vale e assustava até o mais simples mortal. Tudo isto foi discutido na Corte de Honra e mesmo assim apesar de assustar os monitores eles votaram pela jornada. Ali se sabia que o medo não era próprio de Escoteiros.

A reunião da Corte de Honra nunca ultrapassava hora e meia. Estava na hora de terminar. Chefe João Batista pediu a todos os presentes que discutissem com as patrulhas e que cada Escoteiro desse sua sugestão. Eles deveriam conversar com seus pais. Ele sabia que na época oportuna faria uma reunião de pais para maiores detalhes, mas ainda faltavam nove meses para que a grande jornada acontecesse. Sabia que o tempo passa rápido e que neste período de espera muitos sonhos iriam acontecer. Terminou deixando na mente de cada um dos monitores algum que ele nunca tinha dito: Vocês já devem ter ouvido a história da Lenda do Tesouro Perdido do Deserto de Negev. Muitos acham que é realmente uma lenda e um tesouro que nunca existiu. A lenda conta que o Capitão Inglês chegou às margens do Rio Jordão quando avistou o Vale de Canaã. Abriu uma enorme caverna e ali junto aos seus comandados deixou o tesouro. Mais de cem homens a serviço do capitão morreram enterrados. Outros acreditavam que o tesouro poderia estar enterrado no Deserto de Negev ou no Vale do Rio Jordão. - Nós vamos percorrer o deserto e o vale, disse. Porque não tentar achar o tesouro? – Chefe João Batista riu e todos riram com ele. Mas suas palavras marcaram. Ele o Chefe sabia que era uma pitada de uma grande aventura. Que cada um criasse a sua. Ele mesmo nunca acreditou no tesouro, mas porque não acreditar?

Abraão o Monitor e Presidente da Corte de Honra tomou a palavra. Vamos encerrar pedindo a Tiago Monitor da Patrulha Camelo e investido com o Escriba que lesse a ata. Ela só seria assinada na próxima reunião da Corte de Honra. Nada mais havendo ele agradeceu a Deus pela oportunidade, deu a volta à mesa apertando a mão esquerda de cada um. Abraão o Monitor e presidente da Corte de Honra de comum acordo com os demais encerrou mais esta reunião. Batuel fez às vezes de intendente e serviu um café quente na garrafa do Grupo que ele mesmo fez em sua casa. Tirou do armário uma pequena lata onde biscoitos doces e salgados eram armazenados. Todos se serviram e uns olhando para os outros sua mente só pensavam no tesouro. Tesouro? Seria a palavra usada nos próximos nove meses que antecederiam os doze dias de uma atividade aventureira que eles já estavam pensando que seria a mais linda de suas vidas.

Capítulo II – A saga do Grupo Escoteiro Mar da Galileia

Corria o ano de 1950, ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. A cidade de Jericó dormitava naquela tarde ensolarada de setembro e as ruas praticamente desertas. Ninguém sabe de onde surgiram quatro jovens rapazes de bicicleta, todas elas com enormes mochilas no bagageiro, algumas com bandeiras firmes no guidom e cantando uma música esquisita pararam na Praça Monte Carmelo. Encostaram suas bicicletas, e entraram na Cantina do Esdras onde pediram um lanche. – Qualquer um disse o monitor deles. Sentaram a mesa na soleira da porta e em questão de minutos a praça estava cheia. Meninos, meninas, moças e rapazes, adultos de todas as idades estavam ali parados olhando apalermados para os estranhos visitantes que nunca viram. – Quem seriam eles? De onde vinham? Eram meninos e não tinha nenhum adulto. Cada um fazia a si e ao companheiro do lado estas perguntas. Estavam todos de calça curta aqui, camisa da mesma cor, um lenço azul e branco no pescoço preso por um arganêu marrom. Na cabeça um enorme chapéu também marrom. Todos alegres e sorridentes.

Um deles se dirigiu a Dona Salomé que passava por ali na hora. Parou a sua frente, tirou o chapéu e fazendo uma mesura, bateu uma bota na outra e educadamente perguntou: Senhora, onde estamos? Dona Salomé riu, pois além de diretora do Grupo Escolar Estrela de David tinha uma enorme experiência com jovens de qualquer idade. – Meu filho, ela disse – Você está na cidade de Jericó, cidade de quinze mil habitantes, fundada pelo Escravo Nabucodonosor, no ano da graça de 1893. Sejam bem vindos a nossa cidade. Mas diga-me quem são vocês? – Henoque riu. Ele era o Monitor da Patrulha Coruja do Deserto. Tinha catorze anos e meio. – Respondeu a ela sorrindo. – Senhora, estamos brincando de aventuras o que fazemos sempre. Resolvemos pegar um atalho pelo rio Eufrates e sem perceber chegamos a esta bela cidade. Resolvemos pernoitar aqui e se tudo desse certo partiremos bem cedinho para Nazaré e de lá até Damasco onde residimos. Menos de quatro dias de viagem.

- Olhe Senhora, continuou Henoque, nós somos Escoteiros. Somos seguidores do General Baden Powell, um Lord inglês que criou o escotismo em 1908. Ele tinha muita história para contar das suas aventuras nas selvas da África onde serviu por muitos anos. Foi herói da Guerra dos Bôeres e condecorado em Mafeking onde com menos de 800 soldados defendeu uma cidade aberta de mais de 10.000 inimigos. No seu retorno a Londres resolveu escrever alguns fascículos sobre o tema que tão bem conhecia: - Como ser um aventureiro que depois passou a se chamar escoteiros. Sem nenhuma pretensão começou a escrever fascículos cujo título chamou atenção da meninada londrina. Escotismo Para rapazes. Seus fascículos fizeram tanto sucesso que logo toda a juventude da cidade corria pelos campos aprendendo com suas ideias e os desenhos que ele fizera do tal escotismo. Dona Salomé gostou do rapaz. - Vocês pretendem partir hoje? – Não senhora. Vamos dormir aqui, vimos na entrada da cidade um campinho de futebol e se não incomodarem montaremos nossas barracas lá. Pretendemos partir com o lusco fusco da madrugada. Dona Salomé não perdeu tempo. – Não precisam dormir em barracas, no Grupo Escolar Estrela de David vocês terão abrigo. Temos lá um alojamento com camas e chuveiros quentes. Tenho certeza que irão gostar.

- Mas, por favor, gostaria de conhecer toda a história do escotismo. Vi que vocês são cavalheiros e isto me surpreendeu em jovens da sua idade. Se puderem ficar conosco por dois dias ficarei eternamente grata. Serão nossos convidados e não terão nenhuma despesa. Vou apresentá-los ao Conselho Diretor e vocês irão conhecer

nossos líderes da cidade. O prefeito e os benfeitores ficaram honrados com a presença de vocês. Melchior, Baltazar e Gaspar nossos mentores espirituais, terão orgulho em apertar a mão de cada um. Eles há muito tempo vem pensando em criar alguma organização para nossos jovens. Vocês nos darão a honra de serem nossos hóspedes por alguns dias? Henoque pediu a ela alguns minutos, precisava consultar os companheiros de patrulha para que eles opinassem. Saiu, junto dos amigos fizeram uma rodinha, conversaram em voz baixa e ele retornou sorrindo. – Dois dias não podemos ficar, acredito que um dia e meio será o suficiente. Ficaremos hoje amanhã e na virada da noite partiremos. Não podemos demorar, pois temos todo um programa para seguir.

Dito e feito. Foram levados Pelo Sargento Otoniel que também usava uma bicicleta até o grupo Escolar Estrela de David. Otoniel fazia às vezes de delegado e disse nunca ter prendido ninguém. Não existia cadeia em Jericó disse. Onde passavam eram motivos de ajuntamento nas janelas e portas das casas. Atrás uma enorme garotada corria atrás deles. Os quatro Escoteiros formavam uma patrulha unida e experiente. O mais novo tinha quase dois anos de atividade. Aproveitavam as férias de julho e agosto para grandes atividades aventureiras e esta era uma delas. Levantaram cedo e as sete já estavam na porta da Câmara Municipal onde pediram para eles comparecerem. Os senhores Melchior, Baltazar e Gaspar dizem os historiadores de Jericó, foram os principais fundadores da cidade, pois a muitos e muitos anos receberam a chave diretamente da mão de Carmela, sobrinha neta de Nabucodonosor. Ninguém duvidava que eles três tivessem mais de cem anos de idade. Andavam como jovens, falavam como jovens e sorriam como jovens.

O auditório da Câmara estava lotado. Lá fora uma multidão querendo entrar, mas sabiam que não havia mais lugar. O Sargento Otoniel ficou na porta contando o que se passava lá dentro. Uma mesa redonda foi colocada no palco e então os três diretores começaram a arguir os seis meninos Escoteiros. Ficaram toda a manhã respondendo as perguntas que não cessavam. A Senhorita Ruth secretária do Prefeito foi convidada a secretariar e quem um dia passar no Museu da cidade, poderá ler a ata de fundação do primeiro Grupo Escoteiro de Jericó. Dizem ter mais de trezentas páginas. Quando os Escoteiros partiram o Sargento Otoniel recebeu uma missão de ir até a capital e comprar todos os livros, uniformes, chapéus, distintivos que encontrassem na sede regional. Joshua funcionário da loja escoteira levou o maior susto. O sargento nem perguntou o que ele tinha em estoque. Mandou empacotar tudo e a loja ficou completamente vazia. Pagou a vista e Joshua um pequeno funcionário da loja escoteira sabia que seria promovido pelos Comissários. Uma venda perfeita. Ria de orelha a orelha.

Enquanto isto os três reis magos, isto é os três diretores do Conselho Diretor da cidade não perdiam tempo. Chamaram todos os professores do Colégio Canaã, do Grupo Escolar Estrela de David e o colégio das freiras carmelitas Monte das Oliveiras. Durante uma semana ficaram em discussão. No final, mais de trinta professores se ofereceram para serem os voluntários. Para cada um foi entregue seis livros Escoteiros. Do fundador o Guia do Chefe Escoteiro, O caminho Para o Sucesso e o Escotismo para rapazes. Todos levaram também o Guia do Escoteiro do Velho Lobo, o Guia do Lobinho, e o Para ser Escoteiro. Melchior, Baltazar e Gaspar deram a todos um mês de prazo para saberem tudo de cor o que nos livros estavam escritos. Pode-se dizer sem sombra de dúvida que era um prenúncio dos melhores para um início do Grupo Escoteiro. A cidade em peso participou da escolha do nome do Grupo. Neftali uma jovem de dezoito anos, noiva de Absalom foi quem escolheu o nome mais votado. Grupo Escoteiro Mar da Galileia.

De início organizaram duas alcateias e duas tropas. Dois chefes ficaram com oito meninos cada um, para serem os futuros monitores. Em quinze de novembro de 1951 a cidade amanheceu em festa. Seria a data oficial de fundação do Grupo Escoteiro Mar da Galileia. Ninguém queria perder a promessa e muitos meninos se sentiam ressentidos por não terem sido aceitos no início. Posteriormente foi organizado mais duas alcateias, duas tropas, duas tropas seniores, um Clã pioneiro e todas as tropas com seus monitores devidamente formados e promessados. Foi uma linda cerimônia. O Grupo Escoteiro Mar da Galileia em menos de um ano estava com todas suas sessões cheias. Não havia vaga e havia uma grande procura. Já pensavam em formar novos chefes e começar mais duas alcateias e duas tropas. Ali nunca faltaram voluntários. Em 1955 quarenta voluntários foram para a capital fazerem o primeiro Cursos Escoteiros. Uma cidade pequena sem grandes empresas e fábricas perdia inapelavelmente os adultos com bastante frequência. A procura de uma vida profissional melhor levaram muitos deles a irem para grandes cidades, mas passado alguns anos desencantavam-se e voltavam a sua origem. Muitos chefes foram assistentes nas alcateias e tropas. Isto acontecia com aqueles que partiram em busca de nova vida profissional.

Contam os antigos Escoteiros do Grupo muitas histórias de acampamentos, de excursões e também aquelas mais tristes com a morte de um jovem sênior no Rio Nilo e o sumiço do Escoteiro Jônatas quando acampavam próximo ao Mar da Galileia. A cidade não acreditava e as buscas duraram dois meses. Uma manhã de sol, eles viram uma luz azul descendo o Monte Sinai e Jônatas estava lá são e salvo. Ninguém perguntou o que aconteceu. Sabiam que era obra de Nabucodonosor. Mas o tempo passou e em 1966 assumiu a Tropa Escoteira o Chefe João Batista. De onde ele veio? Qual era sua história? Ninguém sabia. Em menos de seis meses se tornou amigo de toda a cidade. Professor de História e Geografia no Colégio Canaã e sua esposa Verônica uma excelente costureira logo fez grandes amizades. Quando o Chefe Zebulon resolveu ir para os Estados Unidos pela primeira vez a tropa não tinha assistentes. Foi um Deus no acuda. Os três diretores se puseram a campo. Discutiram a valer e escolheram um nome de um Chefe que tinha chegado à cidade há pouco tempo. Seu nome: - Chefe João Batista. – Mas afinal ele conhece de escotismo? Perguntou Gaspar, - não sei respondeu Baltazar. Nabucodonosor disse que sim. Vamos chamá-lo e colocar as cartas na mesa completou Melchior. Cinco dias depois ele foi apresentado a Tropa Escoteira Rio Jordão. Lembramos aos leitores que a segunda e terceira tropa pouco irá aparecer nesta história, assim como as quatro alcateias e as duas tropas seniores.

Capítulo II – Um senhor chamado João Batista

Menos de dez horas da manhã do dia primeiro de abril de 1964, João Batista e Verônica desceram do ônibus na Praça Sete na capital do estado. Levaram o maior susto. Em todos os lugares soldados do exército armados até os dentes. Tanques de guerra cobriam cada rua e cada canto do centro da cidade. O que estava acontecendo? João Batista foi a uma banca de jornal e comprou o Diário Estrela de David. Lá explicava tudo. A revolução aconteceu. João Batista não era político, não era comunista, não era revolucionário. Ele era um simples Chefe Escoteiro. João Batista não era de falar muito, seu pai sempre dizia que quem cala ganha muito e quem fala demais dá bom dia a cavalo. Ele agora era outro. Agora era um homem trabalhador que pensava em criar sua família como um bom brasileiro. João Batista foi a capital aproveitando uma folga do feriado da cidade. Ela caiu em uma segunda-feira. Combinou com todos no grupo que passaria na Cantina escoteira, se alguém queria alguma coisa que fizesse a encomenda. Na sede regional ele quem sabe poderia bater um papo com os líderes regionais, isto se tivesse alguém lá. Ficou hospedado no Hotel Jerusalém na rua do mesmo nome. Chegaram sábado pela manhã e iriam embora segunda à noite no noturno.

João Batista comentou com Verônica sua esposa que não devia se preocupar. Eles não eram malfeitores e melhor era cumprir o que pretendiam. Na Cantina Escoteira fizeram uma boa compra. Como sempre não havia ninguém da liderança. Ele entendia, pois sabia que todos trabalhavam. Pegaram o trem noturno e ele partiu da gare Da Estação Monte Carmelo às onze e meia da noite. Deviam chegar por volta de nove da manhã. Na estação de Belém eles desceram. Logo avistaram Mebahel, um motorista de taxi e pai de um lobinho. – Chefe, cuidado, a “coisa tá feia” prenderam o Chefe Ezequias e os demais chefes sumiram da cidade. Proibiram o Grupo Escoteiro de Funcionar. Disseram que eles estavam treinando táticas de guerrilhas com os jovens e que o Grupo Escoteiro era comunista. Isto porque o lenço era vermelho e branco. Soube que foram na sua casa e perguntaram por toda a vizinhança. João Batista notou que os trens passavam cheios de prisioneiros com destino a capital. O Ezequias preso? Um rapaz seu amigo e irmão. Conheceram-se na usina e logo passaram a falar de escotismo. Coisas de escoteiros.

Mebahel os levou até sua casa. Alertou para não ficar ali. Era perigoso. João Batista disse para Verônica ficar de sobreaviso. Iria até a paróquia. O Padre Elias era gente boa. Ele devia saber o que estava acontecendo. No caminho alguém gritou de uma janela. João Batista viu que era Yanne, um Monitor da Raposa. – Chefe! Cuidado! Estão procurando o senhor por toda a cidade. Tem uma patrulha acampada atrás do Morro das Oliveiras. Estão com eles o Hamon e o Servulo. Eles disseram que iriam ficar lá até passar esta onda de prisão. João Batista agradeceu e partiu para a paróquia. O Padre Elias sorriu quando o viu. – Chefe acusaram vocês de serem comunistas por causa do lenço vermelho e que estão treinando os meninos para guerrilheiros. Pode? Olhe expliquei para o Sargento Pôncios Pilatos que tudo não passava de um engano. Não sei se ele entendeu, mas Judas estava com eles. Foi ele quem

dedurou todo mundo aqui. Lembrei-me de Judas. Era Juiz de Menores na cidade e sempre foi contra a fundação do Grupo Escoteiro. Ele sempre foi a favor dos Guardas Mirins.

- Mas olhe continuou o padre Elias, não precisa se preocupar. Fui pessoalmente à 15ª Companhia da Polícia Militar. O Capitão Natanahel disse para você ficar quieto por uns tempos e não praticar escotismo. Deixar passar essa leva de denúncias sem fundamento. Ele sabia que os Escoteiros tem uma formação patriótica. Ele iria ver se soltava o Ezequias, mas ele tinha sido levado para o templo dos Fariseus na capital. Passou uma semana e tudo estava voltando ao normal. Ninguém mais procurou o Chefe João Batista. A patrulha que estava acampada voltou. Ramon e Sérvulo tinham dezessete anos. Eles se assustaram. Haviam passado para o Clã há pouco tempo. Pensaram que poderiam ser presos. Aos poucos o Grupo Escoteiro foi voltando ao normal com suas atividades. Só três semanas depois que soltaram o Ezequias. Ele estava revoltado e dolorido. Aplicaram nele choques, enfiaram sua cabeça dentro de um vaso de água suja e com um pequeno alicate arrancaram uma unha de sua mão. Seus olhos estavam vermelhos. Devia ter chorado muito.

Chefe João Batista! Não vou perdoar estes canalhas. Vou entrar para o sindicato e para a guerrilha. Lá terei respaldo e desculpe, vou deixar o grupo. Não quero que os militares achem que estou lá preparando uma revolução. O que fazer agora? O grupo praticamente esfacelado. Nenhum pai iria deixar seus filhos nas mãos de comunistas não era assim que diziam na cidade? João Batista achou que não dava mais para morar ali. Conversou muito com Verônica e dois meses depois demitido da Usina siderúrgica partiu para Salvador. Pensava que lá poderia arrumar emprego na nova área industrial que estava sendo montada com muitas indústrias e fábricas. Professor formado pela Universidade Federal da capital ele tentou nos colégios e também nada conseguiu. Comprou o Jornal A Folha dos Fariseus e viu que uma cidade do interior chamada Jericó precisava de um Professor. Pedia para comparecer na Rua Tira Chapéu levando documentos e curriculum.

Dona Salomé uma senhora muito simpática gostou muito de João Batista. O salário não era alto, mas ela prometeu uma casa mobiliada para eles morarem e disse que a vida em Jericó não era cara e ela tinha certeza que iriam amar a cidade. – Olha seu João, nós nos orgulhamos em ser uma cidade voltada para a paz. Nunca tivemos um roubo, nunca houve um assassinato e aqueles que gostam dormem de janela aberta. João Batista comentou com Verônica e ambos aceitaram na hora. A viagem até Jericó não foi fácil. Viajaram de ônibus até Damasco e de lá a cavalo foram mais dois dias. Não havia estradas e tudo que entrava ou saía da cidade só mesmo em lombo de burros. Parecia que a cidade saiu da história e não queria entrar na modernidade. Verônica estava adorando tudo. Adorou a travessia do rio Eufrates, a subida no Monte Sinai, o Vale do Hula. Ficou abismada com o Mar Vermelho. A cada parada para descansar admirava mais e mais a região e aos poucos tomavam conhecimento de sua história desde a fundação contada por Dona Salomé que os acompanhava.

A entrada da cidade era espetacular. Parecia que nuvens brancas cobriam boa parte da cidade e aos poucos elas subiam aos céus. Uma paz encantadora, uma brisa refrescante soprava harmoniosamente naqueles que estavam sentados na linda praça, varias igrejas e ali não faltava também templos evangélicos. Dona Salomé disse que todas as religiões ali viviam em paz e harmonia. Uma surpresa aconteceu no primeiro dia. Ao cair da tarde os sinos soavam convidando a todos à oração, uma voz invisível vindo do alto dizia: - Hora solene, hora da graça, na despedida de mais um dia em que tudo se toca, se envolve e enlaça. Aos suaves acordes da Ave-Maria o sol se esconde lá no horizonte bem distante e a natureza se emudece e uma grande cadeia de homens e mulheres, fechando os olhos por um instante, eleva a alma em terna prece. E não se sabe como uma voz incrivelmente doce de uma jovem ecoava no ar o Pai Nosso tão belo que os olhos de João Batista e Verônica se encheram de lágrimas.

João Batista se sentiu outro homem como Professor. Os alunos eram educados e prestativos. As notas de todos quase se igualavam. Ele sabia que a maioria era escoteira, mas resolveu manter seu anonimato Badeniano por uns tempos. Quem sabe sua vida pregressa mesmo sem nada a se culpar poderia trazer lembranças ou pessoas indesejadas a cidade. Ele sentia falta do escotismo. Muita falta. Sempre foi um deles desde criança e não poder estar com eles novamente era triste e ele sentia isto a todo instante. Todos os sábados eles iam à tarde para a Praça Monte Carmelo e se sentiam como em estado de graça. Os Escoteiros corriam por todos os cantos. Era um grupo grande imaginou João Batista. Sempre na janela de sua casa ele os via indo acampar, empurrando carrocinhas, cantando o Rataplã, ou outra musica qualquer. Era rotina. Faziam escotismo dos bons. Sempre ao ar livre.

Um dia ele foi chamado a Sala de Reuniões do Conselho da cidade. Pela primeira vez ele conheceu Melchior, Baltazar e Gaspar, e ficou admirado pela figura que eles representavam. Algum Professor disse para ele que herdaram de Benfeitor da cidade Nabucodonosor toda a mística e segredos de Jericó. Eram considerados os pais da cidade. Não eram arrogantes e alisando com os dedos suas enormes barbas brancas entraram direito ao assunto – Meu amigo João Batista, falou Melchior, sabemos que você é Chefe Escoteiro e Escoteiro de coração desde criança. João Batista levou o maior susto. Como eles souberam? – Baltazar riu. Calma meu amigo, sabemos de tudo e você não precisa se preocupar. Aqui ninguém vai lhe fazer mal. Sentimos em você a paz e o amor que se espera em um homem de caráter e temos por você o maior respeito. João Batista entrou calado e ficou calado. Ele sabia o que acontecia com os que falam muito.

- Precisamos de você disse Gaspar, claro que você não é obrigado a aceitar, mas a Tropa Escoteira Rio Jordão está sem Chefe. O Chefe Zebulon muito doente foi se tratar na capital. Nós sabemos que seu retorno é difícil. Sabemos que sua vida na terra vai se encerrar em poucos meses. Tem muitos esperando por ele lá em cima já que era uma alma bem quista e de grande coração. A Tropa Escoteira Rio Jordão há muitos e muitos anos decidiram terem só um Chefe. Não é certo, pois na falta de um não tem substituto. Mas os monitores foram irredutíveis. Porque decidiram assim é um direito que eles têm. Abraão o Monitor mais antigo assumiu a liderança e apesar de ser um ótimo líder a tropa precisa de adulto. – Todos se calaram. João Batista não sabia o que dizer. O sangue Escoteiro que corria em suas veias dizia que ele precisava voltar ao seu destino. – Aceito disse. Ele sabia que Verônica iria apoiar sua decisão. Ela sempre dizia à falta que o escotismo estava fazendo a ele.

João Batista ficou estupefato. Nunca imaginou uma cerimônia de apresentação a um grupo como a que se estava realizando. Foi um dia marcante em sua vida. Todas as sessões presentes e impecavelmente uniformizados. Quando ele viu os três reis magos, isto é, os três diretores uniformizados não acreditou. Foi fantástico ver três velhinhos de barbas brancas, cabelos longos brancos, com um chapéu Escoteiro Prada legítimo, uniforme cáqui de tergal, meióes importados da Alemanha, lindas Jarreteiras inglesas, e no chapéu o penacho mais lindo que ele tinha visto. Um azul celeste que brilhava. Todas as autoridades da cidade estavam presentes e aqueles Ex-Escoteiros portavam também seus uniformes. Um Monitor sênior tocou um reunir em um Chifre do Kudu negro, e sem barulho por parte das centenas que ali estavam. Um farfalhar de gente contra o vento começou a se deslocar. Em segundos se formou duas ferraduras. Uma dentro da outra. Na frente os lobos. Atrás os Escoteiros e seniores. Ninguém fora do lugar. Os chefes de um lado, convidados de outro. Um lobinho tomou a frente e convidou sua matilha para a cerimonia de bandeira.

Incrível a postura de cada um. Comandados por um lobinho se via a garra o garbo e o civismo estampado em todos os presentes. Ao comando de firme a bandeira em saudação o Hino Nacional ribombou de lado a lado de canto a canto. Cantado de maneira soberba e foi então que ele viu quatro seniores atrás da ferradura, um com um violão, outro com um saxofone, alguém tocava deliciosamente uma clarineta e o ultimo um pequeno tarol a marcar o compasso. Ao termino o lobinho dirigente correu para sua matilha e o Escoteiro mais antigo do grupo correu até o inicio da ferradura e fez uma linda oração. Os diretores do grupo agora dirigiam toda a atividade. Um toque pelos músicos Escoteiros de Saudação a Autoridade, todos em posição de sentido, João Batista foi chamado. Ele não sabia como, mas Melchior com sua voz doce e suave comentou seu curriculum Escoteiro rapidamente. Um chiado, uma palma surgida no silêncio, aumentando até que todos, os lobos e Escoteiros tiraram a cobertura e gritaram o Grito de Guerra da União dos Escoteiros do Brasil alto e em bom som. Anrê! Anrê! Anrê! Pró Brasil? Maracatu!

João Batista era um chefe experiente e tinha feito os dois principais cursos da época. O de Adestramento Básico onde ficaram cinco dias acampados e o da Insígnia da Madeira ramo Escoteiro nove dias também acampado. Ele queria ter seu certificado e o lenço e para isto não demorou a enviar a União dos Escoteiros do Brasil o seu “caderno” um questionário de muitas perguntas para analisarem o grau de conhecimento do Chefe. Com a sua saída da Cidade do Aço ele praticamente esqueceu o seu sonho. Sabia ser impossível um dia ser Chefe Insígnia de Madeira. Sem esperar João Batista foi surpreendido por uma deliciosa surpresa. Ao lado dos três diretores viu que um deles portava uma pequena bandeja acolchoada com as cores verde e amarela e dentro um lenço da Insígnia da Madeira e ao lado o Colar com duas contas. A voz de João Batista sumiu. Na garganta um nó. Ele não acreditava no que estava acontecendo. Os três diretores entregavam a ele seu lenço, seu colar e o certificado. Como? Será que eles eram tão bem relacionados com os dirigentes nacionais? Seus olhos encheram-se de lágrimas. Verônica veio correndo lhe abraçar. Emocionadíssima ela não sabia o que dizer.

A surpresa maior foi que a bandinha, ou melhor, o conjunto musical começou a tocar O Rataplã e todos participantes da ferradura cantaram em voz uníssima de uma conjunção de vozes que ele de novo ficou embasbacado. Aos poucos matilha por matilha, patrulha por patrulha corriam até onde estava e todos o abraçavam com carinho. Por último os chefes fizeram um círculo em volta dele e o jogaram para cima várias vezes gritando: - vida longa Chefe João Batista, vida longa! Escoltado pela Tropa Escoteira Rio Jordão, eles se dirigiram a parte que lhes cabia no pátio. Cada um em fila se apresentou e João Batista dizendo seu nome, tempo de escotismo e sua classe. João Batista pensou consigo mesmo que nunca mais seja o que acontecer ele deixaria aquela tropa na mão. Abraão o Monitor mais antigo da patrulha Garça Real e presidente da Corte de Honra tomou seu lugar a frente e dirigiu as honras de praxe. Apresentou-o a Tiago, Monitor da Patrulha Camelo, Uziel da Patrulha Galinha e Batuel da Patrulha Corvo. O grito de tropa foi dado e logo os gritos de todas as patrulhas. João Batista agora se sentia mais Escoteiro. Era o Chefe da Tropa Rio do Jordão, e com orgulho pertencia também ao Grupo Escoteiro Mar da Galileia.

Capítulo III – Uma Tropa Escoteira chamada Rio Jordão**Tudo tem seu tempo, sua hora e lugar.**

O Chefe João Batista ria a mais não poder na Conversa ao Pé do Fogo que se realizava no segundo dia de campo. Era seu primeiro com os monitores da tropa Rio Jordão. O local era excelente, boa aguada, muito bambu, lenha seca, um rio piscoso, e uma floresta negra ao norte do Monte Sinai. Quando terminou o jogo das Panteras Negras, ele ascendeu o fogo em frente a sua barraca e aos poucos a escoteirada ia se aproximando. Uns sentando aqui, outros ali. Ele gostava destas horas onde os jovens se soltavam sem uma hierarquia e regras de um Fogo de Conselho. Quando Tiago começou a contar a história de um acampamento só da patrulha, a atenção de todos se fixaram em sua figura. A história não era nova, a maioria já conhecia, mas Tiago era um mestre Contador de Histórias para ninguém colocar defeito. Ele imitava todas as personagens e isto prendia a atenção de todos.

- Vai cair! Deus do céu eu não aguento mais segurar! – Felipe com seus 12 anos gritava sem parar. Ele não estava só havia mais dois com ele. Mas a chuvinha fina incessante caía sem parar, a estradinha ia desaparecendo e com ela a carretinha da patrulha rumo a um abismo sem fim. Tiago gritou alto – Segurem! Vou tentar pegar o material com a corda por cima. Vi uma fenda bem próximo da estrada no alto e cabia até duas pessoas. Todos olharam e viram também. Estava enlameada. Não seria fácil ir até ali, mas todos sabiam como Tiago era. Tudo para ele sempre foi um desafio e ele nem pestanejava. Para isto era o Monitor. Efraim correu para ajudá-lo. Conseguiu. – Gritou para Malquiel – Suba na carretinha, amarre primeiro o saco de patrulha e depois o material de sapa! E vocês segurem, pois se não o Matheus e a carreta vão cair pelo despenhadeiro! Malquiel gritou de alegria. A carretinha parou de escorregar. Já quase vazia conseguiram tirar a roda que balançava no ar. Matheus sorriu aliviado. Pensou que não ia sobrar nada, o medo estava passando. Gedeão tentava ajudar, mas sua perna doía demais. Foi ele o culpado quando a chuvinha começou e foi coçar as costas quando perdeu o equilíbrio e a carretinha começou a cair no precipício.

Depois do susto todos os olhares se dirigiam para Remiel, ele abaixou a cabeça. Afinal foi ele quem deu a sugestão de alterar o caminho. – Olhem o Seu Servulo da venda foi quem me ensinou. Disse que se passássemos pelo Serra do Monte Carmelo iríamos economizar mais de uma hora na jornada. – Coitado do Remiel. Se a carretinha tivesse caído ele nunca iria deixar de se culpar. No principio não foi difícil. Eram sete e a carretinha não estava tão pesada. Foi na volta do Rio Eufrates, logo após passarem pela Porteira do Fim do Mundo que tudo começou a ir por água abaixo. Uma chuvinha fina, a terra formando barro, a carretinha deslizando e o perigo chegando. Se tudo estivesse seco não haveria perigo algum. Agora qualquer mancada eles sabiam que a garganta era profunda, mais de oitenta metros. Uma queda fatal. Efraim o sub-monitor gritou alto com todos, deixem o pobre do Remiel em paz, ele só queria ajudar! Vamos partir, pois temos menos de duas horas antes que escureça! – E lá foram eles, agora mais fácil só descida. Meia hora e avistaram o local do acampamento. O Vale das Oliveiras era um local excelente para acampar. Conhecido do Chefe Zebulon e plenamente avalizado pelo Demétrio Pintassilgo, dono da Fazenda Pedra da Aliança. Eles tinham ido lá uma vez com ele em um domingo. Deviam ter ido pelo caminho traçado e combinado, mas não...

Chefe tudo aconteceu na Reunião de Monitores na casa do Efraim. O acampamento estava marcado. Extraordinariamente o Chefe Zebulon, o seu antecessor expediu um estafeta para avisar aos demais de uma reunião urgente com os monitores. Nenhum deles conhecia muito o Chefe Zebulon, pois assumira a tropa a menos de três meses. Todos gostaram dele na apresentação. Ele tinha um sorriso contagiante. À medida que chegavam foram se assentado em volta da mesa. Não era comum o chamado do Chefe, mas naquela noite ficaram sabendo o porquê da convocação. Chefe Zebulon explicou a todos que teria que partir da cidade e poderia não voltar. Não disse o porquê. – Mas vocês enquanto o Conselho Diretor não conseguir um novo Chefe devem continuar se reunindo. – Afinal não podem ficar sempre dependentes não acham? - Ele disse. Tem que fazer como Caio Vianna Martins, o Escoteiro caminha com suas próprias pernas! – Uziel Monitor da Patrulha Gralha sorriu. Para ele isto não era novidade. No livro de ata da Corte de Honra quantas e quantas vezes a Tropa Rio do Jordão ficou sem Chefe? – Olhe Chefe, disse Tiago – Nós tínhamos marcado um acampamento com minha patrulha. Tudo foi autorizado pelo Senhor e pela Corte de Honra. - Agora cancelar? Todos sonhavam com o acampamento marcado para o sábado seguinte no Vale das Oliveiras próximo as Colinas de Hebrom. Eles conheciam o local. Fizeram uma atividade lá em um domingo. Era meio escondido, o sol quase não aparecia por causa das montanhas em volta. Mas tinha uma linda cascata, um local gramado e bambus à vontade. Tudo tinha sido preparado pelo Matheus o intendente. Nada faltava. Ele fez questão de afiar as ferramentas, limpar as duas barracas e as panelas apesar de velhas estavam brilhando.

E então Chefe, vamos cancelar o acampamento? Chefe Zebulon pensou e pensou. Acho que vou acreditar em você. Já acamparam sozinhos? Abraão o Monitor mais antigo considerado o Guia da Tropa confirmou ao Chefe que todos eram bastante experientes e a Patrulha do Tiago tinha perfeitas condições. – Tudo bem se os demais monitores estão de acordo eu não serei contra. – E foi assim Chefe que começou a nova aventura com a patrulha acampando pela primeira vez sem chefes. Ficou determinado que cada um dos Escoteiros da patrulha trouxesse a autorização dos pais por escrito. Não foi difícil. Para explicar aos pais a patrulha comparecia completa na casa de cada um. Só o pai do Malquiel teve dúvidas, mas tantos a falarem ao mesmo tempo, que ele para se livrar deu a autorização. Tudo certo para a partida. Chefe Zebulon viajou naquele dia mesmo. Ninguém sabia onde ele foi. Afinal naqueles dois anos que ele iniciou na tropa fez grandes amizades. Todos gostavam dele, nunca viram um adulto como ele amigo dos jovens, sabia ouvir e aconselhar claro se os Escoteiros pedissem. Ele sempre dizia que se conselho fosse bom se vendia e não de graça como é hoje.

O tempo passou rápido. Chefe João Batista deu boa noite a todos. Acho que preciso dormir e vocês também. Os monitores despediram e juntos fizeram uma oração. Tiago foi para a sua barraca pensativo, ele lembrava-se das palavras do Chefe João Batista quando estavam cantando o Stodola. Cantem mais devagar com harmonia, façam a voz sair da alma do coração. É importante lembrarem quando cantarem é como vocês estivessem saboreando uma boa refeição. A música e a letra tem que entrar no seu coração. Um poeta dizia que quando se ouve boa música fica-se com saudade de algo que nunca se teve e nunca se terá. E não esqueçam o pássaro não canta por estar feliz, mas sim está feliz porque canta. Tiago riu, mas aprendeu e nunca mais esqueceu.

Uziel também foi para sua barraca. Estava dormindo com Abraão e Batuel. Ele lembrou o dia que entrou para a Tropa Escoteira. Não dava para esquecer o Chefe Demétrio mais antigo que o Chefe Zebulon entrou em sua casa. Seu pai o olhou de esguelha e pouco falou. Ele sempre foi assim sério e circunspeto. Mal conversava com ele. Era Tabelião do Cartório no Bairro Absalom. Uziel notou que só o Chefe Demétrio falava e isto não era bom. Falou tudo que sabia, contou sobre os Escoteiros, o que poderiam aprender suas vantagens junto à família à escola e a igreja. Só quando comentou sobre civismo e disciplina que as sobrancelhas de seu pai se mexeram. Viu quando seu pai levantou a mão como a dizer - Basta! Uziel tremeu. Sabia a maneira de proceder do seu pai – Meu filho não vai entrar nesta. Boa noite moço. Vá com Deus! Era assim que ele agia. Mas ele se enganou redondamente, seu pai sorriu e que sorriso, Uziel também sorriu. – Senhor Demétrio, entrego meu filho as suas mãos. Faça dele um ótimo Escoteiro é o que desejo. Uziel ficou em pé, fechou a mão direita e pulou gritando – Urra! Olhou para seu pai assustado. Ele sorria para ele.

Tudo neste mundo tem uma razão de ser. Uziel nunca pensou que poderia fazer o que estava fazendo. Ele gostava de outras coisas. Junto a mais dois amigos passavam o tempo livre no seu conjunto musical que queria montar. Uziel estava na escola de Dona Dinorah que ensinava música. Ele adorava um saxofone, sabia que tão cedo poderia comprar um, mas sabia que um dia isto iria acontecer. Ele iria crescer e ser um grande saxofonista. Até mesmo já tinha composto duas melodias. Poucos gostavam delas, mas era sua escolha pessoal. Seus dois amigos

tocavam violão e um deles pensava ser um grande baterista. Ele era muito inteligente, pois com duas latas de vinte litros, uma tampa de panela grande, duas baquetas montou a sua bateria. Duas vezes por semana no fundo do quintal eles treinavam. Uziel sempre pensando que um dia iria gravar suas composições. Dentro da barraca Uziel olhava para cima como se estivesse vendo o céu. "Eu gosto da noite pensava. Sem a escuridão, não poderíamos ver as estrelas.". Ele tinha lido isto em algum lugar, agora não se lembrava.

Abraão Monitor da Patrulha Garça Real não tinha pai. Ele tinha morrido conforme sua mãe lhe contou há muito tempo. Ela contou que ele trabalhava como pedreiro na construção de um arranha céu na capital e caiu. Morreu na hora. Sua mãe chorou pouco, pois logo mudaram para Jericó. Sua mãe disse que sua Avó ainda era viva e tinha uma casinha bem próxima à praça. Você vai gostar de lá ela disse. Ele tinha dois anos e nem se importou com isto. Agora com seus onze anos Jericó era tudo que conhecia. Soube pela sua mãe como era a capital, mas ele nunca se interessou. Amava a cidade e achou que ia se formar e morar ali para sempre. Estavam saindo da Missa das sete naquele domingo quando o Padre Jeremiah o chamou juntamente com sua mãe. Ele falou pouco – O Chefe Demétrio abriu duas vagas em sua tropa. Se você estiver interessado vá procurá-lo no sábado na sede deles e diga que fui eu quem o enviou. Pensei em você, pois achei que poderia interessar.

Não deu outra. Abraão amou o escotismo desde o primeiro dia. Ele fazia escotismo de manhã de tarde e a noite. Nunca discutiu com ninguém, nunca brigou e só sabia fazer amigos. Chorou muito quando fez a Promessa Escoteira. Mas chorou de alegria. Abraão era emotivo. Muito. Emocionava com uma boa história, emocionava com o nascer e o por do sol. Quando alguém na patrulha sorria pela vida Escoteira que levava ele se emocionava. Quando foi escolhido pela patrulha para assumir como Monitor no lugar de Jezabel foi como se desnudasse toda sua vida e agora seria outra bem diferente. Sabia que uma monitoria requer sacrifício e abnegação. Abraão não mudou tanto, pois se tinha boas notas escolares elas continuaram como antes. Bom menino, responsável tinha nos patrulheiros da Garça Real uma grande admiração e uma forte amizade. Seu Espírito Escoteiro era tão forte que logo foi escolhido para Presidente da Corte de Honra e na falta do Chefe ele assumia como Guia de Tropa.

Batuel segurava o mastro da bandeira conforme lhe instruíram. Era enorme, mais de oito metros. Furaram um buraco com mais de quarenta centímetros e já tinham reservados vários pedaços de paus para firmarem em volta. Uziel levantou o mastro enquanto aguentou, mas logo ele foi enlaçado por cordas e puxado pelos demais foi subindo e caiu dentro da vala aberta por eles. Manter no prumo não foi difícil. Batuel deu alguns passos atrás e olhou com carinho o mastro que ajudou a cortar e a fixar. Batuel sorria. Gostava de sorrir e ainda mais sendo Escoteiro. Nunca pensou que ia ser um deles. Quando seu pai lhe disse foi pego de surpresa. Chefe Demétrio escolhia sem conhecer, mas era um homem de sorte. Eram quatro monitores que valiam por vinte. O que Batuel gostava mesmo era de acampar. Adorava quando saíam para o campo. Sem perceber se tornou mestre em pioneirias. Ele tinha uma queda por planejar desenhar e construir tudo que lhe vinha à mente. Ele sonhava em um dia montar um campo de patrulhas em cima das árvores. Levar água e a patrulha poderia passar dias sem descer.

Batuel no primeiro dia que entrou para a Tropa Rio Jordão fez questão de cumprimentar a cada um com a mão esquerda – Os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda! Ele dizia sorrindo. Todos olharam espantados. Calma pessoal quem falou isto foi o fundador do escotismo. Robert Stephenson Smyth Baden-Powell. Um dia vocês irão ouvir muito sobre Lord Baden-Powell ou BP. Todos ficavam surpresos com seus conhecimentos. O que eles não sabiam era que todo o dia Batuel ia à biblioteca e lá procurava toda literatura do fundador. Ele sempre foi um jovem legal. Tinha amigos que não acabava mais. Na escola todos se aproximavam querendo conversar com ele. Ele tinha um dom, sabia ouvir. Coisa difícil hoje em dia que todos querem falar primeiro. Na primeira excursão que fizeram ele fazia todos rirem apesar de serem pata tenras iniciantes. Muitos levavam uma mochila cheia de bugigangas, mas o Chefe Zebulon deixava. Ele sempre dizia que devemos aprender a fazer fazendo.

João batista se sentia outro. Desde a saída do Chefe Zebulon ele se tornou um guia, um amigo e um irmão de todos Escoteiro da tropa. Era o Chefe deles, mas se comportava como irmão mais Velho. Sabia ouvir, falar na hora certa e compreender os problemas de cada um. Sempre ficou com eles em todas as horas possíveis. Os monitores e os Escoteiros passaram a ter o Chefe João Batista como um herói e amigo de todas as horas. Não houve grandes mudanças. Parecia uma continuidade no crescimento de cada um e isto os faziam felizes. João Batista neste primeiro acampamento com os monitores ele se surpreendeu. Não era Pata-tenra como Chefe, pois boa parte de sua vida ele foi Escoteiro. Mas os meninos monitores da Tropa Rio Jordão eram os melhores monitores que ele conheceu.

Naquela noite no Fogo de Conselho surpreso ele viu a meninada fazerem o melhor Fogo de Conselho que tinha assistido até então.

O Fogo de Conselho estava programado para a noite de domingo. Uziel foi eleito responsável por ele. A tarde toda a patrulha fez duas viagens levando lenha seca. Eles escolheram o local próximo a Pedra do Nilo as margens do Rio Jaboque. Menos de quinhentos metros do acampamento. A pedra não era alta, quem sabe uns quarenta metros. Não seria um fogo sofisticado. Eles tinham bons treinamentos em Fogo de Conselho. Fizeram diversos fogos e eles queriam por a prova o fogo Perene. O Chefe Zebulon no passado dizia que ele dura exatamente duas horas e meia sem a necessidade de abastecimento. Queriam testar. Primeiro um pequeno feito com achas grossas e por dentro achas finas em forma de triangulo, depois uma fogueira tipo São João com achas bem grossas em volta. Um metro e fechariam com uma tampa de achas medias. Finalmente uma fogueira indígena por cima, bem feita e segura por cipós. Ela queimaria em primeiro lugar e jogaria brasas nas de baixo e assim o tempo de duração seria o programado. Claro que precisavam bom treino e saber a madeira certa para queimar.

Abraão reuniu a patrulha no domingo a tarde logo após o banho na Cascata do Mar Vermelho. Ninguém queria sair e ficaram mais de uma hora naquela água gostosa e agradável. Mas o tempo urgia e precisavam fazer o jantar, pois o Fogo de Conselho estava marcado para as nove e meia da noite. Quando iniciaram a montagem do fogo Batuel e Tomé sentiram algum estranho no local escolhido. Eles não sabiam o que era. Parecia que alguém estava em volta deles, mas eles não viam ninguém. Comentaram com Abraão e Uziel. Eles também não notaram nada. Pararam por alguns instantes, as arvores pareciam quietas, não havia pássaros noturnos. Eles não se lembravam de algum parecido nos acampamentos anteriores. Claro eles tinham a presença do Chefe João Batista e eles sabiam que podiam confiar. O Chefe João Batista tinha grande experiência e a patrulha não tinha medo algum. Agora não. Não era medo, nada disto era uma cisma que não sabiam explicar.

Abraão fez uma reunião de patrulha. Explicou o que estava sentindo e aos poucos a inquietação foi sendo esquecida. Todos agora estavam animados para o inicio do fogo. Às oito da noite após a janta deixaram as vasilhas para serem limpas pela manhã. Não era certo. Nunca fizeram assim só não queriam atrasar o Fogo de Conselho. Às oito e meia estavam em marcha de estrada na pequena trilha que os levaria até a Pedra do Nilo. Pararam atônitos – Uma bola de fogo parecia correr pela trilha em direção a eles. Quando ela estava próximo correram fora da trilha e cada um subiu em um tronco de arvore. A bola de fogo passou zunindo e sumiu na trilha de retorno. Desceram com o coração batendo – O que era aquilo? Perguntou Uriel! Ninguém soube responder. E agora? Fazemos o que? Abraão não se deu por achado. Vamos em frente, nosso fogo tem de ser aceso às nove da noite. Tremendo lá foram os quatro monitores rumo a Pedra do Nilo. Não aconteceu mais nada depois da bola de fogo. Ficaram sabendo depois que os três reis magos de Jericó disseram ser a bola de fogo um aviso de Nabucodonosor que ele estava presente e os protegeria de tudo de ruim que pudesse acontecer.

Tomé e Uziel já tinham preparado o fogo conforme discutido anteriormente. O Chefe João Batista chegou logo em seguida, pois iria assistir sem interferir. Abraão perguntou a todos se podiam dar inicio. Todos ficaram de pé em silêncio. Uziel tinha um fósforo. Somente um. Se ele o perdesse não haveria outro. Não conseguindo a responsabilidade passaria para Batuel. Se Batuel não conseguisse ninguém sabia quem seria o próximo. Isto nunca aconteceu. Dois palitos era o máximo permitido. Uma vez perguntaram ao Chefe Zebulon o que aconteceria se perdessem os dois palitos – O fogo não pode ser aceso, respondeu – É uma tradição. As atividades do fogo do conselho seriam feita sem fogo. Todos estavam de olho em Uziel. Ninguém falava nada. Um silêncio sepulcral. Um segundo, dois três e quatro e a fumaça começou. Cinco e seis os primeiros gravetos crepitaram, sete e oito a vibração total. O fogo estava aceso! – Uziel deu um pulo no ar – Com a mão direita levantada fazendo o sinal Escoteiro gritou – “Que os ventos do norte, que os ventos do sul, que os ventos do leste e oeste nos tragam a luz. Que a paz e o senhor que nos protege faça brilhar as estrelas no céu”. A patrulha já estava em pé e a começaram a cantara a Canção do Fogo de Conselho. Cantaram serenamente, calma e sem alarde:

¶ **“Brilha a fogueira ao pé do acampamento”...**
Para alegria não há melhor momento,
Velhos amigos não perdem a ocasião
“De reunidos cantar uma canção”.¶

Era apenas um Fogo de Conselho, igual a tantos que um dia aconteceu na vida de cada um. Eles sabiam que no passado há muitos e muitos anos o fundador com sua experiência e vivência adotou uma atividade das mais belas no escotismo. A mística, a ambientação do programa Escoteiro não difere dos costumes, valores e tradições culturais de muitos povos que ele conheceu em suas viagens. Ele vivenciou os nativos da Ásia, os selvagens africanos, os peles-vermelhas da América e mesmo os colonizadores brancos, que se reuniam em torno de fogueiras, acreditavam que suas luzes e calor espantavam as trevas, o rio e os animais selvagens. Sabiam que era o momento em que todos se encontravam para conversar, cantar, contar histórias ou planejar as caçadas, discutir a paz ou a guerra. Eles sabiam que as fogueiras ao ar livre já existiam desde séculos e séculos passados. Seus efeitos mágicos e práticos acompanham o homem desde sua origem até hoje. Essa origem se perde no tempo, remontando desde os mais remotos, quando o homem ainda dormia ao ar livre. O escotismo assimilou tudo isto. Dizem que foi na África que apareceram os contadores de histórias e os guardiões de todas as tradições. Aqueles meninos que ali em volta de uma fogueira naquela noite escura cantavam e contavam tudo que os divertia, eram participantes de uma fraternidade universal. Podia-se ver que eram iluminados pela luz amarela da fogueira que subia aos céus com suas fagulhas coloridas. Quem sabe sob a proteção de Nabucodonosor, um espírito iluminado e criador daquela bela cidade de Jericó.

Capítulo IV – Era uma vez... A Operação da Arca da Aliança

Foram nove meses de preparação. Chefe João Batista fez duas reuniões de pais, conversou pessoalmente com três deles. No programa ele precisaria refazer os víveres em três locais diferentes. Queria evitar muito peso nas mochilas dos Escoteiros. Uma seria no alto do Monte Sinai, o segundo no Vale do Rio Eufrates, e por último no Lago Hule após terem atravessado o Vale de Canaã. Dos trinta jovens da tropa, se inscreveram vinte e oito Escoteiros e os dois restantes ainda iriam confirmar. Bivaches não eram desconhecidos para ele. Já fizera vários e sabia que era cansativo, mas tinha muitos atrativos que devidamente explorados pelo Chefe e os monitores, era plenamente certo que o sucesso é garantido. Todos do mais novo ao mais Velho na tropa teriam o que desejavam - A Aventura! E ele sabia que ela não iria faltar. Ele foi convidado pelos membros diretores Melchior, Baltazar e Gaspar para uma reunião. Havia uma preocupação dos pais e de alguns dos chefes do grupo quando souberam que ele iria passar pelo Vale de Canaã para atingir o Lago Hule. Era um local perigoso e por diversas vezes o pequeno riacho virava um rio caudaloso. Vários habitantes de Jericó haviam sucumbido ali e poucos retornaram. Eles sabiam que nas suas margens se houvesse uma cheia não havia escapatória e todos seriam levados de roldão sem poder escapar.

O Chefe João Batista explicou como seria o programa e se ele sentisse que alguma possibilidade de chuva estivesse para acontecer nas cabeceiras do rio ele encerraria ali a atividade. – Chefe, disse Baltazar, eu sei que sem uma pitada de perigo nada vale para a formação do jovem. Mas se quer saber estamos de acordo. Chefe João Batista não tinha a menor ideia que eles em uma reunião entre quatro paredes, seu guia espiritual já os tinha orientado como agir. Os meses foram passando, a tropa só falava no Bivache. -Chefe? – Perguntou Batuel, a maioria dos Escoteiros está perguntando por que não dar um nome ao nosso Bivache? – Boa ideia Batuel - falou o Chefe João Batista. Fale com os outros monitores, peça a eles que conversem com suas patrulhas pedindo sugestões. Depois decidiremos em Corte de Honra. Dois meses depois o Bivache já tinha nome: - “Operação Arca da Aliança”. Nada como um nome bíblico para que a cidade tomasse conhecimento e se orgulhassem de seus Escoteiros. Muitos pais que foram Escoteiros na juventude dariam tudo para estar com eles. O Chefe João Batista lembrou-se do que conhecia da Arca. Ele sabia que ela continha as duas tábuas do Decálogo (os Dez Mandamentos). Lembrando que Deus tinha feito uma aliança com Israel, mas o seu povo tinha quebrado. Por sua graça, Deus renovou a aliança, e ordenou que o registro (as tábuas de pedra) deveria ser depositado na Santa Arca. O Livro da Aliança que tratava de outros aspectos da lei e das ordenanças foi depositado ao lado da arca. Mas os 10 Mandamentos foram armazenados dentro da própria arca. “Ex 25,16”. Depois “porás na arca o testemunho que eu te darei”.

Eles treinaram em patrulhas tudo que podia acontecer na atividade. Determinou-se que na mochila todos levariam a mesma tralha. Separaram e até pediram ajuda as mães para um caldeirão simples, uma pequena panela de alumínio e uma frigideira. Não precisavam de mais. Dois facões, duas machadinhas, um serrote e o melhor, o que levar de alimentação na mochila. Dois meses discutido o cardápio do campo. Não foi difícil. Teria que ser o mais simples possível, pois tudo iria às costas de cada um até a próxima etapa da jornada. Firmaram um pacto que

ninguém a não ser em casos especiais iria levar material de outro. Cada um teria que ser responsável pelo que ia levar. O Chefe João Batista disse que eles iriam ter três locais para dormir. O primeiro ficava na descida do Monte Sinai. Uma cabana de madeira que caberia todos para dormir ou servir de abrigo de chuvas torrenciais. O segundo uma grande caverna próxima ao Vale do Rio Eufrates. Uma caverna enorme onde se podia jogar dançar e cantar. A terceira a mais perigosa era cruzar o Vale de Canaã em apenas um dia. Um local desconhecido e sabiam que ali morreram muitos que se arriscaram passar por lá. Conseguindo chegariam ao Lago Hule, ultima etapa onde iriam montar campos de patrulhas e fazer grandes jogos e competições inolvidáveis.

Os Patrulheiros da Garça Real eram os mais animados. Abraão o Monitor ouvia com alegria os comentários na escola, na praça junto a amigos em sua rua não havia outro assunto a não ser a Operação Arca da Aliança. Dimas era o mais novo na Patrulha, mas tinha uma coragem de fazer inveja a cada um dos patrulheiros. A Patrulha Camelo cujo Monitor era Tiago, eram os mais quietos e calados. Todos sabiam de sua força e de sua vontade em acertar. Os Patrulheiros da Patrulha Galha eram altos e fortes. Eles sabiam que iriam tirar de letra esta jornada da Operação Arca da Aliança. Só Batuel e os Patrulheiros da Patrulha Corvo treinaram tudo que tinham direito. Se precisasse de uma tipoia, de uma maca, de um nó especial ou mesmo uma ajuda de primeiros socorros, a patrulha sabia o que fazer.

Todos estavam devidamente preparados para os oitenta quilômetros que iam enfrentar. Nunca em suas vidas andaram tanto. No máximo quinze até a Terra de Moabe onde fizeram um lindo acampamento depois do ano novo. Os monitores se reuniram diversas vezes. O Chefe João Batista conversou longamente com cada um. Lembrou-se dos sapatos macios e que não estivessem apertados, meióes perfeitas sem cerzir. Uma pequena capa de chuva de plástico e que cada patrulha não deixasse de verificar sua caixa de primeiros socorros. Corria o mês de dezembro de 1968. Faltava um mês para o inicio da jornada. Houve um hiato na tropa para o Natal e Ano Novo. Três semanas antes da partida eles se reuniram todos os dias.

O Chefe João Batista estava em férias escolares. Aproveitou para dar uma ajeitada em sua casa que foi cedida pelo Conselho da Cidade de Jericó. Uma vila tranquila, pacata e João Batista sempre comentava com sua esposa Verônica a escolha que fizeram. Havia dois anos que moravam em Jericó. Uma cidade onde os habitantes chamavam-se pelos nomes, onde os convites para uma festa ou um aniversário era uma constante. Interessante que as coisas que eles viram e ouviram se tornou comum e não houve mais curiosidade em saber o que ou como os acontecimentos fugiam a sua imaginação. Eles acostumaram com o entardecer da Ave Maria. Do cantar da jovem que nunca viram, das orações do Mestre que desconheciam. Sabiam que os diretores e membros da liderança da cidade e do Grupo Escoteiro Mar da Galileia Melchior, Baltazar e Gaspar tinham mais de trezentos anos. Contaram a eles e eles acreditaram.

Ambos agradeciam a Deus por tudo que lhes deram. Pediam mais, eles queriam um filho, um menino ou menina não importa, mas Verônica parecia não acertar o dia propício. Eles sabiam que o que tinha de ser um dia será. Se Deus quiser que eles tenham um filho irão ter, se não só a ele o criador saberia explicar o porquê não poderiam ainda ter o que desejavam. O Chefe João Batista tinha muitos amigos na cidade, mas ninguém em especial. Ele um dia teve um amigo que era mais que um irmão. Ezequias. Hoje se lembrava dele, mas nunca mais teve notícias. Não tirava a razão de sua revolta. Sempre pensou em voltar a Belém. Comentou com Verônica e ela sorriu quando ele lhe disse que um dia iria voltar só para convidar Ezequias a morar em Jericó. Será que ele aceitaria? Ele sabia que o ar, as pessoas, tudo em Jericó convidava a paz e o amor. Mas voltar às origens não era fácil. Ele sabia que agora todos e tudo seriam diferentes. Claro que sentia saudades, a mudança que ele fez em sua vida foi radical. Hoje se sente livre em uma cidade sem marginais, onde o amor transpira e ele teria ali sua morada até sua morte, ou quem sabe até Deus dizer o contrário.

O dia tão esperado chegou. Pela manhã de sábado a porta da sede cheia de gente. Pais, avós, tias e tios se revezavam para dar adeus aquele filho Escoteiro que amavam. João Batista sorria. Sabia que em todos os Grupos Escoteiros do Mundo sempre seria assim. A família que criava seu rebento precisava dar liberdade, mas a preocupação era muita. Na última hora orientou mais Beulah, Gamaliel e Baruc, os pais que iriam ajuda-lo nesta formidável jornada. Nunca foi marinheiro de primeira viagem. Diversas vezes excursionou em busca de grandes aventuras. Bivaches foram dezenas. Nunca se apertou com nada. Aprendeu nos Escoteiros a enfrentar a vida como ela é. Queria ensinar aqueles meninos Escoteiros que eles podiam que tinham condições, que as adversidades

deveriam ser enfrentadas com um sorriso. Em todo percurso do bivaque ele só conhecia por mapas. Melhor assim pensou, pois também precisavam de uma dose de aventura mesmo nos seus trinta e cinco anos de idade.

O adeus do até logo e partiram cantando o Rataplã. Alegria geral. Por ruas e avenidas que passavam palmas e palmas. Avistou ao longe o Monte Sinai. Estonteante visão. Belchior lhe disse que o caminho pelas fendas da cadeia das montanhas do Monte Sinai traz ao peregrino a sensação de estar caminhando em “terra de ninguém”. Principalmente para quem faz à subida a noite, ele sabia que não iria tentar a noite, não com aqueles trinta meninos Escoteiros que buscavam uma grande aventura. Mas seria um ponto de reunião a considerar. Sabia que a noite a temperatura pode chegar à 5°C, isso porque durante o dia pode passar de 41°C. - O Verdadeiro Monte Sinai (também conhecido como Monte Horeb ou Jebel Musa, que significa “Monte de Moisés” em árabe) está situado no sul da península do Sinai, no Egito. Esta região é considerada sagrada por três religiões: cristianismo, judaísmo e islão. O dele que seus Escoteiros iam escalar era outro, mais maneiro, mais amigo.

As doze em ponto a subida começou. Não era cansativa. Ele fazia questão de estar sempre junto aos monitores para saber como estavam as patrulhas, se alguém se cansava fácil ou se precisavam dar uma parada. Nunca exigiu fila indiana onde pudessem andar aos pares. Um trecho que fazia a volta na montanha ele achou que deveriam ir em fila indiana. Não era perigoso, mas se alguém caísse à altura que estavam podia provocar um enorme acidente. Foi Uziel quem sugeriu amarrar diversas cordas das patrulhas passando pelo anel do cinto de cada um. Chefe João Batista concordou. Qualquer um que perdesse o equilíbrio seria seguro pelos demais. Queria chegar até a Cabana de madeira que lhe contaram existir na descida do outro lado da montanha. Pretendiam ficar lá por três dias. Uma extensa programação já estava pronta e se não houvesse atraso no dia seguinte tudo seria posto em prática. O atraso aconteceu. Começou a escurecer e mesmo assim não pararam. O ânimo da tropa era o melhor possível. Contavam piadas, sorriam, cantavam e parecia não estar cansados. Ele já tinha feito cinco paradas de meia hora.

Às onze da noite começaram a descida. Pelas informações a cabana não estava longe. Às duas da manhã avistaram, mas viram que uma fumaça saía de sua chaminé. - Quem poderia ser? Estavam a menos de quinhentos metros da cabana. O Chefe João Batista chamou os monitores. Peçam as patrulhas para ficarem em silêncio. Eu e Abraão iremos até a cabana para saber quem está lá. Melhor não assustar o inquilino, pois teremos que dividir a cabana com os demais. Desceram devagar tentando evitar passadas longas e galhos quebrados. Chegaram bem perto e viram pela janela dois homens mal encarados, na mesa espingardas e revolveres. Estavam bebendo com certeza, pois davam enormes gargalhadas. João Batista fez um sinal para Abraão e voltaram até onde estava a tropa. Um sinal para os monitores e após o Conselho de Patrulha, todos ficaram sabendo do acontecido. O Chefe João Batista pediu aos monitores que voltassem até o início da descida, pois havia uma nascente e iriam passar a noite lá. Chamou Batuel e o instruiu que deixasse dois Escoteiros de guarda olhando a cabana. Eles deveriam ficar bem escondidos. Quaisquer emergências devem correr ao acampamento e voltar. – Batuel! Disse o Chefe João Batista - Troquem a guarda a cada hora depois chame a patrulha Camelo do Monitor Tiago para substituir vocês! - Precisamos monitorar o que os bandidos fazem na cabana ou se vão embora.

Capítulo VI – Bandidos no Monte Sinai

A madrugada já estava despontando quando Baraquias e Joatã chegaram correndo. Chamaram Batuel e foram até onde estava o Chefe João Batista. – Chefe! Quem falava era Joatã, um menino Escoteiro franzino, um segunda classe dos bons. – Eles não estão lá mais! – O Chefe João Batista ficou surpreso. – Pois é Chefe, eles saíram correndo de dentro da cabana e pedido perdão! Eu não entendi nada Chefe. Eles correram feito uma lebre e seguiram na direção sudeste! - Vamos até lá ver o que ouve, disse João Batista. Chamou Batuel e Joatã para ir com ele. Em questão de minutos avistaram a cabana. João batista mandou que os dois aguardassem ali. Foi pé ante pé e pela janela não viu ninguém. Entrou e a cabana vazia. Não deixaram nada para trás sinal que não voltariam mais. Mandou os dois de volta e pediu para avisarem a Abraão trazer toda a tropa. – Vamos ver se conseguimos retornar ao programa. Não estamos muito atrasados, mas a tropa precisa dormir. Alegria geral da escoteirada. Fizeram primeiro uma limpeza geral da cabana e foram dormir.

Dormiram até o meio dia. Não houve sentinelas, pois o próprio Chefe resolveu ficar fora da cabana na espreita. Cada patrulha procurou uma árvore e ali fez seu fogão tropeiro. Estavam com fome e o melhor é um almoço gostoso. Nada como arroz, linguiça em uma sopa com batata para voltar às forças. Só às três da tarde todos estavam almoçados. O dia estava quase no fim quando o Senhor Gamaliel chegou com sua charrete trazendo os viveres combinado. Como ele chegou ali de charrete ninguém sabia o Chefe João Batista ficou encucado. Atrás da cabana existia um pequeno riacho com águas cristalinas e geladas. Geladas mesmo. Mas todos adoraram o banho e vestiram roupas quentes, pois o frio despontava. Uma bruma branca arribava do Monte Sinai e em breve iria cobrir a cabana. Nesta noite jantaram uma sopa de macarrão. Mais tarde a maioria preferiu uma boa conversa ao Pé do Fogo. Quantas histórias. Elas seriam contadas em todas suas vidas e em todos os fogos de Conselho que participassem. Onze da noite o toque do silêncio pelo Chifre do Kudu. Todos se recolheram menos Abraão, Tiago, Batuel e Uziel que ficaram para uma Corte de Honra. Fizeram um resumo do dia e foram avisados que no dia seguinte o programa seria cumprido com mais rigor.

O dia foi tranquilo, pela manhã o Jogo das Folhas Verdes foi muito divertido, a tarde um treinamento de uma ponte rotativa deu o que falar. Um tronco de uns sete a oito metros, em cima uma madeira fina, de um metro presa ao tronco 45º graus, uma corda bem alceada na madeira, com duas cordas em lateral a patrulha devia levar um Escoteiro até o outro lado do riacho movimento o tronco. Bem claro que muitos caíram no riacho. A diversão foi boa, pois as quatro patrulhas faziam simultaneamente. À noite após o jantar um jogo noturno de Cruzados e Sarracenos e foram dormir. No quarto dia partiriam cedo. O Vale do Rio Eufrates seria uma barbada. Lá encontraria Beulah conforme o combinado. Era uma região de difícil acesso, mas Beulah que já fora tropeiro dos bons iria montado em um burro treinado para subidas em montanhas. No lombo do burro treinado, em cada lado dois balaios cheio de viveres cuja lista estava em seu poder. Saíram de madrugada. O sol estava nascendo quando as patrulhas se puseram na trilha do Monte Nebo que os levaria até o Vale do Rio Eufrates. Durante todo o percurso que iria durar mais de seis horas, João Batista pensativo não tinha nenhuma ideia do que havia acontecido com os bandidos na cabana. - O que os fez assustar tanto sem tentar se defender?

As coisas acontecem sempre com boas novas para o lado do bem. João Batista não sabia, mas estava acompanhado de um protetor. Alguém que sabia e conhecia tudo na cidade que fundou e no caminho que faziam. Ao seu lado sorrindo ela olhava para ele com carinho. Só o céu era testemunha desta maravilhosa e grandiosa jornada. Era uma região nova que ele não conhecia, mas linda demais. Nos livros de história está escrito que o Rio Eufrates é o mais longo e um dos mais historicamente importantes rios da Ásia Ocidental. Juntamente com o Tigre, é um dos dois rios que definem a Mesopotâmia. Tem seu nascimento no leste da Turquia. Flui através da Síria e do Iraque pra se unir ao Tigre no Chate Alárabe e desemboca no golfo Pérsico. João Batista sorria, ele gostava disto. Amava o escotismo e na natureza se sentia bem, suas forças revigoravam e ele se sentia um homem realizado. De vez em quando pensava que tinha voltado no tempo. Que bom seria que fosse verdade. A trilha quase não tinha subida. Duas horas depois fizeram a primeira parada. Hora do almoço. As patrulhas pareciam profissionais em suas responsabilidades. Nada se perdia e o tempo era para eles uma maneira de desafiar a cada etapa das suas vidas Escoteiras.

Resolveu descansar e fechar os olhos embaixo de uma oliveira frondosa e dormitando lhe veio à mente uma lenda que um dia leu sobre o Rio Eufrates. Nunca esqueceu a lenda do Cigano Igor que alardeava seu amor pelo Rio Eufrates. Naquele tempo em que Jesus corria pelas trilhas de Jerusalém. A chamavam Via Dolorosa, uma rua na cidade velha que começava no Portão do Leão terminando na Igreja do Santo Sepulcro. Foi à época que o cigano Igor contava a todos sua história: - Sou um cigano errante, Filho do sol e da Lua, Quando nasci, me batizaram, na beira do rio Eufrates, Falaram em meu pequeno ouvido, o meu nome secreto. Deram-me tantas virtudes, das quais me orgulho até hoje. Andei por muitos caminhos, e não encontrei o que tanto procuro, mas não me canso de buscar, apesar dos espinhos que ferem os meus pés, quando ainda está escuro. Sou o filho da Lua e do Sol, Um pássaro livre a voar, Estou aqui, ali e acolá, Realizo caminhadas, sem nunca sequer me cansar. Pois meu destino é andar e voar. Vôo nos meus pensamentos e vou onde me leva o vento. Vou ao encontro do amor, que eu sei que existe em algum lugar. Preciso de um amor, para encantar meus dias, que não me esqueça e me chame que grite bem alto o meu nome e o repita mais vezes... Igor!...Igor!...Igor! Vem para mim, vem me amar! Sou o Rei e sou o Príncipe, de um Reino Universal meu reinado nunca acaba, pois a minha coroa é a vida.

- Meu reino é feito de amor, de paz e de puro êxtase! Sou o caminheiro do tempo, pois faço qualquer roteiro. Pois o importante é nunca parar. Sou o primeiro e o último de todos os perseguidos, honrado ou desprezado, odiado ou simplesmente amado. Sou o ruído e o silêncio: sou o pranto e a alegria. Sou o eterno caminho, sou o menino do dia e o amante doce da noite, Sou o alívio das dores, dos corações que amam, portanto se precisares Basta apenas chamar pelo meu nome, nunca esqueça, O meu nome é Igor! Chame-me... Chame-me... Chame-me. - Era linda demais esta lenda, nunca a esqueceu. Acordou com Abraão em pé sorrindo a sua frente. – Chefe, não está na hora de partir? Levantou de um salto e com um sinal de mão formou em minutos toda a tropa. – Prontos? – Sim Chefe! – Em frente marche! – Não, eles não iriam marchando, João Batista gostava de deixar às patrulhas a vontade. Em marcha de estrada era assim que ele sempre fez. Cada um precisava ter a liberdade de conversar, de contar história, de cantar, pois só assim a camaradagem iria surgir impávida sem estardalhaço e obrigação.

O dia estava agradável para uma marcha de estrada. O céu límpido, azul celeste brilhava sem ter um sol excessivamente quente. A trilha os levou até a um sopé de uma montanha que ele imaginou ser o Monte das Oliveiras. Era um lugar lindo, florido, um bosque onde maçãs ainda verdes enchiam as macieiras ao redor. As Oliveiras estavam em flor. Em breve estariam carregadas de lindas azeitonas para o cultivo. Do alto de um sopé da montanha avistaram ao longe o Vale do Rio Eufrates. Maravilhosa vista. Mas ele sabia que pelos menos três horas de marcha ainda tinham pela frente. Queria chegar lá ainda dia para escolherem bons locais de campo para as patrulhas. O plano era acampar ali por três dias e seguir a última etapa do programa – O Vale de Canaã! – Este sim era impensável a qualquer Grupo Escoteiro realizar a subida em seu vale com escarpas enormes, riacho longo e perigoso. Sabia que ao término da jornada encontrariam o lago Hule destino final. Fora informado de uma enorme caverna próximo ao Rio Eufrates que abrigaria a toda tropa em caso de chuva incessante.

Às cinco da tarde beberam água em um remanso do Rio Eufrates. Não era largo, menos de quarenta metros onde estavam. Se for fundo ele não sabia. Tinham tempo para explorá-lo. Todos sabiam o que fazer. Às cinco e meia chegou o Senhor Beulah. Com seu burrico carregado e sorrindo. Abraços e descarregados os víveres ele partiu já escurecendo. João Batista o convidou a passar a noite com eles. Agradeceu, pois precisava da companhia do seu guia espiritual. – João Batista o olhou nos olhos tentando ver o que só ele via. Seu guia espiritual. Não viu nada e ele

partiu. Algum tempo depois já no alto da montanha das Oliveiras, todos viram uma enorme estrela esverdeada que seguia alguém pela trilha rumo à cidade de Jericó. Enquanto as patrulhas montavam seu campo o Chefe João Batista corria seus olhos até onde a vista podia atingir sentindo um frescor incomparável com o vento que vinha da nascente do rio. Parecia uma brisa forte trazendo a paz e ele até pensava que aquele vento seria um bálsamo para os doentes.

Abraão sentou ao seu lado, querendo como ele sentir toda a força do vento vinda a Nordeste. Sem perceber começou a falar com o Chefe João Batista: - Chefe, já lhe contaram sobre o dilúvio bíblico? Uns dizem que nunca existiu, outros que não passa de fantasia. Tem aqueles que dizem que além de não ter existido foi copiado de alguma outra lenda da antiguidade. Afinal seus livros sagrados descrevem em várias páginas um evento semelhante. Mas sabe Chefe, meu Professor de história me garantiu que existiu e foi localizado, muito embora não exista provas. Os textos que um dia escreveram sobre o tema dizem que foram cobertos pela água e que todos os animais expiraram. E quer saber mais, Gênesis descreveu que o final de tudo foi aqui no Rio Eufrates! João Batista olhou admirado para Abraão. Um simples Monitor, mas um profundo conhecedor de histórias bíblicas. A noite chegou. Não houve naquela noite Fogo de Conselho nem Conversa ao Pé do Fogo. Todos estavam cansados demais. Após a Corte de Honra em volta do fogo ainda ficou Batuel e Tiago. Deitado na relva eles não perdiam uma só máquina de Sputnik que vagavam sem rumo no céu estrelado.

Foram três dias maravilhosos. As patrulhas se divertiam como poucas vezes se divertiam. O Chefe João Batista não era um apitador, nada disto. Usava seu pequeno chifre do Kudu esporadicamente. Acreditava que mais valia um tempo livre de patrulha que uma atividade cansativa e sem graça. No terceiro dia fizeram uma "matutagem" para cada patrulha. Iriam explorar boa parte do Rio Eufrates. João Batista confiava. Eram todos exímios leitores de bússolas e mapa. Sabiam orientar pelas estrelas, pela lua, pelo sol e pelas árvores. Saíram cedo, por volta de dez horas da manhã. João Batista ficou só no acampamento. Construiu um banco móvel, uma mesa tripé e um forno só para dizer que um dia havia construído um. Pensou até em fazer um bolo, mas desistiu. Seus olhos viraram para leste displicentemente, se assustou. Alguém flutuava em pé na água do Rio Eufrates. Correu até lá e não viu ninguém.

Capítulo VII – Os tropeiros fantasmas

**“Passou um macho rosilho”.
E, sem parar o animal,
falava contra o governo,
contra as leis de Portugal.
Nós somos simples tropeiros,
por estes campos a andar.
O louco já deve ir longe,
“Mas ainda o vemos pelo ar...”.**

Passava um pouco de quatro da tarde. As patrulhas começavam a chegar. Diferença pouca de uma e outra. Antes de deixarem suas mochilas nas barracas avistaram ao longe um comboio de mulas. Deviam ser tropeiros rumo a Jericó. João Batista não conhecia ninguém. Os Escoteiros correram todos para ficarem ao seu lado. Ele não teve receio. Sabia que tropeiros eram gente do bem. Viu a frente no comando do comboio a madrinha da tropa, devia ser uma mula ou uma égua líder. Podia ser a mais velha e a conhecida de todos os muares. A madrinha portava o guizo ou cincerro, fitas e ia sinalizando a passagem ou chegada da tropa de mulas. Por ser mais hábil, ela identificava o melhor percurso, disciplinava os demais animais, impedindo que a ultrapasse. Auguste Saint-Hilaire um dia registrou: “No silêncio das matas ouvia constantemente o eco das vozes dos tropeiros e o ruído dos guizos da madrinha da tropa, mula predileta que guia fielmente a caravana, a cabeça ornada de panejamentos coloridos tendo ao alto uma pluma ou uma boneca.”.

Quando faltava menos de quinhentos metros para chegarem, sumiram. Miragem? – Cada Escoteiro olhava um para o outro. Eles juravam ter visto a tropa e cinco tropeiros, mas agora não viam mais nada! Chefe João Batista como eles estava estupefato! Deus meu! Onde estão? Não deu outra, do outro lado do Rio Eufrates apareceu em um estalo toda a tropa, com a madrinha à frente, tocando seu guizo e os demais a seguirem trilha acima. Mágica? Feitiçaria? Um dos tropeiros parou, ficou em pé no estribo e levantando na sela, virou para os Escoteiros dando um adeus ou quem sabe um até logo. Tirou um lenço vermelho que amarrava seu pescoço e o deixou amarrado em um galho de uma enorme oliveira que ornamentava a trilha por onde seguiam. Desapareceram por trás dos montes que os levariam ao Monte Sinai. Jeová um Escoteiro alto e forte da Patrulha Corvo apareceu de short, pulou nas águas calmas do rio, e em minutos saiu do outro lado. Correu até onde estava amarrado o lenço. O pegou e de volta atravessou o rio entregando a lembrança ao Chefe João Batista. Todos se acercaram. Todos queriam tocar no lenço. O que seria aquilo? Tropeiros fantasmas?

À noite fizeram uma gostosa Conversa ao Pé do Fogo. Jesuíno da Patrulha Garça Real encantou a todos com a história da jornada de sua patrulha. Isto motivou Ethan e Estéfano. Todos queriam também contar suas histórias de jornadas. Não que elas fossem assim supimpas, mas com aquela idade toda aventura tinha seu ar da graça. Escoteiros Aventureiros são assim. Encontram um pedaço de cana e dirão que foi um canavial. Em dado momento Eudorico sub-monitor da Garça Real levantou e pediu em alto e bom som: - Chefe queremos conhecer sua história. Conte-nos um pouco de sua vida Escoteira. – E agora pensou João Batista? Não podia negar. Sabia que seu tempo de

Escoteiro eram outros tempos. Mas ninguém é melhor que ninguém. Cada época é uma época. O amor é o mesmo e as atividades também.

- Eu nasci em Absalom, uma cidade bem longe daqui. Lá comecei como lobo no Grupo Escoteiro Estrela do Universo. Passei para a tropa e tive uma vida igual à de vocês. Acampava muito. Muitos acampamentos só com a patrulha. Fui sênior e como pioneiro fiz meu primeiro curso. Tive que deixar o grupo, pois precisava trabalhar. Era noivo de Verônica e encontrei um bom emprego em Monte Carmelo em uma usina Siderúrgica. Casei e ali residi por muitos anos. Eu e meu amigo Ezequias fundamos um Grupo Escoteiro. Ia muito bem até que os militares decretaram a ditadura no Brasil o grupo começou a vasara água. Acusaram-nos de comunistas só porque tínhamos um lenço vermelho e branco. Quase fui preso e só escapei porque estava em outra cidade. Meu amigo Ezequias foi preso. Sofreu pressão e até sevícias o que fez dele um revoltado. Não sei onde anda o que faz e um dia irei atrás dele e convidar para vir morar aqui. Vi no jornal que precisam de um Professor em Jericó. Dona Salomé nos atendeu e ficamos amigos. A história termina com minha vinda para Jericó. Sou feliz aqui e quando Melchior, Baltazar e Gaspar me convidaram para a chefia desta tropa minha felicidade se completou. Gosto muito de vocês. Li todas as atas da tropa e da Corte de Honra. Queria ter conhecido Judá, o primeiro Monitor e Zebulon o Chefe de vocês.

Um silêncio se fez ouvir. Alguém bateu uma palma. Logo outra e outra que se transformou numa estupenda palma Escoteira. Todos vieram abraçar o Chefe João Batista. Uma grande amizade tinha nascido entre o Chefe e os meninos Escoteiros. Daí para frente esta amizade se tornaria uma fraternidade sem limites para todo o sempre. Foram dormir antes das onze. Ninguém notou no céu uma grande estrela brilhante que fazia círculos como se quisesse parabenizar aqueles Escoteiros que dormiram sonhando com um lindo alvorecer. A alvorada foi as seis em ponto. Todos se dirigiram a arena da bandeira onde seria aplicado pelo Escoteiro Demétrio à física que ele tão bem conhecia. Seu pai Professor de Educação Física fez questão de prepará-lo para quando fosse necessário. O Chefe João Batista acompanhava de longe. Sorria e balançava a cabeça como a parabenizar cada Escoteiro que ali se sentia como um verdadeiro atleta.

Foi durante o café e a preparação para a inspeção de campo que Batuel e Dedan vieram procurá-lo. – Chefe, disse Batuel, Dedan quer lhe contar um sonho que teve esta noite. Pode confiar nele Chefe. Nunca errou um sonho! – Fale Dedan, falou educadamente João Batista. – Chefe! Fui procurado por Judá. Ele foi curto e sucinto no que ia dizer – Diga ao seu Chefe que se não forem hoje para o Vale de Canaã, não devem arriscar ir amanhã conforme o programa. Só hoje eles têm cobertura, amanhã não. Já está programada uma grande queda d'água que irá varrer o vale de ponta a ponta. Quem estiver lá não vai ter como escapar! – Chefe João Batista ficou não só curioso, mas preocupado. Ele sabia que vivia agora em uma terra sagrada, uma terra mágica que muitos fatos que aconteciam não tinham explicação. Mas como tomar agora uma decisão? Ele achava que precisariam pelo menos de sete horas para atravessar todo o vale. Até que desmanchassem o campo, empacotassem o material não saíram antes de duas horas, pois não podiam partir sem o almoço.

O Chefe João Batista sabia como tomar decisões na hora certa, mas sabia também que ele formava jovens para um dia também tomarem decisões. Este era o papel do escotismo, dar a eles condições para decidirem seu próprio destino sem a supervisão de um adulto. Chamou os quatro monitores. Em minutos Abraão, Uziel, Batuel e Tiago estavam a sua volta. – Contou o sonho de Dedan, pediu que eles reunissem suas patrulhas e discutissem o tema e uma tomada de decisão. - O tempo corre, sinceramente não sei se teríamos condições de atravessar todo o vale antes do escurecer. As patrulhas se reuniram. João Batista se perguntava por que fazer uma atividade tão gostosa, onde todos estavam sorrindo e participando ativamente para ter minar em um vale sombrio, com enormes escarpas, formando um relevo fantástico. Todos sabiam que em todo trecho haviam enormes penhascos, encostas íngreme e sem chance de escalar.

- Porque a minha insistência em colocar no programa? – Jamais coloquei uma vida de um jovem escoteiro em perigo e agora? Não seria por simples capricho entrar em um vale sombrio só pelo prazer de dizer a todos que correu o vale e tudo que um dia contaram sobre ele não era verdade. Seria isto mesmo? João Batista tentava se explicar e não conseguia. Desde que chegou a Jericó que pensava um dia passar por este vale misterioso. Talvez pelas histórias que contaram. Ele sabia do seu isolamento, pois poucos da cidade se arriscaram a fazer sua travessia. Dizem que desde que o Negro Fugitivo, o escravo Nabucodonosor fundou a cidade, o vale sofreu diversas modificações. Contam baixinho entre esposos e esposas de Jericó, que o Corsário e Pirata Edward Teach o Barba Negra ali escondeu o seu tesouro de Pedras Preciosas, prata e ouro em mais de trinta baús enormes. Porque não acorreram milhares em busca do tesouro até hoje ninguém sabe. Jericó não constava dos mapas, nem aparecia como município de qualquer estado brasileiro.

Por fonte incerta e não sabida se contava que em 1730 diversos galeões piratas desembarcaram nas costas da Bahia e rumaram sertão adentro a procurar o Vale de Canaã. Todos que arriscaram suas vidas desapareceram nas águas perigosas do vale. As enchentes eram famosas por todo o município de Jericó. Os galeões que tinham ainda a bordo os Imediatos rumaram de volta para sua terra. Os demais ficaram navegando os mares sem ninguém, vazios como se fossem navios fantasmas. Seria por isto que João Batista colocou em seu programa aquela grande aventura dos Escoteiros da Tropa Rio Jordão? Ele não acreditava nisto. Nunca sonhou em ser rico e se algum dia achasse o tesouro não saberia o que fazer ou qual decisão tomar. Os quatro monitores retornaram. Abraão o Guia foi quem contou a decisão – Chefe, todos acham que partir agora é impossível. Entrar a noite no vale seria uma irresponsabilidade. Melhor seguir amanhã. Se tivermos boas companhias espirituais nos acompanhando todos nós temos a certeza que chegaremos sãos e salvos a represa do Lago Hule.

- Tudo bem, disse o Chefe João Batista. Já são mais de doze horas, o melhor é prepararmos o almoço e a tarde faremos aquela ponte de cordas sobre o Rio Eufrates. Vi um local pouco acima do acampamento que não é mais do que quarenta metros de uma margem a outra. Todos os monitores voltaram para suas patrulhas. João Batista deu uma olhada no programa, pelo menos mais de sessenta por cento havia sido realizado. À noite iriam dormir mais cedo. Precisariam levantar as quatro desmanchar acampamento e partir antes da sete horas. Ele não dormiu bem. Sempre sonhando que uma grande queda d'água cobria a ele e os meninos Escoteiros naquele vale que mais parecia o Vale da Morte. Acordou às duas da manhã com um barulho enorme no rio Eufrates. – Saiu da barraca rápido, correu até lá e nada viu. – Um sonho? Voltou para sua barraca e de novo o barulho. Voltou e viu uma luz branca piscando de tal maneira que seus olhos se recusavam em olhar de frente. Logo a luz sumiu. João Batista foi até a prainha do rio e sentiu que as águas estavam geladas. Não entendeu nada. Melhor é voltar a dormir.

Não precisou chamar ninguém. Acordou com as patrulhas desarmando seus campos e ele se levantou. Vestiu seu uniforme e desarmou sua barraca. Os demais utensílios que levava já tinha sido empacotado na noite anterior em um grande bernal que tinha levado. Ainda estava escuro e logo os primeiros raios de sol iriam aparecer no horizonte. Pelos seus cálculos o verão estava acabando. Ele sabia que não existe o último verão, queira ou não ele volta sempre. Sei que alguns gostam mais da primavera e poucos do inverno. Ele gostava do inverno. Gostava da chuva fina, do capote sobre os ombros, da manta protegendo suas pernas, da varanda de sua casa em Jericó que passou a amar. Ele gostava de ficar vendo a chuva molhar a terra, ouvindo música suave e esperar o entardecer. Falando nestes termos me lembrei de um pequeno poema de Cássia Vicente: Venha! Venha depressa! Veja o céu multicolor, envolvendo as nuvens, desenhando o entardecer!

Às oito da manhã estavam todos preparados. A tropa se formou em um círculo e fizeram uma oração pedindo a Deus que os protegesse da longa jornada que faziam e pela mais perigosa que iriam fazer. Baraquias da Garça Real ficou no meio da ferradura e fez uma linda oração que marcou profundamente todos os presentes: Amado e Glorioso Pai, Ajude-me a manter a minha promessa límpida. Ensine-me que a integridade do Caráter, é minha maior posse. Permita-me fazer o meu melhor possível hoje. E que eu almeje fazê-lo ainda melhor amanhã, me ensina que o dever, longe de ser um inimigo, é um amigo. Faça-me encarar até a mais desagradável tarefa, alegremente Me dê fé para compreender o meu propósito nesta vida. Abra minha mente para a verdade, e enche meu coração com amor. Agradeço a Ti por todas as bênçãos que Tu nós destes. Ajuda-me a cumprir o meu dever para com a minha pátria. Ajuda-me também a entender que uma pátria boa é feita de bons cidadãos. Ajude-me a lembrar das minhas obrigações ao cumprir a lei escoteira, Faça-me entender, que elas são muito mais do que palavras. Que eu nunca me canse da alegria de ajudar os outros Nem deixe que eu olhe para o outro lado quando pessoas estão necessitadas Tu me deste a benção de um corpo Me dê sabedoria para mantê-lo saudável para que eu possa servi-lo melhor. Tu és a fonte de toda a sabedoria ajude-me a ter uma mente alerta e ensina-me a pensar. Ajuda-me a ter disciplina em tudo que eu faça e em cada desafio que me apareça. Ajuda-me a distinguir entre o certo e o errado, conduza-me obediente ao destino que Tu me traçaste.

Eles partiram para seu destino final. Dos doze dias programados ainda faltavam quatro. João Batista pretendia fazer deste final algum que marcasse para sempre esta jornada. João Batista nunca teve medo, para dizer a verdade nunca usou uma arma de fogo. Sua arma para acampamentos sempre foi o sorriso e a paz. Agora ele pressentia que alguma coisa iria acontecer. Ele acreditava em Deus e se ele existe ali estava presente. Se as águas invadissem todo o vale de Canaã e se assim fossem seu destino eles estavam preparados. Antes de partir Abraão discutiu com todos os monitores que devia sempre estar junto, não se afastarem e quando entrassem no Vale passassem a corda no cinto de cada um. Uma maneira de tentar a sobrevivência de todos, pois ali estavam trinta Escoteiros, não podiam menosprezar o que eles poderiam fazer. Ao meio dia entraram no vale. Dantesco e ao mesmo tempo maravilhoso, espetacular!

Capítulo VIII – A incrível caverna do Pirata no Vale de Canaã

Às duas da tarde boa parte da jornada havia sido cumprida. Queira ou não o Vale de Canaã era lindo. Todos os participantes nunca tinham visto nada igual. As patrulhas não perdiam uma só montanha, um só pico e as lindas escarpas estonteantes, algumas parecendo ter saído de lugares gelados de tão brancas. Nascentes aqui e ali dizia que o lugar era um céu escondido naquele pedaço de tempo a leste de Jericó. Um espetáculo realmente lindo. Até mesmo João Batista havia se esquecido das palavras de Judá, o Monitor que vivia nas estrelas. Seus sonhos de todos serem sucumbidos pelas águas que poderiam a qualquer momento varrer todo o vale, levando de roldão tudo que encontrasse pela frente nem sequer era lembrado. A beleza do lugar hipnotizava a todos. Em um remanso próximo a uma cachoeira que caía do alto de uma montanha cinzenta deram uma parada para um lanche. As patrulhas iriam fazer um café e o lanche já tinha sido preparado antes da partida. Questão de meia hora no máximo. Tudo era paz, os pássaros voavam pelo céu. Ainda não tinham visto as Águias Douradas gigantes que tantos diziam existir. O céu azul não poderia nunca prever chuvas ou mesmo um vendaval.

João Batista sentou encostado em uma pedra, ouvia um lindo ribombar de uma cascata ali perto. Fechou os olhos lembrou de uma história bíblica, em que os Hebreus que viveram milênios antes de Cristo ao saírem de Ur, na Mesopotâmia em direção à Palestina (estreita faixa de terra entre a Fenícia, atual Líbano e o Egito) dividiram-se em tribo, formadas por clãs. Os clãs eram constituídos por um patriarca, seus descendentes e servos. A economia baseava-se no pastoreio, evoluindo para a agricultura graças às terras do norte e as zonas montanhosas do sul da Palestina. Ficaram por três séculos na Palestina até que uma grande seca obrigou algumas tribos, sob a liderança do patriarca Jacó, a migrarem para o Egito. Esse período de seca é retratado na lenda da luta de Baal Hadas com seu irmão Baal So, que ao libertar-se dos domínios da morte e da esterilidade traz a chuva de volta ao solo palestino. Seu destino era o Egito, mas ficaram por lá por 400 anos. Fizeram aliança com os hicsos que invadiram e dominaram o Egito. Quando os hicsos foram expulsos do Egito os hebreus começaram a ser perseguidos com altas taxas de impostos para aqueles que possuíam renda, e escravizando os mais pobres que não poderiam pagar os impostos. Até o aparecimento de Moisés que liderou o povo hebreu na marcha em direção a Canaã (a terra prometida), evento esse conhecido como o êxodo hebreu. Depois de 400 anos vivendo no Egito, é provável que o retorno à Canaã seja visto como uma lenda por aqueles que partiram para o Egito em busca de solo fértil devido às invasões sofridas e os extensos períodos de seca da região.

Será que eles passaram pelo vale? João Batista não tinha a menor ideia. Hora de partir. Um aviso aos monitores e de novo sessenta pés de meninos e o dele marchavam rio acima pensando que em menos de hora e meia alcançariam a Represa do Lago Hule. João Batista sorria, ele acreditava em Deus e sabia que estavam protegidos. Mas eis que um som parecendo uma grande trovão aconteceu no alto de duas escarpas e viram entre elas enormes quedas d'água descendo a toda velocidade. Ele sabia agora que as recomendações eram verdades. Não adiantava mais maldizer o que fez ou o que deveria ter feito. As águas como se fossem um oceano caindo naquele vale em questão de minutos arrastaria a todos sem nenhuma esperança de salvação. Viu que os meninos Escoteiros se amarravam em cordas, pois acreditavam que isto pudesse salvar alguém. Ele sabia ser impossível. Em segundos agradeceu a vida que tivera a Deus. Pediu que protegesse os meninos Escoteiros e sua esposa Verônica.

Um clarão se fez presente vindo do alto de uma escarpa. Todos voltaram o olhar para lá e viram ser um brilho de forma diferente. João Batista não queria acreditar, mas como se fosse um milagre uma escada de pedra se fez presente e no final dela um homem alto, negro, com uma túnica azul, sorrindo junto a uma bela negra também com uma túnica da mesma cor, faziam sinal para eles se esconderem ali. Ninguém pensou duas vezes, cada patrulha educadamente se posicionou e começaram a subida. João Batista ficou por último. Já sentia na pele a aragem das águas que vinham ribombando rio abaixo. Todos subiram e entraram em uma pequena gruta, pequena na entrada, pois parecia ser um covil onde a passagem era tão pequena que só cabia um por vez. Ele foi o último. A entrada da gruta se fechou e ainda deu para ver as águas correndo por toda a montanha sobre um vale que agora devia ser um mar de águas correndo a toda velocidade naquele vale que ele sabia iria demorar anos a voltar ao que era. Deu uma olhada na cavidade. Ela levava a uma grande abertura. Escura, não tinham nenhuma ideia como seria se era um salão ou uma armadilha que levaria quem ali pisasse para as profundezas da terra.

Tudo tem uma razão de ser. A Tropa Escoteira Rio Jordão tinha surpresas que mesmo tendo participado dela por dezenas de anos nunca ninguém poderia descobrir o dom de cada Escoteiro que ali fazia sua morada. Eis que Gedeão, cozinheiro da patrulha Gralha, tomou a frente e disse para todos: - Sigam-me eu sei o caminho. João Batista ia dizer alguma coisa, mas Batuel disse que para ele seguir também por aonde ia Gedeão. - Meu Deus! Pensou. Que tropa é esta? Quem são na realidade estes meninos Escoteiros? – Não disse mais nada e seguiu por último na trilha que Gedeão fazia naquela escuridão imensa. Ele não sabia se era uma gruta, uma caverna, algum subterrâneo dentro daquelas enormes montanhas. Como Gedeão conduzia a todos ele não fazia a menor ideia. A fila indiana comportava-se como se estivessem sobre uma ponte estreita e que sem pensar poderiam cair em um abismo onde não se sabia se teria fim. Andaram por cerca de meia hora e a surpresa maior aconteceu. Saíram em um enorme salão, grande mesmo, iluminado com tochas presas nas laterais das várias paredes. Eram muitas.

Quando sua vista clareou o que viu o deixou boquiaberto. Ali estavam mais de trinta baús, entreabertos, cheios de pedras preciosas e joias que deviam valer uma enorme fortuna. Impossível medir o valor delas. Bem na entrada do salão oval, uma enorme caveira ainda vestida com a farda da marinha inglesa de séculos atrás, um tapa olho negro com um bacamarte em uma mão e uma espada na outra parecia defender seu reino encantado, mas sua vida já tinha ido para as estrelas distantes ou para o inferno no fundo da terra. Verdade? Não ele vivia naquele corpo que era só osso e mais nada. Uma gargalhada se fez ouvir. O Pirata ficou em pé, olhou a todos com olhos que não mais existiam e disse em uma voz cavernosa: - “Pelos Barbas de Maomé”! Quem deixou vocês virem aqui? – Outra voz suave, educada, daquelas que ouvimos e pensamos ser de santos protetores disse – Fui eu Edward. Eles não podiam morrer por causa de sua maldição das águas turvas. Eles são de minha cidade, você sabe ali todos são protegidos por mim e por Deus! – Todos se voltaram para onde surgia a voz. Era ele, Nabucodonosor em pessoa ou em espírito.

Um silêncio se fez presente naquela caverna, naquele enorme salão. O pirata abaixou a cabeça, suas últimas palavras foram: - Podem ficar, mas não podem tocar em nada que é meu. – Seu Edward? Seu? Disse Nabucodonosor. Tudo que está aí foi roubado. Você matou e saqueou tantas cidades que perdeu a noção de tudo. Eu e você sabemos que você irá ficar aqui nesta caverna para sempre. Sozinho, sem companhia, tomando conta de um tesouro que nunca vai lhe dar a felicidade. Você sabe disto, ficou aqui mais de quatrocentos anos. O que adiantou? Matou seus amigos do galeão. Matou outros que conseguiram chegar aqui. Tem sim um enorme tesouro, mas não tem a vida. Não tem ninguém para ficar junto de você! – Ninguém dizia nada. Dizer o que? Quem esperava por aquele desfecho? João Batista parecia ter saído do presente e entrado nas páginas da história. História que nunca foi contada e que ninguém nunca acreditaria. Como acreditar?

Ninguém disse mais nada. Nabucodonosor fez um sinal a todos para o seguirem. Assim foi feito. Lá atrás no salão cabisbaixo ficou Edward o pirata sem lei e sem alma. - Ficou só sem amigos sem ninguém. Ele escolheu aquela vida. Agora seguiam por uma estreita trilha, mas brilhantemente iluminada. Todos sabiam que nunca iriam pegar nada naquele enorme tesouro. Em Jericó ele não tinha valor. Ali era o éden o paraíso de todos eles. Jericó era tudo para quem quisesse viver feliz. Tesouro? Para que? Lá não tinha automóveis, alguns apenas uma charrete e as doenças quase não existiam. João Batista sorria ao lembrar de tudo isto. Ele ganhou a sorte grande quando aceitou trabalhar como Professor em Jericó. Fora o passo mais importante em sua vida. Nunca pensou em viver em uma cidade assim. Uma cidade onde não havia prisões, onde um só sargento sorria para todo mundo, ele era um homem

para quem a população procurava quando precisavam de alguma coisa. Poderia ser uma traquinagem, um sonho de menino querendo conhecer o mundo e ele sorridente sempre os encontrava e trazia para casa.

Chegaram em outro salão. Menor mas limpo e asseado. Uma mulher negra alta sorria para todos. – Espero que gostem de uma boa moqueca de peixe. Fiz exclusivamente para vocês! – Os olhos de todos brilharam agora se lembravam que estavam com fome. Cada um tirou seu prato da mochila e sua colher. Uma oração se fez ouvir, desta vez dirigida por Rebeca, à escrava que agora agia como se fosse a Santa Protetora dos Escoteiros. – “Senhor, abençoe o precioso alimento que coloca na nossa mesa, que ele nunca nos falte. Mas, principalmente, não nos falte o vosso corpo, que é santíssimo e o vosso sangue, que é preciosíssimo - o alimento e bebida que nos conduzem à vida eterna. E reserva, Senhor, um lugar no teu reino para aqueles que morrem de fome e de sede em todo o mundo. E, antes da morte, os alimente com teu espírito para que tenham chance de salvação. Amém”. Se existe algum que vale a pena na hora das refeições dos Escoteiros, é a alegria, o bater no prato, na caneca e o as conversas gostosas que se fazem acontecer.

Nabucodonosor disse a todos que deviam ficar ali mais um dia, até que passasse toda a água que correu o vale e inundou tudo pela frente. Tudo voltaria em breve ao normal disse ele. Enquanto todos comiam uma surpresa – Edward o pirata apareceu. Tinha outra fisionomia. Seu aspecto cavernoso desapareceu. – Pediu humildemente a Rebeca se podia ficar ali – Ela sorrindo respondeu – Aqui é sua casa Edward. Jante conosco. A comida é farta e abençoada por Deus. João Batista chorou com esta visão. A bondade em Rebeca o fazia sentir como se fosse um servo a serviço de Deus ajudando aqueles meninos Escoteiros que ele considerava heróis. Nenhum deles demonstrava medo, todos se sentiam em casa, e os sorrisos que davam eram contagiantes. Eis que Edward o Pirata senta no meio deles. Rindo conta histórias e canta canções quando navegava nos sete mares em seu galeão. Os meninos batiam palmas, Edward se entusiasmava. Mas Nabucodonosor olhava com olhos bondosos, mas sabendo que o Pirata tinha ainda longos anos para se regenerar.

Depois do lauto jantar todos foram lavar suas vasilhas em um pequeno regato ao lado do salão. João Batista fez uma pequena Corte de Honra e Abraão, Uziel, Batuel e Tiago fizeram seus comentários – Chefe! Disse Batuel, porque não fazemos aqui um Fogo de Conselho? Já pensou? Seria fantástico não seria? – todos concordaram. – Vai ser o meu primeiro em uma caverna disse Abraão. O mesmo repetiu Tiago e Uziel. O Chefe João Batista sorriu e concordou com todos. Lembrou-se que junto a quatro monitores e quatro sub-monitores no seu antigo grupo tinham ido a uma grande gruta inexplorada e lá fizeram um Fogo de Conselho que deixou saudades. Quem sabe este tão místico e tão mágico não faça o mesmo? Levantou e conversou com Nabucodonosor. – Aprovado Chefe! E riu carinhosamente. – Mas eu nem disse o que era, falou João Batista. – Meu amigo, eu li seus lábios e dos seus monitores. Eu já ouvi falar nesta mística que o General Baden Powell criou. Por sinal uma vez eu o vi junto a muitos outros acampando junto à cidade de Petra, na região da Betânia. Estavam bem ao lado do Templo de Salomão. João batista se assustou. Então Nabucodonosor teve a felicidade de ver nosso mestre em ação? – tive sim, disse ele. Calma você falou tão alto nos seus pensamentos que deu para ouvir. E sorriu gostosamente.

Os relógios dentro da caverna não funcionavam. Os Escoteiros os monitores não levavam muito a sério isto. Eles estavam adorando toda a atividade. Uma atividade que seria lembrada por toda a vida. Para que saber as horas? Deu fome comemos, deu sede bebemos. João Batista não pensava assim. Acostumado com horários fixos, na escola, em casa e nas reuniões Escoteiras sentia falta em saber as horas. Algum tempo depois Batuel lhe procurou para dizer que já tinham feito o fogo. Seria pequeno em forma de pirâmide. A Patrulha Camelo do Tiago seria a responsável. – Tudo bem disse o Chefe. Então vamos lá. O local era perfeito para o fogo. Diversas toras serradas faziam uma perfeita ferradura. Até o bule enorme de café lá estava esperando as brasas. Ao lado bananas verdes, batatas mangas também verdes aguardavam o fogo para serem assadas. O Chefe João Batista não estava acostumado com as mágicas que Nabucodonosor fazia. Ele ria e dizia que não era mágicas. – Aqui tudo é possível. – Possível? Pensou. Nunca em minha vida tinha visto um local tão perfeito para um Fogo de Conselho.

Capítulo IX – E o sonho não acabou

Jesabel da Patrulha Camelo tomou seu lugar como animador. Fora escolhido e sabia que não ia falhar. Portando uma enorme tocha que iluminava a grande ferradura, ele se dirigiu ao fogo. De novo a mágica do lugar – Jesabel gritou – Acenda-te fogo! E o fogo acendeu – Em seguida gritou: - Ventos do norte, ventos do sul do leste e oeste transforme este fogo como prova de uma grande amizade entre todos os presentes! – Todos se levantaram, ventos começaram a soprar gostosamente na face de cada um. O fogo crepitou forte. Um arrepio aconteceu com João Batista. Já era para ele ter se acostumado, mas ao do lado esquerdo de Nabucodonosor lá estava o primeiro Monitor do Grupo Escoteiro Mar da Galileia. Nada mais nada menos que Judá, uniformizado, um sorriso nos lábios, porte atlético e com cabelos grandes preso por um rabo de cavalo. Impossível? Ali não. Ali tudo podia acontecer e quer saber, logo em seguida sorrindo de forma alegre e saudável apareceram Melchior, Baltazar e Gaspar sentados a sua direita. Claro que não ia faltar Edward o Pirata - João Batista sorriu. Agora ele sabia que naquela enorme gruta cheia de salões enormes havia uma plêiade de pessoas amigas e outras a caminho da redenção. Como ele sempre disse a si mesmo, em Jericó tudo era possível. Agora ele sabia que todos os jovens Escoteiros sempre estiveram em boas mãos.

Tudo aconteceu naquele Fogo de Conselho. As canções retumbavam nas paredes da gruta e se os ouvidos prestassem atenção uma grande orquestra regia quando todos cantavam. Cada patrulha se esmerou em sua apresentação e uma delas, a feita por Judá o Monitor deixou retumbar por todos os cantos do salão as gargalhadas dos presentes. Até Edward o Pirata resolveu contar sua história. Claro que ele aumentou um ponto. Não é assim que dizem os contadores de histórias? E para terminar, Melchior, Baltazar e Gaspar resolveram contar à saga que tiveram para encontrar a Cidade de Belém e ver o nascimento do menino Jesus. Disseram eles que uma linda e brilhante estrela os guiou por longínquas terras e mesmo com as dificuldades que passaram nunca desistiram. Com lágrimas nos olhos descreveram o nascimento de Jesus e a alegria de Maria com ele nos braços. Ofereceram a Maria e José presentes que trouxeram de sua terra. Mirra, ouro e incenso. Estes presentes disseram que naquela época possuíam um sentido simbólico. O ouro representava a realeza, a mirra simbolizava a pureza e o incenso simbolizava a fé.

O Fogo de Conselho foi belo demais. João Batista no final chorava. E ao cantar a velha e querida Canção da Despedida seus olhos encheram-se de lágrimas de novo. No círculo ao olhar para Nabucodonosor, Rebeca, Judá, Melchior, Baltazar e Gaspar, sem esquecer Edward. João Batista se emocionava. Uma visão que ficaria para sempre gravada em sua mente e presa em seu coração. Quase esqueceu da Corte de Honra que todas as noites ele e os monitores faziam. Combinaram de sair logo pela manhã (pediram a Nabucodonosor para sincronizar o horário de seis horas com o horário de chegada ao Lago Hule). Todos estavam cansados e foram dormir. João Batista custou a dormir. Olhando para o teto da gruta ele pensava como devia ser o céu ali naquelas escarpas. Quantas estrelas, quantos cometas a serem admirados. Dormiu e teve sonhos maravilhosos que ao acordar não lembrou de nenhum, mas com um sorriso nos lábios. Ele sempre gostou de acordar assim.

Pelas contas de Nabucodonosor seriam seis da manhã. A Caverna ainda iluminada por tochas não dava para ver a luz do sol. Todos sem exceção foram cumprimentar Rebeca e Edward. Os reis magos e Judá já haviam partido.

Um grande círculo foi feito. Quantas surpresas esta jornada iria marcar a vida de cada um. Ephraim um menino Escoteiro calado e que quase não falava de um passo a frente e disse a mais linda oração que João Batista já tinha ouvido:

- A vida me ensinou... A dizer adeus às pessoas que amo, sem tirá-las do meu coração; Sorrir às pessoas que não gostam de mim, Para mostrá-las que sou diferente do que elas pensam; Fazer de conta que tudo está bem quando isso não é verdade, para que eu possa acreditar que tudo vai mudar; Calar-me para ouvir; aprender com meus erros. Afinal eu posso ser sempre melhor. A lutar contra as injustiças; sorrir quando o que mais desejo é gritar todas as minhas dores para o mundo. A ser forte quando os que amo estão com problemas; Ser carinhoso com todos que precisam do meu carinho; Ouvir a todos que só precisam desabafar; Amar aos que me machucam ou querem fazer de mim depósito de suas frustrações e desafetos; Perdoar incondicionalmente, pois já precisei desse perdão; Amar incondicionalmente, pois também preciso desse amor; A alegrar a quem precisa; A pedir perdão; A sonhar acordado; A acordar para a realidade (sempre que fosse necessário); A aproveitar cada instante de felicidade; A chorar de saudade sem vergonha de demonstrar; Ensinou-me a ter olhos para "ver e ouvir estrelas", embora nem sempre consiga entendê-las; A ver o encanto do pôr-do-sol; A sentir a dor do adeus e do que se acaba, sempre lutando para preservar tudo o que é importante para a felicidade do meu ser; A abrir minhas janelas para o amor; A não temer o futuro; Ensinou-me e está me ensinando a aproveitar o presente, como um presente que da vida recebi, e usá-lo como um diamante que eu mesmo tenha que lapidar, lhe dando forma da maneira que eu escolher.

Um silêncio brutal aconteceu ali. Uma enorme luz se fez presente no fim do túnel que seguiam. O que viram foi estonteante. Não havia palavras para descrever. Seria ali a represa do Lago Hule? Era lindo! Maravilhoso lugar. João batista olhou para trás a procura de Nabucodonosor. Tinha desaparecido como fumaça levado pelo vento na saída da caverna. Onde ele ficou dando adeus a todos agora só uma grama alta e verde e muitas árvores. Em frente viu uma trilha que levava as margens do lago. Quando lá chegaram encontraram Baruc com sua mula carregada de víveres. A jornada estava chegando ao fim. Os últimos dois dias que ainda restavam seriam de recordações dos momentos maravilhosos que fizeram acontecer em suas vidas. Contar dos peixes que pegaram no lago, dos grandes gaviões dourados que agora voavam baixo como a saudar os visitantes, das centenas de falcões azuis que faziam acrobacia no céu, das milhares de borboletas coloridas, do vento soprando e trazendo do alto da montanha aromas das matas distantes. Todo o lago era de águas calmas e azuis. Areias brancas cintilavam ao sol do meio dia quando João Batista sentado em baixo de um coqueiro tentava lembrar todos os detalhes da incrível jornada. Ia pegar uma caneta em sua blusa para anotar parte do que aconteceu quando viu no bolso da blusa do seu uniforme um pequeno colar de brilhantes com uma linda flor de lis foleada a ouro. Na caixa um lembrete colado: - Para sua esposa Verônica. Com as saudações de Edward, o Pirata!

Capítulo Final – Todo começo tem um fim

A história chega ao fim. Poderia continuar por mais uma centena de páginas. Contar todas as centenas de surpresas boas que aconteceram na vida de João Batista. Contar sua história quando foi iniciado na arte espiritual e aprender a ler mentes e saber interpretar o impossível. Quando Velho sua amizade com Nabucodonosor, das vezes sem conta que encontrou Edward o Pirata. Haveria mesmo muitas coisas para contar. Seriam tantas que meu pensamento criou no decorrer da história outras tantas fantásticas. Mas isto tiraria um pouco da mística de tudo. O importante foi à magia que de forma simples e agradável se apresentou a todos. Poderia até dizer que no final da história eu daria tudo para estar no lugar de João Batista. Quem sabe estou? Quem sabe estou lá em Jericó, a cidade do amor, onde a felicidade existe e a vida vale a pena ser vivida? Quem ainda não sonhou em viver em um lugar mágico, entre belíssimas montanhas ao norte da estrada que leva ao fantástico Deserto da Judéia? Atravessara o Rio Tigre em uma balsa simples e aportar em Belém onde Cristo nasceu? Como é bom viver de forma livre, sem preconceitos, amigos sinceros e cheios de amor para dar? Não seria um Novo-Éden? Estar na companhia de Escoteiros como os da tropa do Rio Jordão seria um privilégio de poucos. Poder acompanhar como um adulto irmão as patrulhas Garça Real, Camelo, Galha e Corvo seria uma honra de poucos chefes poderiam alcançar.

Seria realmente “supimpa” ter amigos assim e ver crescer os meninos da tropa Rio Jordão. Seria uma honra ficar ao lado de Abraão, Tiago, Uziel e Batuel uma graça alcançada em toda a vida Escoteira. Poderia aprofundar mais na história ao contar a vida do Sargento Otoniel soldado e delegado de Jericó que sempre trazia um sorriso nos lábios. Poderia falar de Henoque que colaborou profundamente na fundação do Grupo Escoteiro Mar da Galileia. Não poderia esquecer nunca de Dona Salomé, De Simão Zelote aquele que quase perdeu a vida ao atravessar o Rio Jordão. Quem sabe levantar toda a vida de Judá, o primeiro Monitor. Mas fica para outra história. A que contei ficará marcada para sempre em minha mente. Repito, gostaria mesmo de estar no Vale do rio Jordão. Ter conhecido mais profundamente Nabucodonosor e Rebeca. Dois escravos que construíram uma cidade de sonhos. Quem sabe eu poderia escrever uma história com a figura malvada do Pirata Edward Teach? Seria um best-seller que nunca seria esquecido. Não podia nunca deixar de agradecer a Deus, aquele que me deu a vida, a visão e me deu a oportunidade de ser Escoteiro. Obrigado Senhor!

“E ele sentia dores tremendas nas mãos, nos pés e no coração. Sua visão desanuviou-se, e ele viu a coroa de espinhos, o sangue a cruz. - Os velhinhos decrépitos que o chamavam de covarde, desertor, eram de mentira. Tudo, todos eram ilusões enviadas pelo Demônio. Seus discípulos estavam vivos e com saúde. Partiam em viagens pôr terra e mar, a fim de proclamar a Boa Nova. Tudo acabara como devia, louvado seja Deus! Então Jesus deu um grito triunfal: Está consumado! E foi como se tivesse dito: tudo está começando”! (Nikos Kazantzakis.)



FILM